



Liber Al vel Legis



A.:A.:

Publicação em Classe A.

OS COMENTÁRIOS DE AL

SENDO O NÚCLEO DE O EQUINOX VOL. V, Nº 1

POR MARCELO MOTTA

INTRODUÇÃO

Como todos aqueles interessados na A.:A.: deve saber, a Ordem alterna Cinco Anos de Expressão com Cinco Anos de Silêncio. O último número publicado de O Equinócio foi o Vol. III, Nº VI. Laicos bibliófilos não devem perder tempo procurando pelo Vol. IV, que foi um Volume do Silêncio.

O leitor não deve, sob quaisquer circunstâncias, levar esta presente publicação dos Comentários muito a sério. A publicação está nas classes A, B e C, que significa, “em palavras claras”:

Classe A: estes são Expressões de acima do Abismo, de Iniciados do *Collegium Summum*, do qual não deve ser alterado até mesmo o estilo de uma letra. Somente o texto original de *AL* e O Comento, assinado Ankh-f-n-Khonsu, estão nesta classe aqui. (As exceções, tais como citações de outros Livros Sagrados, são devidamente anotados.) Tais textos estão em negrito.

(Os fracos em intelecto, o rebelde automático, e até mesmo alguns buscador pode perguntar: “Por que nenhuma mudança até mesmo no estilo de uma letra em tais textos?” A resposta é simplesmente que mesmo o estilo de uma letra tem um significado em si. Não é uma questão de Respeito à Autoridade. É uma questão de manter os registros em linha reta, para que a Expressão de um Mestre não se torne manchada pela Confusão de um Seguidor, ou vários seguidores, uma coisa que, a menos de nossos erros, aconteceu muitas vezes no passado.)

Classe B: estes são expressões de Altos Iniciados da A.:A.:, ou de pessoas reconhecidas como Alto Iniciados pela A.:A.:, considerado de valor suficiente para ser publicada sob a égide da Ordem.

Publicações na classe B são recomendadas para um estudo sério pelos Irmãos e Aspirantes. Apenas os Comentários por Aleister Crowley por ele mesmo estão aqui nesta Classe. Eles são do tipo padrão.

(Os leitores podem perguntar por que até mesmo as Expressões de Magi passado do passado são, quando publicados sob o Imprimatur da A.:A.:,

classificadas somente até B. É por que a A.:A.: considera todo Iniciados, Iniciados do passado ou de outras ordens, inferiores aqueles que se submeteram a sua disciplina? Certamente que não. Termos como “inferiores” ou “superiores” têm pouco ou nenhum significado acima do Abismo. A Expressão de Helena Blavatsky, por exemplo, embora fosse Mestre do Templo, não pode ser colocada na Classe A, porque foi impressa por teosofistas, que não se pode confiar para reproduzir em linha reta aquilo pode ofender seus preconceitos. A Expressão de Dionísio é irremediavelmente misturada com os delírios, os gritos de medo, as condenações sectárias de místicos desequilibrados ou todos os políticos igualmente equilibrados que escreveram sob o pseudônimo coletivo de João, Marcos, Lucas, Mateus, Paulo, Pedro, etc. A Expressão de Mohammed nunca pode ser sido em sua pureza, porque, como qualquer estudioso sabe, ele não escreveu nada. O que temos foi escrito por seus seguidores, dando a entender que foi ditado por ele. O mesmo é verdadeiro para Gautama e outros. A Expressão dos *Nossos* Irmãos que estavam acima do Abismo, quando publicados sob a Imprimatur, pode ser confiável como sendo reproduzido exatamente como foi produzido. É por isso que pertencem à Classe A. A Expressão de outras e amistosas Estrelas que não vêm até nós em sua pureza prisca, estes nós publicamos com as nossas calorosas recomendações, mas alertando o leitor que elas podem não ser tudo aquilo que as Estrelas intencionavam. É por isso que pertencem à classe B.)

Classe C: Estes são os escritos que a Ordem considera de interesse suficiente para ser incluído em seu Currículo, mas que não são de Altos Iniciados, ou mesmo, às vezes, por Iniciados. Os Comentários “por outro” estão aqui nesta Classe. Eles estão em itálico.

Os leitores podem muito bem perguntar o que são “Altos Iniciados”. De acordo com o Sistema da A.:A.:, Altos Iniciados são Irmãos da A.:A.: pertencentes, pelo menos, ao *Collegium Internum*, ou membros de outras Ordens que a A.:A.: considera ter chegado a um nível equivalente de discernimento. Como regra geral, escritos por esses estão sempre em Classe B. Escritos da Classe C podem nem sempre ser para o estudo, às vezes eles são para recreação, também. Em qualquer caso, o fato de que eles pertencem à Classe C significa que a Ordem adverte os leitores que, apesar de considerar tais escritos úteis, eles devem ser suspeitos de confusão, prejuízo e erro a um grau muito maior do que escritos na Classe B.

Escritos na Classe A não estão sujeitos à confusão prejuízo ou de erro em *tudo*. Sempre que eles parecem produzir confusão, prejuízo ou erro, a culpa é do leitor. Tais escritos são como espelhos em que cada um vê o seu rosto, e nenhum outro. Se tua antipatia é o que é visto, mude a ti mesmo.

Marcelo Ramos Motta, 1975 E.V.

O TÍTULO

**LIBER AL VEL LEGIS
SUB FIGURA CCXX
TAL QUAL ENTREGUE POR
XCIII = 418
À
DCLXVI**

Título:

Na primeira edição este livro foi chamado de L. L é a letra sagrada na Sagrada Dodécupla, que forma o triângulo que estabiliza o Universo. Veja *Liber 418*. L é a letra de Libra, Balance, e "Justiça" no Tarô. Este título deve ser provavelmente AL, "EL", como o "L" que foi ouvido da Voz de Aiwaz, não visto. AL é o verdadeiro nome do Livro, pois essas letras e seu número 31 formam a Chave Mestra de seus Mistérios. ¹

¹ Nota de M.: Com relação à nota acima por Aleister Crowley, os estudantes sérios devem consultar *Liber V vel Reguli*, o Ritual da Marca da Besta, para uma análise mais aprofundada da Palavra AL.

CAPÍTULO I

1. Had! A manifestação de Nuit.

A teogonia de nossa Lei é inteiramente científica. Nuit é Matéria, Hadit é movimento, no completo senso que a Física dá aos termos. (O próton e o elétron, no senso metafísico, sugerem analogias estreitas). Eles são o Tao e o Teth da filosofia chinesa: ou, para colocar a coisa muito simplesmente, o Nome e o Verbo da gramática. Nossa verdade central além de outras filosofias, é que estas duas infinidades não podem existir à parte. Este extenso assunto deve ser estudado em outros escritos nossos, particularmente Berashith, meus Diários Mágicos, especialmente os de 1919, 1920 e 1921 E.V., e no Livro da Sabedoria e da Tolice. Veja-se também *O Soldado e o Corcunda*. Mais informações sobre Nuit e Hadit é dada no resto deste Livro: mas devo mencionar aqui que o Irmão mencionado em conexão com o *Bruxo Amalantrah*, etc. (Samuel bar Aiwaz) os identifica com ANU e ADAD, as supremas deidades Mãe e Pai dos Sumerianos. Se considerarmos isto em conexão com as identificações de AIWAZ, isto é realmente digno de nota ².

2. A desvelação da companhia do céu.

Este verso deve ser considerado em conexão com o verso seguinte. A companhia do céu é a humanidade, e sua desvelação é a asserção da divindade independente de todo homem e de toda mulher!

Existe ainda outro significado; desde que Khabs (veja-se verso 8) é a “Estrela”, este Livro desvela o Ente Secreto de um homem, isto é, iniciá-lo-á.

3. Todo homem e toda mulher é uma estrela.

² Nota de M. — Isto porque Aleister Crowley estava convencido de que Aiwass era a Entidade adorada sob este nome pelos Sumerianos.

Esta tese está completamente tratada no Livro da Sabedoria ou da Tolice. Sua principal asserção é que cada ser humano é um elemento do Cosmo, auto-determinado e supremo, co-igual com todos os outros Deuses.

Disto, a Lei “Faze o que tu queres” segue logicamente. Uma estrela influencia outra por atração, claro; mas isto são incidentes de órbitas auto-predestinadas. Existe, porém, um mistério nos planetas, revolvendo em volta de uma estrela da qual eles são partes; mas eu não o discutirei por completo aqui.

4. Todo número é infinito; não há diferença.

Isto é um grande e santo mistério. Se bem que cada estrela tem seu próprio número, cada número é igual e supremo.

Todo homem e toda mulher é não só uma parte de Deus, mas o Deus ultimal. “O centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma”. A antiga definição de Deus toma novo significado para nós.³ Cada um de nós é o Deus único. Isto pode ser compreendido apenas pelo iniciado; é necessário adquirir certos elevados estágios de consciência para se poder apreciar esta verdade.

Cada estrela está ligada diretamente com toda outra estrela, e o espaço sem Limite (Ain Soph), o corpo de Nuit, qualquer uma estrela é tanto o Centro quanto qualquer outra. Cada homem instintivamente sente que ele é o Centro do Cosmo, e filósofos têm zombado desta presunção. Mas não é presunção. O peão não é “inferior” ao Rei, nem a Terra inferior ao Sol. Cada simples ser elemental é supremo, *Vero Deus de Vero Deus*. Sim! Neste Livro há verdade quase insuportavelmente esplêndida, pois o Homem tem se velado por demasiado tempo de sua própria glória; ele teme o abismo, o Absoluto sem idade. Mas a verdade o fará Livre.

5. Ajuda-me, ó guerreiro senhor de Thebas, na minha desvelação diante das crianças dos homens!

³ Nota de M. - A definição "Deus é um círculo cujo centro está em toda parte e a circunferência em parte alguma" é atribuída ao matemático e filósofo Pascal.

Aqui Nuit apela, simples e diretamente, reconhecendo a função separada de cada Estrela de seu Corpo. Ao me endereçar como guerreiro senhor de Thebas, parece como se Ela percebe uma certa continuidade ou minha identidade com Ankh-f-n-Khonsu, cuja Estela é o Elo desta revelação com a Antiguidade.

A desvelação é a Proclamação da Verdade explicada previamente, que o Corpo de Nuit ocupa o Espaço infinito, de forma que toda Estrela dali é Completada em si mesma, uma Unidade independente e absoluta. Elas diferem como o Carbono e o Cálcio diferem, mas cada uma é uma simples Substância “Imortal, ou pelo menos uma forma de alguma Substância mais simples. Cada alma é assim absoluta, e “bem ou mal” são meramente termos descritivos de relações entre combinações indestrutíveis. Assim Quinino é “bom” para um doente de malária, mas “mal” para o germe da doença. Calor é “mal” para sorvete e “bom” para café. A indivisível essência das coisas, suas “almas”, são indiferentes a todas as condições possíveis, pois nenhuma poderá afetá-las no quer que seja.

6. Sê tu Hadit, meu centro secreto, meu coração e minha língua!

7. Vede! É revelado por Aiwass o ministro de Hoor-paar-Kraat.

Aiwass é o nome dado por Ouarda, a vidente, como o da inteligência Comunicante. Veja-se nota ao título.

Hoor-paar-Kraat ou Harpócrates, o “Bebê no ovo Azul”, não é meramente o Deus do Silêncio num senso convencional. Ele representa o Eu Superior, o Sagrado Anjo Guardião. A Conexão é como o simbolismo do Anão da Mitologia. Ele contém tudo em Si mesmo, mas é imanifestado. Veja-se II, 8.

Ele é quase o “Inconsciente” de Freud. Desconhecido, o espírito silencioso, soprando “aonde quer, mas não pode dizer de onde vem ou para onde vai”. Comanda com absoluta autoridade quando aparece, a despeito da razão do juízo consciente.

Aiwass é então, como este verso 7 assevera, o “ministro” deste Hoor-paar-Kraat, isto é, do Salvador do Mundo no senso mais amplo da palavra, e do meu próprio “Ser Silencioso” no senso mais restrito.

Um “ministro” é alguém que executa um serviço, neste caso evidentemente aquele de revelar; ele foi o médium intangível entre o Deus Bebê — o Novo Æon a ponto de nascer minha pessoa. Este *Livro da Lei* é a Voz da Mãe do Deus, do Seu Pai, e d'ele mesmo. Mas, ao aparecer, ele assume a forma ativa gêmea de Harpócrates, aquela de Ra-Hoor-Khuit. A Criança Oculta se torna a Criança Conquistadora, Hórus armado vingando seu Pai Osiris. Assim também, o próprio Ente Silente, oculto dentro de nós, surgirá, se tivermos habilidade para libertá-lo à Luz, pulará ardente avante com seu Grito de Batalha, a Palavra de Nossas Verdadeiras Vontades.

Esta é a tarefa do Adepto, obter o Conhecimento e Conversação do Seu Sagrado Anjo Guardião, tornar-se cômico de sua natureza e propósito, e cumpri-los.

Por que é Aiwass soletrado assim, quando Aiwaz é a transliteração natural de אִיִּזַז? Talvez porque não estivesse contente ao se identificar com Thêlema, Ágape, etc. pelo número 93, pois desejava expressar sua natureza por seis letras (seis sendo o número do Sol, do Deus-Homem, etc.) cujo valor em grego seria A = 1, I = 10, W = 6, A = 1, S = 200, S = 200. Total 418, o número de Abrahadabra, Fórmula Mágica do Novo Æon!

Note-se que I e V são as letras do Pai e do Filho (nota em IHVH), também da Virgem e do Touro, (veja-se *Liber 418*) protegidas de cada lado pela letra do AR, e seguidas pela letra de Fogo duas vezes.

APÊNDICE HARPÓCRATES

Ele é a primeira Letra do Alfabeto, Aleph, cujo número é Um, e sua carta no Tarô é o Tolo, número Zero. Aleph é atribuído ao “Elemento” (na antiga classificação das coisas) do AR.

Agora, como “Um” ou Aleph representa o Princípio, Macho, a causa Primeira, e o livre alento da Vida, o som da vogal A sendo feito com a boca e a garganta abertas.

Como Zero, ele representa o Princípio Fêmea, a Mãe fértil. (Um antigo nome para a carta é Mat, do italiano “Matto”, tolo, mas antigamente também de Maut, a deusa Abutre — Mãe-Egípcia.) Fértil, porque o “Ovo Azul” é o útero, e no Macrocosmo é o Corpo de Nuit, e contém a Criança não nascida, por enquanto indefesa, no entanto protegida e nutrida contra os crocodilos e tigres mostrados na Carta, tal como o útero é selado durante a gestação. Ele está sentado sobre um lótus, O Yoni, que flutua no “Nilo”, o fluído amniótico.

Em sua absoluta inocência e ignorância ele é “O Tolo”, ele é o “Salvador”, sendo o Filho que calcará com os pés os crocodilos e tigres, e vingará seu pai Osíris. Assim, o vemos como o “Grande Tolo” das lendas Célticas, e o “Puro Tolo” do Ato I da ópera de PARZIVAL de Wagner, e, geralmente falando, a pessoa insana cujas palavras sempre têm sido tomadas por oráculos.

Mas para ser “Salvador” ele deve nascer e crescer até a idade adulta; assim Parzival adquire a Lança Sagrada, emblema da virilidade. Ele usualmente enverga o “Manto Multicor” como Joseph, o “sonhador”; assim, é também agora o Homem Verde dos festivais da primavera. Mas sua “tolice” agora não é mais inocência, mas inspiração dada pelo vinho; ele bebe do Graal, que lhe é oferecido pela Sacerdotisa.

Assim, o vemos completamente armado como Bacchus Diphues, macho e fêmea em um, levando a vara Tirso e um cacho de uvas ou um odre de vinho, enquanto um tigre pula ao seu lado. Esta forma é sugerida pela carta do Tarô, onde o “Tolo” é mostrado com uma longa baqueta e carregando um saco; sua túnica é malhada. Tigres e crocodilos o seguem, ligando assim esta imagem com aquela de Harpócrates.

Símbolos quase idênticos são aqueles do Deus secreto dos Templários, o Baphomet bissexual, o Pai-Mãe de Todos em uma Pessoa. (Ele é mostrado nesta forma completa do Trunfo XV do Tarô, “O Diabo”.) Agora, sendo Zeus o Senhor do Ar, somos lembrados de que Aleph é a letra do Ar.

Como Ar nós encontramos o “Tolo Vagabundo” puro alento erradio, no entanto criativo. Antigamente supunha-se que o vento impregnava o Abutre, que portanto foi escolhido para simbolizar a Deusa Mãe.

Ele é o Cavaleiro Errante ou Príncipe dos Contos de fadas que se casa com a Filha do Rei. Esta lenda é derivada de certos costumes entre tribos exogâmicas, para os quais veja-se *The Golden Gough*.

Assim, uma Semele, uma Europa e outras que Zeus — Ar⁴ — as possuía sob forma de uma besta, ave ou o que fosse; enquanto mais tarde Maria atribui sua condição a agência de um Espírito — *Spiritus*, alento, ou Ar — na forma de um pombo.

Mas a “Pessoa Pequena” do misticismo hindu, o Anão insano no entanto astuto de muitas lendas de muitas terras, é também este mesmo “Espírito Santo”, ou Ente Silente de um homem, ou o seu Santo Anjo Guardião.

8. O Khabs está no Khu, não o Khu no Khabs.

Este Khabs, “estrela” ou “Luz íntima”, é a essência original, individual, eterna. O Khu é a vestimenta mágica que o Khabs tece para si mesmo, uma “forma” para seu Ente Além-da-Forma, pelo uso da qual ele ganha experiência através de autoconsciência, como explicado na nota aos versos 2 e 3. O Khu é o primeiro véu, muito mais sutil que mente e corpo, e mais verdadeiro; pois sua forma simbólica depende da natureza de sua Estrela.

Por que nos é dito que o Khabs está no Khu e não o Khu no Khabs? Não devemos nos considerar como seres baixos, fora de cuja esfera está a luz, ou “Deus”. Nossas mentes nossos corpos são véus da Luz Interna. O iniciado é uma “Estrela Escura”, e a Grande Obra para ele é tornar seus véus transparentes “purificando-os”. Esta “purificação” é em realidade “simplificação”; não é que o véu seja sujo; mas a complexidade de suas dobras o torna opaco. A Grande Obra, portanto, consiste principalmente na solução de complexos. Tudo é perfeito em si mesmo, mas quando as coisas são

⁴ Nota de M. - Zeus obteve o Ar como seu reino na partilha com Hades, que tomou o fogo, e Poseidon, que tomou a Água. Shu é o Deus Egípcio do firmamento. Há uma grande dificuldade aqui, etimologicamente falando. Zeus está ligado a IAO, Abrasax, e com os Deuses Dentais Sibilantes dos Mistérios Maiores, com o Sul e Hadit, Set, Saturno, Adonai, Attis, Adônis; é até “Jesus”, morto com lança cujo sangue é colhido numa taça. No entanto ele também deve ser identificado com o grupo de oposto a Norte e com Nuit, com o “João” morto com a Espada, cuja carne é colocada sobre um disco, nos Mistérios Menores, batizando com água como “Jesus” batizava com fogo, com On, Oannes, Noah e outros semelhantes.

Parece que esta grande divisão, que causou tanta desordem sobre a Terra, tivesse sido originalmente não mais que uma distinção adotada como medida de conveniência. É em verdade a tarefa deste Livro reduzir Teologia ao intercâmbio da Díada Nuit e Hadit, estes dois sendo eles mesmos concebidos como complementares, como dois equivalendo a Nada, “divididos por amor ao amor, pela chance de união”.

misturadas, elas se tornam “más”. A doutrina é evidentemente de suprema importância, por causa de sua posição como a primeira “revelação” de Aiwass.

9. Adorai, pois, o Khabs, e Vede minha luz derramada sobre vós.

Devemos prestar atenção a essa Luz íntima; então vem a Luz do Espaço Infinito em resposta. Note-se que a Luz do Espaço é aquilo que os homens chamam de Escuridão; sua natureza é totalmente incompreensível para nossas mentes não-iniciadas. São os véus mencionados previamente neste comentário que obstruem a relação entre Nuit e Hadit.

Não devemos adorar o Khu, apaixonar-nos por nossa Imagem Mágica. Fazer isto - todos já fizemos — é esquecer nossa Verdade. Se adoramos a Forma, ela se torna opaca ao Ente, e cedo se pode provar falsa a si mesma. O Khu em cada um de nós inclui o Cosmo tal como ele conhece. Para mim, mesmo outro Khabs é apenas parte do meu Khu. Nosso próprio Khabs é nossa única Verdade.

10. Que meus servidores sejam poucos e secretos; eles regerão os muitos e os conhecidos.

“Meus servidores”, não esses do Senhor do Æon — “a Lei é para todos”; não pode haver segredo sobre isto. O verso se refere a “servidores” especialmente escolhidos; talvez esses que, adorando o Khabs, contemplaram a luz dela derramada sobre eles. Tais pessoas em verdade consomem o casamento de Nuit e Hadit em si mesmas; em tal caso tornam-se cônscias de certos Caminhos ao Poder.

Também existe um senso místico neste verso. Nós devemos organizar nossas mentes por completo, designando poucos e secretos chefes, servindo Nuit, para disciplinar os vários departamentos do pensamento consciente.

11. Esses são tolos que os homens adoram; tanto seus Deuses quanto seus homens são tolos. ⁵

⁵ Nota de M. — Este verso pode ser interpretado em quatro planos diversos, como todo outro verso de *AL* (veja-se III, 63-67). Estabelece categoricamente que todos os Deuses, e todos os

12. Aparecei, ó crianças, sob as estrelas, e tomai vossa fartura de amor!

A doutrina toda do Amor é discutida em *Liber Aleph* (O Livro da Sabedoria ou da Tolice) e deveria ser estudada ali. Mas note-se, além disto, como este verso concorda com o comentário acima, como toda Estrela deve aparecer, sair dos seus véus, para que possa usufruir o Mundo inteiro das

homens endeusados pela lenda, que a humanidade adota são tolos. Isto quer dizer, em um senso, que eles atingiram ao grau de consciência do Tolo no Tarô. Em outro senso, quer dizer que eles são tolos no sentido pejorativo da palavra, porque se fazem adorar. O fato que eles se tornaram suficientemente conhecidos para serem adorados é prova da tolice deles. Veja-se *Liber Magi* para melhor compreensão do assunto.

O verso faz uma distinção nítida entre os Deuses — usando D maiúsculo - e os homens. Os Deuses cruzaram o Abismo; e sendo conhecidos devem ter alcançado o grau de Magus. Os homens são os Irmãos Negros, que deliberadamente se fazem adorar para angariar escravos. O Magus deve agir, se bem que Ele não gosta. Os Irmãos Negros devem calar-se (para atingir Binah) — mas não gostam. O Magus cumpre a Lei; os Irmãos Negros se rebelam contra Ela.

A atitude do Thelemita para com estes tolos está explicitamente declarada em III, 57. Os “covardes, soldados profissionais que não ousam lutar, mas brincam”, são os Irmãos Negros. E como está escrito: “todos os tolos desprezai”.

Compreensão destes problemas todos é o fruto da iniciação. O aspirante deve conquistar todas as ilusões, vencer todos os temores, desligar-se de todas as adorações falsas. O Khabs está no Khu, não o Khu no Khabs. Qualquer influência que tenda a fazer com que você adore como ÚNICA MANIFESTAÇÃO DE DEUS QUALQUER ENTIDADE QUE NÃO SEJA VOCÊ MESMO — ISTO É, O SEU SAGRADO ANJO GUARDIÃO — QUALQUER TAL INFLUÊNCIA PROVÉM DE “PORQUE”, isto é — de um Irmão Negro, um dos tolos. Qual é a diferença fundamental entre a fórmula desses tolos e a fórmula dos Deuses? Os Deuses cruzaram o Abismo; Eles são perfeitos. Veja-se I, 45: “O Perfeito e o Perfeito são um Perfeito e não dois; não, são nenhum!”.

Com um verdadeiro Deus você atinge Samadhi; com um falso deus, um dos tolos, um Irmão Negro — você é convidado a cair de joelhos e adorar. Eles se fecham. E — tais paradoxos são parte do caminho iniciático — por este mesmo motivo eles temem a solidão. Pois “no deserto o homem está sozinho com seu Criador”. Tem gente que não atura isto.

Esta nota não é original de Crowley. O Aspirante julgará por sua própria experiência iniciática se ela lhe será de auxílio ou não. O fato importante a lembrar é que os Deuses são Magi — e os “homens endeusados” são Irmãos Negros. Os Deuses se identificam com o Tolo, cujo número é Zero — Harpócrates. Os “homens endeusados” são tolos no sentido comum, pejorativo, da palavra. Eles são incapazes de compreender que haja alguma coisa além da mente. São os escravos de Porque. E quando imitam os Magi (fatalmente o fazem, impelidos pela vaidade, que interpretam como “piedade” pelos seus “infelizes semelhantes”), todas as palavras deles “são meandros” — isto é, becos sem saída — como a Igreja Romana, por exemplo, prova.

Estrelas. Isto é novamente um convite à união, ou “amor”, assim formulando a Equação $(+1) + (-1) = 0$ (1), que é a fórmula mágica.⁶

“Aparecei” — de que vos estais escondendo? “sob as estrelas”, isto é, abertamente. Também seja o amor “sob” e “para” o corpo de Nuit. Mas acima de tudo, seja o amor franco! Para que esta vergonha? É o amor horrendo, para que os homens devam cobri-lo de mentiras? É o Amor tão sagrado que os outros não se devam intrometer? Não, “sob as estrelas”, e à noite, que olho, mas o delas verá? Ou, se algum vê, não deveria a vossa adoração abrir-lhe os claustros da alma, para ecoar santidade que um tão adorável é tão gracioso cometeis?

13. Eu estou sobre vós e em vós. Meu êxtase está no vosso. Minha alegria é ver vossa alegria.

14. Acima, o enfeitado azul

É de Nuit o esplendor nu

Curvando em prazer tãful;

Hadit secreto é beijado.

Céu de estrela e globo azul

São meus, ó Ankh-af-na-Khonsu!

15. Agora sabereis que o escolhido vate e apóstolo do espaço infinito é o sacerdote-príncipe Besta; e em sua mulher chamada a Mulher Escarlata é todo poder dado. Eles juntarão minhas crianças em seu cercado; Eles trarão a glória das estrelas para dentro do coração dos homens.

16. Pois ele é sempre um sol, e ela uma lua. Mas a ele é a alada chama secreta, e a ela a descendente luz estelar.

⁶ O Honorável Bertrand Russel poderia preferir escrever assim: $1 - (-1) = 0$. Para iniciados do IXº da O.T.O. Isto pode ser expresso como: $\phi K - T = 0$, onde $\phi - K = 0$, e ϕ e K são ambos inteiros positivos.

17. **Mas vós não sois assim escolhidos.** ⁷
18. **Queima sobre suas testas, ó serpente esplendorosa.** ⁸
19. **Ó mulher de pálpebras azuis, curva-te sobre Eles.** ⁹
20. **A chave dos rituais está na palavra secreta que Eu dei a ele.**
21. **Com o Deus e o Adorante Eu nada sou; Eles não me veem. Eles são como sobre a terra; Eu sou o Céu, e não há ali outro Deus que me, e meu senhor Hadit.** ¹⁰
22. **Agora, portanto, Eu vos sou conhecida por meu nome Nuit, e dele por um nome secreto que Eu lhe darei quando ele por fim me conhecer. Desde que Eu sou o Espaço Infinito, e as Infinitas Estrelas de lá, fazei vós também assim. Nada amarreis! Que não haja nenhuma diferença feita entre vós, entre qualquer coisa e qualquer outra coisa; pois daí vem dor.** ¹¹

⁷ Nota de M.: Esses que são escolhidos para esses Cargos NÃO SÃO; isto é, pelo menos passaram pela aniquilação; cruzaram o Abismo. Nem poderia ser de outra forma. Veja-se I, 11, I, 45, e os comentários de Aleister Crowley sobre o *Tao The King*.

⁸ Nota de M.: Kundalini deve ter alcançado o Ajna (Hadit).

⁹ Nota de M.: A Eterna Sakti (Nuit) deve ativar o Sahashara, atraída pelo despertar do Ajna.

¹⁰ Nota de M.: Samadhi com qualquer Deus não é o transe ultimal. O transe ultimal é a União de Nuit e Hadit. Por isto, sobre a Cabeça de Ra-Hoor-Khuit na Estela, a Kundalini atingiu o Sahashara e está radiando no vazio. Veja-se *Liber VII*, 36-40, *Liber HHH*, Seção SSS, e *LXV*, iii, 231-36.

¹¹ Nota de M.: Esse nome secreto de Nuit é BABALON.

Liber 333, Capítulo 49: "FLORES DE WARATAH".

Sete são os véus da jovem dançarina no harém de IT.

Sete são os nomes, e sete são as lâmpadas junto à sua cama.

Sete eunucos A guardam de espadas nuas; Nenhum Homem pode se aproximar dela.

Em sua taça há sete correntes do sangue dos Sete Espíritos de Deus.

COMENTÁRIO POR ALEISTER CROWLEY

A ESTE CAPÍTULO 49 DE LIBER 333

49 é o quadrado de 7.

7 é o número passivo e feminino.

Sete são as cabeças d'A BESTA sobre a qual Ela cavalga.

A cabeça de um Anjo — a cabeça de um Santo — a cabeça de um

Poeta — a cabeça de uma Mulher Adúltera — a cabeça de um Homem de

Valor — a cabeça de um Sátiro — e a cabeça de um Leão-Serpente.

Sete letras têm o seu mais santo nome; e é:

O Selo da A.: A.:



Este é o Selo sobre o Anel que está no Dedo Indicador de IT — e é o Selo sobre as Tumbas deles que Ela matou.

Aqui há Sabedoria. Que Ele que tem Compreensão conte o Número de Nossa Senhora; pois é o número de uma Mulher; e Seu Número é Cento e Cinquenta e Seis.

O parágrafo 7 explica a dificuldade teológica a que nos referimos acima. Há apenas um símbolo, mas este símbolo tem muitos nomes — desses nomes BABALON é o mais santo. É o nome mencionado em *Liber Legis*, I, 22.

Será notado que a figura, ou sinal de BABALON, é um selo sobre um anel, e este anel está sobre o dedo indicador de IT. Isto identifica o símbolo ainda mais consigo mesmo.

Será notado que este selo, exceto pela ausência de uma borda, é o selo oficial da A.:A.: Compare-se o Capítulo 3.

Também é dito que este é o selo sobre as tumbas daqueles que Ela matou, isto é, dos Mestres de Templo.

Em conexão com o número 49, ver *Liber 418*, 22º Æthyr, assim como as autoridades usuais. NU = 56

O capítulo deveria ser lido em conexão com o Capítulo 31, pois reaparece agora. I é o secreto, e T o manifestado, falo. Isto é, porém, apenas um aspecto de IT, que pode talvez ser definido como a Realidade Ultimal.

O Waratah é uma voluptuosa flor escarlate, comum na Austrália, e isto liga este Capítulo com os Capítulos 28 e 29; mas isto é apenas uma ilusão, pois o assunto do Capítulo é NOSSA SENHORA BABALON, que é concebida como contraparte feminina de IT.

Isto não concorda muito bem com a teogonia comum ou ortodoxa do Capítulo 11; mas é para ser explicado pela natureza ditirâmbica do Capítulo.

No parágrafo 3 Nenhum Homem é, claro, NEMO, o Mestre do Templo. Liber 418 explicará a maior parte das alusões neste capítulo.

Nos parágrafos 5 e 6 o autor se identifica francamente com a BESTA a que se refere o livro, e o Apocalipse, e *Liber Legis*. No parágrafo 6 a palavra “anjo” pode se referir à sua missão, e a palavra “leão-serpente” ao selo do seu decanato ascendente (Teth = Cobra = espermatozoide e Léo no Zodíaco, que como Teth mesmo tem forma serpentina. Era originalmente escrito = Lingam-yoni e Sol.).

23. Mas quem quer que vale nisto, seja ele o chefe de tudo.

24. Eu sou Nuit, e minha palavra é seis e cinquenta.

25. Dividi, somai, multiplicaí e compreendei. ¹²

¹² Nota: Dividindo — $6/50 = 0.12$

0 = a circunferência, Nuit.

. = o centro.

1 = a Unidade resultante — Ra-Hoor-Khuit.

2 = o “H” cóptico, cuja figura lembra a rábica figura 2, o alento da vida, inspirado e expirado. A consciência humana — Thoth.

Somando $50 + 6 = 56$, NU, e concentrando $5 + 6 = 11$, Abrahadabra, etc.

Multiplicando $50 \times 6 = 300$, Shin (ש) e Ruach Elohim, o Espírito Santo.

26. Então disse o Profeta e escravo da bela: Quem sou eu, e qual será o sinal? Assim ela lhe respondeu, curvando-se, uma lambente chama azul, tudo-tocando, tudo-penetrando, suas mãos amoráveis sobre a terra negra, e seu corpo flexível arqueado para o amor, e seus pés macios não machucando as pequeninas flores — tu sabes! E o sinal será meu êxtase, a consciência da continuidade da existência, a onipresença do meu corpo.

Comentário: O profeta solicita um sinal de sua missão, é prometido — um Samadhi sobre o infinito.

27. Então o vate respondeu e disse à Rainha do Espaço, beijando suas amoráveis sobranceiras, e o orvalho da luz dela banhando o corpo inteiro dele em um doce perfume de suor: ó Nuit, contínua do céu, que seja assim sempre, que os homens não falem de Ti como Uma, mas como Nenhuma; e que Eles não falem de ti de todo, desde que tu és contínua!¹³

28. Nenhuma, respirou a luz, tênue e encantada, das estrelas, e dois.

29. Pois Eu estou dividida por amor ao amor, pela chance de união.

30. Esta é a criação do mundo, que a dor de divisão é como nada, e a alegria da dissolução tudo.

Eu estou inclinado a acreditar que existem outros mistérios velados neste verso; possivelmente aqueles de 418 e 666.

¹³ Nota de M.: Uma das ordálias a que os Aspirantes podem ser submetidos é considerar uma mulher EM PARTICULAR como “Nuit encarnada”. A mulher em questão lhe “transmite” mensagens cujo único propósito é inflamar o ego do infeliz e desviá-lo da execução da Tarefa de seu grau (sempre desagradável, uma vez que representa a nossa deficiência do momento!) e da obediência hierárquica necessária a todo trabalho ordeiro.

31. Por estes tolos dos homens e suas dores de todo não te cuides! Eles sentem pouco; o que é, é balançado por fracas alegrias; mas vós sois meus escolhidos.

Veja-se a análise da palavra LASHTAL no Ritual da Marca da Besta.

No verso 30 está um profundo dogma filosófico, em um senso, possivelmente uma explanação e iluminação das proposições de Berashith.

A Díada (ou universo) é criada com certa dor no sentido de tornar possível a benção da dissolução.

Toda esta conversa sobre a “humanidade sofredora” é principalmente idiotice baseada no erro de transferir nossa própria psicologia ao nosso próximo. O desenvolvimento do Adepto é por Expansão — para fora, em direção a Nuit — em todas as direções igualmente. O homem medíocre tem pouca experiência, pouca capacidade quer para a dor quer para o prazer.

Esta tese quanto à compaixão é de máxima importância na ética de Thêlema. É necessário que nós paremos, de uma vez por todas, com esta ignorante interferência na vida alheia. Cada indivíduo deve ser deixado livre para seguir sua própria estrada! Os Estados Unidos da América são peculiarmente insanos neste ponto. O povo americano está desesperadamente ansioso por fazer com que os Cingaleses comprem peles, e os Tibetanos votem, e o mundo inteiro masque goma, totalmente cego para o fato que a maior parte das outras nações, especialmente os franceses e os ingleses, consideram a “maneira de viver norte-americana” como a mais baixa selvajaria, e esquecendo ou ignorando a circunstância de que a característica original da liberdade americana — que realmente era liberdade — continha o preceito de deixar o próximo estritamente em paz, e assim assegurava a possibilidade a todo homem de se expandir em suas próprias linhas pessoais.

32. Obedecei meu profeta! cumpri as ordálias do meu conhecimento! buscai-me apenas! Então as alegrias do meu amor vos redimirão de toda pena. Isto é assim; Eu o juro pela cúpula de meu corpo; por meu sagrado coração e língua; por tudo que Eu possa dar, por tudo que Eu desejo de vós todos.

É apropriado que se obedeça a Besta, pois a Lei d’Ele é pura Liberdade, e Ele não dará ordem alguma que seja mais que a Reta Interpretação desta

Liberdade. Mas é necessário, para o próprio desenvolvimento da Liberdade, que haja uma organização; toda organização deve ter um controle altamente centralizado. Isto é especialmente necessário em época de guerra, como as assim-chamadas nações “democráticas” aprenderam por experiência, já que elas não queriam aprender da Alemanha.

Agora, esta época é preeminentemente uma “época de guerra”, especialmente agora, quando é nosso trabalho vencer os deuses escravos.

A injunção “buscai-me apenas” é acentuada por um juramento, e uma promessa especial é feita em conexão a ela. Buscando ideais menores fazemos distinções, assim afirmando implicitamente a própria dualidade da qual estamos tentando escapar. Note-se também que “me”¹⁴ pode implicar o grego “MH”, “não”. A palavra “only” pode ser tomada como o número de 156, que é o Nome Secreto BABALON de Nuit. Há presumivelmente outros significados velados na palavra chave “all” (tudo).

33. Então o vate caiu em um profundo transe ou desmaio, e disse à Rainha do Céu: Escreve para nós as ordálias! Escreve para nós os rituais; escreve para nós a lei!

O profeta então solicita instruções: ordálias, rituais, lei.

Lei, no senso comum da palavra, deveria ser uma formulação dos hábitos de um povo, como as proposições de Euclides são a formulação de fatos observados da Geometria. Mas a canalhice moderna concebeu a ideia de leis artificiais, como se alguém tentasse obter a quadratura do círculo por tirania. Legisladores tentam forçar o povo a mudar seus hábitos de forma que os “homens de negócios”, cuja ganância eles são subornados para servir, possam aumentar seus lucros.¹⁵

¹⁴ Nota de E.: Vários indivíduos (pseudo-thelemitas) têm criticado M. Motta por deixar na tradução de *Liber AL* a palavra “me”, isto é, não a traduzindo como mim, como seria o caso em outros versos do Livro. Acontece que com isto ele queria chamar a atenção de leitores para a “identificação” deste “me” com MH.

¹⁵ Nota de M.: Tal lucro é sempre ilusório, porque sendo obtido pelo enfraquecimento do bem-estar público, inevitavelmente tende a desvalorização da moeda. Os “homens de negócio” ganham “mais” — dinheiro que passa a valer menos. O resultado final é a inflação e a bancarrota do país. A China de Chiang-Kai-Shek passou por isso, a França quase passou por isso, o Brasil está passando por isso principalmente por causa da ganância de homens de

Segue comentários de Crowley.

Lei, em Grego, é NOMOK de NEMO e estritamente significa “alguma coisa fixada, a qual cada um tem em uso ou possessão”; daí “costume, uso”. A equivalência literal de NEMO e o Latim Nemo é sugestiva. Em Hebreu, “lei” é THORA e equivalentes a esta palavra temos “O Portal do Reino” e “O Livro da Sabedoria”.

Lei, no senso comum da palavra, pode ser uma formulação dos costumes de um povo, como as proposições de Euclides são as formulações de fatos geométricos. Mas o mundo imbecil de nossa “civilização” concebeu a ideia de leis artificiais.

34. Mas ela disse: as ordálias Eu não escrevo; os rituais serão metade conhecidos e metade escondidos; a Lei é para todos.

As Ordálias são presentemente executadas sem que o Candidato saiba, pelo secreto Poder Mágico d’A Besta. Esses que Ele aceita para iniciação testificam que estas Ordálias são frequentemente independentes do seu controle consciente. Elas não são, como as ordálias da tradição, formais, ou idênticas para todos; o candidato percebe em circunstâncias que permitem um real teste de conduta, e o compõem a descobrir sua própria natureza, a se tornar cômico de si mesmo, ao trazerem seus motivos secretos à superfície.¹⁶

Alguns dos Rituais foram tornados acessíveis, isto é, as Fórmulas Mágicas foram publicadas. Veja-se “Os Ritos de Eleusis”, “Entusiasmo Energizado”, “Livro 4, Apêndices”, etc.

Note-se a referência a “não” e “todos” (not e all). Também, a palavra “conhecidos” (“Know”) contém a raiz GN “engendrar” e “conhecer”; enquanto “escondidos” indica a outra metade do Mistério Humano.

negócio estrangeiros — e os Estados Unidos da América estão caminhando para isso apesar de todos os avisos dos verdadeiros patriotas americanos. Esta nota está sendo escrita em 1966 — este Livro é para ser publicado no Equinócio de Outono de 1969.

Nota de E.: Isto não foi feito, isto é, o Livro não foi publicado em 1969 (em Português) como desejava meu falecido Instrutor. Por motivos desconhecidos por mim, ele foi publicado em 1975 por Samuel Weiser, Inc. Nova York, em Inglês, claro. Passados 26 anos, agora é minha vez de tentar a publicação em Português como, originalmente, desejava meu Instrutor.

¹⁶ Nota de E.: “Consciente”.

35. Isto que tu escreves é o tripartido Livro da Lei.

36. Meu escriba Ankh-af-na-Khonsu, o sacerdote dos príncipes, não mudará este livro em uma só letra; mas para que não haja tolice, ele comentará a respeito pela sabedoria de Ra-Hoor-Khuit.

37. Também os mantras e encantamentos; o obeah e o wanga; o trabalho da baqueta e o trabalho da espada; estes ele aprenderá e ensinará.

Cada estrela é única, e cada órbita à parte; em verdade, esta é a pedra fundamental de minha doutrina, que não há padrões de alvo, ou padrões de conduta, nem ortodoxia nem códigos. As estrelas não são arrebanhadas e presas, e tosquiadas ou virada em carne de carneiro como cidadãos com direito a voto. Eu me recuso a ser ovelha guia de rebanho, eu que nasci um Leão! Eu não serei cão pastor, que sou mais rápido a morder do que a latir. Eu recuso o ofício de pastor, pois não levo um cajado mas um tacape.

Sabidos sois em vossa geração, ó carneiros, aos vos espalhardes balindo quando vossos ouvidos pegam meu rugido no vento! Não sois vós cuidados, alimentados e protegidos — até que a ordem chegue do matadouro?

A vida do Leão para mim! Viverei lutando, e morrerei lutando!

Agora um ponto mais sobre o obeah e o wanga, o ato e a palavra da magia.

A Magia é a arte de causar mudança em fenômenos existentes. Esta definição inclui ressuscitar os mortos, enfeitiçar gado, causar chuva, adquirir mercadorias, fascinar juízes, e tudo mais do programa. Bem; mas também inclui todo ato que se quer? Sim; eu tencionei que assim fosse. Não é possível pronunciar uma palavra ou cometer um ato sem efetuar o exato efeito apropriado e necessário a isso. Assim, a Magia é a Arte da própria Vida.

Magia é a administração de tudo que fizemos e fazemos, de forma que o efeito é mudar aquela parte do nosso ambiente que nos insatisfaz, até que passe a nos satisfazer. Nós o “remodelamos mais de acordo com o desejo de nosso coração”.

Cerimônias mágicas propriamente ditas são meramente tentativas organizadas e concentradas de impor nossa Vontade sobre certas partes do Cosmo. Estes são apenas casos particulares da lei geral.

Mas tudo que nós dizemos e fazemos, por mais casualmente que seja, somam mais, muito mais, que nossas mais esforçadas Operações. “Tomai conta dos vinténs, e as libras tomarão conta de si mesmas”. Uma gotinha diária encherá um balde muito maior que os jorros de esforço mágico. Os “noventa e nove” que ficam pacatamente no abrigo do rebanho não têm vontade organizada alguma; e o caráter deles, construídos de suas palavras e seus atos, é apenas um monturo de lixo.

Lembre-se também de que a não ser que você conheça a sua verdadeira Vontade, você poderá estar dedicando as mais louváveis energias à destruição de si mesmo. Lembre-se de que toda palavra e todo ato é uma testemunha de pensamentos, e, portanto, sua mente deve ser perfeitamente organizada; seu único dever é interpretar circunstâncias, em termos de Vontade, apropriadamente para a ocasião. Lembre-se que toda palavra e ato que não sejam uma definida expressão da sua Vontade, conta contra a sua Vontade, indiferença pior que hostilidade. Seu inimigo, pelo menos, está interessado em você — você poderá fazer dele um amigo, coisa que você nunca poderá realizar com um neutro. Lembre-se de que a Magia é a Arte da Vida, portanto, de causar mudança de acordo com a Vontade; portanto, sua lei é “amor sob vontade”, e todo seu movimento é um ato de amor.

Lembre-se de que todo ato de “amor sob vontade” é legítimo como tal; porém quando qualquer ato não é dirigido à Nuit, que é aqui o resultado inevitável do trabalho inteiro,¹⁷ aquele ato é um desperdício, e engendra conflito dentro de você, de forma que “o reino de Deus que está dentro de você é dividido por guerra civil”.

Ao principiante eu ofereceria este programa:

1 — Guarneça sua mente, tão completamente quanto possível, com o conhecimento de como inspecioná-la e controlá-la.

2 — Treine seu corpo para que obedeça a mente, sem distrair atenção.

3 — Controle sua mente para que se dedique inteiramente a descobrir sua verdadeira Vontade.

¹⁷ Nota de M.: (1) + (-1) = 0.

4 — Explore o curso daquela Vontade, até você chegar a sua fonte, o Ente Silente dentro de você.

5 — Una a vontade consciente à verdadeira Vontade, e o Ego consciente com o Ente Silente. Você deve ser completamente sem piedade na eliminação de qualquer átomo de consciência que seja hostil ou neutro.

6 — Deixe que isto haja livremente de dentro para fora, mas não se apegue ao seu meio ambiente, sob pena de fazer diferença entre uma coisa e outra. O que quer que seja, deve ser feito um com você pelo amor.

38. Ele deve ensinar; mas pode fazer severas as ordálias.

39. A palavra da Lei é Θελημα.

Compare com Rebelais. Também pode ser traduzido como “Que vontade e ação estejam em harmonia”.

Mas também pode significar vontade no mais alto senso do ponto-de-vista mágico, e no senso usado por Schopenhauer e Ficht.¹⁸ Existe, provavelmente, uma outra interpretação secreta. Eu sugiro:

The (A) — O essencial, Azoth, etc.

Word (Palavra) — Chokmah, Thoth, o Logos, a Segunda Emanação.

Of (d') — O Partitivo, Binah a Grande Mãe.

the (a) — Chesed, poder paternal, reflexão “De Cima”. Law (Lei) — Geburah, a severa restrição.

Is (é) — Tiphareth, existência visível, a harmonia equilíbrio Brada dos mundos.

Thelema — A ideia envolvendo toda esta sentença em uma palavra.

Ou:

The (A) = O Leão. Tu debes unificar todos estes símbolos na forma de um Leão.

Word (Palavra) = A letra do Alento, o Logos.

¹⁸ Nota de E.: dois dos maiores filósofos e pensadores do séc. XIX.

Of (d') = O Equilíbrio.

The (a) = 418, Abrahadabra.

Law (Lei) = O Enforcado, ou Redentor.

is (é) = 0 (Zero, Nuit, que é existência).

THÉLEMA (Θελημα) = a soma de tudo.

40. Quem nos chama Thelemitas não fará erro, se ele olhar bem de perto na palavra. Pois ali há três graus: o Eremita, o Amante, e o Homem da Terra. Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei.

O Eremita (ⴙ), invisível, embora iluminando. A A.:A.:

O Amante (ⴚ), visível, a luz faiscante. O Colégio dos Adeptos.

O Homem da Terra (ⴛ), a Torre Fulminada.

As três chaves somam 31 = LA [ⴚⴙ] (Não) e AL [ⴙⴚ] (Deus). Assim é o total de THELEMA equivalente a Nuit, tudo contendo.

Veja os Trunfos do Tarô para um estudo mais profundo destes graus.

14, o Pentagrama, domínio do espírito sobre a matéria ordenada. Força e Autoridade e secretamente 1 + 4 = 5, O Hierofante ⴚ (V). Também, O Leão e O Carneiro. Veja Isaiah.

38, a palavra chave Abrahadabra, 418, dividida pelo número de suas letras, 11. Justiça ou Balança e o Carro ou Magistério. Um estado de progresso; a igreja militante.

41, o Pentagrama Invertido. Matéria dominando espírito. O Enforcado e Tolo. A condição daqueles que não são Adeptos.

Faze o que tu queres necessita não somente ser interpretado como licença ou mesmo como Liberdade. Deve, por exemplo, ser tomado como significando, "Faze o que tu (Ateh) queres; e Ateh é 406 = T, o signo da cruz. A passagem pode então ser lida como uma carga ao auto-sacrifício ou equilíbrio.

41. A palavra de Pecado é Restrição. ó homem! Não recuses tua esposa, se ela quer! ó amante, se tu queres, parte! Não há laço que

**possa unir os divididos a não ser o amor! tudo mais é maldição.
Maldito! Maldito seja para os æons! Inferno.**

O início do parágrafo é uma declaração ou definição geral do Pecado ou Erro. Qualquer coisa que prenda a vontade, que a impeça, ou que a desvie, é Pecado. Isto é, Pecado é a aparição da Díada (Dualidade). Pecado é impureza.

19

O restante do parágrafo toma um caso particular como exemplo. Não haverá propriedade em carne humana. O instinto sexual é uma das mais profundamente enraizadas expressões da Vontade; e não deve ser restringido, quer negativamente, impedindo-se a sua livre função, ou positivamente, insistindo-se em sua falsa função.

O que é mais brutal? Impedir o crescimento natural, ou deformá-lo?

O que é mais absurdo do que buscar interpretar este santo instinto como um grosseiro ato animal, separá-lo do entusiasmo sexual sem o qual ele é tão estúpido que chega a ser insatisfatório para as pessoas executando-o?

O ato sexual é um sacramento da Vontade. Profaná-lo é a grande ofensa. Toda a verdadeira expressão dele é legítima; toda supressão ou distorção é contrária a Lei de Liberdade. Usar restrições legais ou financeiras para compelir abstinência ou submissão é inteiramente horrível, desnaturado e absurdo. Restrição física, até certo ponto, não é um erro muito sério; pois tem suas raízes no conflito sexual original que nós vemos em animais, e frequentemente tem o efeito de excitar o Amor em sua forma mais elevada e mais nobre. Algumas das ligações amorosas mais passionais e mais permanentes começaram com uma posse forçada. A cidade de Roma foi fundada assim. Porém a inexprimível variedade da natureza, se bem que admite crueldade e egoísmo, não nos oferece nenhum exemplo do puritano e do hipócrita.

¹⁹ Nota de M.: Não se pode dizer que foi "Pecado" para o Nada restringir-se dentro da forma de dois; pelo contrário. Mas pecado é resistir à operação de reversão a Nada. "O salário do Pecado é a Morte"; pois Vida é uma Mudança contínua, harmoniosa e natural. Veja-se *Liber 418* e *Liber Aleph*. Pecado em Inglês é SIN. Pelo dicionário etimológico de Skeat, Sin é relacionado com a raiz "es", ser. Isto esclarece novamente a passagem. SIN é restrição, isto é, é "ser" como oposto a "vir a ser". A ideia fundamental de erro é a concepção estática como oposta à concepção dinâmica do Universo. Esta explicação não só está em harmonia com o ensinamento geral do Livro da Lei, mas demonstra quão profundamente o Autor compreende a Si Mesmo.

Leis contra o adultério são baseadas sobre a ideia que a mulher é uma propriedade, de forma que copular com uma mulher casada é privar o marido dos serviços dela. É a mais franca e mais crassa asserção do estado de escravidão. Para nós toda mulher é uma estrela. Ela tem, portanto, o direito absoluto de viajar em sua própria órbita. Não há motivo por que ela não deva ser a dona de casa ideal, se por chance esta é a vontade dela. Mas a sociedade não tem direito algum de insistir em estabelecer isso como padrão.

Deve ser bem notado que as Grandes Mulheres da História têm sido completamente livres em sua vida amorosa. Safo, Semíramis, Messalina, Cleópatra, Tai chi, Parsifa, Clitemnestra, Helena de Tróia, e em termos mais recentes Joanna D'Arc (de acordo com Shakespeare), Catarina a Grande da Rússia, Rainha Elisabeth I da Inglaterra, Georges Sand. Contra estas podemos colocar Emily Bronte, cuja supressão sexual era devida ao seu meio, e assim explodiu na incrível violência da sua arte, além das mais místicas religiosas regulares, Santa Tereza e assim por diante, os fatos de cuja vida sexual foram cuidadosamente camuflados para servir aos interesses dos deuses-escravos. Mas, apesar disto, a vida sexual era intensa, pois seus escritos estão sobrecarregados de expressões sexuais apaixonadas e pervertidas, mesmo ao ponto de morbidez e alucinação.

Sexo é a principal expressão da natureza de uma pessoa; grandes Naturezas são sexualmente fortes; e a saúde de qualquer pessoa dependerá da liberdade daquela função.

Veja-se o capítulo IV de *Liber CI, De Lege Libellum*; Equinócio III, 1.

42. Seja aquele estado de multiplicidade amarrada e odienta. Assim com teu tudo; tu não tens direito a não ser fazer a tua vontade.

“Multiplicidade amarrada e odienta”. Um estado organizado é uma livre associação para o bem comum. Minha vontade pessoal de cruzar o Atlântico, por exemplo, é tornada efetiva por cooperação com outros termos mutuamente aceitos. Mas a forçada associação de escravos é coisa bem diversa.

Um homem que não está fazendo sua vontade é como um homem com câncer, com crescimento independente dele, no entanto, ao qual ele não consegue extirpar. A ideia de auto-sacrifício é um câncer moral exatamente neste senso.

Similarmente, pode-se dizer que não fazer a nossa vontade é evidência de insanidade mental ou moral. Quando “o dever aponta numa direção, e a inclinação pessoal noutra”, isto é prova de que você é não um, mas dois. Você ainda não centralizou seu controle. Esta dicotomia é o princípio de conflito, que pode resultar num efeito de tipo Jekyll-Hyde. Stevenson sugere que pode vir a ser descoberto que o homem é “uma mera agremiação” de muitos indivíduos. Os sábios já há muito tempo estavam ao par disso. Mas o nome dessa agremiação é Choronzon, governo da turba, a não ser que todo indivíduo esteja absolutamente disciplinado para servir seu próprio propósito e o propósito comum, sem fricção.

É claro que é melhor expulsar ou destruir um irreconciliável. “Se teu olho te ofende, corta-o fora”. O erro na interpretação desta doutrina tem sido que ela não foi tomada tal como está. Ela tem sido interpretada assim: “Se teu olho ofende algum padrão artificial de direito, corta-o fora”. A maldição da sociedade humana tem sido a moralidade de Procrustes,²⁰ a ética do rebanho. A gente pensaria que uma simples olhadela à Natureza bastaria para desvelar seu plano de Individualidade tornada possível pela Ordem.

43. Faze isto e nenhum outro dirá não.

“Nenhum outro dirá não” pode significar: Não-outro (Nuit) pode pronunciar a palavra não, unindo o aspirante Consigo Mesma destruindo aquilo que ele é.

O significado geral deste verso é que tão grande é o poder de impor nosso direito que ele não será disputado por muito tempo. Pois assim fazendo nós apelamos para a Lei. Na prática é visto que a pessoa que está pronta para lutar pelos seus direitos é respeitada e deixada em paz. O espírito de escravidão convida a opressão.

44. Pois vontade pura, desembaraçada de propósito, livre da ânsia de resultado, é toda via perfeita.

²⁰ Nota de M.: Procrustes foi um Rei de uma cidade grega cuja principal diversão era adaptar forasteiros à cama de seu quarto de hóspedes. Se eles eram longos demais para a cama, ele os “aparava”; se eles eram curtos demais, ele os esticava. A Inquisição Romana copiou alguns de seus truques e inventou outros, que ele, sendo um pagão, nunca imaginou.

Este verso é melhor interpretado pela definição de “vontade pura” como a verdadeira expressão da Natureza, o movimento próprio as, ou inerente no, assunto em questão. É artificial termos algum fito em mira. O estudante é referido a *Liber LXV*, Cap. II, v. 24, e ao *Tao Teh King*. Isto se torna particularmente importante em graus elevados. A gente não deve praticar Yoga, etc., a fim de conseguir Samadhi, como um garoto da escola ou um caixeiro de venda; mas por amor à coisa, como um artista.

“Desembaraçada” significa “sem seu gume perder fio por causa de”, ou “sem ser embotada por”. O estudante puro não pensa no resultado do exame.

45. O Perfeito e o Perfeito são um Perfeito e não dois; não, são nenhum!

Talvez signifique que adicionando perfeição a perfeição resulte na unidade e ultimalmente na negatividade.²¹

²¹ Nota de M.: Existe um “Sidha” em Yoga, descrito por Patanjali, que consiste em “penetrar na mente alheia e assumir comando”. Este poder é frequentemente usado pelos Irmãos Negros, principalmente se o “alheio” pertence a uma das correntes doentias imantadas por eles, em cujo caso seus chakras estão afinados a influência deles e seu astral está “em simpatia” com a influência deles.

Esse poder absolutamente não deve ser confundido com o significado deste verso. O Perfeito cruzou o Abismo; ele é definido como pelo menos um Mestre do Templo. O verdadeiro Iniciado jamais interfere com a vontade alheia. Mas comunga com a vontade alheia de uma maneira incompreensível e inexplicável a profanos. Mesmo os mais baixos tipos de Samadhi dão apenas uma pálida ideia desta comunhão. É a verdadeira e genuína Comunhão dos Santos, e o Graal, a Taça na mão de Nossa Senhora BABALON, é o seu sagrado símbolo. O leitor é referido a *Liber LXV*, Cap. I, versos 3, 18, 63; Cap. II, versos 4-6, 26, 28, 29, 43; Cap. III, versos 17-20, 47-48, 61, 65; Cap. IV, versos 47, 51, 60; Cap. V, versos 1, 15-18, 22-24, 59-64. Veja-se também *Liber VII*, Cap. 41-52, *Liber I vel Magi* e *Liber 156*.

O leitor deve se lembrar que os Irmãos Negros são completamente irresponsáveis. O propósito deles em influenciar o próximo não é “maligno”; pelo contrário; eles estão imbuídos de “piedade” e do desejo de fazer o “bem”. Mas estes sentimentos, sendo o resultado de falta de compreensão (Binah), quando postos em atividade só podem ocasionar resultados desastrosos. Se os cegos guiarem cegos, todos cairão no abismo chamado “Porque”. Veja-se *Liber LXV*, Cap. I, verso 18. A aparência de um Irmão Negro numa visão astral é brilhante. Os piores entre eles são os que mais brilham. Veja-se neste consenso, o Capítulo 148 de *Liber Aleph*, “De Stultis Malignis” — De tolos Malfazejos. Estes são os “tolos dos homens”, “esses que têm piedade”. Esta tese é da máxima importância no *Livro da Lei*.

46. Nada é uma chave secreta desta lei. Sessenta e um os Judeus a chamam; eu a chamo oito, oitenta, quatrocentos e dezoito.

61 = Kaph, Daleth, Aleph. Mas o Verdadeiro nada de Nuit é 8, 80, 418. Agora, 8 é Keth, que é soletrado Tau, Yod, Keth, é 418. E 418 é Abrahadabra, a palavra de Ra-Hoor-Khuit. Agora 80 é a letra de Ra-Hoor-Khuit.²²

47. Mas eles têm a metade; une por tua arte para que tudo desapareça.

Entretanto, somemos a metade dos judeus 61. $8 + 80 + 418 = 506$. Veja versos 24, 25.

$$506 + 61 = 567 = 27 \times 21 = ?$$

Porém, escrevendo 506 ao contrário temos 605, e $605 + 61 = 666$.

$666 = 6 \times 111$, e $111 = \text{Aleph} = 0$ no Tarô. $666 = 1 + 2 + \dots + 36$, a soma dos números do Quadrado Mágico do Sol.

666 = o Número da Besta.

48. Meu profeta é um tolo com seu um, um, um; não são eles o Boi, e nenhum pelo Livro?

“Meu profeta é um tolo”, isto é, meu profeta possui o mais alto dos graus, desde que Tolo é Aleph.

Eu notei mais tarde (1909, Sol em Aquarius) que o verso 48 significa que tudo desaparece quando 61 + 8, 80, 418 são reduzidos a 1. E que isto pode indicar algum método prático místico de aniquilamento. Eu estou certo (Sol em Libra 1911) que isto significa a perfeita solução destes maravilhosos versos.

²³

²² Nota de M.: “Ain” em hebraico tem a soma 61, e significa nada. Os qabalistas judeus estão ao par deste segredo, mas a compreensão que eles têm dele é parcial e errônea.

²³ Nota de M.: Crowley que conhecia as atribuições de Ain, e estava ao par de suas conotações místicas, ficou perturbado com os três versos anteriores. Sua impressão era que os Perfeitos unidos são “Um” — “Nenhum” o perturbava. Ele ficou dizendo mentalmente, “Mas eles são um, um, um”. Essa sua dúvida foi incorporada por Aiwass no texto, e ao mesmo tempo em que o chama de “tolo”, a Deusa Ihe recorda que “Um” é Aleph, isto é, o Tolo, o Primeiro

49. Abrogados estão todos os rituais, todas as ordálias, todas as palavras e sinais. Ra-Hoor-Khuit tomou seu assento no Oriente ao Equinócio dos Deuses; e que Asar seja com Isa, que também são um. Que Asar seja o adorante, Isa que sofra; Hoor, em seu secreto nome e esplendor, é o Senhor iniciando.

Este verso declara que a velha fórmula da magia — a fórmula de Osíris-Adônis-Jesus-Marsyas-Dionísios-Attis, etc., do Deus Sacrificado — não é mais eficaz. Estava baseada na ignorante crença de que o Sol morria todo dia, e todo ano, e que a ressurreição dele era um milagre.

A fórmula do Novo Æon reconhece Hórus, a Criança Coroada e Conquistadora, como Deus. Nós somos todos membros do corpo de Deus, o Sol; e em volta do nosso sistema está o Oceano do Espaço. Esta fórmula então será baseada sobre estes fatos. Nosso “Mal”, “Erro”, “Escuridão”, “Ilusão”; o que quer que a gente resolva chamá-lo, é simplesmente um fenômeno de separatividade acidental e temporária. Se você está caminhando na escuridão, não tente fazer com que o Sol se erga através de auto-sacrifício; espere confiantemente pela manhã, e enquanto espera, usufrua os prazeres da noite, que ela os têm.

A alusão geral é ao Ritual do Equinócio da Golden Dawn, onde o oficiante dos seis meses prévios, representando Hórus, substituía o Hierofante que se retirava, e que representava Osíris.

Caminho a emanar de Kether; e que pelo Livro, isto é, o *Livro de Thoth*, o Tarô, Aleph é o Atu Zero. Aleph significa um Boi em hebraico.

Esta atribuição de Aleph a Zero foi rigorosamente oculta no Aeon de Osíris. Era conhecida nos santuários, mas nunca revelado aos profanos. Nos baralhos do Tarô do Aeon Passado, as cartas começavam de “Um” — o Pelotiqueiro ou Mago — e terminavam com o “Tolo”, que consequentemente tomava o número 22. Essa atribuição está totalmente errada, e Estudantes, caso estejam de posse de baralhos assim numerados, devem corrigi-los para obterem a numeração exata. É claro, mesmo ao principiante no estudo da aritmética, que a escala numérica começa com Zero.

A Ordem da Golden Dawn — Aurora Dourada — (que é a ordem a que se refere a Lição de História em *Liber LXI*) possuía as corretas atribuições do Tarô, com exceção do fato de que Tzaddi não é a Estrela, mas sim o Imperador. Veja-se verso 57 e o comentário.

Isa é o lendário “Jesus”. Para esta venenosa cocção, a receita será encontra em meu livro com aquele Título, *Liber DCCCLXXXVIII* (Nota de M.: “O Evangelho de Acordo com São Bernard Shaw”).²⁴

50. Existe uma palavra a dizer a respeito do trabalho Hierofântico. Vede! existem três ordálias em uma, e podem ser dadas em três caminhos. O grosseiro deve passar pelo fogo; que o fino seja provado em intelecto, e os elevados escolhidos, no altíssimo. Assim vós tendes estrelas e estrelas, sistema e sistema; que nenhum conheça bem o outro.²⁵

51. Há quatro portões para um palácio; o chão daquele palácio é de prata e ouro; lapis lazúli e jaspes estão ali; e todos perfumes raros; jasmim e rosa, e os emblemas da morte. Que ele entre de cada vez ou simultaneamente pelos quatro portões; que ele esteja de pé sobre o chão do palácio. Não afundará ele? Amn. Ho! guerreiro, se teu servo afunda? Mas há meios e meios. Sede bons, portanto: vesti-vos finamente; comei comidas ricas e bebei vinhos doces e vinhos que espumem! Também, tomai vossa fartura e vontade de amor como quiserdes, quando, onde e com quem quiserdes! Mas sempre para me.

A primeira seção deste verso ligada à Segunda apenas pela palavra “portanto”. Parece descrever uma iniciação, ou talvez A Iniciação, em termos gerais. Eu sugeriria que o Palácio é a “Casa Santa” ou Universo do Iniciado da

²⁴ Nota de M.: Outra possível interpretação é que “Isa” é Asi, Ísis. Neste Aeon o candidato é Osíris; ele aspira unir-se a Hoor. A fórmula de Hórus começa onde a de Osíris acabou. Por se tratar de uma candidata, não há motivo para que ela não se identifique com Isis. Hoor não é filho de Ísis e Osíris; ele é filho de Nuit e Hadit. “Isa que sofra” — Isa será a paciente, isto é, será adorada e cortejada por Asar. A velha concepção de que o homem deve cortejar e galantear a mulher, concepção própria das Ordens de Cavalaria da Idade Média (que foram uma das maneiras pelas quais os Iniciados perpetuaram os Mistérios através das perseguições da Igreja de Roma — de Isa no sentido que 666 lhe dá acima) deve retornar numa escala mais alta. Nuit, a encarnação mesma da Mulher na mais alta concepção possível, reclama adoração e HOMENAGEM (isto é HOMEM-AGEM), não como mãe — mas como amante.

²⁵ Nota de M.: Quaisquer leitores que tenham passado por algum dos graus da A.·A.· terão tido experiência do verso acima, pelo menos suficiente para compreender um pouco do significado; a outros, seria inútil e talvez até prejudicial tentar explicar.

Nova Lei. Os quatro portões são talvez Luz, Vida, Amor, Liberdade — veja-se “De Lege Libellum”. Lápis Lazúli é um símbolo de Nuit, Jaspe de Hadit. Os perfumes raros são, possivelmente, vários êxtases e Samadhi. Jasmim e Rosa são hieróglifos dos dois Sacramentos principais, enquanto os emblemas de morte podem referir-se a certos segredos de uma bem conhecida escola exotérica de iniciação cujos membros, com raríssimas exceções, não sabem o significado de seus símbolos.²⁶

A questão então se ergue de como o Iniciado será capaz de ficar de pé firmemente neste Lugar de Elevação. Parece-me que isto se refere à vida ascética, comumente considerada como uma condição essencial da participação nestes mistérios. A resposta é que “há muitos meios”, implicando que nenhuma regra única é padrão. Isto está em harmonia com a nossa interpretação geral da lei; existem tantas regras quanto há indivíduos.

A palavra “portanto” é fácil de compreender. Nós devemos gozar a vida completamente, de uma maneira absolutamente normal, exatamente como os livres e os grandes sempre fizeram no passado. O único ponto a recordar é que cada um é um membro do Corpo de Deus, uma Estrela no Corpo de Nuit. Isto sendo assegurado, urge-se que atinjamos a mais completa expansão de nossas diversas Naturezas, com atenção especial a esses prazeres que não só expressam a alma, mas a auxiliam a atingir os mais altos desenvolvimentos daquela expressão.

O ato de Amor é para o “cristão” um gesto animal grosseiro que envergonha a “humanidade” de que ele se gaba. O apetite o arrasta pelos cascos; cansa-o, desgosta-o, o adoenta, torna-o ridículo até em seus próprios olhos. É a fonte de quase todas as neuroses.

Contra este “monstro” ele divisou duas “proteções”. Primeiro, pretende que o apetite é um Príncipe Encantado em disfarce, e enfeita-o com os trapos e falsos brilhos do romance, do sentimentalismo e da religião, chama-o de Amor; nega a força e sua verdade, e adora esta figura de cera do sentimento legítimo com toda sorte de lirismo amigável e sorrisinhos azedos.

Segundo, está tão convencido, apesar de todos os seus maneirismos de ator teatral de terceira classe, que o apetite é um monstro devorador, que se ressentido com a insana ferocidade da existência de gente que ri do seu medo, e lhe diz que o monstro que teme não é na realidade um dragão cuspidor de fogo,

²⁶ Nota de M.: a Maçonaria.

mas um corcel brioso, bem treinado para uma rédea firme. Eles lhe dizem para que pare de ser um covarde, e que aprenda a montar. Sabendo muito bem o quanto é abjeto, a bondosa virilidade do conselho é, para ele, o mais amargo insulto que pode imaginar, e chama a turba para que apedreje o blasfemador. Portanto está particularmente ansioso por manter intacto essa imagem de “bicho papão” que teme; a demonstração de que o Amor é uma paixão geral, pura em si mesma, e o redentor de todos que confiam nele, é o mesmo que rasgar e expor a úlcera em carne viva da alma do “cristão”.

Nós de Thêlema não somos escravos do Amor. “Amor sob Vontade” é a lei. Nós recusamos a considerar o amor vergonhoso ou degradante, como um perigo para o corpo e a alma. Nós recusamos aceitá-lo como uma rendição do que é divino ao que é animal; para nós é o meio pelo qual o animal pode ser transformado em Esfinge Alada que levará o homem sobre seus ombros até a Casa dos Deuses.

Portanto, nós temos particular cuidado em negar que o propósito do amor seja o grosseiro propósito fisiológico que é o motivo da Natureza para ele no plano material. A geração é um sacramento do Rito físico, pela qual nós nos criamos novamente em nossa imagem, tecemos em uma nova tapeçaria de carne o Romance da História da nossa própria Alma. Mas o Amor também é um sacramento de transubstanciação através do qual nós iniciamos nossas próprias almas; é o Vinho de Intoxicação tanto quanto o Pão de Nutrição. “Nem é ele destinado ao sacerdócio que partilha apenas de um tipo”.

Nós então aprovamos de todo coração essas formas do Amor em que a questão da geração não está envolvida; nós usamos os efeitos estimulantes do entusiasmo físico para que nos inspirem moral e espiritualmente. A experiência ensina que paixões assim empregadas realmente servem para refinar e exaltar o ente inteiro do homem ou mulher. Nuit indica a condição única: “Mas sempre para me”.

“Como quiserdes”. Deveria ser abundantemente claro das observações acima, que cada indivíduo tem direito absoluto e inatacável de usar seu veículo sexual de acordo com o seu próprio caráter, e que é responsável apenas para si mesmo. Mas não deve injuriar seu direito e a si mesmo; atos que invadam o igual direito de outros indivíduos são implicitamente agressões contra nós mesmos. Um ladrão não pode se queixar na base de princípios teóricos se ele mesmo é roubado. Atos como o estupro, e o assalto

ou sedução de menores, podem, portanto, ser justamente considerados como ofensas contra a Lei da Liberdade, e restringidos no interesse daquela Lei.

Exclui-se também de “como quiserdes” o ato que comprometa a liberdade de outra pessoa indiretamente, como quando alguém toma vantagem da ignorância e boa fé de outra pessoa para expor aquela pessoa à constrição de doença, pobreza, ostracismo social, ou gravidez, a não ser com a bem informada e não influenciada livre vontade daquela outra pessoa.

Devemos, além do mais, evitar injuriar outra pessoa deformando sua natureza; por exemplo, açoitar crianças na puberdade, ou perto da puberdade, pode distorcer o seu caráter sexual nascente e imprimir sobre ela a estampa do masoquismo. Também, práticas homossexuais entre meninos podem, em certos casos privá-los de sua virilidade, psiquicamente ou até fisicamente.

Tentar amedrontar adolescentes a respeito do sexo usando os bichos-papões do Inferno, da Doença e da Insanidade, pode deformar, permanentemente, a natureza moral e produzir hipocondria e outras doenças mentais, com perversões do instinto enervado e reprimido.

Repressão da satisfação natural pode resultar em vícios secretos e perigosos que destroem sua vítima porque são aberrações artificiais e inaturais. Tais aleijões morais assemelham-se àqueles manufaturados por mendigos profissionais que comprimem uma parte do corpo de forma que isto seja compensado por um exagero monstruoso de outra parte.

Mas, por outro lado, não temos o direito de interferir com qualquer tipo de manifestação do impulso sexual a priori. Cada pessoa deve descobrir, por experiências de todos os tipos, a extensão e intenção do seu próprio Universo sexual. Deve ser-lhe ensinado que todas as estradas são igualmente régias, e que a única questão que deve interessá-lo é: “Que estrada é a minha?” Todos os detalhes provavelmente provarão ser igualmente essenciais ao seu plano social, todos igualmente “corretos” em si mesmos; a escolha pessoal é dele, a preferência de seu próximo deve ser inalienável.

Ele não deve se envergonhar ou se amedrontar de ser homossexual, bissexual, trissexual, ou o que quer que seja, se o é intimamente e de sua própria natureza; também não deve tentar violar sua própria verdadeira natureza por causa da “opinião pública”, ou da moralidade medieval, ou porque o preconceito “religioso” de outros desejaria forçá-lo a ser de outra forma. O óbulo sexual do mais ínfimo dos homens está estampado com a

soberania de sua alma, é moeda corrente legítima, tanto e não menos que o talento-ouro do seu vizinho. A lua vagabunda tem o mesmo direito de girar em volta da terra que Régulos tem de esbrasear no coração de Leo.

COLISÃO É O ÚNICO CRIME NO COSMO.

A Besta recusa, portanto, consentir em qualquer argumento quanto à “propriedade” de qualquer maneira de formular a alma em símbolos de sexo. Um padrão não é menos mortífero no amor que na arte ou na literatura; sua aceitação sufoca o estilo, e sua imposição sobre outrem extingue a sinceridade.

É melhor que uma pessoa de impulsos heterossexuais sofra toda calamidade com a reação indiretamente evocada do meio-ambiente pela execução de sua verdadeira vontade do que desfrutar riqueza, saúde e felicidade através da supressão completa do sexo, ou da prostituição do sexo no serviço de Sodoma e Gomorra.

Igualmente é melhor que o andrógino, o urnino, ou suas contrapartes femininas aturem chantagistas públicos ou privados, o desprezo e a repulsa da gente vulgar, e a autotortura de suspeitar que a peculiaridade é um sintoma de uma natureza degenerada, do que ferir a alma danando-a ao inferno da abstinência, ou conspurcando-a pelos abraços indesejados de um corpo antipático.

Toda estrela deve calcular sua própria órbita. Tudo é Vontade, e no entanto tudo é Necessidade. Desviarmo-nos é, ultimamente, impossível; tentar desviar-nos é sofrer.

A Besta 666 ordena pela Sua autoridade que todo homem, e toda mulher, e toda pessoa do sexo intermediário, será absolutamente livre para interpretar e comunicar seu Ser por meio de quaisquer práticas sexuais que sejam, quer diretas ou indiretas, racionais ou simbólicas, fisiologicamente, eticamente, ou teologicamente aprovadas ou não, contanto apenas que todas as partes de qualquer ato estejam completamente cômicas de todas as implicações e responsabilidades envolvidas, e concordem de todo coração em executar o ato.

Mais, a Besta 666 aconselha que todas as crianças sejam acostumadas desde a infância a presenciar todo tipo de ato sexual, como também o processo de nascimento, a fim de que falsidade e mistério não lhes estupefaçam as mentes, cujo erro poderia de outra forma desviar do natural o crescimento do seu sistema subconsciente de simbolismo anímico.

“Onde, quando e com quem quiserdes”. Esta frase abole o Decimo Primeiro Mandamento, Tu Não Serás Pilhado, ao autorizar Incesto, Adultério, Homossexualismo, Lesbianismo, Animalismo, que todo mundo pratica agora com humilhantes precauções que perpetuam o senso de “desafio” de um menino de escola que enganou o vigia, e tornam vergonha, hipocrisia, covardia e fingimento as condições de sucesso na vida.

É também um fato que a tendência de qualquer indivíduo às irregularidades sexuais seja acentuada pela preocupação com o assunto que resulta de sua importância artificialmente exagerada na sociedade moderna.

É de se observar que “polidez” proibiu durante séculos qualquer referência direta ao assunto do sexo, com o único resultado que Freud e outros provaram que praticamente todo pensamento, fala, e gesto nosso, consciente ou inconsciente, é uma referência indireta ao sexo.

A não ser que as pessoas queiram arrasar a vizinhança, é melhor explodirmos nossa pólvora num espaço aberto.

Há pouquíssimos casos de “instinto de fome pervertido” em sociedades moderadamente saudáveis. Mesmo os psicopatas “civilizados” das cidades, forçados a todo tipo de excesso pela presença universal de sugestões eróticas, e o contato áurico de multidões enlouquecidas fervendo com sexualidade suprimida, não são completamente sem remédio. Tão cedo sejam aliviados dessa pressão persistente à fuga para algum lugar onde os habitantes tratem os órgãos reprodutivos e os respiratórios como igualmente inocentes, eles gradualmente começam a esquecer sua “ideia fixa” forçada sobre eles pela Buzina-de-Nevoeiro da “Moralidade”, de forma que a suas perversões deles perecem, justamente como uma mola enrodilhada se endireita quando a compulsão externa é removida. Eles reverterem aos seus caracteres sexuais naturais, que só em raros casos são mais do que simples, puros, e refinados. Mais, o sexo mesmo deixa de representar o papel de Galã na Comédia da Vida. Outros assuntos reassumem suas proporções naturais.

Os nativos dos mares do sul (havaianos, etc.), antes de serem pervertidos por missionários, eram pagãos, amorais e nus; mandavam seus filhos e filhas adolescentes dormirem todos juntos no mesmo dormitório e cada família adotava crianças que assim resultassem; os adolescentes não eram considerados adultos até atingirem certa idade, e não lhes era permitido criarem filhos antes de atingirem esta idade. No entanto, até hoje, apesar da

pocilga do “cristianismo” que os interesses econômicos de países “civilizados” forçam sobre eles, esses nativos são amantes saudáveis e equilibrados, livres de “crimes passionais” históricos, de obsessões sexuais, e da mania de perseguição puritânica. A perversão é praticamente desconhecida entre eles e a monogamia sempre foi a regra.

Podemos agora inquirir porque este Livro se esforça por admitir o amor “onde” e “quando” quisermos. Pouca gente, seguramente, já se incomodou seriamente com restrições de tempo ou local. Podemos apenas pensar em amantes que vivem com famílias temíveis ou em locais inóspitos, numa noite de chuva acoitados em um motel à mercê de “batidas” policiais a violar seus deleites.

Talvez esta permissividade seja tencional para indicar a propriedade de executarmos o ato sexual sem vergonha ou medo, sem esperar pela escuridão ou buscar segredo, mas a luz do dia em lugares públicos, tão serenamente como se fosse um incidente natural de um passeio matinal.

O hábito cedo extinguiria a curiosidade, e copulação atrairia menos atenção do que uma nova moda de vestidos. Pois o existente interesse em assuntos sexuais é causado principalmente pelo fato que, comum como é, o ato é estritamente escondido. Ninguém se excita ao ver os outros comerem. Um livro “erótico” é tão tedioso quanto um livro de sermões; é preciso gênio para se escrever um dos dois tipos que interesse.

Uma vez seja o amor aceito como corriqueiro, a mórbida fascinação do seu mistério desaparecerá.

O pândaro, a prostituta, o proxeneta se acharão sem ofício.

A doença irá direto aos médicos em vez de aos charlatões como acontece agora nos altares da falsa castidade escorre o sangue dos sacrifícios humanos!

A ignorância ou falta de cuidado dos jovens nunca mais os atormentará infernalmente. Uma carreira arruinada ou uma constituição física permanentemente danificada não mais serão a penalidade de um momento de exuberância.²⁷

Acima de tudo, o mundo começará a perceber a verdadeira natureza do processo sexual, a sua insignificância física enquanto uma entre muitas

²⁷ Nota de M.: Doenças venéreas ainda eram um tremendo perigo numa época em que se desconhecia antibióticos.

funções do corpo; a sua transcendente importância como o veículo da Verdadeira Vontade e o primeiro dos invólucros do Espírito.

Parece pertinente acrescentar que as teorias éticas expostas acima tem sido infalivelmente comprovadas na prática. Experimentação em nossas Abadias de Thêlema e nos Colégios do Espírito Santo da O.T.O. demonstra que remoção completa — da forma mais radical — de todas as restrições usuais à conduta sexual resulta, após um breve período de perturbação dos diversos tipos, em que o assunto perde toda sua falsa importância; as pessoas tornam-se naturais, e espontaneamente vivem o que seria convencionalmente chamado vidas “estritamente morais”, sem perceberem que assim estão procedendo.

52. Se isto não for correto; se confundis as marcas no espaço, dizendo: Elas são uma; ou dizendo: Elas são muitas; se o ritual não for sempre para me; então esperai os terríveis julgamentos de Ra-Hoor-Khuit!

Não é verdade dizer que somos quer Estrelas separadas, ou uma Estrela. Cada estrela é individual; no entanto cada qual está ligada a outras por Lei. Esta Liberdade sob a Lei é uma das mais difíceis, no entanto importantes, doutrinas deste Livro. Assim também o ritual — nossas vidas — devem ser para Nuit. Pois Ela é Ultimal a que tendemos, a assíntota de nossa curva. Fracasso nesta concentração-única-de-propósito produz a ilusão de dualidade, que leva a excisão e destruição.

“Terríveis”; porque Ra-Hoor-Khuit é um “deus de Guerra e de Vingança”.

A doutrina dos versos prévios, que parece não só permitir liberdade sexual no senso ordinário da palavra, mas até advogá-lo em um senso calculado para chocar o mais abandonado libertino, não pode fazer menos que espantar e alarmar o magista, isto tanto quanto mais familiarizado ele estiver com a teoria e prática de sua arte. “Que é isto, em nome de Adonai?” eu o ouço exclamar. “Não é a imemorial e universalmente admitida tradição que o exorcista que se aplica às mais elementares operações de nossa Arte deve se preparar por um curso de castidade? Não é notório que virgindade é, por sua própria virtude, um dos meios mais poderosos e uma das condições mais essenciais, de todos os trabalhos mágicos? Isto não é questão de fórmulas

técnicas tais como as que podem, apropriadamente, ser moduladas quando há um Equinócio dos Deuses. É uma dessas eternas verdades da Natureza que persistem, não importa qual o meio ambiente, o lugar ou o período.”

A essas observações eu posso apenas sorrir a minha mais completa concordância. A única objeção que eu tenho a apontar aos que protestam é que a conotação da palavra “castidade” pode ter sido mal compreendida do ponto de vista científico, da mesma maneira que a ciência moderna tem modificado nossa concepção das relações da terra com o sol sem presumir nem alterar, no mínimo que seja, os fatos observados da Natureza. Portanto, podemos assegurar que modernas descobertas em fisiologia tornaram superados os conceitos osirianos do processo sexual que interpretavam a castidade como abstinência física, prestando pouca atenção aos concomitantes mentais e morais da recusa de agir, e ainda menos aos sintomas físicos. A raiz do erro consiste no dogma do pecado original, como resultado do qual a poluição era exculpada como sendo da natureza de uma ofensa involuntária, justamente como se a gente asseverasse que um sonâmbulo que caiu de um precipício está menos morto que Empédocles ou Safo.

A Doutrina de Thêlema resolve a questão toda em conformidade com os fatos observados pela ciência e regras prescritas pela Magia. Deve ser óbvio ao mais embriônico principiante na alquimia, que se existe qualquer substância no mundo dotada de propriedades mágicas, nós devemos classificar, antes de todas as outras, aquele veículo de essencial humanidade que é a primeira matéria daquela Grande Obra, em que nossa raça partilha da divina prerrogativa de criar o homem à sua própria imagem, macho e fêmea.

É evidentemente de importância secundária se a vontade de criar é conscientemente formulada. Lot, embriagado, serviu às suas filhas não menos que Júpiter, que prolongou a noite para quarenta e oito horas, a fim de se dar tempo de engendrar Hércules.

O homem possui este supremo talismã. É sua “pérola de grande valor”, em comparação com a qual todas as outras joias são apenas quinquilharias. É dever dele preservar a integridade desta substância. Não deve permitir que a sua qualidade seja prejudicada, quer por má nutrição, quer por doença. Não deve destruir como Orígenes e Klingsor, também fizeram. Não deve desperdiçá-la como Onan.

Mas a fisiologia nos informa que fatalmente a desperdiçaremos, não importa quão abstinentes sejamos, enquanto formos capazes de dormir; a Natureza toma precaução ou, por precaução ou por prodigalidade, nos provê com tal excesso da substância que a reprodução da raça humana não necessitaria diminuir de ritmo mesmo que a proporção de homens para mulheres fosse de não mais de 3 para cada 1000. O problema de eficiência, conseqüentemente, parece praticamente insolúvel.

Agora observamos o fato de que Nuit nos comanda, que exerçamos a máxima liberdade em nossa escolha do método de utilizar os serviços deste nosso principal, deste nosso melhor e mais feroso talismã; a licença parece a primeira vista incondicional, nos mais expressos e explícitos termos que é possível empregar. O aviso, "Mas sempre para me", soa como uma adição de última hora ao verso 50. Nós quase nos chocamos quando no verso seguinte, nós descobrimos uma ameaça, não menos temível por causa da obscuridade de seus termos.

Nossa primeira consideração apenas acrescenta surpresa ao nosso senso de repugnância. Torna-se evidente que um tipo de ato é proibido, com a penalidade de cairmos por completo da Lei de Liberdade para o código penal; nosso espanto e horror apenas aumentam ao reconhecermos que este único gesto, que é considerado daninho, é o exercício natural da mais fatídica função da natureza, a indulgência inocente do impulso irresistível. Damos uma olhada ao verso prévio — examinamos nossos direitos. Permite-se que tomemos nossa fartura e vontade de amor como quisermos, quando, onde e com quem quisermos, mas nada é dito sobre o motivo por que queremos. Ao contrário, a despeito da infinita variedade de meios legítimos, há um fito apenas considerado legítimo, e não mais que um. O ato tem um único propósito legítimo; ele deve ser executado para Nuit. Mais reflexão nos reassegura até certo ponto, não diretamente, à maneira do jurista, mas indiretamente, o alerta para os fatos da Natureza sobre os quais está baseada a ética da condição. Nuit é aquilo de que viemos, e aquilo a que devemos retornar. Evasão da questão não é mais possível do que seria uma alteração do antecedente. De Nuit recebemos este talismã, que transmite nossa identidade física através das idades do tempo. A Nuit, portanto, devemos de conspirar qualquer porção dela, a mais pura e mais divina das substâncias, a quintessência de nós mesmos, é evidentemente a suprema blasfêmia. Nada na natureza pode ser mal aplicado. É nosso primeiro dever, para nós mesmos,

preservar o tesouro que nos foi confiado: “De que adiantará a um homem se ele ganhar o mundo inteiro e perder sua própria alma?”

A natureza do homem é individual. Nenhum par de faces é igual, muito menos dois indivíduos. Inominável é a variedade da forma, e imensurável a diversidade da beleza, mas em tudo há o selo de unidade, que tudo vem do útero de Nuit — e tudo ali retorna. A percepção desta sublimidade é a marca de divindade. Sabendo que tudo isto é liberdade; e ignorância disto, é prisão. Tal como dois indivíduos não são idênticos, assim também não pode haver identidade entre as expressões quintessenciais da Vontade de quaisquer duas pessoas; e a expressão de cada pessoa, no primeiro caso, como sua prerrogativa puramente física, é o seu gesto sexual.

Não podemos dizer que qualquer significância daquele gesto seja proibida, pois “Não existe lei além de Faça o que tu queres”. Mas isto pode ser dito e será dito, que uma insignificância que indica ignorância ou esquecimento da verdade central do Universo é uma aquiescência daquela opacidade causada pela confusão dos véus que escondem a alma da consciência, e assim criam a confusão de que o aspirante chama Sofrimento, e o profano, Mal.

O ato sexual, mesmo para a porção mais grosseira da humanidade, é o agente que dissipa o nevoeiro do ser por um momento de êxtase. É o sentimento instintivo de que o espasmo físico é simbólico daquele milagre da Missa, pelo qual a hóstia material, composta dos elementos passivos, terra e água, é transmutada na substância do Corpo de Deus, que faz com que o homem sábio tema que tal sublime sacramento possa ser profanado. É isto que fez com que este homem sábio, com parcial compreensão, parcialmente intelectual e parcialmente instintivo, da natureza da verdade, fosse impelido a se cercar de tabus. Mas um conhecimento parcial das coisas é um perigo. O medo desse sábio parcial criou fantasmas, e a parcial observação dele sugeriu precauções que nem sequer merecem ser chamadas de empíricas. Nós o vemos combater dificuldades análogas de uma maneira precisamente semelhante. A história nos mostra o médico defendendo a humanidade contra a peste com exorcismos por um lado e ervas por outro. Uma estaca queimada através do coração de um vampiro, e a vítima é protegida com alho. A força de Deus, quem pode duvidar dela? A força do gosto e do olfato são fatos conhecidos. De forma que eles mediram força contra força sem considerar se uma era considerada apropriada à outra, mais do que se a gente tentasse

amortecer a força de espadas de aço pela intensidade de cor de nossa armadura. A ciência moderna, por classificação correta, expôs a natureza do elo mágico. Nós não mais confundimos os planos. Nós manipulamos fenômenos físicos por meios físicos; mentais por mentais. Nós traçamos a pista dos efeitos às suas verdadeiras causas, e não mais buscamos cortar o nó górdio da nossa ignorância pela espada de um Panteão postulado.

A fisiologia não nos permite duvidar do poder do nosso talismã herdado. E descobertas modernas da psicologia tornaram suficientemente claro que as peculiaridades sexuais das pessoas são hieróglifos, obscuros, no entanto não ininteligíveis, revelando a sua história em primeiro lugar, em segundo, suas relações com o ambiente no presente, e, terceiro, suas possibilidades com respeito à modificação do futuro.

Nestes versos supremamente importantes do Livro da Lei se torna claro que Nuit está cônica de todos estes fatos, e que Ela os considera não menos que a combinação da fechadura da casa forte do futuro. "Isto" (esta doutrina) "regenerará o mundo, o mundozinho minha irmã". A falta de compreensão do sexo, o nevoeiro do medo ignorante, o miasma da lubricidade ignorante, estas coisas tem feito mais para atrasar a humanidade da realização de si mesma, e impedi-la de cooperar inteligentemente com seu destino, que qualquer dúzia de outras coisas todas juntas. A vileza e falsidade da religião mesmo tem sido os monstruosos abortos do escuro útero do seu infernal mistério.

Não há nada sujo ou degradante em qualquer manifestação que seja do instinto sexual, porque, sem exceção, todo ato é uma imagem impulsivamente projetada da Vontade do indivíduo que, quer seja homem ou mulher, é uma estrela; o matuto com sua porca no cio não é menos que o Espírito com Maria, Safo com Attis, Apolo com Jacinto, Daphnis com Chloe ou como Galahad votado ao Graal. E única coisa necessária, o completamente-perfeito meio de purificação, consagração e santificação, é independente dos acidentes físicos e morais circunstanciais ao particular incidente, é a realização do amor como um sacramento. O uso do meio físico como uma Operação Mágica, cuja fórmula é unir dois opostos, dissolvendo ambos, aniquilando ambos, e assim criando uma terceira coisa que transcende aquela posição, aquela fase de dualidade que constitui a consciência de imperfeição, esse uso é percebido como o absoluto negativo cuja compreensão é idêntica àquela dualidade; é a consecução da Grande Obra.

A anacefaléose destas considerações é esta:

1 — Os acidentes de qualquer ato de amor, tais como seus protagonistas e as peculiaridades de suas expressões em qualquer plano, são totalmente imateriais à importância mágica do ato. Cada pessoa é responsável a si mesma, sendo uma estrela, a viajar em sua própria órbita, composta de seus próprios elementos, para brilhar com sua própria luz, com a cor própria de sua própria natureza, para resolver a transladar-se com seus próprios movimentos inerentes, e manter sua própria relação com sua própria galáxia, em seu próprio lugar no Universo. Sua existência de ser é a única justificativa, necessária, para sua própria matéria e maneira.

2 — Seu único erro possível é se retirar desta consciência de estrela, contrariando sua própria natureza.

Para trazer esta doutrina ao nível de uma regra prática para todo homem ou mulher pela qual possam usufruir em perfeição sua vida sexual, e fazer o que ela retamente é, ou seja, a mais santa parte da vida religiosa, digo mais santa porque redime mesmo a grossidão física para que partilhe da santidade espiritual, a intenção do Livro da Lei é perfeitamente simples. Quaisquer que sejam suas predileções sexuais possam ser, você é livre, pela Lei de Thêlema, para ser a estrela que você é, para seguir seu próprio caminho regozijando-se. Não é indicado aqui neste texto, se bem que é implicado noutra parte, que um só sintoma avisa de que você se enganou quanto à sua Verdadeira Vontade e isso acontece se você chega a imaginar que, fazendo a sua Vontade, você pode interferir com a de outra estrela. Pode, portanto, ser considerado impróprio, como regra geral, que sua gratificação sexual destrua, deforme ou desagrade outra estrela. Consentimento mútuo no ato é a condição deste. Claro, deve ser compreendido que nem sempre tal consentimento é explícito. Há casos em que a sedução ou posse forçada podem ser emancipação ou iniciação para outra estrela. Tais atos podem ser julgados apenas por seus resultados.

A mais importante condição do ato, humanamente falando, é que a atração seja espontânea e irresistível; um pulo da vontade para criar um frenesi lírico. Esta primeira condição, sendo reconhecida, ela deve ser rodeada com toda circunstância de adoração. Estudo e experiência deveriam fornecer uma técnica do amor. Toda ciência, toda arte, toda elaboração, deveria acentuar e adornar a expressão do entusiasmo. Toda força e toda habilidade deveriam ser chamadas ao cumprimento do frenesi, e a vida mesma deveria ser jogada de mão aberta no balcão do Marcador da Loucura. No aço de seu elmo haja ouro gravado com o moto: "Excesso".

As indicações acima são tomadas de uma passagem subsequente do terceiro capítulo deste Livro.

A injunção suprema e absoluta, o ponto crucial do seu juramento de cavaleiro, é que você só deve levantar sua lança para entrar na liça pela glória de sua Dama, a Rainha das Estrelas, Nuit. Sua cavalaria depende de sua recusa de lutar por qualquer causa menor. Isto é o que o distingue do bandido. Você dá sua vida em seu Altar. Você se torna digno dela por sua prontidão para lutar a qualquer tempo, em qualquer lugar, com qualquer arma, e contra quaisquer números. Para Ela, de Quem você vem, de Quem você é, para Quem você vai, sua vida não é nem mais nem menos que um sacramento contínuo. Você não tem palavras exceto para glorificá-La, nenhum pensamento exceto amor para ela. Você tem apenas um grito, de êxtase inarticulado, o intenso espasmo, a sua posse, e Morte. Você não tem nenhum ato mais que o gesto do sacerdote que faz do seu corpo sua propriedade. A hóstia é o disco do Sol, a estrela em seu Corpo. Seu sangue é derramado de seu coração com toda batida deste para dentro da sua taça. É o vinho da sua vida esmagado da uva de sua videira amadurecida pelo sol. Deste vinho você se embriaga. Ele lava o seu cadáver, que é o fragmento da Hóstia, partida por você, o Sacerdote, dentro de seu cálice dourado. Você, Cavaleiro e Sacerdote da Ordem do Templo, oficializando a sua missa, torna-se seu Deus, através do amor e morte. Este ato de amor, se bem que em sua forma seja com um cavalo, como Calígula, com uma turba, como Messalina, com um gigante, como Heliogabalo, com um animal mocho, como Nero, com um monstro como Baudelaire, se bem que volúpia em sangue como de Sade, anseie por chicote e pelicas como Sancher-Masoch, se bem que calce luvas como Yvette Guilbert, ou goste de criancinhas como E.T. Reed de "Punch"; se bem que você se ame a si mesmo desdenhando todos os outros como o fez Narciso, ou se oferece sem amor a todo amor como Catarina, ou considere o corpo tão vão que encerra seu ardor na alma, e faça de você um insaciado a vida inteira na imaginação como Aubrey Beardsley, a forma não tem a mínima importância. Bach tomou um rumo, Keats outro, Goya outro. O propósito é tudo, que através do ato, qualquer que ele seja, nós adoramos, amamos, possuímos e nos tornamos, Nuit.

O ato de amor não pode entrar suas consequências mais do que qualquer outro ato. Enquanto você possui o Talismã, você terá de empregá-lo de tempo em tempo, quer queira ou não. Se você injuriar a qualidade, ou

diminuir a quantidade, daquela quintessência, você blasfema a si próprio, trai a confiança, depositada em si, quando aceitou o juramento daquela Ordem austeramente e cavalheirescamente chamada Hombridade. Os poderes do Talismã são irresistíveis como qualquer outra força natural. Toda vez que eles são usados uma criança deve nascer. Esta criança deve ser na própria imagem de você, um símbolo de sua natureza, uma expressão da verdadeira Vontade subconsciente de você.

É claro, apenas uma vez ou outra em muitas ocasiões que as condições permitem a produção de uma criança humana. Que acontece quando (quer por chance ou desígnio) aquele efeito óbvio é impedido? O materialista pode imaginar que com a destruição do complexo, ele se torna inofensivo, suas potencialidades sofrem um curto, tal como a violência do ácido sulfúrico dá em nada quando neutralizado por soda cáustica. Mas será um materialista muito inculto se disser isto. As completas possibilidades do ácido devem ser usadas de uma maneira ou de outra. Se ele não dissolver um metal, carbonizará um açúcar, gerará um gás, produzirá calor, ou de uma forma ou de outra satisfará absolutamente toda possibilidade que herdou das forças que entraram em sua criação. É uma manifesta contradição das leis da Conservação da matéria e da energia que uma substância deve perder algo ao ser transformada.

É contrário a natureza que um homem, com potencialidades que podem transformar a face da terra, deva se tornar nada a não ser carniça inerte quando acontece sua morte. Tudo o que ele era deve inevitavelmente persistir; e se a manifestação não for para um grupo de sentidos, então, para outro! A ideia da criação de alguma coisa do nada e a destruição de alguma coisa em nada explodiu com a teoria do “Phlogiston”.

É óbvio, mesmo para o raciocínio céptico — de fato, mais que tudo para o céptico — que nosso talismã (uma microscópica serpente da qual pode construir para si uma casa com a qual pode governar os corpos dos homens por uma geração como Alexandre, ou suas mentes durante uma época como Platão) não pode ser destruído ou diminuído por qualquer força concebível.

Quando este talismã sai de sua fortaleza, sua ação principia. Os antigos rabinos judeus sabiam disto, e ensinaram que antes que Eva fosse dada a Adão o demônio Lilith concebeu pelo derrame dos sonhos dele, de forma que as raças híbridas dos sátiros, elfos e outras começaram a povoar esses lugares secretos da terra, que não são sensíveis aos órgãos do homem normal.

Eu tomo como absolutamente certo que cada oferenda deste talismã cria num plano ou noutra deste nosso cosmo, cuja matéria é tão variada em tipo. Tal cria deve partilhar da natureza de seu pai; e seu caráter será determinado, em parte, pelo ambiente, em que é engendrada para manifestação, em que vive, e em que ultimalmente muda naquilo que chamamos de morte, e em parte pela vontade mais íntima do pai, talvez modificada até certo ponto pela vontade consciente dele na ocasião em que soltou a amarra.

Isto assim sendo, torna-se tremendamente importante ao homem, que ele se torne cômico de sua verdadeira Vontade mais íntima, de sua natureza essencial. Esta é a Grande Obra cuja consecução constitui o adepto, contando que a consciência reconheça que sua própria dependência de circunstâncias a faz não mais que uma tremulante imagem em água do sol que é aquele Ente Silente. Se tal homem deseja desenvolver seus poderes, deve usar este tremendo talismã para criar em sua própria imagem.

Se bem que este talismã tem tal miraculosa pujança, é também intensamente sensitivo. Colocado em um ambiente impróprio, pode produzir perversões grotescas e malignas da Palavra de seu pai. Nós todos sabemos que esplêndidas crianças nascem de mães saudáveis que são verdadeiras e dignas parceiras de seus maridos. As crias do ódio, do deboche, da doença, quase sempre testemunham em corpo e mente o abuso do talismã. Não só os pecados do pai, mas os da mãe, sim, e mais, aqueles da sociedade em que os pais vivem, são visitados nos filhos até a terceira e quarta geração. Um homem pode destruir num minuto o seu reino, herdado de incontáveis dinastias de prudência biológica.

Será também admitido, sem referência à Magia, que o abuso do talismã conduz a infortúnio moral, mental e espiritual. Crime e insanidade, tanto quanto doença e debilidade são constantemente vistos como resultado direto de má administração da vida sexual, quer taticamente, estrategicamente, ou de ambas as maneiras.

O *Livro da Lei* dá ênfase a importância destas considerações. O ato de amor deve ser espontâneo, em absoluta liberdade. O homem deve ser verdadeiro para consigo mesmo. Romeu não deve ser empurrado em direção a Rosalina por motivos de família, de sociedade, ou de finanças. Desdemona não deve ser barrada de Otelo por razões de raça ou de religião. O homossexual não deve blasfemar sua natureza e cometer suicídio espiritual suprimindo amor ou tentando pervertê-lo, como a ignorância e o medo, a

vergonha e a fraqueza, tão frequentemente o induzem a fazer. Qualquer que seja o ato que expressa a alma, aquele ato e nenhum outro é correto.

Mas por outro lado, qualquer ato será sempre um sacramento; e por mais profano que seja é sempre eficiente. Profaná-lo é apenas transformar comida em veneno. O ato deve ser puro e apaixonado. Deve ser tido como a União com Deus no coração do Santo dos Santos. Não devemos jamais esquecer que uma criança nascerá daquele ato. Devemos escolher o ambiente apropriado à particular criança que desejamos criar. Devemos assegurar que a vontade consciente é escrita, nas águas puras de uma mente calma, em letras de fogo, pelo Sol da Alma. Não devemos criar confusão no talismã, que pertence ao Ente Silente, deixando o ente falante negar o propósito para o qual foi produzido. Se nossa Verdadeira Vontade, o motivo de nossa encarnação, é trazer paz sobre a terra, não devemos executar um ato de amor com motivos de ciúme ou emulação.

Devemos fortificar nosso corpo ao máximo e protegê-lo contra todo desastre, de forma que a substância do talismã possa ser tão perfeita quanto possível. Devemos acalmar a mente, aumentando o conhecimento dela, organizando seus poderes, resolvendo os seus emaranhados, de forma que ela possa apreender verdadeiramente o Ente Silente, julgar opiniões parciais e desequilibradas, enquanto suportando a concentração da Vontade por suas fronteiras fortificadas, e, como entusiasmo unânime, aclamando o Senhorio do pensamento que expressa o ato. A Vontade deve selar-se sobre a substância do talismã. Deve, em linguagem alquímica, ser o Enxofre que fixa o Mercúrio, que determina a natureza do Sal. O homem todo, de sua mais íntima Divindade até a ponta da sua menor pestana, deve ser uma máquina motora, desembaraçada de qualquer peso morto, sem nada inútil, sem nada inarmônico; um raio desatado da mão de Júpiter. Deve se entregar completamente naquele ato único de amor. Deve cessar de se conhecer como o que quer que seja senão a Vontade. Não deve ter a Vontade; deve se transformar por completo para ser a Vontade.

Por último o ato deve ser supremo. Deve fazer e deve morrer. Daquela morte deve erguer-se de novo, purgado daquela Vontade, tendo-a realizado tão perfeitamente que nada resta de seus elementos. Deve ter se esvaziado no veículo. Assim sua criança será inteira de espírito.

Mas isto não é suficiente. O campo em que a semente é lançada deve ser apropriado para sua recepção. O clima deve ser favorável, o solo deve estar

preparado, e os inimigos da nova criança, que buscam sua vida, devem ser repelidos para longe para que não possam exercer sua malícia. Estes pontos são bastante óbvios se aplicados aos assuntos ordinários da produção de crianças. Necessitamos a mulher correta, e necessitamos as condições corretas para ela. Isto se aplica ainda mais estreitamente a outros atos, pois a mulher está protegida por gerações de adaptação biológica, enquanto crianças espirituais são mais facilmente adoecidas e deformadas, sendo uma matéria mais sensível e mais sutil. Tão infinitamente variadas são as possibilidades de criação, que cada adepto deve trabalhar cada problema para si mesmo o melhor que possa. Há métodos mágicos para se estabelecer um elo entre a força gerada e a matéria sobre a qual desejamos que a força aja; mas tais são, em sua maior parte, melhor comunicados por instrução privada e desenvolvidos pela prática pessoal. A crua descrição é um mero esqueleto e (assim mesmo) desvia com mais frequência do que guia.

Mas a regra geral consiste em arranjar todas as condições de antemão, com a intenção de facilitar a manifestação da coisa querida, e prevenir-se contra os perigos de aborto pela alimentação de elementos discordantes.

Por exemplo: um homem que busca recuperar a saúde deveria auxiliar sua Vontade Mágica tomando todas as precauções higiênicas possíveis e todas as medidas médicas necessárias para vencer sua doença. Um homem desejando desenvolver seu gênio como escultor deverá devotar-se a estudo e treino, rodear-se de lindas formas e, se possível, viver em local em que a própria natureza testemunhe o toque do dedo do Grande Arquiteto.

Ele escolherá o objeto de sua paixão à indicação do seu Ente Silente. Ele não permitirá que o preconceito, quer de senso, emoção, ou julgamento racional, obscureça o Sol de sua Alma. Em primeiro lugar, o magnetismo mútuo, a despeito das máscaras da mente, e deveria ser inconfundível. A não ser que exista, uma possante pureza de paixão, não há base mágica para o Sacramento. No entanto, tal magnetismo é apenas a primeira condição. Quando duas pessoas se tornam íntimas, cada crise de satisfação entre as terminais deixa-as numa proximidade que exige observação mútua; e a intensa clareza da mente que resulta da descarga da força elétrica torna tal observação anormalmente crítica. Quanto mais elevado o tipo de mente, tanto mais certo isto é, e tanto maior o perigo de se encontrar alguma insignificância antipática e, que a experiência nos diz, será um dia a única coisa que restará para ser

observada; tal como uma verruga no nariz é lembrada quando o resto da face é esquecida.

O objeto do amor deve, portanto, ser um com o amante em algo mais além da Vontade de se unir magneticamente; de estar em apaixonada parceria com a Vontade, de que a Vontade-de-Amar é apenas o símbolo mágico. Talvez duas vontades não possam ser idênticas, mas pelo menos elas podem ser tão simpáticas que as manifestações não entram em conflito. Não é bastante ter um parceiro ou parceira do tipo passivo que bale “Tua vontade seja feita” — isto acaba em desprezo, tédio e desconfiança. Nós queremos uma paixão que possa combinar com a nossa. Onde este é o caso, não importa tanto se a expressão mental é sindrômica; é, em verdade, melhor quando dois mundos inteiramente diversos de pensamento e experiência levaram a conclusões gêmeas. Mas é essencial que o hábito da mente seja simpático, que o maquinismo seja construído em princípios similares. A psicologia de um deveria ser inteligível ao outro.

Posição social, aparência física e hábitos são de muito menor importância, especialmente numa sociedade que tenha aceitado a Lei de Thêlema. A tolerância mesma produz suavidade, e a suavidade cedo alivia a tensão sobre a tolerância. Em qualquer caso, a maior parte das pessoas, especialmente mulheres, se adapta com suficiente habilidade ao seu meio ambiente. Eu digo especialmente mulheres, porque mulheres quase sempre estão cômicas de uma importante parte de suas Verdadeiras Vontades: gerar filhos. Para elas nada mais é importante comparado com isto, e elas descartam-se das questões que não tem nada com isto, como insignificâncias, adotando os hábitos requeridos no interesse da harmonia doméstica, que reconhecem como uma condição favorável à reprodução.

Eu esbocei condições ideais. Raramente, em verdade, nós realizamos, sequer, um terço de nossas possibilidades. Nossa máquina mágica é em verdade possante, quando sua eficiência chega a 50% do seu poder teórico. Mas a enorme maioria da humanidade não tem qualquer ideia de tomar o Amor como uma coisa Sagrada e séria, de usar o olho do microscopista, ou o coração e cérebro do artista. Sua ignorância e sua vergonha fizeram do Amor uma carcaça de pestilência; e o Amor vingou o ultraje esmagando as suas vidas quando eles derrubaram o Templo sobre si mesmos.

A chance de encontrarmos um objeto de Amor apropriado tem sido reduzida quase a zero pela substituição das condições naturais, tais como

foram descritas nos parágrafos acima, por uma série totalmente artificial e irrelevante; as restrições impostas sobre o ato em si mesmo, casamento, opinião, a conspiração do silêncio, leis criminais, impedimentos financeiros, seleções limitadas por questões de raça, nacionalidade, casta, religião, “grupinhos” sociais e políticos, entre os mesmo preconceitos familiares. De milhões de seres humanos com que entra em contato durante a vida, o homem médio tem sorte se pode escolher dentre uns vinte ou quarenta parceiros.

Eu adicionei aqui um pilar a mais ao meu templo. Acontece com demasiada frequência que duas pessoas, absolutamente aptas em todo plano para amar uma à outra, são totalmente impedidas de se expressarem por uma completa ignorância da técnica do ato. Aquilo que a natureza declara ser o clímax da Missa, a manifestação de Deus em carne, quando a carne é engendrada, é tão grosseiro, inábil e brutal, que desaponta e desgosta. Eles se tornam horripelantemente cômicos de que algo está errado. Não sabem como remediar o erro. Se envergonham de discuti-lo. Não tem nem a experiência para guiá-los nem a imaginação para experimentar. Incontáveis milhares de amantes sensitivos se viram contra o Amor e o blasfemam. Incontáveis milhões, não sendo tão refinados, aceitam o fato, aquiescem na imundície, até que o Amor é degradado ao nível de um espójar culpado. Eles são arrastados no lixo da carroça da limpeza noturna, que deveria ter sido “a sua carruagem de fogo e seus corcéis”.

Esta dificuldade toda se oriunda do horror que a humanidade tem do Amor. Nos últimos cem anos, todo grande escritor sobre ética lançou seus raios e trovões, granizos e carvões acesos, para queimar Gomorra e Sodoma, onde o Amor ou é envergonhado e secreto ou é pintado com esterco de sentimentalismo a fim de que os porcos cidadãos possam reconhecer seu ideal ali. Não dizemos ao artista que a sua arte é tão sagrada, tão repugnante, tão esplêndida e tão inocente, que não deve de forma alguma aprender a usar as ferramentas do seu ofício, e estudar na escola como ver com seu olho, e registrar o que vê com sua mão. Não dizemos ao homem que gostaria de curar doenças, que não deve conhecer seu assunto, desde a anatomia até a patologia; ou o convidamos a remover o apêndice de um Arcebispo a primeira vez que segura um escalpelo na mão.

Mas o Amor é uma arte não menos que a de Rembrandt, uma ciência não menos que a de Lister. A mente deve tornar o coração articulado, e fazer do corpo o Templo da Alma. O instinto animal do homem é o gêmeo daquele do

macaco ou do touro. No entanto esta é a única coisa permissível no código do “cristão”. Ele tem razão em considerar o ato, tal como ele o conhece como degradante. É, de fato, para ele, um ato ridículo, obsceno, grosseiro, bestial; um espojamento indigno quer da dignidade do homem ou da majestade do Deus dentro dele.

Assim é a sôfrega deglutição do selvagem quando ele atulha a sua boca com o fígado cru do seu inimigo, ou vira a garrafa de gin do mercador branco, e engole. Porque a refeição dele é repugnante, devemos insistir que quaisquer métodos que não sejam os deles são criminosos? Como chegamos nós a Laperouse e Nighol do caldeirão do canibal, a não ser por cuidado crítico e vigorosa pesquisa?

O ato de amor, para o “cristão”, é um alívio físico como a defecção, e um alívio moral da tensão do treino de aparentar decência; é uma sôfrega queda ao nível do bruto que ele pretende que todos desprezem. É uma embriaguez que embota sua vergonha de si mesmo, no entanto, o deixa ainda mais profundamente desgostoso. É um gesto sujo, hediondo e grotesco. Não é seu próprio ato, mas é forçado sobre ele pelo gigante que o mantém indefeso; é metade louco, metade autômato quando o executa. É um desajeitado tropeçar através de um pântano imundo e negro, carregado de mil perigos. Ameaça-o com morte, doença e desastre, em toda maneira e forma. Paga o preço de um covarde pelo seu medo e repugnância, quando o mercador do sexo lhe oferece seu Veneno-de-Rato no copinho de papel de chumbo que ele toma por prata; ele paga novamente com vômitos e cólicas após o ter engolido em sua ganância.

Tudo isto ele sabe demasiado bem; está certo, do seu ponto de vista, em odiar e temer o ato, em escondê-lo dos seus olhos, em jurar que ele não o conhece. Com berrante cólera sentimental, com panos de sacos como tangas gordurentas, ele embrulha o cadáver do Amor, e, com um sorriso falso, afirma que o Amor nunca andou nu. Quando o bruto acorda sonolento, atira lama sobre o Amor, e grunhe que o Amor nunca foi um Deus no Templo do Homem, mas um apetitoso naco de carne podre no canto de sua pocilga.

Nós de Thêlema, como o artista, o verdadeiro amante do Amor, sem vergonha e sem temor, vendo Deus face a face, tanto em nossas Almas, quanto na Natureza inteira dentro de nós, se bem que usamos, como o “cristão”, a palavra Amor, não consideramos a palavra “profanada com demasiada frequência para que seja também profanada por nós”; ela queima inviolada em

seu santuário, e renasce imaculada com todo alento de vida. Mas por Amor nós significamos uma coisa que o olho do “cristão” não viu, nem seu ouvido escutou; nem seu coração concebeu. Nós aceitamos o Amor como o significado da Mudança, Mudança sendo a Vida de toda Matéria existente no Universo. E nós aceitamos o Amor como o modo de Movimento da Vontade de Mudar. Para nós todo ato implicando mudança é um ato de amor. A Vida é uma dança de deleite, seu ritmo uma raptura infinita que nunca cansa nem azeda. Nosso prazer pessoal deriva não só de nossa própria parte nela, mas de nossa percepção consciente de suas totais perfeições. Estudamos sua estrutura, nos expandimos ao nos perdermos em sua compreensão, e assim nos tornamos unos com ela. Com o iniciado egípcio exclamamos: “Não há parte de nós que não seja parte dos Deuses”; e adicionamos a anti-estrofe: “Não há parte dos Deuses que não seja também parte de nós.”

Portanto, o Amor que é Lei não é menos Amor no senso restrito pessoal; pois o Amor que faz dos dois Um é o maquinismo pelo qual mesmo os Dois finais, o Ser e o Não-Ser, podem se tornar Um, no casamento místico da noiva, a Alma, com Aquele designado desde a eternidade para esposá-la; sim, mesmo o Altíssimo, Deus Tudo-em-Tudo, a Verdade.

Portanto, nós consideramos o Amor santo, a religião de nossos corações, a ciência de nossas mentes. Não terá Ele o Seu Rito designado, Seus sacerdotes e poetas, Seus criadores de Beleza em cor e forma para adorná-Lo, Seus músicos para saudá-Lo? Não deverão Seus teólogos, adivinhando a natureza d’Ele, declará-Lo? Não devem mesmo aqueles que apenas varrem o terreno em frente do Seu templo partilhar através disto da pessoa d’Ele? Não deverá nosso cientista por as mãos n’Ele, medi-Lo, descobrir profundezas, calcular seus cumes, e decifrar as leis de sua natureza?

Também para nós de Thêlema, que assim treinamos nossos corações e mentes para serem peritos engenheiros daquele arranha-céu, o Amor, o navio para voar até o Sol; para nós o ato de Amor é a consagração do corpo ao Amor. Nós queimamos nosso copo no Altar do Amor, para que mesmo o bruto possa servir à Vontade da Alma. Devemos então estudar a arte do Amor Físico. Não devemos frustrar ou trabalhar mal. Devemos ser frios e competentes como cirurgiões; cérebro, olho e mão, os instrumentos perfeitamente treinados a Vontade. Devemos estudar o assunto abertamente e impessoalmente, devemos ler os tratados, ouvir lições, assistir demonstrações, obter nossos diplomas antes de entrarmos na prática.

Não queremos dizer o mesmo que o “cristão” quando dizemos “o ato de Amor”. Para nós não é o gesto grosseiro de um homem sofrendo um ataque, não é uma luta, um espasmo sem senso, uma súbita repulsão de vergonha, como é com ele.

Temos uma arte de expressão; estamos treinados para interpretar a alma e o espírito em termos do corpo. Não negamos a existência do corpo, nem o desprezamos; recusamos, porém, a considerá-lo sob qualquer outra perspectiva que esta: é o órgão do Ente. Deve, no entanto, ser ordenado de acordo com suas próprias leis; aquelas do Ente mental ou moral não se aplicam a ele. Nós amamos; isto é, nós queremos unir-nos; então um deve estudar o outro, adivinhar todo pensamento que passa, e oferecer-lhe a flor que ela mais aprecia. O vocabulário do Amor é pequeno, seus termos triviais; buscar novas palavras e frases é ser afetado.

Mas a linguagem do corpo nunca se exaure; nós podemos falar durante uma hora com uma pestana. Existem coisas íntimas, delicadas, sombras das folhas da Árvore da Alma que dançam na brisa do Amor, tão sutis que nem Keats nem Heine em palavras, nem Brahms nem Debussy em música, puderam dar-lhe corpo. É a agonia de todo artista, quanto maior ele é, maior o seu desespero, pois, não consegue expressar todas essas coisas. E aquilo que não podem fazer, nem uma única vez numa vida de ardor, é feito em toda plenitude pelo corpo que, amando, aprendeu a lição de como amar.

ADDENDUM: Mais geralmente, qualquer ato pode ser utilizado para se alcançar qualquer fito, pelo magista que sabe como fazer os elos necessários.

53. Isto regenerará o mundo, o mundozinho minha irmã, meu coração e minha língua, a quem eu mando este beijo. Também, ó escriba e profeta, se bem que tu és dos príncipes, isto não te redimirá nem te absolverá. Mas êxtase seja teu e alegria da terra: sempre A me! A me!

É claro que este “beijo” (isto é, este livro) regenerará a Terra pelo estabelecimento da Lei de Liberdade. “Meu coração e minha língua” parece

uma mera frase expressiva de afeição; mas possivelmente tem algum significado profundo que no presente me escapa.²⁸

O segundo parágrafo é, talvez, a resposta a algum pensamento mudo meu, de que meu trabalho estava terminado. Não; se bem que eu “seja dos príncipes” com o direito de entrar em minha recompensa, é meu destino continuar minha obra (Redimirá = satisfará tua aspiração à consecução. Absolverá = te dispensará de mais deveres).

54. Não mudes sequer o estilo de uma letra; pois vê! tu, ó profeta, não verás todos estes mistérios escondidos aí.

O assunto muda muito bruscamente, talvez respondendo a algum comento mudo do escriba sobre o “A” maiúsculo em “A me”.

Esta injunção era extremamente necessária, pois tivesse eu sido deixado por minha conta, eu teria querido editar o Livro por completo. Eu encontro nele o que considero defeitos de estilo, e mesmo de gramática; muito do conteúdo era na ocasião do ditado extremamente antipático. Mas o Livro se tem provado maior que o escriba; de novo e de novo os “erros” se têm provado artifícios para transmitir uma Sabedoria além do alcance da linguagem ordinária.

55. A criança das tuas entranhas, ele os verá.

56. Não esperes do Oriente, nem do Ocidente; pois de nenhuma casa esperada vem aquela criança. Aum! Todas as palavras são sagradas e todos os profetas verdadeiros; salvo apenas que eles compreendem um pouco; resolvem a primeira parte da equação, deixam a segunda inatacada. Mas tu tens tudo na luz clara e algo, mas não tudo, na escuridão.

Todos os sistemas prévios foram sectários, baseados numa cosmografia tradicional tanto grosseira quanto incorreta. Nosso sistema é baseado em

²⁸ Nota de M.: Os antigos egípcios consideravam o coração como o centro da faculdade de inteligência; a língua tem sempre sido um símbolo do Logos, a Palavra. Neste caso, talvez coração = Ra Hoor Khuit e língua = Thoth. Veja-se *Liber Resh*.

absoluta ciência e filosofia. Nós temos “tudo na luz clara”, aquela da Razão, porque nosso Misticismo está baseado num Cepticismo absoluto. Mas na época em que isto foi ditado eu tinha pouquíssima experiência mística, como meus relatórios demonstram. O fato é que eu estava longe, muito longe, sequer do Grau de Mestre do Templo. Portanto, eu não podia compreender direito este Livro; como poderia eu promulgá-lo efetivamente? Eu compreendia apenas vagamente que ele continha minha Palavra; pois o Grau de Magus me parecia então tremendamente acima de mim. Também, permitasse que eu diga que os Verdadeiros Segredos desse Grau são profundos e terríveis, acima de qualquer expressão; o processo de iniciação a ele foi contínuo através de anos e anos, e conteve as mais sublimes experiências místicas — além de quaisquer já registradas pelo homem — como meros incidentes em sua tremenda Progressão.

A “equação” é a representação da Verdade através da Palavra.²⁹

Capítulo 54 — Calafetando de novo a Loja.

Cinco e quarenta aprendizes de pedreiro sem trabalho! Quinze companheiros sem trabalho!

Três Pedreiros Mestres sem trabalho!

Todos estes sentados de cócoras esperando O Relatório dos Vilegiaturistas; pois A PALAVRA fora perdida.

Este é o Relatório dos Vilegiaturistas: A PALAVRA era LOVE (1) (AMOR); e seu número é Cento e Onze.

Então cada um disse AMO (2); pois seu número é Cento e Onze.

Cada um tomou a trolha de seu LAP (3) (colo), cujo número é Cento e Onze.

²⁹ Nota de M.: Note-se que o assunto muda de uma hora para outra no verso após a palavra Aum! A. Crowley pensara nesta palavra neste momento; era uma pela qual ele tinha grande respeito, e ele ficara perturbadíssimo desde a asserção categórica no verso 49. Mas Aum — 111 — é de fato um hieróglifo imperfeito, se bem que levou anos para Crowley compreender isto. Veja-se *Livro Quatro*, Parte III, Capítulo 7, Seção 5. Apomos a seguir um capítulo de *Liber 333* que deve, com seu comentário, ser cuidadosamente estudado por todo Aspirante sério, pois os Irmãos Negros — claro — continuam tentando empregar a palavra obsoleta no seu sentido obsoleto, e esta é uma das arapucas dos “escravos de Porque” que Thelemitas devem evitar.

Cada um além do mais invocou a Deusa NINA (4); pois o número d'Ela é Cento e Onze.

No entanto com tudo isto O Trabalho continuou dando errado; pois A PALAVRA DA LEI É THÊLEMA

(1) L = 30, O = 70, V = 6, E = 5 (soma = 111).

(2) A = 1, M = 40, O = 70 (soma = 111).

(3) A trolha tem a forma de um diamante ou Yoni. L = 30, A = 1, P = 80 (soma = 111).

(4) N = 50, I = 10, N = 50, A = 1 (soma = 111).

COMENTÁRIO A ESTE CAPÍTULO POR ALEISTER CROWLEY

O título deste capítulo se refere ao dever do calafate numa Loja Azul de Pedreiros Livres.

Os números nos parágrafos de 1 a 3 tem significado: cada Mestre Maçon é servido por 5 companheiros, e cada Companheiro por 3 Aprendizes, como se os Mestres estivessem sentados em Pentagramas, e os companheiros em Triângulos. Isto pode referir-se ao número de sinais manuais em cada um desses três graus.

A moral do capítulo é aparentemente que a letra mãe (Aleph, ALP, em cheio = 111) é uma solução inadequada do Grande Problema é identificado com o Yoni, pois todos os símbolos em conexão aqui com a letra são femininos, mas é também um número de Samadhi e misticismo, e a doutrina é, portanto, que a Magia, naquele mais elevado senso explicado no Livro da Lei, é a chave mais verdadeira.³⁰

³⁰ Nota de M.: AUM = (A = 1, O = 70, M = 40) = 111. A característica principal dos Irmãos Negros, quando um Equinócio dos Deuses se processa, é que são incapazes de perceber o significado espiritual da mudança. Nem poderia ser de outra forma, desde que eles deliberadamente se recusam a receber admonições de Binah, que eles interpretam como mensagens de uma "Entidade Maligna" que deseja destruí-los (Realmente, Binah deseja destruí-los. O preço da Iniciação é a morte). Portanto, eles persistem em usar as fórmulas obsoletas, tentam destruir toda manifestação da fórmula nova, recusam-se a aceitar a orientação ou gestão daqueles cuja autoridade é oriunda da Palavra Nova e — em suma — se portam como crianças rebeldes e mimadas.

57. Invocai-me sob as minhas estrelas! Amor é a lei, amor sob vontade. Nem confundam os tolos do amor; pois existem amor e amor. Existe o pombo, e existe a serpente. Escolhei bem! Ele, meu profeta, escolheu, conhecendo a lei da fortaleza, e o grande mistério da Casa de Deus. Todas estas velhas letras de meu Livro estão corretas; mas ♃ não é a estrela. Isto também é secreto: meu profeta revelará aos sábios.

“Amor é a lei, amor sob vontade” é uma interpretação da lei geral da Vontade. *Liber Aleph* trata disto detalhadamente. Referimos o leitor aos Capítulos 105, 120, 121, 139, 141, 142, 192, 193, 194, 196, 198, 199, 200, 201, 203, entre outros.

Eu não vejo motivo para não revelar o mistério de ♃ aos sábios; outros não compreenderão minhas explicações.

Tzaddi é a letra do Imperador, o Atu IV, e He é a letra da Estrela, o Atu XVII. Aquarius e Áries são, portanto, transferidos, revolvendo no pivô de Pisces, justamente como, nos Trunfos XI e VIII, Leo e Libra, revolvem em torno de Virgo. Esta última revelação torna as atribuições do Tarô sublimemente, perfeitamente, completamente simétricas.

O fato que assim fazem é uma prova extremamente convincente da sobre-humana Sabedoria do autor deste livro, para aqueles que se esforçaram anos, em vão, por elucidar os problemas do Tarô.

Convenhamos que seja difícil a um iniciado Hindu, por exemplo, absorver a ideia de que AUM é um hieróglifo imperfeito. Há mais de dez mil anos que Krishna (cuja Palavra era AUM — veja-se *Liber Aleph*, Capítulo 71) é adorado na Índia como “a mais perfeita encarnação da Divindade” (Krishna foi um Avatar de Vishnu, assim como THERION é um Avatar de Shiva). Mas o leitor grandemente ousado talvez se atreva a conceber que, por mais atrasada e bronca que seja a raça humana, pode ser que em dez mil anos de esforço ela tenha conseguido chegar a uma compreensão mais avançada — nem que seja um ou dois milímetros — do Universo em que vivemos. Talvez até mesmo alguns hindus sejam capazes de admitir isto. Pelo menos certos Iogues Tântricos de elevada iniciação, e certos Adoradores de Shiva, e Kali, perceberam porque o Nome Espiritual de Aleister Crowley na Tradição Iniciática Hindu é MAHATMA GURU SRI PARAMAHANSA SHIVAJI.

O Aspirante sério é aconselhado a ler o magnífico poema THE SHIP no *Equinócio I*, 10. Os três assassinos — um negro, um amarelo e um branco — representam as três correntes iniciáticas atacando o Novo Magus. E aprendendo a própria custa (e a custa d’Ele — mas afinal de contas, é para isso que Ele veio) que A PALAVRA DA LEI É THÊLEMA.

“Invoca-me, etc.”, eu tomo literalmente, Veja-se *Liber NV* para este ritual.

“Amor sob vontade” — não casual amor pagão; nem amor sob medo, como o cristão faz. Mas amor magicamente dirigido, e usado como fórmula espiritual.

Este amor, então, o deve ser o amor serpente, o acordar de Kundalini. O mistério restante é de ♃, inadequado ao grau no qual este comento é escrito.³¹

58. Eu dou alegrias inimagináveis sobre a terra; certeza, não fé, enquanto em vida, sobre a morte; paz inominável, descanso, êxtase; nem exijo Eu coisa alguma em sacrifício.

Estas alegrias são principalmente (1) a Visão Beatífica, em que a beleza está constantemente presente no recipiente da graça d’Ela, acompanhada de uma alegria calma e indizível; (2) a Visão de Maravilha, em que o Mistério inteiro do Universo é constantemente compreendido e admirado por seu Engenho e Sabedoria.³²

A certeza sobre a morte é conferida pela Memória Mágica, e várias Experiências sem as quais a Vida é ininteligível.³³

“Paz inominável” é dada pelo Trance em que a Matéria é destruída; “descanso”, por aquele que finalmente equilibra o Movimento.

“Êxtase” se refere a um Transe que combina estes.

“Nem exijo Eu coisa alguma em sacrifício” — o ritual de adoração é Samadhi. Mas veja-se adiante, verso 61

³¹ Nota de M.: Um comento é necessário sobre “o pombo e a serpente”. O Pombo é o símbolo do amor heterossexual, entre homem e mulher; a serpente é um símbolo do amor homossexual, entre homens. O leitor talvez se lembre aqui da passagem do Novo Testamento, onde “Jesus” diz “sede sábios como a serpente, e inocentes como o pombo”. O estudante sério é referido ao Scholion sobre *Liber Samekh*, Apêndice de *Livro Quatro*, Seção J; a longa nota no Capítulo IV de Parte III do *Livro Quarto*, sobre a palavra ALIM; aos seguintes capítulos de *Liber Aleph*: 173, 174, 175, 176 e 185; aos versos 14 — 21 e 34 — 36 de *Liber CCCLXX*; ao Comentário ao verso 52 de *AL*, especialmente parágrafos 39 — 40; e ao Hino em *Liber XV*.

³² 1 — É referida a Tiphareth, ao grau de Adepto; 2 — A Binah, ao grau de Mestre do Templo.

³³ Nota de M.: Veja-se *Liber Aleph*, Capítulos 135, 119, 120, 121, 136, 137, 138, 190, 191.

Como, por exemplo, a influência de um Mestre “morto” se provando, quando você menos espera, e onde você menos espera, muito “viva”.

59. Meu incenso é de madeiras resinosas e gomas; e não existe sangue ali: por causa de meu cabelo, as árvores da Eternidade.

Parece possível que Nossa Senhora descreve Seu cabelo como “as árvores da Eternidade” por causa da estrutura, ramificada como árvores, do Cosmo. Isto é observado na Visão da “Esponja de Estrelas.” Eu devo explicar isto dando um relato comparativamente longo desta visão.

A Visão da “Esponja de Estrelas”.

Existe uma visão de um caráter peculiar, que tem sido de cardinal importância em minha vida interior, e à qual faço constante referência em meus diários mágicos. Tanto quanto eu saiba, não existe qualquer descrição desta visão em qualquer outra fonte,³⁴ e eu fiquei surpreso, ao reler meus relatórios, de verificar que não dera qualquer descrição clara ao mesmo. O motivo, é aparentemente, de uma visão, e uma importante parte de minha pessoa, que inconscientemente assumo que ela é um assunto de conhecimento geral, tal qual as pessoas sabem que temos um par de pulmões e portanto nos abtemos de mencionar o fato diretamente, se bem que talvez aludindo ao assunto com frequência.

Parece muito essencial descrever esta visão tão bem quanto possível, considerando-se a dificuldade de linguagem, e o fato que o fenômeno envolve contradições lógicas, sendo as condições de outras consciências que aquelas que normalmente funcionam.

A visão se desenvolveu gradualmente. Repetiu-se em tantas ocasiões, que eu sou incapaz de dizer em que período ela pode ser considerada como tendo se completado. O princípio, porém, é bastante claro em minha memória.

Eu estava em retiro em um bangalô com vista para o Lago Pasquaney em New Hampshire. Perdi a consciência de tudo exceto de um espaço universal, onde havia inumeráveis pontinhos brilhantes; percebi isto como uma representação física do Universo, naquilo que podemos chamar a sua estrutura essencial. Exclamei: “Nada, com pisca-piscas!” Eu me concentrei sobre esta visão, com o resultado que o espaço vazio que fora seu principal

³⁴ Nota de M.: isto foi escrito no princípio deste século; a Visão evidentemente se originou do contato de Crowley com *AL*, e desde então tem se refletido no trabalho de muitos poetas, pintores e escritores, principalmente tipos mais delicados — no último caso, de contos e novelas de “ficção” científica.

elemento diminuiu de importância; o espaço pareceu esbrasear-se, no entanto os pontos de radiância não se confundiram uns com os outros, nem se perderam no esbraseio, de maneira que completei minha sentença com a exclamação “Mas que pisca-piscas!”

O estágio seguinte desta visão levou a uma identificação dos pontinhos brilhantes com as estrelas do firmamento, com ideias, almas, etc. Eu percebi também que cada estrela estava ligada por um raio de luz com toda outra estrela. No mundo de ideias, cada pensamento possuía uma necessária relação com cada outro pensamento; cada uma de tais relações, é claro, um pensamento em si; cada raio desses é, em si, uma estrela. É aqui que a dificuldade lógica se apresenta pela primeira vez. O vidente tem uma percepção direta de uma série infinita. Logicamente, portanto, parecia como se o espaço inteiro se enchesse de um homogêneo esbraseio de luz. Isto, no entanto, não acontece. O espaço está completamente cheio; no entanto, as mônadas que o enchem são perfeitamente distintas. O leitor ordinário provavelmente exclamará que tais asserções contraditórias exibem sintomas de confusão mental. O assunto exige mais que um exame cursório. Eu não posso mais que referir o crítico ao ensaio “Introdução à Filosofia Matemática” de Hon. Bertrand Russel, onde a posição acima é completamente justificada, como também certas posições que seguem. Naquela época não tinha lido este livro; e considero uma prova notável do valor de consecuições místicas, que seus resultados devessem levar uma mente como a minha, cujo treino matemático foi extremamente elementar, à consciência imediata de algumas das mais profundas e importantes verdades matemáticas, a aquisição do poder de pensar de uma maneira totalmente diversa da mente normal, um poder que é rara propriedade dos maiores pensadores do mundo.

Um desenvolvimento mais da visão trouxe a consciência de que a estrutura do Universo é altamente organizada, que certas estrelas são de maior magnitude e brilho que outras. Eu comecei a procurar símiles que me auxiliassem a expressar isto. Diversas de tais tentativas são mencionadas adiante nesta nota. Aqui, novamente, há certas analogias com algumas das propriedades de séries infinitas, cada uma das quais pode ser duas vezes mais longa que a predecessora, e assim por diante. Não existe “conversa fiada mística” nisto. Como o Sr. Russel demonstra, verdades desta ordem são mais certas que os axiomas mais universalmente aceitos entre os homens; de fato, muitos axiomas aceitos pelo intelecto do homem médio, absolutamente, não

são verdadeiros. Mas a fim de apreciar estas verdades, é necessário educar a mente para manipular pensamentos de uma ordem que é, à primeira vista, incompatível com a racionalidade.³⁵

Eu posso aqui abrir um parêntese a fim de demonstrar como essa visão me levou diretamente à compreensão do mecanismo de certos fenômenos que até agora tinham sido postos de lado com um encolher de ombros, como sendo incompreensíveis.

EXEMPLO Nº 1: Comecei a me tornar cômico de meus próprios processos mentais; pensei em minha consciência como o Comandante-em-Chefe de um exército. Existia um grupo de especialistas para lidar com diversas contingências. Existia um departamento de inteligência para me informar sobre o meu ambiente. Existia um conselho que determinava a importância relativa dos dados que lhe eram apresentados — requeria-se apenas um ligeiro esforço de imaginação para se pensar neste conselho como debatendo; podia imaginar para mim mesmo alguma proposta taticamente brilhante sendo vetada pelo Intendente Geral. Daí foi apenas um passo para dramatizar a cena, e o pensamento me veio num instante, de que aqui estava a explicação de casos de “dupla personalidade”: aquela ilusão não é mais que uma personificação natural de um conflito interno, tal como selvagens atribuem consciência a árvores e rochas.

EXEMPLO Nº 2: Quando estava em Montauk pus meu saco-cama no sol para secar. Quando fui apanhá-lo mais tarde, disse, rindo: “É hora de dormir menino”, como se o saco-cama fosse um garotinho, e eu sua mãe. Isto foi inteiramente frívolo, mas o pensamento me veio que afinal de contas o saco-cama era, em um senso, uma parte de mim mesmo. As duas ideias se uniram com um estalo, e eu compreendi o mecanismo da ilusão de um homem que pensa que ele é um bule de chá.³⁶

³⁵ Nota de M.: O estudante que se interessar em aprofundar este assunto deve estudar a seção sobre lógica simbólica no livro do Sr. Russel, *Princípios de Matemática*, Crowley com sua modéstia característica, diz que seu treino matemático foi de ordem inferior. No entanto ele estava cômico da importância do trabalho de homens como Russel, Cantor, Whitehead, Poincaré, Riemman e outros, muito antes dos nomes deles tornarem-se conhecidos da média de estudantes universitários.

³⁶ Nota de M.: Um caso não raro em manicômios; Crowley fizera um estudo de distúrbios mentais e um estágio estudantil num sanatório, sob orientação de psiquiatras. Ele discordara

Estes dois exemplos podem dar ao leitor alguma ideia da luz com que conseqüências místicas iluminam detalhes do funcionamento da mente humana.

Desenvolvimentos seguintes da visão acentuaram a identidade entre o Universo e a mente. Minha busca por símiles aumentou. Tive a curiosa impressão de que a coisa que estava procurando era de algum modo óbvia e familiar. Finalmente explodiu sobre mim a fulminante convicção de que o símile que estava procurando era o sistema nervoso. Eu exclamei: “A mente é o sistema nervoso!”; com todo entusiasmo que Arquimedes, e só depois me lembrei explodindo numa gargalhada à minha própria ingenuidade, que minha grande descoberta não passava de uma banalidade.

Daí, cheguei ainda a outra descoberta: percebi porque é que banalidades são estúpidas. O motivo é que elas representam a conclusão de uma cadeia de raciocínio, cada uma das quais foi soberba em todos os seus detalhes no passado.

Agora me percebi capaz de traçar as cadeias de raciocínio, que finalmente coincidem em uma banalidade. Eu começava com algumas simples ideias e as desenvolvia. Cada estágio no processo era como a alegria de uma jovem águia subindo de altura a altura à luz sempre crescente, quando a madrugada espuma sobre a fímbria púrpura do manto do oceano; e então, quando os raios multicoloridos de rosa, ouro e verde se juntaram e derreteram no orbe glorioso do sol, com uma raptura que sacudiu a alma com inimaginável êxtase, aquela esfera de luz jorrando foi reconhecida como uma ideia corriqueira, aceita sem discussão e tratada com indiferença, porque já foi a tanto tempo assimilada como uma parte natural e necessária da ordem da Natureza. A princípio fiquei chocado e desgostoso ao descobrir que uma série de brilhantes pesquisas devesse culminar em um lugar comum. Mas cedo compreendi que o que fizera era reviver a carreira triunfante da humanidade conquistadora; que experimentara em minha própria pessoa a sucessão de vitórias aladas que haviam sido seladas por um tratado de paz cujas cláusulas poderiam ser resumidas em alguma expressão trivial como “Beleza depende da forma”.

Não seria praticável elaborar mais o assunto desta visão da “Esponja de Estrelas”, pois suas ramificações são uniformes. Deverá ser suficiente reiterar

profundamente de muitas das explicações destes quanto aos distúrbios dos pacientes e suas causas.

que ela tem sido a base da maior parte do meu trabalho durante os últimos cinco anos, e lembrar o leitor de que a forma essencial dela é “Nada com piscas”.

60. Meu número é 11, como todos os seus números que são de nós. A Estrela de Cinco Pontas, com um Círculo no Meio, & o círculo é Vermelho. Minha cor é negra para os cegos, mas o azul & ouro são vistos dos videntes. Também Eu tenho uma glória secreta para aqueles que me amam.

NU = 56; 56 = 5 + 6 = 11.

61. Mas amar-me é melhor que toda coisa: se sob as estrelas da noite no deserto tu presentemente queimas meu incenso diante de me, invocando-me com um coração puro, e a chama da Serpente ali contida, tu virás deitar-te em meu colo um bocadinho. Por um beijo tu então quererás dar tudo; mas quem quer que dê uma partícula de pó perderá tudo naquela hora. Vós ajuntareis mercadorias e quantidades de mulheres e especiarias; vós usareis ricas joias; vós excedereis as nações da terra em esplendor e orgulho; mas sempre no amor de me, e assim vireis à minha alegria. Eu te urjo seriamente a que venhas diante de me em uma vestimenta única, e coberto com um rico diadema. Eu te amo! Eu te desejo! Pálido ou púrpura, velado ou voluptuoso. Eu que sou todo prazer e púrpura, e embriaguez no senso mais íntimo, te desejo. Põe as asas, e acorda o esplendor enroscado dentro de ti: vem a me.

62. Em todos os meus encontros contigo a sacerdotisa dirá — e seus olhos queimarão com desejo enquanto ela está de pé nua e regozijante em meu templo secreto — A me! A me! evocando a chama dos corações de todos em seu cântico de amor.

É evidente que Nossa Senhora, em Sua Personalidade, envolve em alguma forma de adoração mais ou menos aberta, apropriada para leigos. Com o estabelecimento da Lei, algo deste tipo talvez se torne possível. É

apenas necessário matar o senso de “pecado”, com sua falsa vergonha e seu medo da natureza.³⁷

63. Canta a canção de amor feliz para me! Queima perfumes para me! Usa joias para me! Bebe a me, pois Eu te amo! Eu te amo!

Todos os atos que excitam o divino no homem são próprios ao Rito de Invocação.

A Religião tal como compreendida pelos “cristãos”, é em tudo o oposto disto. Ele parece desejar matar a sua própria alma proibindo toda sua expressão, e prática capaz de despertar esta expressão.

Para o inferno com isto.

“Isto é pecado:

Manter teu santo espírito encerrado!”

Em particular, permita-se-me exortar todos os homens e todas as mulheres — pois eles são estrelas — a ponderar bem este santo Verso.

Religião Verdadeira é intoxicação, em um senso. Alhures nos é dito que intoxicuemos o mais íntimo, não o mais externo; mas eu creio que a palavra “vinho” deveria ser entendida, no seu amplo senso, como aquilo que abre as portas para a alma. Clima, solo e raça mudam as condições; cada homem ou mulher deve encontrar e escolher o intoxicante apto. Assim, hashish, em uma ou outra de suas formas, parece servir ao Moslem, cujo clima é quente e seco; ópio serve para o Mongol; uísque para o temperamento fleumático e o clima úmido frio do escocês.

A expressão sexual, também, depende de clima e assim por diante, de forma que devemos interpretar a Lei para servir a um Sócrates, a um “Jesus”, a um Burton, ou a uma Marie Antoinette e uma Lambelle, tanto quanto aos nossos Don Juans e Faustinas.

Com esta expansão, e para honra e glória d’Eles, da sua Natureza, nós aclamamos, portanto, como nossos ajudantes Dionísio, Afrodite e Apolo, Vinho, Mulher e Música.

³⁷ Nota de M.: Ver *Liber XV*, a Missa da Igreja Católica Gnóstica.

Intoxicação, isto é, êxtase, é a chave da Realidade. É explicado em “Entusiasmo Energizado” que existem três Deuses cuja função é trazer a Alma à Realização de sua própria glória: Dionísio, Afrodite e Apolo; Vinho, Mulher e Música.

Os antigos, tanto nas mais altas civilizações (como na Grécia e no Egito), quanto na selvajaria mais primitiva (como entre os Buriats e os Papuanos), estavam completamente cômicos disto, e faziam de suas cerimônias religiosas “orgia”, isto é, Obras. A malícia “cristã”, não conseguindo compreender o que estava acontecendo, degradou a palavra “orgia” para significar deboche. É a velha história da raposa que perdeu a cauda. Se você é incapaz de fazer uma coisa, diga que ela é impossível; ou, se ela for evidentemente absurda, chame-a de malvada.

É gente sem imaginação nem sensibilidade que nega poesia, gente sem capacidade para Êxtase ou Vontade que chama o Misticismo de fantasia e Magia de Ilusão. São velhos e velhas impotentes, castrados e psicopatas que pretendem detestar o Amor, e perseguem Mulheres Livres e Homens Livres.

Esse absurdo chegou ao ponto que em certas e, comunidades de escravos o uso do vinho é proibido por Leis.³⁸

Desejo frisar aqui que a Lei de Thêlema definitivamente nos urge, como um ato necessário de religião, a “beber vinhos doces e vinhos que espumam”. Qualquer homem ou mulher livre que reside em qualquer comunidade onde isto é proibido tem a escolher apenas entre dois deveres: insurreição ou imigração.

Beber furtivamente para não desafiar a restrição, não é Liberdade. Dissimulação tende a fazer dos homens escravos e hipócritas, e a destruir respeito por leis.

Não temais: dois anos após vodca ser proibida, a Rússia, que tinha aturado mil tiranias menores com paciência durante séculos, ergueu-se em Revolução.

O Êxtase religioso é necessário à alma do homem. Onde isto é conseguido por práticas místicas, diretamente, como deveria ser, as pessoas

³⁸ Nota de M.: Esta passagem foi escrita durante a famosa “Lei Seca” dos Estados Unidos da América, cuja consequência, até hoje, foi dar aos EUA o maior índice de criminalidade do mundo.

não necessitam substitutos. Assim, os hindus se mantêm constantemente sóbrios, e pouco se importam com as séries de Invasores que ocuparam seu país de tempos em tempos e os governaram. Mas onde o único meio de obter esse êxtase, ou um simulacro do mesmo, que o povo conhece ³⁹ é através do álcool. Prive-os do vinho, da cerveja, ou de qual seja a bebida local, e eles a substituirão por morfina, ou cocaína, ou alguma coisa mais fácil de esconder, e de tomar sem ser descoberto.

Suprima-se ainda isto, e o resultado é Revolução. Enquanto um homem puder se livrar do seu excesso de Energia através de diversão, achará a vida mais fácil, e se submete. Depravasse-o de Prazer, de Êxtase, e sua mente começa a se ocupar sobre a maneira como é explorado e oprimido. Cedo começará, furtivamente, a atirar bombas; e cobrando força, passará a mandar seus tiranos para a forca. ⁴⁰

64. Eu sou a filha do Poente, de pálpebras azuis; Eu sou o brilho nu do voluptuoso céu noturno.

65. A me! me!

66. A Manifestação de Nuit está em um fim.

³⁹ Nota de M.: Como no nosso país crivado de “igrejas”, onde a única alegria religiosa do pobre é uma garrafa de cachaça.

⁴⁰ Nota de M.: Existe também um significado neste verso, que deve ser procurado em *Liber NV*.

CAPÍTULO II

1. Nu! o esconder de Hadit.

Vemos de novo asseverado o caráter complementar de Nu e Hadit. Nu esconde Hadit porque Ele está Em Toda Parte no Infinito, e Ela O manifesta pelo mesmo motivo (veja-se verso 3). Todo indivíduo manifesta o todo; e o Todo esconde todo Indivíduo. A Alma interpreta o Universo; e o Universo vela a Alma. A Natureza Se compreende a si mesma em se tornando autoconsciente em Suas unidades; e a Consciência perde seu senso de separatividade por dissolução n'Ela.

Tem havido muita dificuldade na ortografia (em línguas sagradas) destes nomes. Nu é claramente asseverada ser 56; mas Had é intimado apenas obscuramente. Este assunto será discutido mais tarde nos versos 15 e 16.

2. Vinde! todos vós, e aprendei o segredo que ainda não foi revelado. Eu, Hadit, sou o complemento de Nu, minha noiva. Eu não sou estendido, e Khabs é o nome de minha Casa.

Nuit é infinita Extensão; Hadit infinita contração. Khabs é a casa de Hadit, mesmo como Nuit é a Casa do Khu, e o Khabs está no Khu (I, 8). Estas teologias refletem experiências místicas de Infinita Contração e Expansão, enquanto filosoficamente são as duas Infinidades opostas cujo intercâmbio dá Finidade.

Khabs — uma estrela — é uma unidade de Nuit, e, portanto, Nuit Ela Mesma. Esta doutrina é enormemente difícil de apreensão, mesmo após estes muitos anos de estudo.

Hadit é a “cor de toda estrela” (verso 6). Ele é assim a Identidade Impessoal dentro da Individualidade de “todo homem e toda mulher”.

Ele “não é estendido”; isto é, sem condição de qualquer tipo no senso metafísico. Apenas nos mais altos transes pode a natureza destas verdades ser

realizada. É de fato uma experiência supranacional, não dessemelhante àquelas características da Visão das “Esponjas de Estrelas” ⁴¹ previamente descrita, que nos pode ajudar aqui. A dificuldade é que a verdade mesma não é apta para a razão dualística do homem “normal”. Hadit parece ser o princípio de Movimento que está em toda parte, no entanto não está estendido em qualquer direção a não ser conforme ele fortuitamente combina com a “Matéria” que é Nuit. Não pode evidentemente haver qualquer manifestação à parte de conjunção. Um Khabs ou Estrela é aparentemente qualquer núcleo onde essa conjunção ocorreu. A real dificuldade filosófica desta cosmogonia não está em qualquer equação, ou mesmo na Equação Original. Nós podemos compreender $x = ab$, $x = a, b$, etc.; e, também, $0^0 = pa qb$, quer $pa qb = 0$ ou não. Mas nós perguntamos como a homogeneidade tanto de Nuit quanto de Hadit pode jamais levar mesmo à ilusão de “diferença”. A resposta parece ser que esta diferença aparece naturalmente com a auto-realização de Nuit como a totalidade de possibilidades; cada uma destas, separadamente e em combinação, é satisfeita ou posta em movimento por Hadit, para compor uma manifestação particular, não poderia possuir qualquer significado, a não ser que houvesse diversas dimensões onde não tem extensão. “Nada” nada significa a não ser do ponto de vista de “Dois”, justamente como “Dois” é monstruoso a não ser que seja visto como um modo de “Nada”.

A explicação acima parece um tanto carente de ingenuidade, desde que não há meio de distinguirmos qualquer União $H \times N = R$ de outra. Devemos postular outro estágio.

R (Ra-Hoor-Khuit) Kether, Unidade, é sempre em si mesmo; mas nós podemos supor que um número de tais manifestações homogêneas e positivas podem formar grupos diferindo uns dos outros quanto ao tamanho e estrutura, de forma a criar ilusão de diversidade.

3. Na esfera Eu sou em toda parte o centro, tal qual ela, a circunferência, em parte alguma é encontrada.

Outro desenvolvimento do significado mais elevado. Na fraseologia deste verso está sugerida uma antiga definição de Deus: “Ele cujo centro está em toda parte e cuja circunferência não está em parte alguma”.

⁴¹ Os Comentários Mágicos & Filosóficos do Livro da Lei vol. I.

Isto é novamente interessante porque esclarece a tese: “Todo homem e toda mulher é uma estrela”. Não existe qualquer lugar que não seja um Centro de Luz.

Esta Verdade deve ser compreendida por percepção direta, não apenas através do intelecto. É axiomática; não pode ser demonstrada.

4. No entanto ela será conhecida e Eu nunca.

A circunferência de Nuit toca Ra-Hoor-Khuit, Kether; mas o centro d’Ela, Hadit, está oculto para sempre acima de Kether.

Veja-se adiante o verso 13, “Tu ⁴² eras o conhecedor”. Hadit possui o poder de conhecer, Nuit aquele de ser conhecida. Nuit tem alguma relação com a ideia de Nibbana, o “Mar sem Margens”, onde o conhecimento Não é.

Hadit está oculto em Nuit, e A conhece, Ela sendo um objeto de conhecimento; mas Ele não pode ser conhecido, pois Ele é meramente aquela parte d’Ela que Ela formula a fim de que possa ser conhecida.

5. Vede! os rituais do velho tempo são negros. Que os ruins sejam atirados fora; que os bons sejam purgados pelo profeta! Então este Conhecimento irá corretamente.

O “velho tempo” é o Æon do Deus Sacrificado. Alguns de seus rituais estavam baseados numa metafísica conforme cosmogonia totalmente falsa; mas outros estão baseados em Verdade. Nós consertamos estes, e acabamos com aqueles.

Este “Conhecimento” é a Sabedoria iniciada deste Æon de Hórus.

Veja-se *Livro 4*, Parte III, para uma descrição dos novos princípios de Magia.

Note-se que Conhecimento é Daath, o filho de Chokmah por Binah, e coroa de Microprosopus; no entanto ele não é uma das Sephiroth, e seu lugar é no Abismo. Através deste simbolismo nós chamamos atenção para o fato que Conhecimento é por natureza impossível; pois implica em Dualidade, e é, portanto, relativo. Qualquer proposição de Conhecimento pode ser escrita

⁴² Isto é, a Besta, que é a Máscara, ou “Persona” de Hadit.

“ARB”: “A tem a relação R com B”. Agora, se A e B são idênticos, a proposição não transmite qualquer conhecimento. Se A não é idêntico a B, ARB implica “A é idêntico com BC”; isto assume que não menos de três ideias distintas existem. Em todo caso, devemos quer aquela identidade que ultimamente significa “Nada”, ou as divergentes diversidades que apenas parecem significar alguma coisa enquanto nos abstermos de continuar a análise de qualquer termo até chegarmos aos seus elementos lógicos. Por exemplo, “açúcar é açúcar” obviamente não é conhecimento. Mas não mais é isto: “Açúcar é um carboidrato branco, doce e cristalino”. Pois cada um desses quatro termos descreve uma impressão sensória para nós mesmos; e nós definimos impressões apenas em termos de coisas tais como o açúcar. Assim, “doce” significa “a qualidade que nosso gosto atribui ao mel, açúcar, etc.”; “branco” é “aquilo que neve, óxido de zinco e açúcar transmitem à nossa visão”; e assim por diante. A proposição é ultimamente uma identidade, apesar de todas as nossas tentativas de evadir a questão criando complicações. Portanto “Conhecimento” não é ‘uma coisa em si’; é corretamente mantido fora da Árvore da Vida; seu lugar é no Abismo.

Além das considerações acima, pode ser observado que o Conhecimento, no quanto ele possa existir de todo, mesmo como uma asserção de relação, não é mais que um momentâneo fenômeno de consciência. É aniquilado no momento mesmo de sua criação. Pois tão cedo nós assentimos em ARB, ARB é absorvido em nossa concepção de A. Após os nove dias de espanto diante da ideia, “A terra revolver diante do sol”, nós modificamos nossa antiga ideia da Terra. “Terra” é intuitivamente classificada com os outros satélites do sol. A proposição desaparece automaticamente ao ser assimilada. Conhecimento, no quanto existe como tal, é consequentemente *sub judice* no melhor dos casos.

Então que podemos nós compreender como sendo a compreensão deste verso, com seu “C” maiúsculo para Conhecimento? O que é ele, e como “irá corretamente”? A chave está na palavra “ir”. O Conhecimento não pode “ser”, como vimos acima; o erro fundamental dos “Irmãos Negros”, na política é de resistir a toda Mudança, que eles tentam manter o Conhecimento como fixo e absoluto. Mas (como a Árvore da Vida indica) Conhecimento é o meio pelo qual a mente consciente, Microprosopus, alcança Compreensão e Sabedoria, sua mãe e pai, que refletem, respectivamente, Nuit e Hadit do Ain e de Kether. O processo é usar cada novo item de conhecimento para corrigir e aumentar nossa compreensão do Assunto da Proposição. Assim, ARB nos deveria dizer:

A é (não A como nós supúnhamos) APENAS A. Isto facilita a descoberta A.R.C. levando a A é A₂; e assim por diante. Na prática, tudo que nós aprendemos sobre, por ex., “cavalo” nos ajuda a compreender — a usufruir a ideia. A diferença entre o letrado e o garoto de escola é que aquele exulta e se alegra quando lhe lembram uma palavra como “Thalassa”. Nós Mesmos — Que procissão de sentimentos passionais empurra Nossas mentes quando pensamos no número 93! Mais que tudo, cada nova coisa que aprendemos sobre nós mesmos nos ajuda a perceber o que queremos significar por nossa “Estrela”.

Agora, os rituais “do velho tempo” não são mais veículos válidos; o Conhecimento não pode “ir corretamente” enquanto eles não forem adaptados à Fórmula do Novo Æon. Seus defeitos são principalmente por dois erros ocasionados:

(1) O Universo foi concebido como possuindo um centro fixo, ou cume; um padrão absoluto no qual todas as coisas podiam ser referidas; uma Unidade, ou Deus.⁴³ Isto levou a estabelecer diferença entre uma coisa e outra, e assim as ideias de superioridade, de pecado, etc., terminando em absurdos de todos os tipos, tanto em teologia e ética, quanto em ciência.

(2) A absoluta antítese entre os pares de opostos. Isto é na realidade um corolário de (1). Havia um imaginário “mal absoluto” que tornou o Maniqueísmo necessário — a despeito dos véus que os Casuístas⁴⁴ lançaram sobre ele — e significava “Aquilo que nos leva para longe de Deus”. Mas cada homem, enquanto postulando um “Deus” absoluto, O definia inconscientemente em termos de fantasmas freudianos criados pelo seu próprio maquinismo interno de auto-engabelamento. Assim, “Deus” e “Mal” eram na realidade expressões de preconceito pessoal. Um homem que “se curvava humildemente diante da Autoridade do Papa”, ou da Bíblia, ou do Sanhedrim, ou do Oráculo de Apolo, ou do Curandeiro de Tribo, estava em qualquer dos casos expressando seu desejo de abdicar sua responsabilidade. À luz deste Livro, nós sabemos agora que o centro está em toda parte, a circunferência em nenhuma; que “todo homem e toda mulher é uma estrela”, um “Khabs”, o nome da casa de Hadit; que “A palavra de Pecado é Restrição”.

⁴³ Místicos ficavam frequentemente zangados e confusos, quando, tendo atingido “União com Deus”, encontravam Deus igualmente em todos.

⁴⁴ Nota de M.: Como aquele arquisofista, São Tomás de Aquino, por exemplo.

Para nós, então, o “mal” é um termo relativo; é aquilo que nos impede de executar nossa Verdadeira Vontade.⁴⁵

Os Rituais Osirianos inculcando auto-sacrifício a um ideal abstrato, mutilação para pacificar uma moralidade *ex cathedra*, fidelidade à fórmulas estabelecidas *a priori*, etc., ensinam métodos falsos e fúteis de se adquirir um Conhecimento falso; eles devem ser “jogados fora” ou “purgados”. As Escolas de Iniciação tem que ser reformadas.

6. Eu sou a flama que queima em todo coração de homem, e no âmago de toda estrela. Eu sou Vida, e o doador de Vida, no entanto por isto conhecer-me é conhecer a morte.

Hadit é o Ego ou Ātman em todas as coisas, mas claro, uma coisa muito mais elevada e secreta do que tudo que os Hindus compreenderam pelo termo. E, claro, a distinção entre Ego e Ego é uma ilusão. Daí Hadit, que é a vida de tudo que é, se conhecido se torna a morte daquela individualidade.

Segue que, como Hadit jamais pode ser conhecido (verso 4), a morte não existe. A morte do indivíduo é o despertar dele para a imortalidade impessoal de Hadit. Isto se aplica menos à morte física que a Passagem do Abismo; para a qual veja-se *Liber 418, Décimo Quarto Æthyr*. Podemos conseguir nos tornar cômicos de que somos apenas uma “criança” particular do Jogo de Nuit e Hadit; nossa personalidade então é percebida como se fosse um disfarce. Não apenas não é uma coisa viva, como pensávamos; mas é um mero símbolo sem substância, incapaz de vida. É a forma convencional de certo cacho de pensamentos, eles mesmos os símbolos parciais e hieroglíficos de um “ego”. O “homem” consciente e sensível é para seu Ente apenas o que as letras impressas nesta página são para mim, que as fiz se manifestarem em cor e forma. Elas são truques arbitrários para comunicar meu pensamento; eu poderia usar o francês ou o grego, com o mesmo resultado. Nem é este pensamento, aqui comunicado, mais que um raio de meu Orbe; e mesmo aquele Orbe inteiro é apenas a vestimenta de Me. A analogia é precisa; portanto, quando nos tornamos o “conhecedor”, isto envolve a “morte” de todo senso do Ego. Percebemos nossa personalidade precisamente como eu

⁴⁵ Exemplo: a chuva pode ser “boa” ou “má” para o agricultor, de acordo com os requerimentos da sua lavoura.

percebo estas letras impressas; e elas são esquecidas na medida em que, absorvido em meu pensamento, o autômato treinado de minha mente e corpo expressaram aquele pensamento pela escrita, sem atenção de minha parte, ainda menos com identificação dos extremos envolvidos no processo.⁴⁶

⁴⁶ Nota de M.: veja-se LXV, Cap. I, 41-46; Cap. II, 26, 63-64; Cap. III, 64- 65; Cap. IV, 28-29, 59-60; Cap. V, 1-4, 25, e os Comentários pertinentes.

Liber LXV, cap. I:

41. *(Cá o escriba estava colérico, e falou:*

Ó Adonai e meu mestre, suportei o tinteiro e a pena sem paga, para poder buscar este rio de Amrit, e nele navegar como um de vós. Como gratificação peço para compartilhar do eco de vossos beijos.)

42. *(E imediatamente lhe foi concedido.)*

43. *(Não; mas ele não se deu por satisfeito. Lutou contra uma vergonha infinitamente humilhante. Então uma voz:)*

44. *Lutas sempre; mesmo em tua entrega lutas para te entregares - e te digo! não te entregas.*

45. *Vás até os recantos mais ermos e domina todas as coisas.*

46. *Domina teu medo e teu desgosto. Então - te entrega!*

Liber LXV, cap. II:

26. *Oh, silêncio! Oh, êxtase! Oh, fim das coisas visíveis e invisíveis! Tudo isto é meu, que Não sou.*

63. *Que a escuridão encubra o escrito! Que o escriba parta por seus caminhos.*

64. *Mas tu e eu repousamos aliviados entre o vinhedo; o que é ele?*

Liber LXV, cap. III:

64. *Glorioso, glorioso, glorioso És, Ó meu amante celestial, Ó Ser de mim mesmo.*

65. *Pois igualmente Te encontrei no Mim e no Ti; não há diferença, Ó meu belo, meu desejabilíssimo! No Uno e no Múltiplo Te encontrei; sim, Te encontrei.*

Liber LXV, cap. IV:

28. *Exausto, exausto! disse o escriba, quem me conduzirá à visão do Êxtase de meu mestre?*

29. *Está cansado o corpo, a alma dolorosamente exausta e o sono lhe pesa nas pálpebras; ainda assim mantém a firme consciência do êxtase, desconhecido, ainda que saibamos que seu ser é verdadeiro. Ó Senhor, venha em meu auxílio, e leva-me ao gozo do Bem-Amado!*

59. *Desfaleces, falhas, ó escriba; brada a desolada Voz; mas te enchi de um vinho cujo sabor não conheces.*

60. *Com ele poderás embriagar o povo da antiga esfera cinzenta que rola pelo Longínquo infinito; sorverão o vinho como cães que lambem o sangue de uma bela cortesã atravessada pela Lança de um veloz cavaleiro que passa pela cidade.*

7. Eu sou o Mago e Exorcista. Eu sou o eixo da roda, e o cubo no círculo. Vinde a mim é uma palavra tola; pois sou Eu que vou.

Hadit é tanto o Criador da ilusão quanto seu destruidor. Pois se bem que o intercâmbio d'Ele com Nuit resulta na produção do Finito, no entanto Seu retiro para dentro de Si Mesmo é a destruição daquele Finito.

“O eixo da roda”, outra maneira de dizer que ele é o Âmagos das coisas.

“O cubo no círculo”, veja-se *Liber 418*, “A Visão e a Voz”, 30º Æthyr.

“Vinde a mim” é uma palavra tola; pois “sou Eu que Vou.” *Liber Aleph* deve ser consultado para uma completa demonstração deste verdade. Nós podemos dizer aqui brevemente que Hadit é Movimento, isto é, Mudança ou “Amor”. O símbolo da Divindade no Egito era o Ankh, que é uma atadura de sandália, implicando o Poder de Ir; e sugere a Rosa Cruz, o Cumprimento do Amor, por sua forma.

A roda e o Círculo são evidentemente símbolos de Nuit; esta sentença insiste na concepção de Lingam-Yoni. Mas além da relação óbvia, nós observamos duas definições geométricas. O eixo é um cilindro colocado perpendicularmente ao plano da roda; assim, Hadit supre a terceira dimensão a Nuit. Isto sugere que a Matéria deve ser concebida como tendo duas dimensões apenas; isto é, talvez, como possuindo duas qualidades: extensão e potencialidade. A estas Hadit traz movimento e posição. A roda gira; manifestação é possível agora. Sua percepção implica espaço tridimensional, e tempo. Mas note-se que o Movedor, Ele mesmo, não é movido. O cubo no círculo acentua esta questão de dimensão. O cubo é retilíneo (portanto fálico, não menos que o eixo); sua unidade sugere perfeição projetada como um

Liber LXV, cap. V:

1. *Ah! meu Senhor Adonai, brincas com o Magister na Casa dos Tesouros das Pérolas, deixe-me ouvir o eco de seus beijos.*
2. *Ao trêmulo êxtase de teu amor, não estremece o céu estrelado, como uma folha? Não sou eu a fagulha de luz carregada em redemoinhos pelo grandioso vento de tua perfeição?*
3. *Sim, bradou o Mais Sagrado, e com Tua fagulha Eu, o Senhor, acenderei um grande fogo; incendiarei a grande cidade na terra velha e desolada; a limparei de sua grande impureza.*
4. *E tu, Ó profeta, verá estas coisas, e não se importará com elas.*
25. *Também recorrerás sobre as coisas que os homens escreveram para si, e ele tomará parte delas como sacramento; pois Eu sou tu sou ele, e o Pilar está estabelecido no vácuo.*

sólido para a percepção humana; suas faces quadradas afirmam balanço, equidade e limitação; seus seis lados o colocam entre os símbolos solares. É assim como o Sol no Zodíaco, que não é mais que o campo para o cumprimento d'Ele em Sua Ida. Por virtude de suas sucessivas relações com cada grau do círculo, Se veste com uma aparência de “Matéria em Movimento”, se bem que movimento absoluto através do espaço é uma expressão sem significado (Eddington). Apesar disto, cada ponto — há dois deles — tem uma relação com todo ponto do círculo diretamente balanceado, contra uma relação igual e oposta. Nós temos assim Matéria que tanto é, como não é, Movimento que move e não move, interagindo em uma variedade de maneiras que são infinitas para indivíduos manifestados, cada um dos quais diverso de qualquer outro, no entanto, é simetricamente suportado pela sua contraparte. Note-se que mesmo no centro de gravidade do cubo nenhum dois raios são idênticos exceto em comprimento. Eles diferem quanto ao seu ponto de contato com o círculo, sua reta ascensão, e sua relação com os outros pontos do cubo.

Por que é Nuit restringida a duas dimensões? Nós usualmente pensamos no espaço como uma esfera. “Nenhum e Dois”: extensão e potencialidade são as únicas projeções que Ela faz do Nada. É estranho, por sinal, descobrirmos que a moderna matemática assevera que “Espaço esférico não é muito fácil de imaginar” (Eddington, Op. Cit., pág. 158), e prefere atribuir uma forma geométrica, cuja semelhança com a Kteis é assombrosa. Pois Nuit é, filosoficamente falando, o arquiteto do Kteis, dando Forma apropriada a todo Ente, e oferecendo toda possibilidade de cumprimento a todo e qualquer ponto que ela envolve. Mas Nuit não pode ser simbolizada como tridimensional em nosso sistema; cada unidade tem posição por três coordenadas espaciais, e uma temporal. Não pode existir, em nossa consciência, com menos que isto, como uma realidade. Cada “indivíduo” deve ser um “ponto-intervalo”; ele deve ser o produto de alguma parte da Matéria de Nuit (com possibilidades especiais) e do Movimento de Hadit (com energias especiais) determinado no espaço por suas relações com seus vizinhos, e no tempo por suas relações consigo mesmo.

É, evidentemente, “uma palavra tola” para Hadit dizer “vinde a mim”, como disse Nuit muito naturalmente, significando, “Cumpra tuas

possibilidades”; pois quem pode “ir ao” Movimento mesmo, quem pode chegar perto daquilo que é em verdade sua mais íntima identidade? ⁴⁷

8. Quem adorou Heru-pa-Kraat adorou-me; erro, pois Eu sou o adorante.

Harpócrates é também a Alma-Anã, o Ente Secreto de cada homem, a Serpente com Cabeça de Leão. Agora, Hadit conhece Nuit por virtude de seu “Ir” ou “Amor”. É, portanto, errado adorar Hadit; devemos ser Hadit, e adorá-lo. Isto se torna claro mesmo na instrução d’Ele “Para adorar-me” no verso 22 deste Capítulo. Confira-se Capítulo I, verso 9. Somos exortados a nos oferecer a Nuit, peregrinos em todos os seus templos. É má Magia admitir que somos outro que Nosso ser mais íntimo. Devemos nos atirar apaixonadamente a toda experiência possível; procedendo assim somos purgados daqueles preconceitos pessoais que tomamos tão estupidamente por nós mesmos, se bem que nos impediram de realizar nossas Verdadeiras Vontades e de conhecer nossos Nomes e Naturezas. O Aspirante deve compreender bem que não é paradoxo dizer que a Aniquilação do Ego no Abismo é a condição para a emancipação do Verdadeiro Ente, e sua exaltação a alturas inimagináveis. Enquanto permanecemos “nós mesmos” (resistindo à mudança) somos atropelados pelo Universo; destrua-se o senso de “si mesmo”, e todo evento é igualmente uma expressão de nossa Vontade, desde que sua ocorrência é a resultante do concurso das forças que reconhecemos como nossas próprias.

9. Lembrai-vos todos vós de que existência é pura alegria; de que todos os sofrimentos são apenas como sombras; eles passam e estão acabados; mas existe aquilo que resta.

Este verso é muito completamente explicado em *Liber Aleph*. “Todos deste tipo são apenas sombras” diz Shakespeare, referindo-se a atores. O Universo é um Jogo de Marionetes para o divertimento de Nuit e Hadit em suas Núpcias; um verdadeiro Sonho de Uma Noite de Verão. Assim nós rimos dos pretensos sofrimentos de Pyramus e Thisbe, das desajeitadas cambalhotas

⁴⁷ Nota de M.: A expressão “uma palavra tola” deve calar no Estudante que se recorda de I, Versos 11 e 31, e nossas notas; e se recordar de certas passagens dos “Evangelhos” como, “Vinde a mim, vós que chorais, e sereis consolados”... Não só uma palavra tola; palavras de um tolo!

de Bottom; pois nós compreendemos a Verdade das Coisas, como tudo é uma dança de Êxtase. “Fosse o mundo compreendido, Saberíeis que ele é bom, uma dança para uma canção lírica!” A natureza dos eventos deve ser “pura alegria”; pois, obviamente, o que quer que ocorra deve ser o cumprimento da Vontade de seu mestre. O sofrimento assim aparece como o resultado de qualquer luta malsucedida — portanto, mal calculada. Aquiescência na ordem da Natureza é a Sabedoria ultimal.

Devemos compreender o Universo perfeitamente, e sermos completamente indiferentes à sua pressão. Estas são as virtudes que constituem um Mestre do Templo. No entanto, cada homem deve agir Como ele quer; pois ele é energizado por sua própria natureza. Enquanto trabalha “sem ânsia de resultado” e executa seu dever por amor ao dever, ele saberá que os “sofrimentos são apenas como sombras”. E ele mesmo é “aquilo que resta”; pois não pode ser destruído, ou sua Vontade impedida, mais do que a Matéria pode diminuir ou a Energia desaparecer. Ele é uma Unidade necessária do Universo, igual e oposta à soma total de todas as outras; e sua Vontade é semelhantemente ao fator final que completa o equilíbrio da equação dinâmica. Ele não pode falhar se quisesse; assim seus sofrimentos são apenas sombras — ele não poderia vê-los se mantivesse sua visão fixa no seu fito, o Sol.

10. ó profeta! tu tens má vontade de aprender esta escritura.

Como é relatado em Parte IV, eu era, na época desta revelação, um budista racionalista, muito convencido da

Primeira Nobre Verdade: “Tudo é Sofrimento”. Eu supunha que esse ponto de vista fosse uma verdade absoluta e final — como se Apemantus fosse o único personagem em Shakespeare!

É também explicado naquele lugar, como fui preparado para este Trabalho durante aquele período de Secura. Se tivesse estado em simpatia com ele, minha personalidade teria interferido. Teria tentado melhorar minhas instruções.

Veja-se em *Liber 418*, a série de visões pelas quais eventualmente transcendi o Sofrimento. Mas as considerações emitidas no comentário ao verso 9 levam a uma consecução mais simples, mais pura e mais perfeita para

aquele que pode assimilá-las na mente subconsciente pelo processo descrito no comento sobre o verso 6.

Pode encorajar certos tipos de aspirantes se conceituar minha posição pessoal. AIWAZ não se enganou quando pronunciou este verso — e o triunfante desprezo em seu tom ainda repercute em meu ouvido! Depois de dezessete anos de progresso espiritual sem paralelo, de êxtases inimaginavelmente intensos, de beatitudes prolongadas durante meses inteiros, de iniciações indescritivelmente exaltadas, de prova após prova do Seu poder, de Sua vigilância, de Seu amor, após ter sido protegido e energizado com incrível aptidão, ainda percebo às vezes pronto a resmungar, não, até a duvidar. Parece como se ressentisse a coisa toda. Há ocasiões em que me sinto como se a ameba, o “cristão” e a vaca representassem o ABC de criaturas invejáveis.

Pode ser que haja um puxão de melancolia em mim, como seria de esperar em um caso de fraqueza renal como o meu.

De qualquer modo, seguramente deve ser uma prova irresistível que eu e AIWAZ não somos a mesma pessoa, que Ele é meu mestre, saber que Ele pode me forçar a escrever o verso 9, numa época em que eu estava tanto intelectualmente como espiritualmente desgostoso com (e desesperado do) o Universo, ao mesmo tempo que fisicamente alarmado sobre minha saúde.

11. Eu te vejo odiar a mão e a pena; mas Eu sou mais forte.

Essa compulsão era aquela da verdadeira conspiração. Era o Karma de incontáveis encarnações de esforço em direção à luz. Existe uma repulsão aguda, tanto mental quanto física, para com qualquer iniciação, como aquela para com a morte.

O parágrafo acima declara apenas parte da verdade. Eu não estou certo de que não é uma tentativa de disfarçar o verso, que me humilha. Lembro-me muito bem do impulso de recusar a continuar escrevendo, e meu enorme ressentimento quando meus músculos recusaram-se a obedecer-me. Reflita-se que estava sendo compelido a uma objetiva recantação de praticamente todo artigo de meu credo, e eu não tinha sequer a desculpa de Cranmer. Orgulhava-me de minha capacidade pessoal como poeta, caçador e alpinista, reconhecidamente varonil; no entanto estava sendo tratado como um imbecil

hipnotizado, apenas pior, pois estava perfeitamente cômico do que estava fazendo.

12. Por causa de me em Ti, que tu não conhecias.

O uso das maiúsculas em “Me” e “Ti” acentua que Hadit estava totalmente manifestado n’A Besta.⁴⁸

Deve ser lembrado que A Besta concordou em seguir as instruções comunicadas a ele.⁴⁹

Aiwaz explica aqui que seu poder sobre mim dependia do fato que Hadit é realmente “o âmago de toda estrela”. Como é bem sabido, existe um limite para o poder do hipnotista; ele não pode conquistar a resistência do Inconsciente do seu paciente. Meu próprio Inconsciente estava assim em aliança com Aiwas; tomado entre dois fogos, meu ente consciente estava paralisado enquanto a pressão durasse. Será visto mais tarde — versos 61 a 69 — que minha consciência foi por fim invadida pelo Ente Secreto, e rendeu-se incondicionalmente, de forma que proclamou, em alta voz e alegremente, de sua cidadela, a vitória de seu Senhor legítimo. O mistério é em verdade este, que numa cidade tão próspera e alegre, ainda devam existir grupos de descontentes, cujos resmungos são ocasionalmente audíveis.⁵⁰

⁴⁸ Nota de M.: No comentário original, “Me” e “Ti” são dadas como maiúsculas; mas no manuscrito original de Al “me” está com minúscula. Não é Hadit que está falando ao escriba; é Aiwas. Aiwas sendo um Ipsissimus, está manifestado em todo e qualquer ser humano; e sendo o Anjo Guardião de Crowley, estava em simpatia com o Verdadeiro Ente de Crowley, isto é, Hadit em Crowley. No parágrafo seguinte Crowley retoma o fio corretamente. Esta perturbação dele com este verso demonstra o quanto a humilhação da ocasião lhe calara no Consciente, isto é, no escriba.

⁴⁹ Nota de M.: (Através de Rose) apenas com a finalidade de mostrar que “nada acontece se você quebra todas as regras”. Pobre tolo! O Caminho da Mestria consiste em quebrar todas as regras — mas deve-se conhecê-las perfeitamente antes de poder fazer isto; de outra forma, você não está em posição para transcendê-las.

⁵⁰ Nota de M.: O “Senhorio” de Hadit não necessita amedrontar candidatos a Irmãos Negros... Se eles não querem se “submeter” a essa entidade esquisita — que ele, provavelmente, chama de “Irmão Negríssimo” — ora, submetam-se a Si mesmos, ou não se submetam, QUE DIFERENÇA FAZ? O leitor é referido ao Capítulo 166 de *Liber Aleph*.

13. por quê? Porque tu eras o conhecedor, e me.

Hadit teve que vencer o tolo “conhecedor” que pensava que tudo era Sofrimento. Veja-se “Quem sou Eu”? — “Tu conheces” no Capítulo I, verso 26.

Vemos, um pouco adiante, nos versos 27 e seguintes, uma objeção genérica contra “por que” e “Porque”. Então como é que Hadit não desdenha usar estes termos aqui? Deve ser por causa de minha mente. Também, “por que” com minúscula é um erro de gramática; e o “me” é péssima sintaxe.

Nós temos duas alternativas. O verso pode ser um insulto a mim. Porém, minha memória me diz que o tom de voz de Aiwaz era neste ponto baixo, calmo e musical. Soava como uma clarificação confidencial, quase diferencial, do verso prévio, que soara num crescendo alegre.

A alternativa é que o verso contém alguma prova qabalística da autoridade de Aiwaz para proclamar a Lei de uma forma tão autocrática. Da mesma forma, nós poderíamos acrescentar a uma citação de Safo, em inglês, o original em grego.

A ausência de quaisquer maiúsculas favorece esta teoria. Essa explicação qabalística, se for descoberta, será dada no Apêndice.

No entanto, a solução principia, com bastante simplicidade, em que o aparecimento de “me em Ti” constitui um estado de consciência em que “tu não conhecias”. Por “conhecias”, nós podemos compreender a função de Hadit, que é o conhecedor, intelectualmente e conjugalmente unido a Nuit (Veja-se *Livro 4*, Parte 3, Capítulo 7, Seção V, para GN, a raiz significando tanto

Ó MEU Filho, aprende isto sobre os Irmãos Negros, aqueles que exultam: Eu sou Eu. Isto é Falsidade e Ilusão, pois a Lei não tolera Exceção. Portanto estes Irmãos não estão a parte, como eles vãmente pensam laborando em Erro; mas são Combinações peculiares da Natureza da Variedade d'Ela. Regozija-te pois mesmo na Contemplação destes; pois eles são próprios à Perfeição, e Adornos de Beleza, como uma Pinta sobre a Bochecha de uma Mulher. Direi Eu então que se fosse de tua própria Natureza, mesmo a tua, compor um Complexo tão sinistro, tu não deverias lutar contra isso, destruindo-o através do Amor, mas persistir naquele Caminho? Eu não nego isto apressadamente, nem o afirmo; não, darei Eu mais mesmo qualquer Indício daquilo que Eu posso prever? Pois é de minha Natureza pensar que neste Assunto a Soma da Sabedoria é Silêncio. Mas isto Eu digo, e ousadamente: que tu não olharás este Horror com Medo, ou com Ódio, mas o aceitarás como fazes com tudo: como um Fenômeno de Mudança, isto é, de Amor. Pois em uma rápida Correnteza tu podes ver um Graveto que permanece parado durante algum tempo devido ao Jogo da Água; e através desta Analogia tu podes compreender a Natureza deste Mistério do Caminho de Perfeição.

“conhecer” quanto “engendrar”). E “não” é Nuit, como no Capítulo I. Agora, esta ideia explica o aparecimento “de me” (Hadit) em “Ti” (a Besta): isto é o cumprimento da fórmula mágica de Hadit e Nuit. E conhecer Nuit é a definição mesma de “alegria”. O verso seguinte confirma isto: “tu (a Besta) eras o conhecedor (Hadit) e me (Nuit), como no capítulo I, verso 51 e outros.” Nuit é indicada pelos dois símbolos diversos, “não” (grego OU) e “me” (grego MH). Ora, OU MH era meu Moto no Grau de Adeptus Exemptus; Aiwaz assim sutilmente estava me lembrando de que eu estava jurado a negar as asserções de meu consciente intelectual e moral.

Combina nestas poucas palavras; (a) uma explicação psicológica correta da situação, (b) uma explicação mágica correta daquela explicação psicológica, e (c) uma censura amigável pessoal para a qual eu não tinha réplica possível, uma censura envolvendo uma percepção do meu estado mental que era superior à minha própria.

Estes dois versos 12 e 13 são suficientes, por si só, para demonstrar as qualidades præter-humanas do Autor deste Livro.

14. Agora haja um velar deste sacrário: agora que a Luz devore os homens e os engula com cegueira.

O assunto muda; Hadit dará agora um exórdio sobre Si Mesmo nos dois versos seguintes. Ele então proporá uma doutrina ética tão estranha e terrível, que os homens “serão devorados e engolidos com cegueira” por causa dela.⁵¹

⁵¹ Nota de M.: Binah é a Escuridão (veja-se LXXV, IV, 15 e Comentário), porque representa o Influxo da Verdadeira Luz (veja-se LXXV, I, 18-19 e Comentário). Os Iniciados dos Mistérios Maiores frequentemente assustam candidatos ameaçando-os de “Aniquilação” e de “Cegueira”. Eles se intitulam filhos da “Abominação” e da “Solidão”, os “Servidores do Diabo”; “Osíris é um Deus Negro”, etc. Uma criança só se pode dizer que chegou à idade adulta quando deixa de ter medo do “Bicho Papão”!

Mas não se iludam; do ponto de vista do Ruach, é Aniquilação e Cegueira no duro.

Liber LXXV, cap. I:

18. Assim como a luz que é absorvida. Absorve-se pouca e lhe chamam branco e reluzente; absorve-se toda e lhe chamam de negro.

19. Portanto, Ó meu querido, és negro.

Liber LXXV, cap. IV:

15. Pois Eu sou perfeito, Não sendo; e meu número é nove pelos tolos; mas com o justo Eu sou oito, e um em oito: o que é vital, pois Eu nenhum sou em fato. A Imperatriz e o Rei não são de me; pois existe um outro segredo.

Eu sou perfeito, sendo não (31 ou 61). Meu número é Nove pelos tolos (IX o Eremita e). Com o justo eu sou Oito, VIII, Justiça, Maat, e Um em Oito. O que é vital, pois Eu nenhum sou de fato. A Imperatriz III, o Rei IV, não são de me. $III + IV = VII$.

Eu sou perfeito, sendo Não (31 = LA, ou 61 =AIN. Meu número é Nove pelos Tolos (IX, o Eremita, e Nove, Teth, A Força). Com o justo Eu sou Oito, VIII, Justiça, Maat, e Um (Aleph) em Oito (Lamed, VIII), AL. O que é vital, pois Eu nenhum sou (0, O Tolo) em fato.

A Imperatriz, Daleth, III e o Rei, Tzaddi, IV, não são de me: $III + IV = VII$.

16. Eu sou A Imperatriz & o Hierofante. Assim onze, como minha noiva é onze.

“Eu sou a Imperatriz e o Hierofante” $III + V = VIII$ e VIII é XI, ambos por causa das 11 letras em Abrahadabra = 418, a palavra chave de todo este ritual, e porque VIII não é mais, Justiça, no tarô.

17. Ouvi, vós que suspirais!

As dores de pena infinda

Queda aos mortos e mortais,

Quem me não conhece ainda.⁵²

15. Assim falou o Magister V.V.V.V.V. para Adonai seu Deus, enquanto brincavam na luz das estrelas junto do profundo e negro reservatório que fica no Lugar Sagrado da Casa Sagrada debaixo do Altar do Mais Sagrado.

⁵² Nota de M.: Quem conhece Hadit apenas como “não” só é capaz de experimentar sua própria identidade estelar através da morte física. As faculdades cerebrais ainda não passaram pelo processo iniciático. Note-se que a “Crucificação do Cristo” acontece num morro chamado “Gólgota” — isto é, no crânio... Nem sequer o começo da identidade de Hadit é possível antes que o Ajna tenha sido pelo menos parcialmente ativado ou — para usar a parlança de outra corrente — antes que Shiva (666) “tenha aberto Seu olho e destruído o Universo”.

18. Estes são mortos, esta gente; eles não sentem. Nós não somos para os pobres e tristes: os senhores da terra são nossos parentes.

Esta ideia é confirmada. Esses que sofrem não são verdadeiros homens e mulheres, não são estrelas temporariamente. O fato deles serem “pobres e tristes” prova que eles são “sombrias”, que “passam e acabam”. Os “senhores da terra” são aqueles que estão executando suas Vontades. Isto não significa necessariamente que pessoas que usam coroas ou tem automóveis; há uma enorme quantidade dessas pessoas que são os mais infelizes escravos do mundo. O único teste suficiente de nosso senhorio consiste em sabermos qual é nossa verdadeira Vontade, e fazê-la.⁵³

Este transe ocorre com o iniciado durante a vida na carne. Com o profano ocorre apenas na morte física.

Note-se de passagem que o símbolo egípcio de Hadit é o Globo Alado. Isto é idêntico ao simbolismo hindu do Ajna, que tem duas “pétalas”, isto é, asas. Imagens de “santos cristãos” de olhos revirados para o “céu” foram copiadas dos Iogues hindus, os quais induzem transe “fixando os olhos no ponto logo acima das sobrancelhas, isto é, no Ajna”.

⁵³ Nota de M.: O leitor é referido à injunção: “Deixa que os mortos enterrem seus mortos”, nos Evangelhos. É antiquíssima. Efetivamente, para o iniciado, ou até mesmo para o candidato à iniciação, os homens comuns estão mortos. Eles não sentem. O estado mental deles é um de torpor; os centros superiores ainda não foram despertados. O sentimento de solidão do Iniciado é uma coisa indescritível. Para ele, a maior parte de seus semelhantes não está muito acima dos macacos, e frequentemente se rebaixa muito abaixo. Este é o motivo pelo qual Iniciados se resolvem a ajudar a Humanidade. O motivo é totalmente egoísta. Nós não podemos usufruir por completo o nosso êxtase, nem contemplar a maravilha do Universo com completo contentamento, enquanto a Humanidade inteira não tiver sido elevada ao nosso nível. Eles são um peso morto em nossas costas, esses “cães”. Somos os “parentes” de Hadit e Nuit — porque compreendemos que somos Hadit, e que Nuit é ao mesmo tempo nossa Esposa, Irmã e Mãe. Mas até esta nossa consciência de identidade é entorpecida pelo fato de que a maioria dos nossos semelhantes ainda não despertou de seu sonho (Veja-se o poema inicial de “Uma Estrela a Vista”). E enquanto eles todos não acordarem, enquanto os mortos não “ressuscitarem”, aquilo que é simbolizado no Apocalipse como a “Nova Jerusalém” não será possível. Veja-se LXV, IV, 10 e o Comentário.

Liber LXV, cap. IV:

10. Em meu sono contemplei o Universo como um claro cristal imaculado.

19. Há um Deus de viver em um cão? Não! Mas os mais elevados são de nós. Eles se regozijarão, nossos escolhidos: quem se amargura não é de nós. ⁵⁴

Um deus vivendo em um cão estaria impedido de cumprir sua função corretamente. Os mais elevados são aqueles que dominaram e transcenderam o meio ambiente accidental. Eles se regozijam, porque fazem suas Vontades; e se algum homem sofre, isto é clara evidência de que algo está errado com ele. Quando um maquinismo guincha e grunhe, o maquinista sabe que a coisa não está cumprindo sua função, executando sua Vontade, com facilidade e alegria.⁵⁵

20. Beleza e força, riso que pula e langor delicioso, energia e fogo, são de nós.

Tão cedo realizemos a nós mesmos como Hadit, obteremos todas as suas qualidades. É apenas uma questão de fazermos nossa Vontade. Uma barregã ardente, de capuz rubro e olhos luminosos, com o pé no pescoço de um rei morto, é tanto uma estrela quanto foi sua predecessora, toda dengosa em seus braços. Mas temos que ser a barregã ardente, temos que nos abrir, permitir a nós mesmos a livre expressão de nossa verdadeira natureza, quer nossa estrela seja gêmea da de Shelley, ou de Blake, ou a de Beethoven. Beleza e força vêm de fazermos nossa Vontade; você tem apenas que olhar uma pessoa que esteja fazendo a sua, e você verá a glória.

⁵⁴ Nota de M.: Em inglês, “Deus” escreve-se “GOD”, e cão escreve-se “DOG”. As mesmas letras na ordem oposta. Esta explicação é necessária para que o leitor na língua portuguesa possa compreender melhor a nota de 666 acima.

⁵⁵ Nota de M.: Segue que o segredo de fazer um Deus de um “cão” consiste em inverter a fórmula. Os “cães” adoram Deus fora de si mesmos; um Deus sabe que ele é Deus, e que não existe Deus senão ele. Mesmo os sofrimentos humanos comuns são compreendidos pelo Iniciado como parte do seu plano e sua Vontade. “Foi necessário que o Filho do Homem (o Homem — 666) sofresse estas coisas, e entrasse em Sua glória”.

Devemos observar aqui que o trabalho de um Magus se refrata na mente de seus semelhantes de muitas formas diversas. Uma das “mentiras” saídas da presente Verdade é que certos pseudo-iniciados boquejam por aí, como se fosse um grande segredo, que “a sede da Fraternidade Rosa-Cruz é em Sirius”!!! (Sirius é a estrela de maior magnitude aparente no céu austral, e está na constelação do Cão Maior). É, para citar Crowley, como se alguém acreditasse que um gato é o animal formado ao colocarmos as letras G, A, T, O, nesta ordem.

21. Nós nada temos com o incapaz e o expulso: deixai-os morrer em sua miséria. Pois eles não sentem. Compaixão é o vício dos reis: calcai aos pés os desgraçados e os fracos: esta é a lei do forte: esta é nossa lei e a alegria do mundo. Não penses, ó rei, naquela mentira: Que Tu deves Morrer: em verdade, tu não morrerás, mas viverás. Agora seja isto compreendido: Se o corpo do Rei se dissolve, ele permanecerá em puro êxtase para sempre. Nuit! Hadit! Ra-Hoor-Khuit! O Sol, Força & Visão, Luz; estes são para os servidores da Estrela & da Cobra. ⁵⁶

⁵⁶ Nota de M.: Este verso deve ser lido em conexão com verso 5, pois se refere aos Irmãos Negros, isto é, os incapazes e os expulsos". Note-se que há diferença. "Incapazes" são aqueles que não absorvem a Mensagem Espiritual da Lei de Thêlema, nem puderam concebê-la. "Expulsos" são aqueles que tentam, mas não conseguem.

A receita é simples: Nós nada temos com eles. Nós não devemos falar com eles, nem argumentar com eles, nem tentar consolá-los, nem tentar auxiliá-los. Nós nada temos com eles. Ora, "nada" é Nuit. Consequentemente, "deixa que morram em sua miséria". "Pois eles não sentem". Isto é, eles SENTEM "NÃO" ao morrer — Hadit.

Os Irmãos Negros se caracterizam por dois sintomas principais. Primeiro, eles estão convencidos de que devemos "ajudar os fracos". MAS NÃO EXISTEM "FRACOS"; não há diferença. O sentimento de "piedade" é uma projeção psicológica. É uma ilusão do Ego. Na realidade, o Irmão Negro está cômico de seu abjeto estado de escravidão — é por isto que ele nos insulta e calunia.

O que ele está dizendo quando diz, "Tenha Pena dos fracos" é, na realidade, "Tenha pena de mim".

Ai dos que tem piedade! A única receita para um Irmão Negro que atravessa nosso caminho é achatá-lo e destruí-lo. "Pois ele não sente". Portanto, calcai aos pés os desgraçados & os fracos! Isto não quer dizer calcai aos pés o proletariado. O proletariado tem provado à sobeja que ninguém o calca aos pés impunemente. E se alguém o calcasse aos pés impunemente — ora, então, ele mereceria ser calcado — e continue-se a calcá-lo até que morra ou se erga (Em qualquer dos dois casos ele se erguerá. Pois eles "não" sentem — e renascem mais cômicos de sua verdadeira Vontade — Hadit).

O outro sintoma pelo qual podemos conhecer os Irmãos Negros é que eles são incapazes de compreender a Fórmula de Hórus. Eles persistem em interpretar tudo em termos da Fórmula de Osíris. Eles acham que iluminação espiritual só pode ser conquistada através de pobreza material e humildade moral. A tua iluminação espiritual, nota bem! Eles, que já são "iluminados", podem ser ricos e orgulhosos. O Vaticano é o segundo poder financeiro do mundo atual. Maior que ele, só os judeus. E quanto a orgulho — você quer maior orgulho do que um fulano qualquer pensar que está capacitado para ensinar você como viver a sua própria vida? Ou pior — como morrer sua própria morte?

A materialização dos símbolos é sempre o primeiro passo para as Igrejas de Roma... O silogismo é uma obra prima de “Razão à la Porque”: Nós não gostamos do Livro da Lei; o Livro a Lei fala mal dos cães; portanto, a verdadeira sede da Fraternidade Rosa-Cruz é em Sirius.

A galinha do vizinho sempre parece ao ladrão mais gorda que a sua própria...

22. Eu sou a Cobra que dá Conhecimento & Deleite e brilhante glória, e movo os corações dos homens com embriaguez. Para adorar-me tomai vinho e estranhas drogas das quais Eu direi ao meu profeta, & embriagai-vos deles! Eles não vos farão mal de forma alguma. É uma mentira, essa tolice contra si mesmo. A exposura de inocência é uma mentira. Sê forte, ó homem! Arde, usufrui todas as coisas de senso e raptura: não temas que qualquer Deus te negará por isso.

Hadit agora se identifica com Kundalini, a força mágica central no homem.

Um escritor judeu de grande sensibilidade — Franz Kafka — escreveu um romance que ele chamou O PROCESSO, o qual descreve esta influência dos Irmãos Negros em ação no mundo moderno. Se você demonstra orgulho, você deve ser rebaixado. “Os últimos serão os primeiros”. “Os humildes herdarão a terra” (Treme, Vaticano).

Mas a Fórmula do Deus Sacrificado é uma fórmula totalmente errônea. A ideia implicada é que o sacrifício do Rei dá vida e substância ao seu “povo”. “Pelos sofrimentos dele nós fomos sarados”. “Jesus morreu pelos nossos pecados”. Tudo isto é uma imundice. É o espírito da escravidão manifestado. É “Porque” substituindo Hadit, a Razão iniciada profanando os símbolos de uma fórmula, que, além do mais está agora obsoleta. “Todo homem e toda mulher é uma estrela! Todo número é infinito; não há diferença”.

Ai do iniciado que se deixa atrair pelo passado! Ai daquele que cai da Lei da Liberdade no “mundéio chamado Porque”! Se ele se identifica com os “pobres”, ele será pobre. Só há dois motivos porque os pobres são pobres: ou porque querem ser, ou porque a inaptidão dos Irmãos Negros mesmos, produz o roubo ou a exploração na sociedade. Portanto, uma vez mais, os cristãos aos Leões! Ou, se você prefere: Deixa que os mortos enterrem seus mortos.

Lembre-se: Nós nada temos com o incapaz e o expulso. Nós nada temos com o Vaticano, com B’nai B’rith, com Cristianismo, com Budismo, Islamismo, Bramanismo ou Taoísmo. Nós somos Thelemitas. Tudo que era verdadeiramente espiritual nessas correntes, foi “purgado” pelo profeta. Pois o Magus sempre vem para cumprir a Lei que o precedeu. E como o Magus desta vez veio para o mundo inteiro, todas as Leis passadas estão cumpridas (Faze o que tu queres). Vide Apêndice.

Este privilégio de usar vinho e drogas estranhas foi confirmado: as drogas realmente foram reveladas, e não causaram dano àqueles que as tem usado nesta Lei.

Embriaguez é uma maldição e um impedimento apenas para escravos. Qualquer pessoa que está fazendo sua Vontade está embriagado com o deleite da Vida.

Vinho e drogas estranhas não causam dano a pessoas que estão fazendo sua Vontade; estas envenenam apenas gente que está cancerosa com “pecado original” e outros bichos-papões. A verdade é tão terrível para essas detestáveis imitações de seres humanos que o pensamento de si mesmo é uma realização de inferno. Portanto eles recorrem à bebida e às drogas como um anestésico para a operação cirúrgica de introspeção.

A ânsia anormal por essas drogas é causada pela miséria interna, que seu uso revela às almas-escravas. Se você é realmente livre você toma cocaína com a mesma simplicidade com que você comeria um caramelo. Não há melhor teste preliminar de uma alma, que a atitude dela para com drogas. Se um homem é simples, destemido, lépido, ele está bem; ele não se tornará um escravo. Se ele tem medo, ele já é um escravo. Que o mundo inteiro tome ópio, haxixe e o resto; aqueles que são capazes de abusar do uso de drogas já deviam estar mortos.

Pois faz parte do poder das, assim chamadas, drogas tóxicas, o revelar um homem a si mesmo. Se esta revelação declara uma Estrela, então ela brilha mais forte para sempre. Se declara um “cristão”, uma coisa nem homem nem besta, uma pocilga mental — ele anseia pela droga, não mais pelo seu efeito analítico, mas pelo seu efeito anestésico.

“Essa tolice contra si mesmo”: altruísmo é uma direta asserção de dualidade, que é divisão, restrição, pecado, em sua pior forma. Eu amo meu próximo porque meu amor o faz parte de mim; não porque ódio me divide dele. Nossa lei é tão simples que constantemente parece um altruísmo.

“A exposição de inocência”. Exposura significa “exibir”, como numa vitrine de casa comercial. A pretensão de “altruísmo” e da, assim chamada, “virtude” “é uma mentira”: é a hipocrisia do Irmão Negro, que é horripelantemente corruptora, tanto para o hipócrita, quanto para a sua vítima.

“Arder” é unir-se continuamente a novos aspectos de Nuit. O vulgo erra quando espera encontrar satisfação nos objetos dos sentidos. Desilusão é

inevitável; quando vem, conduz com demasiada frequência a um erro que é, na realidade, mais fatal que o anterior, a negação de “materialidade” e “animalismo”. Há uma correspondência entre estas duas atitudes e aquelas do “nascido uma vez” e do “nascido duas vezes” de William James (*Variedades de Experiência Religiosa*). Thelemitas são “três vezes nascidos”. Nós aceitamos tudo como o que é, sem “ânsia de resultado”, sem insistir que as coisas devam se conformar com ideais a priori, ou ressentindo o fato que elas não se conformam assim. Nós podemos, portanto, “desfrutar todas as coisas de senso e raptura” de acordo com a verdadeira natureza delas. Por exemplo, o homem médio tem horror a tuberculose. Os “cientistas cristãos” fogem deste medo pretendendo que a doença é uma ilusão da “mente mortal”. Mas o Thelemita a aceita como o que é, e acha interesse nela em termos dela mesma. Para ele, a tuberculose é uma parte necessária do Universo; ele “não faz diferença” entre ela e qualquer outra coisa. A posição do artista é análoga. Rubens, por exemplo, experimenta um grosseiro prazer em carne fêmea, e pinta-a tal qual é por falta de imaginação e análise. Pintores idealistas como Bougereau, cômicos da divergência entre a natureza e seus padrões acadêmicos de Beleza, falsificam os fatos a fim de se iludirem a si próprios. Os maiores, como Rembrandt, pintam um galante cavaleiro, uma velha megera, e um cadáver com igual paixão e raptura; eles amam a verdade tal qual ela é. Eles não admitem que coisa alguma possa ser feia ou má; sua existência justifica-se a si mesma. Isto é porque eles se sabem parte de uma unidade harmoniosa; desdenhar qualquer item seria blasfemar o todo. O Thelemita é capaz de se deleitar em qualquer experiência; em cada uma reconhece os sinais da Verdade Última. É seguramente óbvio, mesmo para o intelecto, que todos os fenômenos são interdependentes, e, portanto, envolvem uns aos outros. Suponhamos $abc = d$, $a = d - b - c$ tanto quanto $b = d - c - a$. É sem senso escolher uma equação como “boa” e a outra como “má”. Predileções pessoais evidenciam visão imperfeita. Mas ainda pior que ter predileções é negar a realidade de fatos que se recusam a adular tais predileções. Na Carta Magna da soberania espiritual está escrito que o carvoeiro não é um súdito menor do reino que o duque. A estrutura do estado inclui todos os elementos; seria estúpido e suicídio aspirar a homogeneidade, ou asseverá-la. A experiência espiritual cedo habilita o aspirante a assimilar estas ideias, e ele pode gozar a vida ao máximo, encontrando seu Verdadeiro Ente igualmente na contemplação de todo elemento da existência.

23. Eu sou só; não existe Deus onde Eu sou.

Isto refere-se à experiência espiritual de Identidade. Também significa que a ideia-de-Deus deve ser atirada, com outras relíquias do Medo nascido da Ignorância, no monturo de lixo da selvajaria. Eu me refiro aqui à ideia-de-Deus tal qual é geralmente compreendida, “Deus” sendo “alguma coisa NÃO NÓS MESMOS que nos impele à retidão”, como disse Matthew Arnold; “Não nós mesmos”. Para que esta convicção entrevada de nós mesmos, enquanto seres “não direitos” por natureza? Isto é a herança do chicote, a marca do escravo de nascença!

A quintessência deste verso é, no entanto, sua revelação da natureza de Hadit como um Ente individual e autoconsciente, se bem que impessoal. Ele é um elemento ultimal independente na Natureza, único e impenetravelmente alheio a tudo. O elétron negativo parece ser sua analogia na física. Cada um de tais elétrons não pode ser distinguido de qualquer outro; no entanto, cada qual é determinado diversamente por suas relações com vários elétrons positivos complementares.

O verso foi introduzido nesta juntura a fim de iluminar a passagem que segue. É importante compreendermos Hadit como o “âmago de toda estrela”, quando devemos considerar o caráter dessas estrelas, “amigos” dele, ou ideias simpáticas agrupadas a sua volta, que são eremitas, individualidades eternamente isoladas em realidade, se bem que possam parecer estar absorvidas em suas relações com coisas externas.⁵⁷

⁵⁷ Nota de M.: A explicação acima é para o intelecto profano. É impossível compreender a natureza de Hadit, repetimos, se o estudante ainda não experimentou algum transe que envolva atividade do Ajna. “Amigos” de Hadit são aqueles que cultivam Hadit; os “eremitas” são os Mestres do Templo. Veja-se *Liber VII*, VII, 28-34.

Liber VII, cap. VII:

28 Eu sou o Único além destes todos, e eu carrego os símbolos da poderosa escuridão.

29 Haverá um sigilo como de um vasto, negro, atormentado oceano de morte, e o brilho central da escuridão, radiando sua noite sobre tudo.

30 Isto engolirá aquela escuridão menor.

31 Mas, naquele profundo, quem responderá: O que é?

32 Não Eu.

33 Não Tu, Ó Deus!

24. Vede! estes são graves mistérios; pois existem também de meus amigos quem são eremitas. Agora não penseis encontrá-los na floresta ou na montanha; mas em camas de púrpura, acariciados por magníficas bestas de mulheres com largos membros, e fogo e luz em seus olhos, e massas de cabelo flamejante em volta delas; lá vós os encontrareis. Vós os vereis governando, em exércitos vitoriosos, em toda alegria; e haverá neles uma alegria um milhão de vezes maior que isto. Cuidado para que algum não force outro, Rei contra Rei! Amai-vos uns aos outros com corações ardentes; nos homens baixos pisai no enérgico ímpeto do vosso orgulho, no dia de vossa cólera.

Os cristãos aos Leões!

Um eremita é um que habita isolado no deserto, exatamente como uma alma, uma estrela, ou um elétron na acridão do espaço-tempo. A doutrina aqui exposta é que o iniciado não pode ser poluído por qualquer ambiente particular. Ele aceita e desfruta tudo que é próprio à sua natureza. Assim, o caráter sexual de um homem é uma forma da sua auto-expressão; ele une Hadit com Nuit sacramentalmente quando satisfaz seu instinto de amor físico. Naturalmente, isto é apenas uma projeção parcial; governar, lutar, e assim por diante, deve satisfazer outras necessidades. Não devemos imaginar que qualquer forma de atividade seja *ipso facto* incapaz de suprir os elementos de uma Eucaristia; *suum cuique*. Observe-se, porém, o fator constante nesta enumeração das práticas próprias à “eremitas”: é deleite extático. Usemos uma analogia da Química. O oxigênio tem duas mãos (por assim dizer) para oferecer a outros elementos. Mas contraste-se o agarro cordial do hidrogênio ou do fósforo com o fraco, relutante aperto do cloro! No entanto, hidrogênio e cloro se atiram apaixonadamente para abraçar um ao outro em loucura monogâmica! Não há “bom” ou “mau” no assunto; é a entusiástica energia de união, qual testemunha o desenvolvimento de calor, luz, eletricidade, ou

34 Vem, não mais arrazoemos juntos; que nos aproveitemos! Que nós sejamos nós mesmos, silentes, únicos, apartados.

Em qualquer homem que experimente identidade com Hadit, com a suprema divindade nele mesmo, existe esta apreensão de que Ele é só; “não” existe Deus onde Ele é. Ele “não” é. É evidente que estas expressões implicam numa impossibilidade de transmitir intelectualmente uma experiência que ocorre acima do plano do intelecto. Como diz o Bagh-i-Muattar, “Allah é o Ateísta”! Ele não adora “Allah”! Isto deveria ser evidente até para um cristão.

música, e a estabilidade do composto resultante, que santifica o ato. Note-se também que a máxima alegria externa em qualquer fenômeno é sobrepassada um milhão de vezes pela alegria interna da realização que autossatisfação no mundo sensível é apenas um símbolo da universal sublimidade da fórmula “amor sob vontade”.

As últimas duas sentenças exigem cuidadosa atenção. Há uma aparente contradição com os versos 59, 60. Nós devemos buscar reconciliá-los desta forma: Não se imagine que qualquer Rei pode morrer (verso 21) ou ser ferido (verso 59); luta entre dois Reis não pode, portanto, ser mais que um amigável teste de força. Nós somos todos inevitavelmente aliados, até mesmo idênticos em nossa variedade; “amar um ao outro com corações ardentes” é uma de nossas qualidades essenciais.

Mas quem então são os “homens baixos”, uma vez que “Todo homem e toda mulher é uma estrela”? O caso é este: há gente que se velou de si mesma tão profundamente que ressentida a presença nua de nós outros. Estamos lutando para libertá-los, para torná-los mestres como nós mesmos. Note-se verso 60, “para o inferno com eles”; isto é, empurremo-los para o “inferno” ou santuário secreto dentro de suas mentes conscientes. Lá habita “o verme que não morre e o fogo que não se apaga”, isto é, “a secreta serpente enrodilhada a ponto de pular” e “a flama que queima em todo coração de homem” — Hadit. Em outras palavras, nós nos erguemos em guerra contra a falsidade; não é nossa culpa se aquela falsidade força o Rei que ela aprisionou a consentir em seus ditames, mesmo a crer que seus interesses são os de sua opressora, e a temer a verdade como Jehovah tinha medo da Serpente.

25. Vós sois contra o povo, ó meus escolhidos. ⁵⁸

Por “povo” é significado aquela corja de cães de cauda entre as pernas, servil, rastejante e ganindo, que se recusa a admitir sua própria divindade. A

⁵⁸ Por *povo* é significado aquela corja de cães de cauda entre as pernas, servil, rastejante e ganindo, que se recusa a admitir sua própria divindade. A turba está sempre com medo de que lhe falte o pão e a manteiga – quando seus tiranos lhes permitem que tenha pão e manteiga – e hoje em dia a manteiga virou margarina e o pão é de farinha “depurada” de suas vinte e tantas vitaminas naturais, à qual os tiranos acrescentam duas ou três gotinhas de vitamina “sintética”. Assim, tendo medo, ela não se atreve a lutar. E quando o barulho começar, nós, os aristocratas da Liberdade, quer vivamos em barracos ou em castelos, teremos essa corja contra nós.

turba está sempre com medo de que lhe falte o pão e a manteiga — quando seus tiranos lhes permitem que tenha pão e manteiga — e hoje em dia a manteiga virou margarina e o pão é de farinha “depurada” de suas vinte e tantas vitaminas naturais, à qual os tiranos acrescentam duas ou três gotinhas de vitamina “sintética”. Assim, tendo medo, ela não se atreve a lutar. E quando o barulho começar, nós, os aristocratas da Liberdade, quer vivamos em barracos ou em castelos, teremos essa corja contra nós.

Num plano mais profundo, há um significado neste verso que pode ser aplicado ao processo de iniciação pessoal. Por “povo” nós podemos compreender aquela multidão mutável e de mil cabeças que pulula nos cortiços de nossas próprias mentes. A maior parte dos homens está quase inteiramente a mercê de uma massa de emoções vis e gritantes, sem disciplina ou sequer organização. Inclina-se de acordo com o impulso do momento. Não tem propósito, previsão, nem inteligência. São movidos por instintos ignorantes e irracionais, muitos dos quais afrontam a própria lei de autopreservação com uma estupidez suicida. A ideia moral que nós chamamos povo é a inimiga do bom governo. Aquele que é “escolhido” por Hadit para Rei deve ser, conseqüentemente, “contra o povo” se ele há de seguir qualquer política consistente. Os vermes combinados do “amor” devoraram Marco Antônio, como devoraram Abelardo. Por este motivo, a primeira tarefa do Aspirante consiste em desarmar todos os seus pensamentos, tornar-se impregnável à influência de qualquer deles; e isto ele pode conseguir pelos métodos dados em *Liber Aleph*, *Liber Jugorum*, *Thien Tao* e em outros lugares. Segundo, deve impor completo silêncio sobre eles, como pode ser feito pelas práticas de “Yoga” ensinadas no *Livro Quatro* (Parte I), *Liber XVI*, etc. Ele, então, está pronto para analisá-las, para organizá-las, para treiná-las, e para utilizar as propriedades peculiares a cada uma delas empregando-lhes as energias em seu propósito imperial.⁵⁹

⁵⁹ Nota de M.: Mais uma observação sobre o aspecto político deste verso é necessária. O conceito de “povo” é inimigo do conceito de nós mesmos como estrelas. Quando cada cidadão age conscientemente, o “povo” — que não é mais que o conjunto de cidadãos — age conscientemente. Mas quem apela para a ideia de “povo” apela para a ignorância. A psicologia das multidões é reconhecidamente pior que a das bestas. Existe até uma equação para o coeficiente de inteligência de uma multidão: é igual ao coeficiente de inteligência mediano dos membros divididos pelo número deles. Conseqüentemente, quanto maior o populacho, mais estúpido.

26. Eu sou a Secreta Serpente enroscada a ponto de pular: em minhas roscas há alegria. Se Eu levanto minha cabeça, Eu e minha Nuit somos um. Se Eu abaixo minha cabeça, e ejaculo veneno, então há raptura da terra, e Eu e a terra somos um.

O poder mágico é universal. O Homem Livre o dirige como quer. Deixem-no em paz, ou Ele vos fará arrepender-vos de terdes tentado interferir.

Existe aqui uma referência aos dois tipos principais das Orgias de Magia; eu já me referi a este assunto no Comentário. Observe-se que no trabalho “místico” a união ocorre espontaneamente; no outro, veneno é ejaculado. Isto desperta a terra para a raptura; não, até então, a união pode ocorrer. Pois quando trabalhamos nos planos de manifestação, os elementos devem ser consagrados e tornados “Deus” por virtude de um rito definido.

27. Existe grande perigo em me; pois quem não compreende estas runas fará uma grande falha. Ele cairá dentro do mundéo chamado Porque, e lá ele perecerá com os cães da Razão.

A humanidade erra terrivelmente quando adquire “educação” no senso de habilidade para ler jornais. A razão é lixo; o instinto racial é o verdadeiro guia. A experiência é o grande Instrutor; E CADA UM DE NÓS POSSUI MILHÕES DE ANOS DE EXPERIÊNCIA, sua vera quintessência, armazenada automaticamente em nossa mente subconsciente. Os intelectuais são ainda piores que a própria burguesia; tem todos os vícios desta, e nenhuma das virtudes.

Todas as “revoluções” feitas pela massa popular sempre redundaram em ditaduras mais rígidas que o governo deposto; sempre foram seguidas por disparates e abusos.

A única solução do problema social está na criação de uma classe de dirigentes que possua um legítimo senso de responsabilidade para com os dirigidos, e que esteja obrigada a por as regras como as de uma ordem de cavalaria. Mais, esta classe não pode ser estática: deve estar disposta a admitir membros das classes mais baixas que se mostram capazes de subir ao seu nível, e a eliminar de si membros que provam-se indignos de pertencer a ela.

A chave do progresso humano está na emancipação de cada unidade individual da sua escravidão psíquica. Ninguém pode conceder o galardão da liberdade; é uma coisa que vem de dentro, e seus efeitos externos devem ser produzidos pelo seu próprio esforço.

A emancipação completa da Humanidade é a Grande Obra da Lei de Thêlema; é a obra que o Mestre THERION se propôs executar e está executando. Todos os homens e mulheres dignos encarnados neste país estão convidados a cooperarem neste imenso esforço.

Compreensão é o atributo do Mestre do Templo, que cruzou o Abismo (ou “Mundéo”) que divide o verdadeiro Ente do seu instrumento consciente. (Veja-se *Liber 418*, “Aha”, e *Livro Quatro*, Parte III). Nós devemos meditar no significado deste ataque sobre a ideia de “Porque”.

A ideia de “Porque” torna tudo dependente de tudo mais, contrário à concepção do Universo que este Livro formulou. É verdade que a concatenação existe; mas a cadeia não nos aprisiona os membros. As ações e reações da ilusão são apenas aparências; nós não somos afetados. Nenhuma série de imagens importa ao espelho. Qual é então o perigo de “fazer uma grande falha”? Nós somos imunes — esta é a própria essência da doutrina. Mas erro pode existir neste senso, que nós podemos imaginar que existe; e quando um lunático crê que a Humanidade está conspirando para envenená-lo, não é consolo para ele que outros saibam que está iludido. Assim, devemos “compreender estas runas”; devemos nos tornar cômicos de nossos Verdadeiros Entes; se abdicamos nossa autoridade enquanto indivíduos absolutos, seremos capazes de nos submetermos a Lei, a nos sentir as marionetes do Determinismo, e a sofrer as agonias de impotência que tem afligido os pensadores, de Gautama até James Thomson,

Agora então, “existe grande perigo em me” — nós vimos qual é; mas por que deverá ele estar em Hadit? Porque o processo de autoanálise envolve certos riscos. Os profanos estão protegidos contra aqueles sutis perigos espirituais que estão de emboscada ao sacerdote. Um Bushman nunca tem um esgotamento nervoso. (Veja-se Capítulo I, v. 31). Quando o Aspirante assume seu primeiro Juramento, as coisas mais triviais se tornam horrores transcendentais, torturas e tentações (Parte II e III de Livro Quatro elaboram esta tese com detalhes). Nós estamos tão cobertos de sujeira que os germens de doença não nos podem atingir. Se decidimos nos lavar, temos que fazê-lo bem; ou podemos ter acordado algumas vesperas, e tê-las dirigido para áreas sem defesa. INICIAÇÃO REMEXE LAMA. Cria um equilíbrio instável. Expõe nossos elementos a condições que não são familiares. A França de Louis XVI teve que passar pelo Terror antes que Napoleão pudesse ensinar-lhe a encontrar a si mesma. Similarmente, qualquer erro em alcançar a realização de Hadit pode abandonar o Aspirante às ambições de toda e cada frenética facção do seu caráter, os cães descontrolados do canil augeano e sua mente.⁶⁰

⁶⁰ Nota de M.: Devemos mencionar aqui que Razão em inglês é REASON, e que a soma é 333 (RHAZON = 200 + 5 + 1 + 7 + 70 + 50 = 333). Porque é BECAUSE, cuja soma é 29, isto é, idêntica à

soma de Hadit. Referimos o leitor à nossa longa nota sobre Porque no Capítulo IX do *Livro Quatro*, Parte IV. Os cães da Razão são os Irmãos Negros — veja-se *Liber 418*.

Nota do cap. IX do *Equinócio dos Deuses*:

O fato de “Porque” ser uma palavra ligada ao processo de raciocínio indica que a imagem paterna existe exclusivamente na mente, isto é, no Manas, o Plano Mental. Não existe acima do Abismo. É uma forma de Maya, Ilusão.

O perigo no misticismo está em que o homem se identifique com a mente, com o Ego, em vez de perceber que a mente não é mais que o instrumento de sua verdadeira identidade interna, Hadit. O sintoma de que alguém está sob o domínio de “Porque” é a tendência a adorar “Deus” como “algo externo a nós mesmos”; ou a nos considerarmos como “pecadores”, “indignos”, “condenados ao inferno”, etc.; a tendência a renunciar à liberdade espiritual em troca de uma falsa segurança. A manifestação de “Porque” é sempre piegas, “consoladora”, “humilde”, “altruísta”, ou então é o extremo oposto: arrogante, presunçosa, ditando a conduta alheia, cruel e presunçosa. O “Jesus” dos católicos romanos e o “Jeová” dos judeus ortodoxos são perfeitos exemplos destes dois extremos. Qualquer Irmão Negro (tendo se feito uma falsa coroa da mente) pode ser identificado com “Porque” em uma de suas formas. Mas “Porque” não é uma “entidade”; é um estado mental, ou um hábito anímico. Não há inimigos de nossa Hierarquia no senso absoluto da palavra “inimigo”. Todo homem e toda mulher é uma estrela. Nuit inclui todas as coisas, e nisto está a Vitória Ultime de BABALON sobre os “escravos de Porque”, isto é, os Irmãos Negros.

“Porque” é um vício muito insidioso. O falecido Rudolf Steiner visualizou uma “entidade maligna” que ele chamou de “Lúcifer” (falso Lúcifer, pois ele corretamente insistia que o Cristo, 666, é o verdadeiro Lúcifer) e descreveu exatamente como os sintomas de “Porque”. Mas ele não percebeu que sua concepção do Cristo também era uma forma de “Porque”. Rudolf Steiner era um alto membro da Ordem dos Iluminados (Illuminati), Mas Thelemitas não são “iluminados”. A palavra “Iluminado” indica que você não tem luz própria — e quem não tem luz própria não é (pelo menos temporariamente) um homem ou uma mulher, pois “Todo homem e toda mulher é uma estrela”. O conceito de “iluminado” está dentro do domínio (plano) de “Porque”. É outra forma da tendência de considerarmos Deus como externo a nós mesmos. A tradução do título latino do Capítulo 188 de *Liber Aleph*, livro definido pelo próprio Profeta como “um extenso comentário sobre o Livro da Lei”, é: “Dos diversos trabalhos dos iluminadores”. Iluminadores — não “iluminados”!

A tendência natural de quem ainda não transcendeu a mente é de se irritar com a arrogância de homens que dizem de si mesmos: “Eu sou Deus”. Adoradores de “Deus” adoram na realidade a essência deles mesmos, Hadit. Mas isto é um erro. Aiwass, falando por Hadit, o diz em *AL*, II 8: “*Quem adorou Heru-pa-kraat me adorou; mal, pois Eu sou o adorador*”. Enquanto adoramos um “Deus” — veja capítulos I, XV e XIX de *Magick*, ainda não atingimos Samadhi, isto é, União, com aquele “Deus”. Todos os deuses são partes de nossa consciência — partes elevadíssimas, claro, acima do Abismo; mas partes de Nós Mesmos. Você é Deus

Não existe deus senão o homem. Os Comentários ao Segundo capítulo de *Liber AL* explicam a natureza de Hadit claramente.

A finalidade deste texto é evitar que aspirantes de mente desregrada projetem seus conflitos internos no Astral, imaginando a existência de alguma entidade deliberadamente hostil — no sentido absoluto da palavra — ao progresso espiritual do homem. Não existe tal entidade. Todos os Demônios são criaturas ilusórias. Certas entidades de outras linhas de evolução, chamadas Dæmons pelos gregos, podem parecer incidentalmente hostís ao progresso humano. Elas não são mais “hostís” do que um tigre faminto é “hostil” quando ataca um homem (o que raramente ocorre, diga-se de passagem). É um interessante paradoxo que, enquanto os homens “adoram a Deus”, não compreendem que “o reino de Deus está dentro de nós”, eles tendem a interpretar a conduta alheia, e até mesmo os fatos naturais, inteiramente em termos de suas “conveniências” pessoais. Mas isto é inevitável. A essência de “Porque” é uma visão errônea do Universo. Quem está sob o domínio de “Porque” não está executando sua Verdadeira Vontade. É inevitável que entre em conflito com a vontade alheia, e é inevitável que acuse os outros de seus próprios erros. O primeiro passo para a sabedoria consiste em reconhecermos nossa própria ignorância.

O egrégora de “Jesus”, adorado pelos católicos romanos, é um excelente exemplo de “Porque”. Mas assim também são “Buda”, “Alá”, “Brahama”, ou qualquer outro. A essência do assunto é: tudo o que leva o homem a buscar segurança e apoio fora de si mesmo é de “Porque”. E neste senso, “Porque” se torna uma força telepática. As correntes egóicas circulam constantemente, e quem não se isola poderá ter sua mente imantada por elas. É assim que “porque” se torna uma imitação, uma falsificação, de Hadit.

É fatal ceder à atração da inércia da maioria. Os homens comuns, de mente desregrada, funcionam como Demônios — isto é, determinados centros das mentes deles são ativados ao acaso, uns após outros; não existe um “quartel general” central; eles não atingiram a harmonização de Tiphereth; muitos nem sequer a harmonização parcial de Tiphereth de Malkuth. É assim que místicos inexperientes crêem que estão “falando com o Diabo” através um “possesso”.

“Porque” inclui todos os cascões putrefatos do baixo astral, e quaisquer “adoradores de deuses” cuja adoração é mecânica (isto é, exclusivamente do baixo Manas) ou sentimental (isto é, exclusivamente das partes mais fracas do Corpo de Desejos), quaisquer espiritistas, e mesmo um certo tipo de “ateu” (que não é ateu coisa nenhuma, é à toa) são focos deste veneno. A corrente se manifesta nos chacras mais baixos, principalmente o do umbigo e o do coração. As correntes prânicas do organismo são assim desviadas: elas devem subir do plexo sacro até os centros superiores da cabeça; em vez disto, dispersam-se numa atividade indirigível e confusa dos chacras mais baixos. Hadit, claro, corresponde ao Ajna; Nuit ao Sahasrara. No iniciado treinado, os centros inferiores funcionam exclusivamente sob a gestão dos centros mais altos. O iniciado é, portanto, frequentemente considerado por “sensitivos” como “frio”, “impiedoso”, “sem amor”. (No entanto, tais “sensitivos” nem sabem o que é o Amor! Conhecem apenas o deboche sexual ou o sentimentalismo doentio.) “Videntes” acham que a aura do iniciado é “negra”, sendo incapazes de perceber as radiações dos centros mais altos. Irmãos Negros, por outro lado, lhes parecem resplendentes de luz. Pudera! A energia está toda sendo irradiada nos planos mais baixos.

28. Agora uma maldição sobre Porque e sua família.

Isto é, contra esses intelectuais a que nos referimos. Não há padrões de “Direito”. Ética é pura tolice. Cada Estrela deve seguir seu próprio curso. Para o inferno com “princípios” morais; não existe tal coisa; é uma ilusão de rebanhos, e faz gado dos homens.⁶¹

Nós podemos, além disto, considerar “porque” como envolvendo a ideia de causalidade, e, portanto, de dualidade. Se causa e efeito são realmente inseparáveis, como devem ser por definição, é mera inabilidade considerá-los como separados; eles são dois aspectos de uma ideia única, concebidos como consecutivos por causa de (aparente) conveniência, ou para o propósito geral, previamente indicado, de nos compreendermos e nos expressarmos em termos finitos.

Não devemos supor por um momento que o *Livro da Lei* é oposto à razão. Pelo contrário, sua própria reclamação de autoridade baseia-se sobre a razão, e nada mais. O Livro desdenha as artes do demagogo. Ele faz da razão o autocrata da mente. Mas precisamente este fato acentua que a mente deve tratar de sua própria função. Não deve transgredir seus limites. Deveria ser um perfeito maquinismo, um aparato para apresentar o Universo acuradamente e imparcialmente ao seu mestre. O Ente, sua Vontade, e sua Percepção.^{62 63}

O estudante sério compreenderá facilmente que todas as religiões, credos, filosofias políticas e sistemas de psicanálise que encorajam divisão entre o Deus e o Adorante — isto é, entre as faculdades superiores e as faculdades inferiores do homem — são Inimigos de Thelema. Levam à escravidão psíquica, a qual se reflete no intelecto, nas emoções, e finalmente, inevitavelmente, nas condições materiais da vida física.

⁶¹ Nota de M.: Note-se que “padrões de Moral” são sempre impostos pelos Irmãos Negros, isto é, a “família” de Porque. Se te batem numa face, vira a outra; se teu inimigo te rouba, perdoa-o; se teu tirano te acossa nesta vida, tanto melhor; quanto mais sofreres aqui, tanto mais gozarás quando estiveres no céu. Tudo isso calculado para tirar o espírito de iniciativa, de independência e dignidade própria das massas, e torná-las dóceis carneiros à mercê dos tosquiadores. Bem dizia Eça de Queirós que quando uma nação Ocidental deseja fundar um império, ela começa por exportar missionários.

⁶² Nota de M.: (Respectivamente, Kether, Chokmah e Binah) estão completamente além do alcance dela. Suas peculiaridades individuais são as suas imperfeições. Se nos identificarmos com nossos pensamentos ou com nossos instintos corporais, estamos, evidentemente, nos sujeitando a partilhar da parcialidade deles. Fazendo de nós mesmos itens da interação de nossas próprias ilusões.

⁶³ Nota de M.: Durante vários milênios a Humanidade tem estado desenvolvendo aquele plano de consciência que Mme. Blavatsky chamava o Corpo Mental. Chegamos ao ponto agora que esse Corpo está perfeitamente organizado em uma minoria de homens, seus materiais, dos mais grosseiros aos mais rarefeitos, ESTÃO PRESENTES EM TODO SER HUMANO. Para progredirmos além, agora que esse Corpo está formado, é necessário que o submetamos à influência de uma faculdade mais alta. Essa faculdade é simbolizada pelos Qabalistas como Binah — a Compreensão. De Conhecimento, todos os homens já são capazes. De Compreensão, pouquíssimos. A única maneira de desenvolvermos a Compreensão consiste em desenvolvermos ao máximo o Corpo Mental — a Razão — e submetê-lo por completo à influência de uma faculdade mais alta — Buddhi Manas, Binah. Este processo é o Próximo Passo na Evolução da Raça, e é chamado a obtenção do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardiã. Assim como o Corpo Mental — Manas — está agora presente em todos os homens e bastante organizado em um terço da Humanidade, é necessário que a Mente Espiritual — Buddhi Manas, Binah — seja desenvolvida em pelo menos um terço da Humanidade, para que essa possa alcançar, na curva seguinte da espiral, uma posição análoga aquela que ocupa agora quanto ao Plano Mental. Mas para fazermos isto é necessário que a Razão seja completamente disciplinada e submetida a uma faculdade que está tão além do plano do raciocínio que sua Manifestação parece aos homens como se fosse uma Aniquilação, uma Cegueira, uma Escuridão, uma Morte. Veja-se *LXV*, Vs. 48-56 e os Comentários pertinentes.

Liber LXV, cap. V:

48. Escutei também a voz de Adonai, o Senhor, o mais desejável, tratando daquilo que está além.

49. Que os habitantes de Tebas e de seus templos nunca tagarelem sobre as Colunas de Hércules e o Oceano Ocidental. Não é bonita a água do Nilo?

50. Que o sacerdote de Ísis não descubra a nudez de Nuit, pois cada passo é uma morte e um nascimento. O sacerdote de Ísis levantou o véu de Ísis, e foi assassinado pelos beijos de sua boca. Então foi ele o sacerdote de Nuit, e bebeu do leite das estrelas.

51. Que o fracasso e a dor não separam os adoradores. As fundações da pirâmide foram talhadas em rocha viva, não no pôr-do-sol; por acaso na aurora o rei lamentou-se que a coroa da pirâmide ainda não havia sido minerada na terra distante?

52. Havia também um colibri que falou com o cerastes de chifres, e lhe implorava veneno. E a grande serpente de Khem, a Santíssima, a serpente real do Uræus, lhe respondeu, dizendo:

53. Naveguei através do céu de Nu no carro chamado Milhões-de-Anos, e não vi nenhuma criatura sobre Seb que fosse igual a mim. A peçonha de minha presa é herança de meu pai, e do pai de meu pai; como poderei dá-la para ti? Que tu e teus filhos vivam como eu e meus pais vivemos, durante centenas de milhões de gerações, e talvez a misericórdia dos Poderosos conceda a teus filhos uma gota do veneno dos antigos.

54. Então o colibri sentiu aflição em seu espírito e voou até as flores, e foi como se nada houvesse sido falado entre eles. Mas logo depois a serpente o golpeou até matá-lo.

29. Seja Porque amaldiçoado para sempre!

Desconfiemos de qualquer explicação. Disraeli disse: “Nunca convide ninguém para jantar, cuja presença tem que ser explicada”. Todas as explicações têm como finalidade disfarçar mentiras, injustiças, ou vergonhas. A Verdade é radiantemente simples.⁶⁴

30. Se a Vontade para e grita Por Que, invocando Porque, então a Vontade para e nada faz.

Não há “razão” por que uma Estrela deva continuar em sua órbita. Ela que vá! Toda vez que o consciente age, ele interfere com o Subconsciente, que é Hadit. É a voz de um Homem falando, não a voz de um Deus. Qualquer homem que escuta o conselho de “ser razoável” para de ser um revolucionário. Os jornais são Mestres Consumados da Loja de Sofismas Nº

55. Mas um Íbis que meditava sobre a margem do Nilo, o belo deus, escutou e ouviu. E deixou de lado seus modos de Íbis, e tornou-se como uma serpente, dizendo: Porventura em uma centena de milhões de gerações, meus filhos alcançarão uma gota do veneno da presa do Exaltado.

56. E vê! antes que a lua crescesse três vezes ele se tornou uma serpente do Uræus, e o veneno da presa se estabeleceu nele e em sua semente para sempre e para sempre.

⁶⁴ Nota de M.: A Humanidade tem que transcender a Razão e passar ao estágio de percepção seguinte. Isto não quer dizer que a Razão não será mais usada. Pelo contrário. Ela será usada. Ao invés de ser, como agora, abusada, ou, o que é pior, em vez de lhe ser permitido abusar das faculdades mais altas. Não é a Razão que está sendo amaldiçoada, mas “Porque”, isto é, aquele estado de consciência em que o ego é considerado como centro e coroa do homem, em vez do fantoche que é, instrumento pelo qual o Verdadeiro Ente apreende fenômenos do plano no qual aquele instrumento é criado. O estado de Porque é característico dos Irmãos Negros, aqueles que “fecham”, isto é, que temem a Aniquilação de Binah por terem identificado sua consciência com o ego. Segue, naturalmente, que a destruição e dissolução dos Irmãos Negros é inevitável. Mas isto é a graça de Nossa Senhora BABALON. A destruição e dissolução dos Irmãos Negros é a Passagem do Abismo, tão cedo o graveto deixe de ser mantido estacionário pelo Jogo das águas (veja-se *Liber Aleph*, Cap. 166). A diferença entre a Passagem deles e a Nossa consiste apenas em que passamos porque queremos — e eles passam sem querer. A agonia e relutância deles é compreensível, mas não é motivo para falsa piedade. Seria tolice nos apiedarmos da necessidade de lancetar um tumor no corpo da Humanidade. O tumor é uma doença — a Humanidade é que importa. Se o tumor não pensa assim, azar dele. E se você se identifica com o tumor, em vez de se identificar com a humanidade, azar o seu.

333. Eles sempre podem provar a você que é necessário e patriótico, e tudo mais, o fato de você aturar insuportáveis abusos.

O Qabalista representa a mente como um complexo de seis elementos, enquanto a Vontade é única, a direta expressão como “A Palavra” do Ente. A mente deve informar a Compreensão, que então apresentará uma ideia simples à Vontade. Esta dará suas ordens de acordo com aquilo, e estas ordens são para serem executadas sem perguntas. Se a Vontade apelar para a mente, ela se confundirá com ideias incompletas e incoordenadas. O clamor desses gritos coroa a Anarquia, e a ação se torna impossível.⁶⁵

O estudante deve procurar compreender que existe um Abismo entre a Compreensão e o Raciocínio. Os impulsos da Vontade que nos são transmitidos, nos parecerão irrazoáveis enquanto não nos tivermos identificado por completo com a Compreensão, enquanto persistirmos em nos identificarmos com “Porque”, ou o ego. O impulso da Vontade aparece diretamente no Consciente, sem qualquer “razão” aparente. Isto é o que Mme.

⁶⁵ Nota de M.: O parágrafo acima, por Crowley, deveria ser lido em conexão com o que dissemos nas duas notas prévias a respeito da função do Corpo Mental na constituição do Homem. Frequentemente as ordens da Vontade parecem “irrazoáveis” à mente — principalmente se esta mente, infeccionada pelos “padrões de moral e conduta” dos escravos de Porque, tende a interpretar as ordens da Vontade em termos de tais padrões, que são, quando muito, a expressão da constituição de outra Mente, a serviço de outra Vontade (Veja-se *Liber Aleph*, Cap. 130).

Liber Aleph, cap. 130: DE RATIONE PRÆSIDIO VOLUNTATIS:

Ó MEU Filho, neste Caso há Escuridão, entretanto este Conforto ali como uma Lâmpada; que não há erro na Vontade, mas apenas Dúvida quanto aos Meios de Sucesso; outrossim nós seríamos como Crianças com medo da Noite. Portanto não precisamos fazer mais que considerar o Assunto à Luz da Razão, e da Prudência, e do Senso Comum, e da Experiência, e da Ciência, ajustando-nos tanto quanto pudermos. Aqui está a Chave do Sucesso; e seu Nome é a Habilidade de Utilizar retamente as Circunstâncias. Esta pois é a Virtude da Mente, ser o Ministro da Vontade, um verdadeiro Conselheiro, através de sua Percepção do Universo. Mas, ó meu Filho, guarda esta Palavra em teu Coração: que a Mente não tem Vontade, nem Direito a ter Vontade, de forma que Usurpação por parte dela causa um fatal Conflito em ti. Pois a Mente é sensitiva, instável como o Ar, e pode ser conduzida tolamente em coleira por uma Mente mais forte que trabalhe como o astuto Instrumento de uma Vontade. Portanto tua Segurança e Defesa está em manter tua Mente em sua reta Função: um fiel Ministro de tua Verdadeira Vontade, que é Rei daquela Estrela cujo nome é Tu Mesmo, por Eleição da Natureza. Aprende bem isto, ó meu Filho! Pois tua Mente Passiva é retamente um Espelho para refletir todas as Coisas claramente sem Preconceito, e para permanecer inconspicua por elas.

Blavatsky desejou simbolizar pela expressão “A Voz do Silêncio”. O paradoxo contido na expressão indica que ela estava tentando descrever para o intelecto profano a experiência do intelecto de uma Mestra do Templo — isto é, de um intelecto que estava identificado, ou pelo menos buscava estar identificado, com percepções acima do Abismo.

31. Se o Poder pergunta por que, então o Poder é fraqueza.

É ridículo perguntar porque um cachorro ladra. Devemos cumprir nossa própria verdadeira Natureza, devemos fazer nossa Vontade. Questionar isto é destruir confiança em nós mesmos, e assim criar uma inibição. Se uma mulher pergunta a um homem que deseja beijá-la por que é que ele quer fazer isto, ele se torna impotente, o curso de ação para ele é beijá-la à força sem explicações, que é o que ela quer que ele faça quando pergunta.

Poder age: a natureza da ação depende da informação recebida pela Vontade; mas uma vez a decisão seja tomada, reflexão não tem mais nada a ver com o assunto. Poder deveria, de fato, ser absolutamente inconsciente. Todo atleta está cômico de que sua perícia, força e resistência dependem de proibir a mente que interfira com os músculos. Aqui está um simples experimento: segure um peso na mão, com o braço estendido ao nível do ombro. Se você fixar sua atenção firmemente em outro assunto, você pode suportar o esforço muito mais tempo do que se você se permitir pensar no que seu corpo está fazendo. ⁶⁶

⁶⁶ Nota de M.: Frequentemente a mente se rebela quando a Vontade dá uma ordem. A mente se assusta, ou interpreta mal a ordem, ou permite que uma inibição apareça. Isto é um efeito da tara de escravidão hereditária. Durante séculos os nossos antepassados seguiram “padrões de moral” em vez de executarem suas próprias Vontades verdadeiras (Era-lhes dito que era pecado serem livres). Nestas nossas existências, nós tivemos o exemplo da escravidão desde o berço na conduta de nossos pais. Nossas mentes cheias de hábitos e tendências enraizadas, que são “nossas”, mas são farrapos tomados de empréstimo a outros, ou germens de infecção inculcados em nós pela malícia de mentes doentias que pensavam que a virtude alheia consistia em, que o alheio agisse de acordo com seus preconceitos.

É por isso que persistência e fidelidade na execução das práticas da A.'.A.'. é de tamanha importância. Estas práticas foram visadas com a finalidade única de criar hábitos sadios na mente — de dissolver as inibições e os complexos, e tornar a mente apta a captar as mensagens de SUA PRÓPRIA VONTADE — e não os hábitos de outras Vontades e outras mentes. Práticas como dizer “Vontade” às refeições, saudar o sol nas estações do dia, abrir e fechar nossas cartas de acordo com a Lei, saudar a pessoa em cuja casa comemos ou bebemos com a

32. Também a razão é uma mentira; pois existe um fator infinito & desconhecido; & todas as palavras deles são meandros.

O “fator infinito e desconhecido” é a Vontade subconsciente. “Suas palavras” — a plausível conversa fiada dos jornais e das igrejas. Esqueçam isto! Allon! Marchons! ⁶⁷

Já foi explicado em nota prévia que a razão é uma mentira por natureza. Nós podemos aqui acrescentar certas confirmações sugeridas pelo “fator”. A e a (não-A) juntas constituem o Universo. Como é evidentemente “infinito e desconhecido”, seu oposto, e igual, A, não deve sê-lo menos. De novo, de qualquer proposição S é P, a razão deduz “S não é P”; assim, a aparente finitude e “conhecibilidade” de S é enganadora, desde que S está em direta relação com P.

Não importa o que n seja, $n + \dots$, o número de números indutivos é inalterado por adição ou subtração. Há tantos números ímpares quanto há números ao todo. Nosso conhecimento está confinado a asserção das relações entre certos grupos de nossas próprias impressões sensórias; e somos convencidos pelas nossas limitações que “um fator infinito e desconhecido”

Lei — tudo isto, praticado com fidelidade durante anos, auxilia nossas mentes a se libertarem de seus preconceitos e de seus reflexos automáticos doentios. Tais práticas parecem ridículas, e são. Elas não são “razoáveis”. Mas tampouco é a Vontade “razoável”, a não ser para a Razão Iniciada — e quanto mais cedo o Aspirante começar escrupulosamente a executar estas práticas “irrazoáveis” e “ridículas”, tanto melhor para ele, pois tanto menos tempo passará antes da “Libertação do escravo” (Veja-se *Liber VII*, VI, 22-25).

Liber VII, cap. VI:

22. *A noite cai como um manto reluzente dos ombros de um príncipe sobre um escravo.*

23. *Ele se ergue um homem livre.*

24. *Joga tu, Ó profeta, o manto sobre estes escravos!*

25. *Uma grande noite, e fogos escassos nela; mas liberdade para o escravo que a glória dela cercará.*

⁶⁷ Nota de M.: Crowley escreveu esta parte do Comentário durante o princípio da Revolução Russa, que coincidiu com as primeiras tentativas de formação do Partido Socialista na Inglaterra. Ele estava bastante entusiasmado com as tendências libertárias do movimento, que ele reconhecia — corretamente — como os primeiros efeitos da Lei de Thêlema no plano social. Mas os efeitos abortaram, porque os líderes não eram iniciados. A Rússia moderna é o paraíso da burguesia e da aristocracia — e o Socialismo inglês só serve para dar mais emprego e menos trabalho aos preguiçosos, a custa dos que tem que trabalhar por três, porque os vizinhos de cada lado trabalham por meio.

deve estar escondido dentro da esfera da qual vemos apenas uma diminuta parte da superfície. Quanto à razão mesma, o que é mais certo do que suas leis a não ser apenas a expressão consciente dos limites impostos sobre nós por nossa natureza animal, e que atribui validade universal, ou mesmo significado, a eles, é uma tolice lógica, os delírios de nossa megalomania? A razão não é mais que um grupo de regras desenvolvidas por nossa raça; não lida com o que quer que seja além de impressões sensoriais e as reações destas com diversas partes de nosso ser. Não existe escape possível do círculo vicioso que nós podemos registrar apenas com o funcionamento de nosso próprio instrumento. Nós concluímos, do fato que ele funciona, que deve haver “um fator infinito e desconhecido” agindo sobre ele. Este sendo o caso, podemos estar certos de que o nosso aparato é inerentemente incapaz de descobrir a verdade sobre o que quer que seja, mesmo em parte. ⁶⁸

⁶⁸ Nota de M.: Por isto é que é necessário desenvolver uma faculdade mais avançada. O intelecto funciona bem dentro dos seus limites, mas não pode ultrapassá-los. Um telescópio serve ao astrônomo para que a mente deste examine aquela parte do Universo da qual o telescópio é parte; mas não serve para que o astrônomo examine sua própria mente, porque a mente fabricou o telescópio, e apenas parte dela está incluída no Universo de que o telescópio é parte. Há um fator infinito e desconhecido. A mente criou o telescópio; mas quem criou a mente? Uma faculdade superior, para a qual a mente é o que o telescópio é para a mente.

Em poucas palavras: Nós nascemos e morremos, e entretanto temos a possibilidade de desenvolver e usar nossas mentes. Mas a mente não é capaz de penetrar o mistério do nascimento, nem é capaz de interferir com o processo da morte. Isto seria suficiente para que a mente compreendesse que ela é uma projeção em certas dimensões de uma Faculdade ou Força que contém, pelo menos, uma dimensão mais. Esse é o fator infinito e desconhecido. Desde que nós definimos (por pura conveniência nossa) o progresso como expansão de consciência e de controle do nosso ambiente, é necessário que expandamos nossa consciência além do intelecto, para adquirirmos controle dos fatores quais o próprio intelecto não é mais que uma função. ISTO É O PROCESSO INICIÁTICO.

Nota importante: Na época em que este Livro foi escrito, a Ciência Oficial negava colericamente a existência do “fator infinito e desconhecido” e se agarrava, com patética fé, à ideia de que a razão era a pedra de toque da verdade. Em uma única sentença, Aiwaz antecipa as descobertas pelas quais as maiores mentes agora encarnadas tornaram memoráveis os últimos dez anos.) (Nota: Crowley se refere à Teoria da Relatividade, de Einstein, à Lógica Simbólica de Cantor, e às Geometrias de Riemann e Bolyai, que apareceram naquela época).

Nota de E.: veja-se também a atual teoria quântica e os Ensaio de Itzhak Bentov e Stanislav Grof (*Além do Cérebro* e outros).

33. Bastante de Porque! Seja ele danado para um cão!

Esta é a única maneira de lidar com a razão. A razão conduz o filósofo a auto-contradição, o estadista a tolices doutrinárias; faz com que o guerreiro deixe suas armas, e o amante pare de delirar. O que existe tão irrazoável quanto o homem? O único Porque na litania do amante é Porque eu te amo? (Veja-se *LXV*, I, 54-56, e os Comentários Pertinentes.)

Filosoficamente, “Porque” é absurdo. Não existe resposta à pergunta Por Que. Os maiores pensadores foram sempre cépticos ou agnósticos; *Omnia exeunt in mysterium* e *suma scientia nihil scire* são lugares-comuns antiquíssimos. Em meus ensaios “Verdade” (em *Konx Om Pax*), “O Soldado e o Corcunda”, “Eleusis”, e outros, eu ofereci uma demonstração detalhada da natureza autocontraditória da Razão. O ponto crucial da prova toda pode ser sumarizada ao dizermos que qualquer proposição possível deve ser igualmente verdadeira com sua contraditória, ou então o universo não mais estaria em equilíbrio. Não é objeção, que se aceitamos isto nós destruimos a Lógica convencional; pois é precisamente este o nosso propósito. Eu posso mencionar também aqui, brevemente, uma linha de análise.

Eu pergunto “O que é (por exemplo) uma árvore?” O dicionário define esta ideia simples através de muitas ideias complexas; obviamente agente se afunda mais e mais a cada braçada. O mesmo se aplica a qualquer “Por Que” que pode ser perguntado. O mistério único a que a pergunta se refere desaparece como uma consequência de inumeráveis antecedentes, cada um igualmente misterioso.

Perguntar é, assim, evidentemente mais que perder tempo, se agente está buscando uma verdade.

Existe também o ponto que qualquer proposição S é P , meramente inclui P na conotação de S , e, portanto, não é realmente a asserção de uma relação entre duas coisas, mas uma emenda à definição de uma delas. “Alguns gatos são negros” apenas significa que nossa ideia de um gato envolve a possibilidade de aparecer preta, e que pretura é consistente com esses grupos de impressões que nós reconhecemos como característicos de gatos. Toda raciocinação pode ser reduzida a forma silogística; daí, o único efeito do processo é tornar cada termo mais complexo. A razão não acrescenta ao nosso conhecimento; um fichário não aumenta diretamente a nossa correspondência, mas pelo seu arranjo agente adquirimos maior controle do nosso negócio.

Assim, a coordenação de nossas impressões nos deveria auxiliar a controlá-las; mas permitir que a razão nos reja é tão abjeto quanto esperarmos que a correção de nossos livros de contas nos permitirá que abandonemos iniciativa de um lado e transações comerciais de outro.

34. Mas vós, ó meu povo, levantai-vos & acordai.

Não devemos calcular, argumentar, criticar; estas coisas levam à divisão da Vontade e a estagnação. Elas são impedimentos ao nosso Ir. Prendem as pernas do nosso Pégaso. Devemos erguer-nos — ir — amar — devemos estar despertos, alerta.

*“Joyous and eager, Our tresses adorning,
O let us beleaguer the City of Morning!*

O segredo da Magia é “inflamar-se em oração”. Este é o teste rápido de uma Estrela, que roja flamejante através do céu. Você não pode tomá-la por uma Velha Solteirona Protestando Contra Tudo. Este Universo é um carnaval de átomos, homens e estrelas, cada qual uma Alma de Luz e Alegria, cavalgando a Eternidade.

Observe-se que devemos “erguer-vos” antes de “acordarmos”! Aspiração ao mais Alto é um sonho — um devaneio que permanece um fantasma para nos tentar para longe da realidade — a não ser que o sigamos com Ação. Somente então nos tornamos completamente cômicos de nós mesmos, e entramos em reta relação com o mundo em que vivemos.

35. Que os rituais sejam retamente executados com alegria & beleza.

Um ritual não é uma formalidade melancólica; é um Sacramento, uma Dança, uma Comemoração do Universo. O Universo é eterna raptura, bravia e inconfineda, uma louca paixão de velocidade. Astrônomos nos dizem isto quanto à Grande República das Estrelas; os físicos nos dizem o mesmo quanto à Pequena República das Moléculas. Não deverá a República Média de Homens ser como elas? O esteticista delicado hesita; o ideal dele é uma solenidade funérea. Seu horizonte está circunscrito pela morte; e o telescópio dele está borrado com a ideia de pecado. O Novo Æon proclama que o

Homem é um Deus Imortal, eternamente ativo para fazer Sua Vontade. Tudo é Alegria, tudo é Beleza; esta Vontade nós Celebramos.

Neste verso nós vemos como o despertar leva a ação organizada e com propósito. Alegria e Beleza são a evidência de que nossas funções estão livres e aptas; quando nosso trabalho não nos dá prazer, nem vemos nele coisa alguma que mereça admiração, nós estamos trabalhando errado.

36. Há rituais dos elementos e festas das estações.

Cada elemento — fogo, terra, ar, água e Espírito — possui sua própria Natureza, Vontade, e Fórmula Mágica. Cada um pode então ter seu ritual apropriado. Muitos destes, um pouco crus, são descritos no *Golden Bough* do Dr. J. G. Frazer, a Glória de Trinity!

Em particular, a entrada do Sol nos signos cardinais dos elementos nos Equinócios Solstícios são ocasiões apropriadas para festivais.

A diferença entre “rituais” e “festas” é esta: através de rituais uma forma particular de energia é gerada, enquanto através de festas há uma descarga geral de nossa força supérflua. No entanto, uma festa implica nutrição periódica.

37. Uma festa para a primeira noite do Profeta e sua Noiva!

Deveria haver uma festa especial no dia 12 de agosto todo ano, desde que foi o casamento d’A Besta que tornou possível a revelação da Nova Lei (Isto não é uma Apologia do Casamento).

38. Uma festa para os três dias da escritura do Livro da Lei.

Isto é 8, 9 e 10 de abril, a festa começando ao Meio-Dia.

39. Uma festa para Tahuti e a criança do Profeta — secreta, ó Profeta!

Esta festa particular é de um tipo próprio apenas a iniciados.

40. Uma festa para o Supremo Ritual, e uma festa para o Equinócio dos Deuses.

O Supremo Ritual é a Invocação de Hórus, que causou a Abertura do Novo Æon. A data é 20 de março.

O Equinócio dos Deuses é o termo usado para descrever o princípio de um Novo Æon; ou uma Nova Fórmula Mágica. Deve ser celebrado em todo Equinócio, da maneira conhecida de Neófitos da A.:A.:

41. Uma festa para o fogo e uma festa para a água; uma festa para vida e uma festa maior para a morte!

As festas do fogo e água indicam regozijo a ser feito à puberdade de meninos e meninas respectivamente.

A festa para a vida é no nascimento de uma criança e a festa para a morte, na morte de alguém. É de máxima importância tornar funerais uma ocasião alegre, de forma a treinar pessoas a encararem a morte de maneira certa. O medo da morte é uma das grandes armas dos tiranos, como também o açoite deles; e deturpa toda nossa perspectiva do Universo.

42. Uma festa diária em vossos corações na alegria de minha raptura! Para aquele que realiza Hadit, este texto não necessita muito comento. É maravilhosa, essa alegria de acordarmos toda manhã para a realidade de nossa imortal energia e raptura.

43. Uma festa toda noite para Nu, e o prazer do mais transcendente deleite.

Dormir é, em um senso, retornar ao Seio de Nuit. Mas há um Ato de Adoração especial de Nossa Senhora, como sabeis bem.

44. Sim! festejai! regozijai-vos! não existe pavor no além. Existe a dissolução e eterno êxtase nos beijos de Nu.

Não tenha medo do excesso; é melhor nos gastarmos depressa do que nos enferrujarmos aos poucos. Você é inconquistável, e sua energia é infatigável. Grandes Homens acham tempo para tudo, não evitam coisa alguma, estabelecem reputações em meia dúzia de linhas diversas, tem vinte casos amorosos simultâneos, e vivem noventa anos. O frouxos e os

valetudinários nunca vão a parte alguma; usualmente morrem cedo; mesmo que vivessem para sempre, de que adiantaria?

O corpo é, em si, tanto uma restrição quanto um instrumento. Quando a morte é completa, como deveria ser, o indivíduo expande e se cumprem todas as direções; é um Samadhi uniforme. Isto é, claro, “êxtase eterno” no senso já explicado. Mas no mundo-tempo, o Karma, reconcentra os elementos, e uma nova encarnação ocorre.⁶⁹

⁶⁹ Nota de M.: A ideia de “pavor no além” foi originada e é mantida pelos Irmãos Negros. Esses cavalheiros, tendo decretado que os homens eram maus (porque faziam o que queriam, em vez de fazer a “vontade” dos Magos Negros), resolveram corrigi-los, e para este fim inventaram não só a vida eterna da personalidade (uma mentira), quanto a eterna tortura de personalidades que se recusassem, durante a existência terrena, a seguirem seus padrões de “moral”. Dessa maneira, através dos séculos, os fariseus se tem enriquecido neste mundo às custas da pobreza material, moral e espiritual dos seus seguidores. As igrejas organizadas do presente são uma evidência fundamental e flagrante disto. Todas elas ensinam que existe um inferno. Nem poderiam deixar de ensinar. Esse inferno está dentro delas mesmas. Veja-se Capítulos 139 e 201 de *Liber Aleph*.

Como se isto não bastasse, os “feiticeiros” e “hereges” da Idade Média eram submetidos a exorcismos e a pavorosas torturas. A finalidade desta prática era IMPRESSIONAR TELEPATICAMENTE as “Assembleias de Satã — isto é, os outros “feiticeiros” e “hereges” — com os tormentos em questão. Consequentemente, todos nós que tendemos espontaneamente a aceitar a Lei de Thêlema TEMOS FUNDO DENTRO DE NÓS, UM MEDO INSTINTIVO DOS EXORCISMOS ROMANOS. Esses exorcismos são associados em nossa Memória Mágica com a ideia de pavorosas torturas. A mente do Aspirante inexperiente que sente isto pela primeira vez, às vezes, interpreta este medo como medo do inferno. Não deixa de ser; mas foi um inferno criado aqui na terra por homens de uma tal capacidade para infligir dor aos seus semelhantes, que é difícil acreditar, a não ser vendo gravuras da época e descrições de historiadores quanto às torturas indizíveis da Inquisição. Mente e corpo alquebrados, impressionáveis, entre a vida e a morte, escorrendo sangue, ouvíamos os exorcismos rezados sobre nós — e depois íamos para a fogueira. Tudo isto, diziam os padres, feito com a finalidade de salvar “a alma” pela mortificação do corpo. Mas que os Aspirantes se lembrem disto: A FINALIDADE ERA PRODUZIR UM EFEITO NA MEMÓRIA MÁGICA DOS INICIADOS JURADOS À FRATERNIDADE BRANCA — E OS IRMÃOS NEGROS QUE INSPIRARAM TAIS CORRENTES SABIAM PERFEITAMENTE O QUE ESTAVAM FAZENDO.

A ideia de alguém capaz de praticar o “mal” por amor ao “mal” — de infligir dor ao próximo pelo simples prazer disto — é difícil de absorver. Aconselhamos aos Aspirantes a lerem as obras do Marques de Sade, que tratou a fundo dessas tendências QUE TODOS TEMOS — e que é nosso dever aprender a dominar, pois são tendências puramente animais. O verdadeiro caçador mata apenas para comer; e o Verdadeiro Iniciado não pune por prazer.

Capítulos 139 e 201 de *Liber Aleph*:

139. DE INFERNO SERVORUM

45. Há morte para os cães.

Os pudibundos, os pedantes, os cristãos, morrem num senso real da palavra; pois se bem que mesmo eles são “Estrelas”, não existe substância suficiente (por assim dizer) para transmitir uma individualidade. Não há base para a memória mágica se nossa encarnação nada tem que valha a pena lembrar. Contai vossos anos pelas vossas feridas — *forsitan haec meminisse juvabit.*⁷⁰

AGORA, ó meu Filho, que compreendeste o Céu que está dentro de ti, de acordo com tua Vontade, aprende isto sobre o Inferno dos Escravos dos Deuses-Escravos: que é um verdadeiro Lugar de Tormento. Pois eles, restringindo-se a si mesmos, e estando divididos na Vontade, são realmente os Servos do Pecado; e eles sofrem, porque, não estando unidos em Amor com o Universo inteiro, eles não percebem a Beleza, mas sim Fealdade e Deformidade; e, não estando unidos em Compreensão destas, concebem apenas Escuridão e Confusão, contemplando o Mal ali. Assim por fim eles chegam, como fizeram os Maniqueus, a ver, para Terror seu, uma Divisão mesmo no Um; não aquela Divisão que nós sabemos ser o Artífício do Amor, mas uma Divisão de Ódio. E isto multiplicando-se, Conflito sobre Conflito, acaba em Confusão, e na Impotência e Inveja de Choronzon, e nas Abominações do Abismo. E de tais são Senhores os Irmãos Negros, que buscam por suas Feitiçarias confirmarem-se em Divisão. Entretanto mesmo nisto não há verdadeiro Mal; pois o Amor conquista Tudo, e a Corrupção e Desintegração deles é também a Vitória de BABALON.

201. DE HERESIA MANICHÆA

ESTES Filósofos - ou não direi Eu, Misósofos e Pseudo-Sofistas? - tem tido muita dificuldade para explicar o Mistério da Existência do Mal deles. Eles tem gritado, espumando Palavras, que o Mal é Ilusão. Mas se assim é, então aquela Ilusão é Má; de onde veio, e para que Fim? Se o Diabo deles a criou, quem criou aquele Diabo? Toda contenção deles acaba sempre neste Dilema de Mudança em um Imutável, Falsidade em um Verdadeiro, Ódio em um Amoroso, Fraqueza em um Onipotente, Dualidade em um Simples, Ente tal como eles definem o seu Deus. Nem vêem eles que eles restringem esse seu Deus (o qual no entanto eles queriam que fosse o todo) quando admitem Opostos à Natureza dele, mesmo quando eles somam esses Opostos como Ilusão; desde que a Ilusão é a Negação da Verdade deles. Mas os Hindus, vendo isto, buscam Saída negando toda e qualquer Qualidade que seja ao seu Deus, ou Verdadeiro Estado (Eu falo de Parabrahman e de Nibbana), assim em qualquer Realidade de Pensamento antes negando Aquilo, ou Ele, do que Destruindo a Ilusão. Mas em nossa Luz nós não necessitamos negar coisa alguma, e aceitamos Tudo, sim, mesmo a Ilusão, discriminando em nossas Mentes entre Fenômenos apenas por Comparação deles com algum Padrão que nos convenha, a fim de mantermos a Ordem de nossas Concepções com Respeito à Relação de qualquer Ente com o seu Ambiente.

⁷⁰ Nota de M.: Crowley cita a saguaro os Capítulos 192, 193 e 194 de *Liber Aleph*, aos quais referimos os leitores. Devemos acrescentar aqui que, a definição de “cães” sendo aqueles que adoram Deus COMO UMA COISA EXTERNA A ELAS MESMOS, todos os “religionistas” deste tipo

morrem assim, a não ser que numa parte ou noutra de suas existências o Ruach tenha identificado, por um momento que seja com a Verdadeira Vontade.

É claro que isto se torna mais fácil e mais frequente se o homem busca lembrar constantemente de que ELE É DEUS, e busca conscientemente, durante sua vida inteira, identificar-se com sua Verdadeira Vontade.

É também claro que este programa não agrada aos Irmãos Negros. Nem neles mesmos, nem em seus semelhantes.

Capítulos 192, 193 e 194 de *Liber Aleph*:

192. DE MORTE

TU me perguntaste sobre a Morte, e esta é a minha Opinião, da qual Eu não digo: Esta é a Verdade. Primeiro: no Templo chamado Homem está o Deus, sua Alma ou Estrela, individual e eterna, mas também inerente ao Corpo de Nossa Senhora Nuit. Agora, esta Alma, como um Oficiante na Missa Solene do Cosmo, toma a Vestimenta do seu Cargo, isto é: habita um Tabernáculo de Ilusão, um Corpo e Mente. E este Tabernáculo está sujeito à Lei de Mudança, pois é complexo, e difuso, reagindo a todo Estímulo ou Impressão. Se então a Mente estiver ligada constantemente ao Corpo, a Morte não tem Poder para decompô-la por completo, mas um Cascão putrescente do Morto, sua Mente mantendo coeso durante algum tempo seu Corpo de Luz, vaga na Terra, buscando (em seu Erro, que teme a Mudança) um novo Tabernáculo em algum outro Corpo. Tais Cascões estão completamente separados da Estrela que os iluminava, e são Vampiros, possuindo aqueles que se aventuram no Mundo Astral sem Proteção Mágicka, ou os invocam, como fazem os Espiritistas. Pois pela Morte o Homem é desligado só do Corpo Grosseiro, a princípio, e permanece completo quanto ao resto sobre o Plano Astral, como ele era em Vida. Mas esta Compleição sofre Pressão, e seus Ligamentos são desfeitos, primeiro os mais fracos, depois os mais fortes.

193. DE ADEPTIS R.C. ESCHATOLOGIA

CONSIDERA agora nesta Luz o que acontecerá ao Adepto, àquele que aspirou constantemente e firmemente à sua Estrela, atunando sua Mente à Música da Vontade dessa. Nele, se sua Mente estiver perfeitamente organizada em si mesma, e conjugada com a Estrela, há uma Confecção tão forte que se desliga facilmente não só do Corpo Grosseiro, mas do Sutil. É este Corpo Sutil que a prende ao Mundo Astral, como o Corpo Grosseiro a prendia ao Material; assim ela executa voluntariamente o Sacramento de uma Segunda Morte, e deixa o Corpo de Luz. Mas esta Mente, apegando-se estreitamente por Direito de sua Harmonia, e pelo Poder do seu Amor, à sua Estrela, resiste aos Ministros de Ruptura, por um Período, de acordo com sua Força. Agora, se esta Estrela for daquelas que estão obrigadas pelo Grande Juramento, encarnando-se sem Remissão por causa de seu Deleite no Sacramento Cósmico, ela busca um novo Veículo na Maneira Designada, e habita o Feto de uma Criança, e o anima. E se então a Mente do seu Prévio Tabernáculo ainda está apegada a ela, neste caso existe Continuidade de Caráter, e talvez Memória, entre os dois Veículos. Este, brevemente e sem Elaboração, é o Caminho de Asar em Amennti, de acordo com a minha Opinião, da qual Eu não digo: Esta é a Verdade.

194. DE NUPTIIS SUMMIS

46. Falhas? Arrependes-te? Há medo em teu coração?

Este verso traz à tona o que é um fato na psicologia, a conexão necessária entre medo, sofrimento e fracasso. Querer e ousar são Poderes da Esfinge estreitamente ligados, e estão baseados em — saber. Se temos uma percepção correta do Universo, se sabemos que somos livres, imortais, sem limite, infinita força e fogo, então podemos querer e ousar. Medo, sofrimento e fracasso são apenas fantasmas.

47. Onde Eu sou esses não são;

Hadit está em toda parte; medo, sofrimento e fracasso são apenas “sombas”. É por esse motivo que compaixão é absurda.

Pode ser objetado que, afinal de contas, “sombas” existem; os “ratos cor-de-rosa” de um alcoólico não serão exorcizados por métodos da “Ciência Cristã”. Bem verdade — eles são de fato, funções necessárias de nossa ideia do Universo em seu “jogo de sombas” dualístico. Mas não formam parte de Hadit, que está abaixo de todas as condições. E são em um senso menos reais que suas contradições lógicas, porque são potentemente incompatíveis com o Imutável e Impessoal. Tem suas raízes em concepções envolvendo mudança e personalidade. Estritamente falando, “alegria” é não menos absurdo que sofrimento, com referência a Hadit; mas do ponto de vista do indivíduo, este não é o caso. Nosso medo da morte é removido pelo conhecimento do fato que na realidade não existe tal coisa; mas nossa alegria de viver não é afetada.

AGORA então a esta Doutrina, ó meu Filho, adiciona aquilo que tu aprendeste no Livro da Lei: que a Morte é a Dissolução no Beijo de Nossa Senhora Nuit. Isto é uma verdadeira Consonância como a de Basso com Soprano; pois eis aqui o Impulso que nos impele à Magick: a Dor da Mente Consciente. Tendo então Discernimento para perceber a Causa desta Dor no Senso de Separação, e sua Cessação na União do Amor, é o Cume de Nossa Santa Arte apresentar o Ente Inteiro de Nossa Estrela a Nossa Senhora no Nupcial de nossa Morte Física. Nós devemos então fazer de nossa inteira Máquina o verdadeiro e real Instrumento de nossa Força, sem Vazamento, ou Fricção, ou qualquer outro Desperdício ou Impedimento à sua Ação. Tu bem sabes como um Cavalo, ou mesmo uma Máquina propelida pelos Pés do Homem, se torna como que uma Extensão do Cavaleiro, através da Habilidade e Prática deste. Assim, que tua Estrela tenha Lucro de teu Veículo, assimilando-o, e sustentando-o, de forma que ele seja curado de sua Separação, e isto mesmo durante a Vida; mas principalmente na Morte. Também, tu deverias aumentar a Massa de teu Veículo através de Verdadeiro Crescimento em Equilíbrio, para que sejas um Noivo belo e bem prendado, um Homem Forte, e um Guerreiro digno da Cama de uma tão divina Dissolução.

48. Não tenhais piedade dos caídos! Eu nunca os conheci. Eu não sou para eles. Eu não consolo: Eu odeio o consolado & o consolador.

É demonstrado por várias vezes neste Livro que “cair” é na verdade impossível. “Tudo é sempre como foi”. Simpatizar com ilusão não só é absurdo, mas tende a perpetuar a falsa ideia. É um erro “estragar” uma criança, ou consolar maldade imaginária. Devemos, ao contrário, dissipar as sombras acendendo um fogo, o qual é: Faze o que tu queres.

49. Eu sou único e conquistador. Eu não sou dos escravos que perecem. Sejam eles danados & mortos! Amen (Isto é dos 4: existe um quinto que é invisível, & ali sou Eu como um bebê em um ovo).

Continua a maldição contra a alma-escrava. Devemos conquistar a Ilusão, dissipá-la. Os escravos que perecem estão melhor mortos. Renascerão em um mundo onde a Liberdade é o Ar que Respiramos. Portanto, em toda caridade, os cristãos aos leões! ⁷¹

O “Bebê no ovo” é Harpócrates; é sua Imagem regular. Não estou bem satisfeito com o velho comento deste verso. Parece antes como se Amen devesse ser o começo de um novo parágrafo. Amen é evidentemente uma síntese dos quatro elementos, e o quinto invisível é espírito. Mas Harpócrates, o Bebê no ovo, é virgo no Zodíaco em verdade, mas Mercúrio entre os planetas. Mercúrio tem o Elmo Alado e Sandálias Aladas, além do Caduceu Alado em volta do qual Cobras se enroscam, e Ele é que Vai. Agora, esta letra é Beth, cuja numeração é 2, e AMEN é 91, que adicionado a 2 faz 93. Amoun, é claro, é a mais alta Forma de Júpiter. Para compreender esta nota por completo, deve-se ter estudado “O Trabalho de Paris”; *TAMBÉM, DEVE-SE SER UM INICIADO DA O.T.O.*

50. Azul sou Eu e ouro na luz de minha noiva: mas o brilho vermelho está nos meus olhos; & minhas escamas são púrpura & verde.

Aqui é sugerida a Imagem de “a Estrela e a Cobra”. (Veja-se *Liber HAD*)

⁷¹ Nota de M.: Chamamos a atenção do leitor para a palavra “não”. Hadit está dizendo que os escravos que morrem, também são Ele. Apenas não O manifestam em si mesmos, isto é, não estão cômnicos d’Ele. Só tornam-se cômnicos d’Ele na morte. Veja-se os versos 17 e 18.

51. Púrpura além de púrpura; é a luz mais alta que a visão.

Púrpura — o ultravioleta (v. 51), a mais positiva das cores.

Verde — a mais negativa das cores, no meio do espectro.

A Imagem Mágica de Hadit é, portanto, um olho dentro de uma serpente enrodilhada, brilhando rubro — o vermelho espiritual do Espírito da Natureza, a letra Shin, não o mero Fogo — no *apex* do Triângulo no meio círculo do Corpo de Nuit, e atirando escamas como as do *spectrum* de oito cores, incluindo o ultravioleta, mas não o ultra vermelho; e colocado acima de um véu negro, como o próximo verso indica.

Existe certa sugestão neste púrpura em conexão com “visão”, que deveria revelar uma certa identidade de Hadit com a Alma-Anã daqueles que possuem — olho.

52. Existe um véu; aquele véu é negro. É o véu da mulher modesta; é o véu de sofrimento, & o manto da morte: isto nada é de me. Abaixo com aquele mentiroso espectro dos séculos: não veleis vossos vícios em palavras virtuosas: estes vícios são meu serviço; vós fazeis bem, & Eu vos recompensarei aqui e no além.

Este verso é muito difícil para qualquer pessoa, com ou sem moralidade. Pois aquilo que “homens” hoje em dia chamam de “Vício” é na realidade virtude — *virtus*, hombridade — e o que eles chamam “Virtude” é covardia, hipocrisia, falso pudor, falsa castidade e falsa piedade.

Mohammed golpeou a raiz da insana superstição de tabu ao dizer: “As mulheres são vosso campo; arai-o como quiserdes.” Ele deu apenas meio golpe. Eu digo: Ide às mulheres como quereis e como elas querem. Dois terços da miséria moderna são causados pela insatisfação sexual da Mulher. Uma mulher insatisfeita é uma maldição para si mesma e para todo mundo em sua vizinhança. As mulheres devem aprender a desfrutar sem medo nem vergonha, e tanto os homens quanto as mulheres devem ser treinados na técnica do sexo. Repressão sexual leva a neuroses, e é a causa de inquietação social. Ignorância de técnica sexual leva a desapontamento, mesmo onde a paixão é livre e sem restrições. Sexo não é tudo na vida, não é mais que comida; mas até que as pessoas tenham satisfeito estas fomes naturais, é inútil esperar que pensem em outras coisas. Esta verdade é vital ao estadista, agora

que as mulheres podem votar; elas certamente derrubarão qualquer governo a não ser que obtenham completa satisfação sexual. Também, as mulheres são mais numerosas que os homens; e um homem não pode satisfazer uma mulher a não ser que ele seja habilidoso e diligente. O Novo Æon terá uma fundação de Mulheres Felizes; uma mulher sujeita a tabu é odiosa para a vida, detestada por suas companheiras, e sente-se miserável.

O estudante deveria estudar em *Liber Aleph* e *Liber 418* a conexão entre “modéstia” e a atitude dos Irmãos Negros.⁷²

⁷² Nota de M.: Os Irmãos Negros fazem frequente uso de pederastas como instrumentos. Por pederastas queremos aqui dizer pessoas aparentemente do sexo masculino, mas que só se sentem atraídos por seu próprio sexo.

O motivo por que os Irmãos Negros podem usar esta gente é que Irmãos Negros odeiam e temem a mulher. Eles têm uma fixação na ideia materna — o que é chamado COMPLEXO DE ÉDIPO pelos psicanalistas.

O mecanismo do complexo é muito simples. A primeira mulher a cuja influência magnética um menino é submetido é, em via de regra, a sua mãe. Ela é o seu primeiro amor, e também o seu primeiro ódio, porque é ela que o vigia e pune quando ele quer fazer uma “arte” — isto é, expressar sua Vontade. As restrições artificiais impostas pela vida moderna, as taras hereditárias dos deuses dos escravos, a insatisfação sexual da mulher moderna — tudo isto contribui para que mães percam a paciência com os filhos com demasiada frequência, e os punam por façanhas que na realidade merecem recompensa, como demonstrando coragem, iniciativa e vivacidade.

A criança se imbuí deste misto de afeição e ressentimento pela mãe, e quando o instinto sexual começa a aflorar (e afloram muito mais cedo do que os pudicos gostam de pensar) ela é a primeira fixação sexual dele. Aqui entra o fator do tabu imbecil do incesto. A tendência natural do jovem é para uma menina da sua idade — mas se ele quiser ir para com a mãe, a única objeção que podemos levantar é o perigo, do ponto de vista psicológico, dele se tornar escravo dela para o resto da vida. A relação física não tem sentido “moral” em si. Pelo contrário — a relação física pode dissipar o Complexo de Édipo em certos casos, satisfazendo a atração e levando o jovem a se interessar por outras aventuras.

A constituição de uma pessoa que tem predisposição a se tornar um Irmão Negro é bastante peculiar. Todo homem e toda mulher é, e deve ser, o centro do Universo para si mesmo. Isto é outorgado pela consciência de Si mesmo, isto é, de Hadit. Mas todo homem e toda mulher de mente equilibrada todo outro ser humano tem exatamente o mesmo direito. Somos o centro do Universo relativamente a nós mesmos; mas para nosso semelhante, se nosso semelhante é sadio psicicamente, somos apenas parte de seu Universo. Assim como, para nós, ele é parte do nosso. O Estudante é referido a *Liber NV*, versos 9 a 11, para uma melhor compreensão do aspecto ético desta realização. Se dois seres humanos tem esta compreensão, a relação entre eles é sempre harmoniosa. Não existe fricção possível, pois em todos os casos ambos mantêm à necessária distância para não infligirem os direitos um do outro; e não existe exploração um

do outro, pois ambos compreendem que intercâmbio compensado é necessário à liberdade de ambos. Qualquer abuso cria uma dívida cármica.

O Irmão Negro tem apenas metade desta compreensão. Ele compreende que é o centro do seu Universo; mas ele não compreende que ele é apenas parte do Universo do seu próximo. Mais ainda: ELE NÃO QUER COMPREENDER. Os estudantes farão o favor de notar que esta concepção não é incompatível com atitude de “bondade” e de “compaixão”; de fato, os mais perigosos Irmãos Negros são “bondosos” e “compassivos”. Mas sua bondade e compaixão deles são viciadas pelo ponto-de-vista errôneo, exclusivamente do ego. Querem o seu bem — de acordo com a definição deles. E se necessário, para seu “bem”, que você perca sua iniciativa, perca sua liberdade moral, e perca — submetendo-se a eles — sua dignidade espiritual de estrela; não há extremo a que não sejam capazes de chegar a fim de “salvarem você de você mesmo”.

Não se pode dizer exatamente de antemão se esta ou aquela pessoa vai se tornar um Irmão Negro, e quanto tempo passará como tal. Há um fator infinito e desconhecido. O que é preciso é que o Estudante compreenda que a maior parte dos Irmãos Negros são totalmente irresponsáveis. Há alguns, entretanto, que sentem intuitivamente o que estão fazendo; mas pela satisfação perversa de “serem eles mesmos”, e não “você”, eles se recusam a aniquilar o ego — recusam subir acima do Abismo e verter seu sangue na Taça de Nossa Senhora BABALON.

Há nisto um mistério que apenas Iniciados de alto grau podem compreender. Mas é preciso que se compreenda que este medo de Nossa Senhora faz parte da ojeriza dos Irmãos Negros pelas mulheres, pois BABALON é a Mulher, tal como THERION é o Homem. E o Complexo de Édipo está envolvido no assunto. A saúde física é importantíssima para o progresso iniciático, pois a mente é submetida a tremendas pressões pelos transes e operações mágicas, e se o corpo não for sadio a mente poderá se desequilibrar, e isto de formas tão sutis que escapam por completo à percepção do público. De outra forma, tiranias e abusos não seriam possíveis.

É necessário que os Estudantes compreendam que o Irmão Negro PENSA que ele É o Centro do Universo. Ele é Deus — e não existe deus senão ele. Já explicamos que esta percepção é correta, mas tem que ser mantida em perspectiva. O Irmão Negro não mantém essa perspectiva, recusa essa perspectiva. Diz “Eu sou Eu”. E quando os escravos adoram seus deuses, estão adorando os Irmãos Negros. O Verdadeiro Iniciado diz: “Eu sou o que sou”, ou diz: “Eu não sou eu” — que vem a dar na mesma. A percepção dele se sua identidade está acima do intelecto. A do Irmão Negro está circunscrita ao intelecto, e ele tem horror a Binah, que interpreta como lhe sendo hostil. Binah quer destruí-lo. Binah é a Escuridão, a Cegueira, a Aniquilação, a Morte!

É necessário também que o Estudante compreenda qual é a verdadeira situação do Irmão Negro do ponto-de-vista das Supernas. Ele se torna uma força para o “mal” do mundo — mas o mal é relativo. O Irmão Negro não teria poder sobre seus semelhantes se seus semelhantes já tivessem alcançado o grau de percepção de si mesmos que nos leva a repelir de nós toda influência escravizante. Mas seus semelhantes ainda não alcançaram esta emancipação interna. Conseqüentemente, eles aceitam a influência dos Irmãos Negros — e através dos males que essa influência lhes causa, pouco a pouco eles vão se despreendendo das partes mais

grosseiras de suas consciências e aspiram à emancipação, e eventualmente se tornam capazes de enfrentar o Pavor, a Abominação da Desolação — Eles Mesmos.

Do ponto de vista das Supernas, o Irmão Negro é um demônio submetido à influência de CHORONZON — a quem haja Restrição no Nome de BABALON. Eles são tão cegos instrumentos do Destino que seus ataques à Loja Branca AUXILIAM o Trabalho da Loja Branca. Eles são levados a trabalhar pela Humanidade a despeito de si mesmos. Choronzon é uma influência que destrói o ego — o que é justamente o que o Aspirante à Verdadeira Iniciação deseja. Essa influência “maligna” lhe é, conseqüentemente, útil. Este é o grande mistério velado no “Mal”. O Estudante é aconselhado a ler o 10º Æthyre de *Liber 418*, e a ponderar as circunstâncias em que Choronzon se manifesta, e a atitude que o afugenta ou que o força a obedecer.

Parte da percepção errônea que pode levar um homem a se tornar um Irmão Negro, ou um escravo dos Irmãos Negros, é uma incompreensão ou medo da mulher. Quem cede ao tabu da “Mãe” tende a visualizar o ideal feminino como uma “Virgem Imaculada e Intocável”. Essa Virgem nem é capaz de parir normalmente com um homem entre as pernas. Tem que parir sem perder o cabacinho. Em suma — é a “Virgem Maria” — Lilith, a Rainha Demônia de Malkuth, “Maria Inviolada”.

Note-se que este conceito é, em si, permissível — mas somente se equilibrado pelo conceito-contrário, pois nenhuma ideia que não esteja assim equilibrada, e não contenha em si mesma a sua contradição, está apta para existir acima do Abismo. BABALON em grego é MAPIE, Maria. Mas ela não é só a Virgem Imaculada, a Mulher Vestida com o Sol; é também a Grande Prostituta, a mulher que se embriaga com o sangue dos santos. Ela a natureza, eternamente inviolada, a Isis Velada; e ela é a Natureza, freneticamente copulando com todas as suas criaturas, desavergonhada e abertamente. Se uma concepção não estiver unida à outra, o homem não compreenderá jamais a natureza de uma mulher. A mulher, por mais ordinária que seja, sempre é virgem para o seu amor até que ele a possui — então ela se torna esposa e amante, e talvez mãe; mas quando este amor acabar, e outro vier — ela será virgem para o outro novamente. Esta virgindade é íntima — não depende de um pedaço de pele. Há mulheres de cabaço que são mais “impuras” — no sentido de uma falsa castidade — que qualquer prostituta que ganhe honestamente sua vida procurando dar satisfação conscienciosa aos homens que a pagam.

O conceito da mulher como uma coisa que se “fecha” vem de dentro do Irmão Negro — pois todos somos homens e mulheres dentro de nós. A alma dele se fecha por dentro, recusa abrir-se à influência dos seus semelhantes, à influência do Todo, Pã. Artêmis entregou-se apenas a Pá entre os deuses; ela é a deusa virgem por excelência. Mas “Maria Inviolada” se fecha de tudo. É o símbolo do Irmão Negro. E toda mulher de falso recato, de falsa castidade, está submetida à influência dos Irmãos Negros, assim como todo pederasta exclusivamente pederasta, isto é — que nega a manifestação da parte feminina de sua natureza (O que atrai o homem à mulher é a feminilidade dele, da mesma forma que o que atrai a mulher ao homem é a masculinidade dela. As polaridades se invertem nos veículos. Isto é um assunto demasiado complexo para entrarmos nele a fundo aqui. Lembrem-se da Marca de Set, a Marca da Besta: ☉ — Lua e Sol conjugados.).

53. Não temas, ó profeta, quando estas palavras forem ditas, tu não te arreponderás. Tu és enfaticamente meu escolhido; e abençoados são os olhos que tu contemplares com alegria. Mas Eu te esconderei em uma máscara de sofrimento: eles que te verem recearão que tu és caído: mas Eu te levanto. ⁷³

É necessário que esta falsa concepção de recato seja erradicada da humanidade. A única maneira de fazer isto é equilibrá-la pela concepção contrária. Uma freira católica romana não é uma mulher casta — é uma mulher covarde, e a influência dela na sociedade é sempre malsã. Em que pese às “Irmãs de Caridade”, quando elas atacam e combatem as doenças do público, elas estão combatendo apenas EFEITOS dos quais seus “votos” são parte das causas. É como se um homem impedisse um regato de correr e depois começasse freneticamente a desinfetar as poças de água estagnada resultantes da obstrução. Este tipo de cegueira psíquica é característica do estado mental dos Irmãos Negros. Aspirantes devem sempre se lembrar disto, e devem combater ao máximo as tendências atávicas em si mesmos, a considerar uma mulher “pudica” uma mulher virtuosa. Uma mulher virtuosa é a mulher que tem coragem de amar em todos os planos, que tem coragem de ser uma mulher completa. Uma mulher que se castra psiquicamente só merece o desprezo que devemos ter por todos os covardes. Enquanto “freiras” e mulheres “honestas” forem tratadas com mais consideração que as “mulheres de má vida” e as “adúlteras”, a vida sexual da humanidade nunca será regularizada, e os fatores que contribuem à formação dos traumas escravizantes continuarão presentes na atmosfera psíquica da raça. Qualquer forma de atividade sexual é permissível. Mas abstinência permanente de qualquer atividade sexual ou abstenção de uma atração sadia devido a “princípios de moral” é uma abominação contra a beleza e o amor, BABALON e THERION, a Mulher e o Homem. Amor é a lei, amor sob vontade.

⁷³ (Nota de M.: Veja-se *LXV*, I, 12-24, e os Comentários pertinentes. Também *Liber VII*, I, 14, 22-28, 52-55; Ii, 11-12, 17-22; Iii, 16, 21, 40-44, 56-60; Iv 22-25, 48.)

Liber LXV, cap. I:

12. Então houve silêncio. Basta-nos de discurso por enquanto.

Há uma luz tão ardente que não é percebida como luz.

13. A desgraça do lobo não é afiada como o aço; ainda assim perfura o corpo de maneira mais sutil.

14. Assim como beijos malignos pervertem o sangue, minhas palavras devoram o espírito do homem.

15. Respiro, e há infinita moléstia no espírito.

16. Como um ácido corrói o aço, como um câncer que corrompe totalmente o corpo; assim sou Eu no espírito do homem.

17. Não descansarei enquanto não houver dissolvido tudo.

18. Assim como a luz que é absorvida. Absorve-se pouca e lhe chamam branco e reluzente; absorve-se toda e lhe chamam de negro.

19. Portanto, Ó meu querido, és negro.

20. Ó meu formoso, te comparei com escravo Núbio cor de azeviche, um menino de olhos melancólicos.

21. O imundo! o cão! eles te gritam.

Porque és meu bem-amado.

22. Felizes são aqueles que te louvam; pois te enxergam com Meus olhos.

23. Não te louvarão em voz alta; mas na vigília noturna alguém se acercará e te saudará com o aperto de mão secreto; outro reservadamente lançará uma coroa de violetas sobre ti; um terceiro ousará bastante, e apertará loucos lábios contra o teu.

24. Sim! a noite encobrirá tudo, a noite encobrirá tudo.

Liber VII, cap. I:

14. Tu és um coelhinho branco na toca da noite.

22. Meu Deus! Mas Eu Te amo!

23. Por que Tu sussurraste tantas coisas ambíguas? Tu estavas com medo, Ó Tu, de pés-de-bode, Ó Tu, chifrudo, Ó pilar de relâmpago?

24. Do relâmpago caem pérolas; das pérolas, partículas negras de nada.

25. Eu baseei tudo em um, um em nada.

26. Flutuando no éter, Ó meu Deus, meu Deus!

27. Ó Tu, grande sol de glória encoberto, corta estas pálpebras!

28. A natureza morrerá; ela me esconde, fechando minhas pálpebras com medo, ela me esconde de Minha destruição, Ó Tu, olho aberto.

52. Io Pan! Io Pan! Eu Te amo. Eu Te amo.

53. Ó meu Deus, poupa-me!

54. Agora!

Está feito!

Morte!

55. Eu gritei alto a palavra – e ela foi um potente encanto para atar o Invisível, um encantamento para desatar o atado; sim para desatar o atado.

Liber VII, cap. II:

11. Tu és como uma bela escrava Núbia, inclinando sua púrpura nua contra os verdes pilares de mármore que estão acima do banho.

12. Vinho jorra de seus negros mamilos.

17. Tu és como um chifre de bode de Astor, Ó Tu, Deus meu, áspero e retorcido e diabolicamente forte.

18. Mais frio que todo o gelo de todos os glaciares da Montanha Nua foi o vinho que ele derramou para mim.

19. Um país selvagem e uma lua minguante.

Nuvens correndo pelo céu.

Um círculo de pinheiros, e de altos seixos além, Tu no meio!

20. Ó, todos vós, sapos e gatos, alegrai-vos! Vós, coisas gosmentas, vinde aqui!

21. Dançai, dançai para o Senhor nosso Deus!

22. Ele é ele! Ele é ele! Ele é ele!

Liber VII, cap. III:

16. Eu estabelecerei minha dança em vossos convertículos, e meus amores secretos serão doces entre vós.

21. Tu levantarás a abominável Coisa solitária de maldade. Oh alegria! para enterrar aquela pedra fundamental.

40. Lá está um estranho Deus pálido, um deus de cor e de maldade mortal!

41. Minha própria alma morde-se a si mesma, como um escorpião cercado de fogo.

42. Aquele pálido Deus de face cuidadosa, aquele Deus de sutileza e riso, aquele jovem Deus Dórico, a ele Eu servirei.

43. Pois o fim daquilo é tormento indizível.

44. Melhor a solidão do que grande mar cinza!

56. Tu me esmagarás no lagar de vinho do Teu amor. Meu sangue tingirá Teus pés ardentes com litâneas de amor em angústia.

57. Haverá uma nova flor nos campos, uma nova vindima nos vinhedos.

58. As abelhas colherão um novo mel; os poetas cantarão uma nova canção.

59. Eu ganharei a Dor do Bode como meu prêmio; e o Deus que senta sobre os ombros do Tempo cochilará.

60. Então tudo isso que está escrito será realizado; sim, será realizado.

Liber VII, cap. IV:

22. Olhe! a canção de Iao, a canção de Iao!

23. Vem, cantemos para ti, Iacchus invisível, Iacchus triunfante, Iacchus indizível!

24. Iacchus, Ó Iacchus, Ó Iacchus, fica perto de nós!

25. Então a face de todo o tempo foi escurecida, e a verdadeira luz exibiu-se.

54. Nem valerão aqueles que gritam alto sua tolice que tu não significas nada; tu revelarás; tu vales; eles são os escravos de porque: Eles não são de me. A pontuação como quiseres; as letras? não as mude em estilo e valor.

A Segunda parte do texto foi em resposta a uma pergunta mental quanto à fraseologia peculiar.

A primeira parte é suficientemente clara. Há um número de pessoas de mentalidade restrita que não creem na Magia. Isto é, sem dúvida, devido em parte à má apresentação do assunto por Mestres prévios. Eu identifiquei a Magia com a Arte da Vida. A superestrutura transcendental não pesará demasiado sobre esses que tiverem estabelecido esta Correta Fundação.

Há um elaborado significado criptográfico neste verso; as palavras “tolice”, “o” e “me” indicam o caminho da pesquisa.⁷⁴

55. Tu obterás a ordem & valor do Alfabeto Inglês: tu acharás novos símbolos aos quais atribuí-las.

A atribuição de *Liber Trigrammaton* é boa teoricamente; mas até agora nenhuma Qabalah de mérito surgiu dele. Sinto-me inclinado a inquirir mais a questão de Raízes Sânscritas, e dos Registros Enoquianos, a fim de melhorar esta situação.

Eu incluo *Liber Trigrammaton* com as atribuições:

48. Excelente é o Teu amor, Oh Senhor! Tu és revelado pela escuridão, e aquele que tateia o horror dos bosques Te pegará alegremente, igual a uma cobra que agarra um passarinho que canta.

⁷⁴ Nota de M.: O significado das notas prévias deve ser suficientemente claro ao Estudante sério. “Tolice” — isto é, os tolos dos homens, os Irmãos Negros, gritam que Aleister Crowley não significa nada. Mas “Aleister Crowley não” é Hadit, e “nada” é Nuit, ou Pã. E ele VALE, como sabem aqueles que se dedicam seriamente a Ele. E “o” é “nada”, novamente, é Zero, Harpócrates, Hadit: também Ayin no Tarô, 70, “o olho” — veja-se *Liber CCCLXX*. E “me” é MH, para o que veja-se Cap. I, 51 e 53.

Aqueles que gritam alto sua tolice nem valem nem valerão no Æon. Veja-se Cap. I, 49.

Em inglês, a palavra em lugar do artigo português “o” é “it”, intraduzível. IT — I, o Falo secreto, e T o falo manifestado. Ayn, sendo o Atu XV, “o Diabo”, o Falo, representa a ideia.

LIBER TRIGRAMMATON

SUB FIGURA XXVII

O LIVRO DOS TRIGRAMAS DAS MUTAÇÕES DOTAO COM O YIN E O YANG



I — Eis aqui Nada sob suas três formas. Não é. No entanto, anima todas as coisas.



L — Agora vem a glória do único, como uma imperfeição e mancha.



C — Pelo Fraco, a Mãe, ele foi equilibrado.



H — Também a pureza foi dividida por Força, a força do Demiurgo.



X — E a Cruz foi formulada no Universo que ainda não era.



T — Mas agora a Imperfeição se manifestou, presidindo sobre o desvanecimento da perfeição.



Y — Também a Mulher se ergueu e velou o Céu Superior com seu corpo de estrelas.



P — Agora então um gigante ergueu-se, de força terrível: e declarou o Espírito em um rito secreto.



A — E o Mestre do Templo balançando todas as coisas ergueu-se; sua estatura estava acima do Céu e abaixo da Terra e Inferno.



J — Contra ele os Irmãos do Caminho da Esquerda, confundindo os símbolos. Eles velaram seu horror (neste símbolo); pois em verdade eles eram .



W — O mestre flamejou como uma estrela e colocou uma guarda de Água em todo Abismo.



O — Também certos secretos esconderam a Luz de Pureza em si mesmos, protegendo-a das Perseguições.



G — Assim também fizeram certos filhos e filhas de Hermes e de Afrodite, mais abertamente.



Z — Mas os Inimigos os confundiram. Eles fingiram esconder aquela Luz, para que eles pudessem traí-la, e profaná-la.



B — Ainda certas santas sacerdotisas esconderam o segredo em canções sobre a lira.



F — Agora o Horror do Tempo perverteu todas as coisas, escondendo a Pureza com uma coisa asquerosa, uma coisa indizível.



S — Sim, e ergueram-se sensualistas sobre o firmamento. Como uma mancha suja de tormenta sobre o céu.



M — E os Irmãos Negros ergueram suas cabeças; sim, eles se desvelaram sem vergonha ou medo.



N — Também se ergueu uma alma de imundície e fraqueza, e corrompeu toda regra do Tao.



E — Apenas então foi o Céu estabelecido para controlar, pois é apenas na mais baixa corrupção que forma se manifesta.



R — Também o Céu se manifestou em luz violenta. (Ar ou Æthyr).



Q — E em luz macia. (O Sol)



V — Então foram as águas ajuntadas do Céu.



K — E uma crosta de terra escondeu o âmago de flama.



D — Em volta do globo se juntou o largo ar. (A lua)⁷⁵



U — E os homens começaram a ascender fogos sobre a terra.



Portanto foi o fim do sofrimento; no entanto neste sofrimento uma sêxtupla estrela de glória, pela qual eles pudessem ver, a fim de retornar à Habitação sem mancha; sim, à Habitação sem mancha.

56. Ide! vós escarnecedores; apesar de que rides em minha honra, vós não rireis longamente: então quando estiverdes tristes sabei que Eu vos abandonei.

Estas passagens são certamente muito difíceis. Parece como se elas tenham sido dadas para lidar com alguma contingência que ainda não se apresentou. Por exemplo, este verso poderia ser apropriado no caso da instituição de um falso culto por impostores.

A doutrina é que Hadit é o nucléolo (para tomar emprestado um termo da biologia) de qualquer organismo-estrela. Escarnecer Hadit é, portanto, evidentemente o que é significado pela misteriosa frase do Novo Testamento quanto ao Pecado Imperdoável, a “blasfêmia contra o Espírito Santo”. Uma estrela abandonada por Hadit estaria assim na condição de morte real, e este é

⁷⁵ Nota de M.: A Lua não é considerada uma luz, mas uma coesão de atmosfera.

o estado característico dos “Irmãos Negros”, qual são descritos em outras partes deste Comentário, e alhures nos Livros Santos da A.ª.A.ª.

Veja-se *Liber Aleph*, Cap. 139 e 166.

57. Ele que é reto será reto ainda; ele que é imundo será imundo ainda.

Isto, e a primeira parte do verso seguinte, demonstram a inviolabilidade de Hadit, nossa Quintessência. Toda Estrela tem sua própria Natureza, que é “Correta” para ela. Não devemos ser missionários, com padrões ideais de roupas e moralidade, e tais cabeçudices. Devemos fazer o que queremos, e deixar que outros façam o que querem. Nós somos infinitamente tolerantes, salvos de intolerância. Não adianta, porém, tentar impedir que cristãos metam o nariz onde não são chamados, salvo pela cura única: os cristãos aos Leões.

58. Sim! não penseis em mudança: vós sereis como sois, & não outro.

Portanto os reis da terra serão Reis para sempre: os escravos servirão. Não existe quem será derrubado ou elevado: tudo é sempre como foi. No entanto existem uns mascarados meus servidores: pode ser que aquele mendigo ali seja um Rei. Um Rei pode escolher sua roupa como quiser: não existe teste certo: mas um mendigo não pode esconder sua pobreza.

Novamente nós aprendemos a permanência da Natureza de uma Estrela. Nós não devemos julgar por circunstâncias temporárias, mas penetrar à Verdadeira Natureza.

Tem naturalmente sido objetado por economistas, que nossa Lei, declarando todo homem e toda mulher uma estrela, reduz a sociedade aos seus elementos, e torna hierarquia ou até a democracia impossível. Este ponto de vista é superficial. Cada estrela tem uma função em sua galáxia apropriada à sua natureza. Muito dano tem sido causado por nossa ignorância em insistir, ao contrário, que todo e cada cidadão é apto para todo e cada dever social. Mas também nossa Lei ensina que uma estrela frequentemente se vela de sua própria natureza. Assim, a grande maioria da humanidade está obcecada por um medo abjeto da liberdade; as principais objeções até agora urgidas contra a minha Lei tem sido as de pessoas, que não podem suportar a ideia dos horrores que resultariam se eles fossem livres para fazerem o que quisessem.

O senso de pecado, vergonha, falta de autoconfiança, isto é o que faz com que pessoas se apeguem à escravidão do cristianismo. Elas acreditam num remédio, enquanto este é ruim de gosto; a raiz metafísica desta ideia está na degeneração sexual do tipo masoquista. Agora, “a lei é para todos”; mas tais defectivos a recusarão, e nos servirão, a nós que somos livres, com uma fidelidade tanto mais canina quanto a simplicidade de nossa liberdade denota a abjeção deles.

Mesmo escritores superficiais como Sir Walter Besant e Sir James Rice tem tido um vislumbre destas ideias. Eu cito de *Ready-Money Mortiboy*, Capítulo XXIII:

“O homem com a longa barba ficou de pé, alto em comparação com as crianças, e seu braço direito acenou-lhes com o mundo — onde? Não importa onde; em algum lugar longe; algum lugar nos bons lugares do mundo. O coração de todo menino estremeceu dentro do peito; e o bravo velho sangue inglês ergueu-se neles ao ouvi-lo falar, em sua voz profunda e viril, no valor de um único homem nessas terras distantes — um discurso fadado a frutificar no futuro, quando os rapazinhos, que ainda comentam em voz baixa de respeito tanto o discurso quanto o discursante, crescerem à idade adulta.

“Perigoso, Dick”, disse o Fazendeiro John. “Que é que eu farei sem meus trabalhadores?”

“Não se assuste”, disse Dick. “Não há dez por cento deles com coragem de ir. Ajudemos estes, e você ficará com o resto.”

Ele poderia ter acrescentado que o patrão estaria em melhor situação sem aquela percentagem de fermento para fermentar sua infusão de inócuos vegetais humanos.

Ninguém está mais cômico do que eu, de que o Problema Trabalhista tem que ser resolvido por considerações práticas, e não por considerações ideais; mas no caso presente as considerações ideais são extremamente práticas. O erro tem sido em tentar produzir um artigo padrão para suprir o mercado de trabalhadores; é um erro tanto do ponto de vista do capital quanto do ponto de vista do trabalho. Os homens não devem ser forçados a aprenderem a ler e escrever; só devem aprender quando exibem capacidade e disposição. Educação compulsória não auxiliou ninguém. Impôs uma constrição indevida sobre as pessoas que era tencionado beneficiar; foi uma presunção asnática da parte dos intelectuais pensarem que uma migalha de

cultura mental é benefício universal. É uma forma de preconceito sectário. Nós deveríamos reconhecer o fato que a vasta maioria dos seres humanos não tem qualquer ambição na vida além do mero conforto físico e bem-estar animal. Deveríamos permitir que essa gente satisfaça suas simples ambições sem interferência de nossa parte. Nós deveríamos dar toda oportunidade aos que espontaneamente manifestam ambição, e assim estabelecer uma classe de homens e mulheres moral e intelectualmente superiores POR NATUREZA. Não deveríamos ter escrúpulos em utilizar as qualidades naturais da maioria da humanidade. Não tentamos fazer com que carneiros cacem raposas, ou deem aulas de história; cuidamos do bem-estar deles, e desfrutamos sua lã e sua carne. De forma análoga, nós teríamos uma classe contente de escravos que aceitam as condições da existência tal qual elas são, e gozam a vida com a calma sabedoria de gado.

É nosso dever fazer com que não falte nada a essa classe para ser feliz. O sistema hierárquico é melhor para todas as classes do que qualquer outro; as objeções contra ele vêm dos abusos do sistema. Mas os mestres ruins foram criados artificialmente pelo mesmíssimo erro que criou os maus servos. É essencial ensinar que cada pessoa deva descobrir sua verdadeira vontade, e fazê-la. Não há motivo na natureza pela competição pelas “boas coisas” da vida. Deve ser claramente compreendido que cada homem deve encontrar sua própria felicidade de uma maneira puramente pessoal. Nossas dificuldades tem sido causadas pela suposição que todo mundo queria as mesmas “coisas boas”, e, portanto, o suprimento dessas coisas se tornou artificialmente limitado; mesmo esses benefícios de que há um reservatório inexaurível tem sido monopolizados. Por exemplo, ar fresco e lindas paisagens. Num mundo em que todos fizessem suas Vontades, ninguém teria falta dessas coisas. Em nossa presente sociedade, elas se tornaram o luxo dos ricos e ociosos, no entanto elas ainda são acessíveis a qualquer pessoa com suficiente bom senso para se emancipar das alegadas vantagens da vida nas cidades. Nós temos deliberadamente treinado as pessoas para que desejem coisas que elas não querem realmente.

Seria fácil elaborarmos este tema longamente, mas eu prefiro deixar que cada leitor matute sobre isto à luz de sua própria inteligência; porém, desejo chamar a atenção particular de capitalistas e líderes trabalhistas para os princípios aqui expostos.

Eu concluo citando quatro capítulos de *Liber Aleph* que fazem referência ao assunto: Cap. 31, 32, 33 e 39.

59. Cuidado, portanto! Amai a todos, pois pode ser que haja um Rei escondido. Dizes assim? Tolo! Se ele é um Rei, tu não pode feri-lo.

60. Portanto golpeia duro e baixo e para o inferno com eles, mestre!

Não devemos nunca ser tão descuidados a ponto de nos permitirmos julgar que mesmo “o estilo de uma letra” (quanto mais uma frase) neste Livro é Casual. A expressão “para o inferno com eles” não é um mero desabafo de entusiasmo coloquial. A palavra “inferno”, esta e nenhuma outra, serve ao propósito do ditante. Isto nos seria naturalmente sugerido, de qualquer modo, pela reflexão que nossa Lei não indulte nos espumejos de fúria impotente, como as fraudes sacerdotais de Moisés, dos Rishis e Buda, ou o choro e lamentações e ranger de dentes da vendedora de peixes da Galileia. Nossa Lei não sabe coisa alguma de “castigo” além daquele que ignorância e falta de habilidade impõem sobre o ignorante e o inepto. A palavra “inferno” deve, portanto, ser explicada não em termos de virilidade vulgar, nem de chantagem teológica. Vide Capítulos 124, 128 e 129 de *Liber Aleph*.

61. Existe uma luz diante dos teus olhos, ó profeta, uma luz indesejável, mui desejável.

Este capítulo entra agora numa fase inteiramente nova. A revelação ou “esconder” de Hadit já penetrara suficientemente na alma d’A Besta, de forma que Ele se realizou a Si Mesmo.

62. Eu estou erguido em seu coração; e os beijos das estrelas chovem forte no teu corpo.

Veja-se *Liber HAD*.

63. Tu estás exausto na fartura voluptuosa da inspiração; a expiração é mais doce que a morte, mais rápida e cheia de riso que uma carícia do verme do inferno.

Este verso esconde certa Fórmula Mágica das mais elevadas iniciações. Refere-se a um método de utilizar a respiração, em conexão com a série apropriada de ideias, que talvez não possa ser ensinada diretamente. Mas pode ser aprendido por aqueles que atingiram o grau necessário de técnica mágica, sugerido a eles automaticamente pela própria Natureza, tal como pintinhos recém saídos do ovo ciscam sem serem ensinados.

Veja-se *Liber HAD*.

64. ó! tu estás sobrepujado: nós estamos sobre ti; nosso deleite está sobre tu todo! salve: profeta de Nu! profeta de Had! profeta de Ra-Hoor-Khu! Agora regozija-te! agora vem em nosso esplendor & raptura! Vem em nossa paz apaixonada & escreve doces palavras para os Reis!

“Os Reis” são evidentemente esses homens capazes de se compreenderem a Si Próprios. Isto é uma consagração d’A Besta à tarefa de proclamar a Lei.

“Tu estás sobrepujado”. O consciente resistiu desesperadamente, e morreu na última trincheira.

65. Eu sou o Mestre: tu és o Santo Escolhido.

É curioso que este verso devesse estar numerado 65, sugerindo L.V.X. e Adonai, o Sagrado Anjo Guardião. Parece então que Ele é Hadit.⁷⁶

Eu jamais gostei do termo Eu “Superior”; Verdadeiro Ente é mais a ideia. Pois cada Estrela é a casca de Hadit, único e conquistador, sublime em Sua própria virtude, independente de hierarquia. Existe uma hierarquia externa, naturalmente, mas aquela é apenas uma matéria de conveniência.

⁷⁶ Nota de M.: Ele é Hadit, Nuit e Ra-Hoor-Khuit. Veja-se *LXV*, III, 33. Mas aqui é Aiwass falando. Ele é o Anjo Guardião de 666.

Liber LXV, cap. III:

33. Venha, Ó Bem-Amado, Ó Senhor Deus do Universo, Ó Vastíssimo, Ó Minúsculo! Sou Teu amado.

66. Escreve & encontra êxtase na escrita! Trabalha & sê nossa cama trabalhando! Freme com a alegria de vida & morte! Ah! Tua morte será linda: quem a ver se alegrará. Tua morte será o selo da promessa do nosso anciente amor. Vem! Levanta teu coração & regozija-te! Nós somos um; nós somos nenhum.

Crowley comenta:

A primeira parte deste texto parece ser uma digressão da natureza de uma profecia. A palavra “Vem!” é um chamado para reentrar no Transe por completo. Sua essência é declarada nas últimas seis palavras. Note-se que a transição de um para nenhum é instantânea.

67. Firma! Firma! Aguenta em tua raptura; não caias em desmaio dos beijos excelentes.

As instruções no texto, deste e do próximo verso, foram indicações, da ocasião, de como me comportar para obter o completo efeito do Transe.

Isto também é uma Fórmula Mágica geral, conveniente mesmo no Trabalho da Imagem física da Divindade.

É de máxima importância resistir a tentação de nos deixarmos transportar ao transe. Deveríamos convocar nossas forças de reserva para reagir contra a tendência de perder a consciência normal. Mais e mais de nosso ente é gradualmente atraído à luta, e só cedemos no último instante (É necessário prática e coragem para se conseguir os melhores resultados). Eu cito os Livros Santos, *Liber VII*, I, 33; *Liber LXV*, I, 34 e III, 38-48.

68. Endurece! Conserva-te a prumo! Levanta tua cabeça! Não respires tão fundo — morre!

É notável como esta extraordinária Experiência não teve praticamente nenhum efeito sobre a consciência normal d’A Besta. “Intoxica o mais íntimo, ó meu amante” — e foi Seu Ente Mágico, 666, que foi iniciado por este êxtase. Foram necessários anos para que esta Luz dissolvesse os invólucros de acidente que amortalhavam a sua Verdadeira Semente.

69. Ah! Ah! Que sinto eu? Está a palavra exausta?

Esta frase — “a palavra” — é de significado mais profundo do que pode parecer à primeira vista. A questão não é meramente equivalente a: “Acabou o ditado?” Pois a Palavra é concebida como o ato de posseção. Isto é evidente da escolha da palavra “exausta”. A inspiração foi como uma descarga elétrica. A linguagem em si mesma nada é; é apenas o meio de transmitir experiência à consciência. Tahuti, Thoth, Hermes ou Mercúrio simbolizam esta relação; o caráter deste Deus é declarado em termos bem detalhados em “O trabalho de Paris”, que deveria ser estudado avidamente por estes que são suficientemente afortunados para terem acesso ao manuscrito.

70. Existe auxílio & esperança em outros encantamentos. Sabedoria diz: sê forte! Então tu podes suportar mais alegria. Não sejas animal; refina tua raptura! Se tu bebes, bebe pelas oito e noventa regras de arte: se tu amas, excede em delicadeza; e se tu fazes o que quer que seja de alegre, que haja sutileza ali contida.

É absurdo supor que para “desfrutar as paixões” é necessário uma reversão ou degeneração. Ao contrário, todo progresso humano tem dependido de tal indulgência. Toda arte e ciência foi tencionada para gratificar alguma necessidade fundamental da natureza humana. Qual é o uso ultimal do telefone e todas as outras invenções de que tanto nos orgulhamos? Apenas sustentar a vida, ou protegê-la ou reproduzi-la; ou para servir ao Conhecimento, e outras formas de prazer.

Por outro lado, as paixões devem ser corretamente compreendidas como o que são, nada em si mesmas, mas as diversas formas de expressão empregadas pela Vontade. Devemos preservar disciplina. Uma paixão não pode ser boa ou má, muito fraca ou muito forte, etc., em relação a algum padrão arbitrário. Sua virtude consiste somente em sua conformidade com o plano do Comandante-em-Chefe. Sua iniciativa e ela são limitadas pelos requerimentos da sua estratégia. Por exemplo, a modéstia pode muito bem cooperar com a ambição; mas também pode impedi-la. Este verso nos aconselha a treinar nossas paixões ao mais alto grau de eficiência. Cada uma deve adquirir o máximo de força e inteligência; mas todas devem igualmente contribuir sua cota para o sucesso da campanha.

É tolice pronunciar sentença de “culpado” ou “inocente” sobre um prisioneiro, sem referência à Lei sob a qual ele está vivendo. O fim justifica os

meios; se os jesuítas não asseveram isto, eu o faço. Existe, é claro, um limite, onde os “meios” em qualquer caso são tais, que seu uso blasfema o “fim”; por exemplo, assassinar nossa tia rica afirma o direito de nosso sobrinho pobre de repetir o truque, e assim ir contra nossa própria Vontade de Viver, que jaz muito mais profundamente que nossa mera Vontade de Herdar. O juiz em cada caso não é moralidade ideal, mas lógica inerente.

Isto senso compreendido, que não podemos chamar qualquer paixão de boa ou má num senso absoluto, mais do que nós podemos dizer que Cavalinho do Rei é um lance bom ou mal em xadrez sem estudar a posição, nós podemos ver claramente o que é que este verso implica. Há aqui uma instrução geral de como refinar Prazer, não pela exclusão de seus elementos grosseiros, mas acentuando todos os elementos em desenvolvimento equilibrado. Assim, devemos combinar as alegrias de Messalina com as de Santa Tereza e de Isolda, em um único ato. Nossa raptura deve incluir as de Blake, Petrarca, Shelley e Catullus. *Liber Aleph* tem instruções detalhadas sobre numerosos pontos envolvidos nestas questões.

Por que “oitenta e nove” regras de arte? Eu sou totalmente incapaz de sugerir uma razão satisfatória e a mim mesmo; mas noventa é Tzaddi, o “Imperador”, e 8, é Cheth, é o “Conheiro”, ou Escanção; a frase poderia então conceberivelmente significar “com majestade”.

Alternativamente, $98 = 2 \times 49$: agora, Dois é o Número da Vontade, e Sete dos sentidos passivos. 98 poderia então significar a completa expansão dos sentidos (7×7) balanceados uns com os outros, e firmemente controlados pela Vontade.

“Excedem em delicadeza” não quer dizer, abstendo-se do assim chamado animalismo. Devemos tornar todo ato um sacramento, cheio de divino êxtase e nutrição. Não existe ato que verdadeira delicadeza não possa consagrar. É uma coisa ser como uma porca, inconsciente na lama, e incapaz de distinguir entre comida doce e comida azeda; é outra tomar a imundície firmemente e nos forçarmos a descobrir nela a pureza, iniciando mesmo o corpo para vencer sua repulsão natural e partilhar com alma nesta Eucaristia. “Cremos no Milagre da Missa” não só porque carne e bebida são de fato “diariamente transmutados em nós em ‘Substância Espiritual’, mas porque nós podemos fazer o ‘Corpo e Sangue de Deus’ de quaisquer materiais, por Virtude de nossa Real e Pontifícia Arte da Magia”.

Agora quando Brillat-Savarin (não foi ele?) serviu à mesa do Rei um par de luvas velhas de couro de cabrito, e agradou ao real paladar, ele certamente se provou um Mestre-Cozinheiro. A façanha não é uma coisa que se deva repetir constantemente, mas deveríamos consegui-la pelo menos uma vez — para que testemunhe, para nós mesmos, que a habilidade está lá. Poderíamos até achar aconselhável praticá-la ocasionalmente, para reter nossa confiança que “nossa mão direita não perdeu sua astúcia”. Neste ponto, veja-se *LXV*, I, 45-46; II, 7-15.

Nós, portanto, treinamos nossos adeptos para fazerem Ouro Filosófico do esterco de bruxas, e o Elixir da Vida de Hippomanes; mas não advogamos hábito ostentoso a estas operações. É bom saber que somos bastante homens para passar uns trinta dias a mais de seis quilômetros acima do nível do mar; mas seria imperdoavelmente tolo se vivêssemos ali permanentemente.

Isto ilustra um caso de um princípio geral. Consideramos a Consecução das várias Iluminações, incomparavelmente glorioso como aquilo é, de valor principalmente por testemunhar nossa possessão da faculdade que fez o sucesso possível. Ter subido sozinho ao cume do Iztaccihuatl é bom e grande; mas a essência de nossa alegria é que nós possuímos a coragem, o conhecimento, a agilidade, a resistência e o autocontrole necessário para ter feito isso.

O alvo é inefavelmente digno de todas as nossas dores, como dizemos para nós mesmos no princípio; mas após algum tempo, nos tornamos cômicos de que mesmo o Alvo é menos intoxicante que a própria Viagem.

Vemos que importa pouco onde nós vamos. O Ir, em si, é nossa alegria. Eu cito aqui *LXV*, II, 17-25, uma de diversas passagens similares em Nossos Livros Santos.

“Se forte!” Nós necessitamos corpos robustos, saudáveis, como instrumentos mecânicos de nossas almas. Poderia Paganini ter se expressado no rabeção de dois vinténs, que algum jovem entusiasta compra quando tem vinte anos e nenhum senso e depois nunca mais toca?

Cada um de nós é Hadit, o âmago de nosso Khabs, nossa Estrela, uma Companhia do Céu; mas este Khabs necessita um Khu ou Imagem Mágica, a fim de fazer o seu papel no Grande Drama. Este Khu, novamente, necessita uma roupa apropriada, um “corpo de carne” apto, e esta roupa deve ser digna da Peça.

Nós, portanto, empregamos diversos meios mágicos para aumentar o vigor de nossos corpos e a energia de nossas mentes, para fortificá-los e sublimá-los.

O resultado é que nós de Thêlema somos capazes de enormemente mais conseqüências que outros, mesmo em assuntos terrestres, de orgias sexuais à criação artística. Mesmo se tivéssemos apenas esta vida terrestre para meio de comparação, excedemos nossos semelhantes, alguns trinta vezes, outros sessenta, alguns cem vezes.

Um ponto importantíssimo, para concluir. Indubitavelmente devemos admitir que cada um de nós é deficiente em uma capacidade ou em outra. Deve haver sempre algumas entre as infinitas possibilidades de Nuit, que não possuem nenhum ponto correlativo de contato em qualquer Khu dado. Exemplo: o Khu de um corpo masculino não pode se satisfazer na qualidade materna. Qualquer tal lacuna deve ser aceita como um limite necessário, sem tristeza ou vãs ânsias pelo impossível. Mas devemos tomar cuidado para que nem preconceito nenhum qualquer outra paixão pessoal exclua qualquer tipo de auto-realização que é legitimamente parte de nós. Em nossa iniciação, os testes devem ser completos e exaustivos. Negligência em desenvolver um só poder pode resultar em deformidade. Por mais insignificante que a faculdade pareça, ignorar seu desenvolvimento pode ter conseqüências fatais; os antigos adeptos ensinaram isso pela parábola do Calcanhar de Aquiles. É essencial que o Aspirante faça um estudo sistemático de toda paixão possível, mantendo-se friamente desapegado de todas elas, e arranjando as hostes delas em formação sob o estandarte de sua Vontade após ele tenha avaliado perfeitamente a capacidade de cada unidade, e se assegurado de sua lealdade, disciplina, coragem e eficiência. Mas ai daquele que deixa uma brecha em suas linhas, uma seção das fileiras sem preparo para executar todo o seu dever na posição própria às suas potencialidades especiais.⁷⁷

71. Mas excede! excede!

⁷⁷ Nota de M.: Isto, em poucas palavras, significa: Siga ao pé da letra o Currículo de cada Grau. Não reclame Iniciação enquanto não puder se apresentar para exame cômico de ter amestrado todas as práticas, e passado todas as ordálias.

“A Estrada do Excesso conduz ao Palácio da Sabedoria”. “Tu nunca saberás o que é bastante enquanto não souberes o que é demasiado.” Assim escreveu William O’Neill.⁷⁸

Progresso, como a própria etimologia da palavra declara, significa Um Passo À Frente. É o Gênio, o Excêntrico, o Homem que Dá Mais um que seus vizinhos, que é o Salvador da Raça. E enquanto é possivelmente imprudente (em alguns casos) exceder em certas direções, podemos ter certeza de que aquele que não excede em nenhuma é uma mediocridade.

A chave da Evolução está em Reta Variação.

Excesso é evidência pelo menos de capacidade na qualidade em que existe. O instrutor de golfe resmungava incansável: “Dê a tacada para a parede de trás do buraco! Nunca para a beira da frente, nunca para dentro”. A aplicação é universal. Longe de mim negar que excesso é frequentemente desastroso. O atleta que morre aos quarenta é o esqueleto de toda festa de clube de regatas. Mas em tais casos o excesso quase sempre foi devido ao desejo de fazer mais que outros homens, em vez de referir o assunto ao único juiz competente, a verdadeira Vontade do corpo. Eu mesmo costumava “dar tudo de mim” nas montanhas; estabeleci mais Recordes Mundiais de vários tipos do que posso contar — para rapidez, habilidade, ousadia e resistência. Mas eu nunca me preocupei se outras pessoas podiam quebrar meus recordes. Por este motivo, meus excessos, em vez de danificar minha saúde e por em perigo minha vida, me tornaram, de um menino delicado, demasiado frágil para jogar futebol, condenado pelos meus médicos a morrer na adolescência⁷⁹ em um rufião robusto que aventurou-se em todo tipo de privações e abandono.

Por outro lado, todo departamento da vida em que, por falta de gosto ou por preguiça, não “me excedi”, está constantemente me incapacitando de uma maneira ou de outra reconheço com intenso remorso, que fraquezas que poderia ter corrigido tão facilmente nos meus vinte anos é nos meus quarenta uma queixa crônica incurável.

⁷⁸ Nota de M.: O poeta e artista inglês, mais geralmente conhecido como William Blake.

⁷⁹ Nota de M.: Crowley sofreu seriamente de insuficiência renal na infância, em parte provavelmente devido a choques psíquicos aos quais foi submetido pelo ambiente fanático em que viveu durante anos após a morte de seu pai.

72. Esforça-te sempre por mais! e se tu és verdadeiramente meu — e não o duvides, e se tu és sempre alegre! a morte é a coroa de tudo.

Morte é o Fim que coroa a Obra.

A Evolução trabalha através de variação. Quando um animal desenvolve uma parte de si mesmo mais que as outras, ele infringe a norma de seu tipo. A princípio este esforço é feito a custa de outros esforços, e parece como se, o balanço geral sendo perturbado, a Natureza estivesse em perigo (É óbvio que deve parecer assim ao observador casual — que provavelmente censura e persegue o experimentador). Mas quando esta variação é tencionada para enfrentar alguma nova, ou mesmo alguma imprevista mudança no ambiente, e é paga por alguma parte sobressalente, ou alguma parte que agora se tornou supérflua, se bem que foi útil no passado para enfrentar uma qualidade do ambiente que não mais ameaça o indivíduo, a adaptação é biologicamente lucrativa.⁸⁰

Obviamente, a ideia toda de exercício, mental ou corporal, é desenvolver os órgãos implicados de uma maneira que seja fisiológica e psicologicamente correta.

É deletério forçar qualquer faculdade a viver sob uma lei que lhe é alienígena. Quando pais insistem que um menino adote uma profissão que ele detesta, porque eles mesmos gostam dela; quando Florence Nightingale lutou por abrir janelas de hospitais a noite na Índia⁸¹ então o Ideal mutila e assassina

Todo órgão não tem lei “além de Faze o que tu queres”. Sua lei é determinada pela história de seu desenvolvimento, e por suas relações presentes com os outros órgãos, seus concidadãos na cidade do corpo. Nós não fortificamos nossos pulmões e nossos membros pelos mesmos métodos, ou aspiramos às mesmas provas de sucesso ao treinar a garganta do tenor e os dedos do violonista. Mas todas as leis se assemelham nisto: elas concordam que poder e tonus originam-se de persistentes práticas do exercício apropriado. Quando uma faculdade está exercendo livremente sua função, ela crescerá; o teste é sua disposição de “esforçar-se sempre por mais”; justifica a

⁸⁰ Nota de M.: Este parágrafo contém uma profecia e uma explicação e é importantíssimo a Iniciados! Como, aliás, a sociólogos, estadistas e educadores dotados do mínimo bom senso.

⁸¹ Nota de M.: A medida revolucionariamente higiênica na Inglaterra, era fatal na Índia por causa da quantidade imensa de insetos noturnos num país de clima tropical. É um caso em que Florence errou por não considerar novas condições de meio ambiente.

si mesma sendo “sempre alegre”. Segue que a “morte é a coroa de tudo”. Pois uma vida que satisfaz todas as suas possibilidades deixa de ter um propósito; a morte é seu diploma, por assim dizer; está pronta para se aplicar às novas condições de uma vida mais ampla. Assim mesmo um menino de escola que terminou seu trabalho escolar morre para a escola, reencarna-se na toga de calouro universitário, triunfa nos finais, morre para a universidade e renasce no mundo.

Note-se que o ATU “MORTE” no Tarô se refere a Scorpio. Este signo é triplo: O Escorpião que se mata com seu próprio veneno quando seu meio ambiente (o anel de fogo) se torna intolerável; a Serpente que se renova deixando a casca, que é coroada e encapelada, que se move por ondulações como a Luz, e dá ao homem Sabedoria ao preço de Trabalho, Sofrimento e Mortalidade; e a Águia que voa, seus olhos sem pálpebras ousadamente fixos no Sol. “Morte” é, para o iniciado, uma taverna à beira da estrada; marca um estágio terminado; oferece refrigério, repouso, e conselho quanto aos seus planos para a manhã seguinte.

Mas neste verso o ponto principal é que morte é a “coroa de tudo”. A coroa é Kether, a Unidade; “Amor sob vontade” tendo sido aplicada a todas as possibilidades-Nuit de todas as energias-Khu de qualquer Estrela com Hadit central, aquela Estrela se exauriu com perfeição, completou um estágio de seu curso. É, portanto, coroada pela morte; e, sendo por completo si mesma, vive novamente atraindo sua Contraparte igual e oposta, com quem “amor sob vontade” é o cumprimento da Lei, numa esfera mais sublime.

Mas não há regras até que nós as encontramos; um homem partindo da Irlanda para o Saara fará bem em se descartar de coisas “indispensáveis” e “corretas” como um impermeável e um cajado, e arranjar um turbante e uma adaga.

O homem “moral” vive pela não-razão de leis, e isto é estúpido e inadequado mesmo quando as Leis ainda servem; pois ele é um mero mecanismo, sem recurso se qualquer perigo imprevisto no seu catálogo padrão por acaso se apresenta. Respeito por rotina é a marca do homem de segunda classe.

O homem “imoral”, que desafia a convenção berrando na igreja, pode de fato estar “brigando”; mas igualmente, ele pode ser um sensitivo que sentiu o primeiro tremor de um terremoto.⁸²

Nós de Thêlema encorajamos todas as variações possíveis; nós damos boas vindas a qualquer novo “esporte”; seu sucesso ou fracasso é nosso único teste do seu valor. Deixamos que o bicho feio que a galinha chocou entre n’água, e rimos do seu alarme; e protegemos aquele “patinho feio”, sabendo que o Tempo nos dirá se ele não é um cisnezinho.

Herbert Spencer, condenando inexoravelmente os Ineptos à força, apenas ecoou o Alto-Sacerdote que protegeu Paulo dos Fariseus. Sensata biologia e sensata teologia concordaram pelo menos uma vez!

A questão dos limites da Liberdade individual é completamente discutida em *Liber CXI (Aleph)*, ao qual nós referimos o estudante. Os Capítulos 37 e 38 darão uma ideia geral dos princípios fundamentais.

Nós de Thêlema consideramos vitalmente correto deixar que um homem tome ópio. Ele pode destruir o seu veículo físico assim fazendo, mas ele pode produzir outro “Kubla Khan”.⁸³

A responsabilidade é dele mesmo. Também, sabemos que, “se ele for um Rei” o ópio não o prejudicará — no fim. Confiamos na Natureza para que proteja os, e na Sabedoria para que seja justificada por, seus filhos. É superficial objetar que um homem deveria ser impedido de arruinar e matar a si mesmo, por sua escolha ou aquela “daqueles que dependem dele”. Se uma pessoa é incapaz de sobreviver, deve ser-lhe permitido que morra.⁸⁴

Nós queremos apenas estes capazes de conquistarem a si mesmos e ao seu ambiente.

Quanto aqueles que dependem dele, um dos nossos principais objetivos é abolir a ideia mesma de dependência uns dos outros. Mulheres grávidas e crianças, não são exceções, como pode parecer. Elas estão executando suas próprias vontades; as mulheres grávidas a vontade de produzir, as crianças a

⁸² Nota de M.: Este é outro parágrafo importantíssimo a Iniciados.

⁸³ Nota de M.: Um dos mais belos poemas da língua inglesa, escrito pelo poeta Coleridge sob a influência do ópio.

⁸⁴ Nota de M.: É a vontade dela mesma adquirir um instrumento melhor. Mas isto não deve ser confundido com o abuso e interferência de tiranos com homens que querem viver livres!

vontade de viver; a sociedade deve considerar bem estar de mulheres grávidas e crianças o seu primeiro dever; pois se momentaneamente elas dependem da sociedade, a sociedade também depende delas. Outrossim, um homem poderia cortar fora seu coração porque este está fraco, e necessita cuidado. Mas ele seria igualmente tolo se não permitisse que os elementos já sem uso se eliminem a si mesmos do corpo dele. Nós respeitamos a Vontade de Viver; nós deveríamos respeitar a Vontade de Morrer. A raça está autointoxicada pela supressão do processo excretório da Natureza.

Cada caso deve, claro, ser julgado de acordo com seus méritos. Vizinhos fazem bem em auxiliar uma pessoa que está fraca por acidente ou infortúnio, se ela deseja se recuperar. Mas é um crime contra a sociedade e os indivíduos em questão impedir que o jogador viciado, o ébrio, o voluptuoso, o defectivo congênito derivem para a morte, a não ser que eles provem, por sua própria e obstinada determinação de dominar às suas circunstâncias, que eles são capazes de manejar seu remo na Arca de Noé da humanidade.

73. Ah! Ah! Morte! Tu ansiarás pela morte. Morte está proibida, ó homem, para ti.

Existe uma conexão entre Morte, Sono, e Nossa Senhora Nuit (Isto foi declarado, em linhas profanas, pelo Dr. Freud e sua escola, principalmente por Jung, "Psicologia do Inconsciente", que o leitor deveria consultar). A fadiga do cansaço do dia cria as toxinas cuja acumulação é a "Vontade de Morrer". Toda consecução mística é deste tipo, como a Magia é a "Vontade de Viver". Às vezes todos nós queremos o Nibbana, retirar-nos ao Silêncio, e assim por diante. A Arte de fazer isto é mergulhar profundamente na "Morte", mas emergir imediatamente, um gigante refrescado. Este plano é também possível em larga escala, toda Vida sendo Magia, toda Morte sendo Misticismo.

Então porque é a Morte "proibida"? Seguramente todas as coisas são legítimas. Mas nós devemos trabalhar "sem ânsia de resultado" tomando todas as coisas tal qual elas vêm, sem desejo verdade, mas com toda maneira de deleite! Que tua Canção de Amor para a Morte, tua Mãe Amante, murmure e aumente através dos anos, com o Céu Estrelado inteiro a tua Orquestra; mas não imagines que alcançá-la é a única satisfação. A ânsia mesma é Beatitude.

Pode parecer que neste verso a palavra "Morte" é usada num senso um pouco diverso daquele explicado nota prévia. É proibida, observe-se, ao

“homem”. Isto é, então, a fórmula não podendo ser usada por alguém que ainda é um ser imperfeito. Nossa definição é seguramente confirmada por esta frase, antes que negada, ou sequer modificada. Ansiar pela morte é aspirar à completa satisfação de todas as nossas potencialidades. E seria evidentemente um erro insistir em passar à nossa próxima existência, enquanto há cabos não desatados desta. A mera inexplicabilidade dos vários puxões causariam confusão, irritação, e desajeitamento.

Por este motivo, apenas, é completamente importante (importantíssimo) nos certificarmos de qual é nossa verdadeira Vontade, e planejar todo detalhe da maneira de executá-la, tão cedo na vida quanto podemos. Somos capazes de definir nossa vontade dogmaticamente, e dedicar nossa vida quase puritanicamente à tarefa, suprimindo severamente todas as saídas laterais, e de chamar esta conduta de Concentração. Isto é erro, e perigoso. Pois não podemos estar certos de que uma faculdade que parece (na superfície) inútil, até hostil, ao nosso trabalho, não pode no correr do tempo se tornar de valor vital. Se for atrofiada — ai! Sua supressão pode, além do mais, ter envenenado nosso sistema inteiro, como um seio impedido de seu uso natural é capaz de desenvolver câncer. No melhor dos casos pode ser tarde demais para concertar o malfeito; a oportunidade perdida pode se tornar o remorso de uma existência inteira.

O único caminho à segurança consiste em aplicar a Lei de Thêlema com o máximo rigor. Todo impulso, por mais fraco, é necessário à estabilidade da estrutura inteira; o menor defeito no cano de um canhão pode fazer com que ele exploda. Todo impulso, por mais oposto que seja ao motivo principal, é parte do plano; os sulcos riflados no interior do cano não impedem o propósito deste; pelo contrário. Deveríamos, portanto, aquiescer em todos os elementos de nossa natureza, e desenvolvê-los de acordo com as próprias leis deles, com absoluta imparcialidade. Não necessitamos ter medo; existe um limite natural para o crescimento de qualquer espécie; ou ela verifica que não há alimento suficiente, ou ela é sufocada por outras, ou ela cresce além de si mesma e é transformada.⁸⁵

Nem necessitamos nos preocupar com a harmonia e proporção de nossas várias faculdades; os aptos sobreviverão, e a perfeição do todo será compreendida tão cedo as partes se tenham encontrado a si mesmas, e tenham

⁸⁵ Nota de M.: Isto é novamente de vital importância.

se estabelecido após disputar a coisa entre si, na estabilidade equilibrada que é a sua reta reação umas com as outras, e com o seu meio ambiente. É assim político para um Aspirante à iniciação, que ele se analise com infatigável energia, astuta habilidade, e acurada sutileza; mas depois, que se contente em observar a interação de seus instintos, em vez de guiá-los. Só após estar completamente familiarizado com eles todos é que ele deveria executar as práticas que o habilitam a ler a Palavra de sua Vontade. E, tendo assumido o controle consciente de si mesmo, para que ele possa fazer a sua Vontade, ele deveria fazer questão de usar toda faculdade de uma maneira desapegada (tal como um atirador de vez em quando examina todas as suas pistolas e deflagra-as para mantê-las em ordem), sem esperar jamais ter que usá-las novamente, mas no princípio geral de que, se elas forem necessitadas, é melhor que se sinta confiante.

74. A duração da tua ânsia será a força da sua glória. Aquele que vive longamente & deseja muito a morte é sempre o Rei entre os Reis.

Não necessitamos estar constantemente entrando e saindo de Transe. Deveríamos executar ambos os atos com tempo e impulso sempre crescente. Daí, nossos períodos de vida, onde o tempo conta, se tornam gradualmente mais amplos e mais vívidos, enquanto nossos períodos-de-morte, se bem que muito curtos, talvez, podem ser insondavelmente intensos.

É óbvio que a “duração da tua ânsia” varia com o número de potencialidades a serem satisfeitas. Em outras palavras, quanto mais complexo o Khu da Estrela, quanto maior o homem, e tanto mais aguda a sua percepção de suas próprias imperfeições na realização do trabalho, e de sua necessidade de executá-lo.

(Veja-se *LXV*, I, 62-64).

75. Sim! escuta os números & as palavras.

A passagem que segue parece ser um teste qabalístico (da forma regular) de qualquer pessoa que possa no futuro se declarar como o Herdeiro Mágico d’A Besta. Podeis estar todos seguros de que a solução, quando for encontrada, será inquestionável. Será marcada pela mais simples sublimidade, e produzirá imediata convicção.

76. 4 6 3 8 A B K 2 4 A I G M O R 3 Y X 24 89 R P S T O V A L. Que significa isto, ó profeta? Tu não conheceis; nem conhecerás nunca. Vem outro para te seguir: ele o exporá. Mas lembra-te, ó escolhido, de ser me; de seguir o amor de Nu no céu iluminado de estrelas; de contemplar os homens, de dizer-lhes esta palavra alegre.

É o profeta, o “pronunciador”, quem nunca conhecerá este mistério.

77. Ó sê tu orgulhoso e pujante entre os homens!

Orgulho é a qualidade do Sol, Tiphareth; Pujança de Marte, Geburah. Agora, Leo — meu signo ascendente — combina estas ideias como faz Ra-Hoor-Khuit. As ideias cristãs de humildade e fraqueza como “virtudes” são próprias a escravos, covardes, e defectivos.

O tipo de macaco sem cauda que se percebe uma mera haste de rabanete bifurcada num universo de gigantes famintos por “hors d’oeuvres” deve se refugiar da Realidade em fantasias freudianas de “Deus”. Ele se encolhe ao toque da Verdade; e treme da sua nudez na Natureza.

Ele, portanto, inventa um culto baseado em vergonha e medo, e torna presunção e blasfêmia possuir coragem e respeito próprio. Ele se enterra no lodo da “Reverência” e temor a “Deus”, e se faz um abrigo de seu próprio excremento, como minhoca que é. Ele se finge de morto, como vários outros vis insetos, quando o perigo se aproxima; ele tenta escapar notícia assumindo a forma e a cor de seu ambiente, usando “mimetismo protetor” como certos invertebrados. Ele exala mal cheiro ou tinta como o caxinguelê ou a lula chamando uma coisa de Moralidade e a outra de Decência. Ele é escorregadio de Hipocrisia, como uma lesma; e, chamando a totalidade de seus defeitos de Perfeição, define Deus como excremento, para que possa se lisonjear a si próprio com o epíteto “divino”. A manobra toda é descrita como Religião.

78. Levanta-te! Pois nenhum existe como tu entre homens ou entre Deuses! Levanta-te, ó meu profeta, tua estatura sobrepassará as estrelas. Elas venerarão teu nome, quadrangular, místico, maravilhoso, o número do homem; e o nome de tua casa 418.

Há certas maravilhas ocultas, escondidas na primeira parte deste texto (Veja-se *Liber CCCLXX*).

A solução da última sentença pode depender do número do verso, que é aquele de Mezla, o Influxo do Altíssimo, e do Livro de Thoth, ou Tarô.

Podemos tomar “teu nome” como “o Sol”, por razões qabalísticas dadas no Apêndice; o verso não necessita implicar o estabelecimento de um novo culto comigo mesmo como Semideus (Socorro!). Mas eles venerarão o grupo de ideias relacionadas com o Sol e a fórmula mágica do número 418, explica alhures.

**79. O fim do esconder de Hadit; e bênção & veneração ao profeta da
Estrela amorável!**

Assim seja!

CAPÍTULO III

1. Abrahadabra! a recompensa de Ra-Hoor-Khut.

Já vimos que Abrahadabra é o glifo da união do 5 com o 6, a Rosa e a Cruz. Assim, também a Grande Obra, o equilíbrio do 5 e do 6 é mostrado neste Deus: ele é quántuplo como Hórus o Guerreiro, sêxtuplo como o Ra solar. Khuit é um nome de Khem, o Deus Falo-Guerreiro Macho-Duas-Plumas-Amoun; de forma que o deus inteiro representa em simbolismo qabalístico a Segunda Tríada (“que todas as nações dos homens chamam o primeiro”).

É o triângulo Vermelho descendente — a única coisa visível. Pois Hadit e Nuit estão muito além.

Note-se que Ra-Hoor = 418.

Antes de mais nada observe-se a palavra “recompensa”, que deve ser comparada com as palavras “esconder” e “manifestação” nos capítulos passados. “Re-compensar” é “fazer frente a uma necessidade novamente”. A palavra Abrahadabra deve então ser considerada como uma Sentinela diante da Fortaleza do Deus.

Por que é o nome dele soletrado Khut? Nós vimos que ST é a terminação honorífica usual para um Deus. Rá é, como demonstrado no Velho Comento, o Sol, Hoor o Guerreiro Marte; quem é Khu? Ele é o Ego Mágico de uma Estrela. Sem o Yod ou Iota, Khu-t, nós temos uma concepção humana; a inserção daquela letra significa a transmutação à Divindade. Quando, portanto, Ra-Hoor-Khut é recompensado com a Palavra Mágica do Æon, ele se torna Deus. Assim, no verso seguinte, “eu ergo o encanto de Ra-Hoor-Khuit”.

O texto pode também ser lido como segue. Abrahadabra é a Fórmula Mágica do Æon, através da qual nós podemos executar a Grande Obra. Esta fórmula é então a “recompensa” dada pelo Deus, a largasse concedida por Ele ao ascender ao Senhorio do Æon, tal como a fórmula INRI-IAO-LVX de consecução através de Crucificação foi dada por Osíris quando ele chegou ao

poder no último Æon (Veja-se *Livro Quatro*, Parte III, e Equinócio I, 3, pp. 208-233).

Devo declarar aqui que eu tenho a máxima dificuldade, repetidamente, na compreensão deste Capítulo. Poderia ser dito rudemente que no fim dos primeiros cinco anos de Silêncio (An O-IV) eu compreendi o Capítulo I; no fim dos segundos cinco anos (An X-XIV) eu compreendi o Capítulo II.

2. Existe divisão aqui em direção ao lar; existe uma palavra não conhecida. Soletrar está defunto; tudo não é alguma coisa. Cuidado! Firmai! Levantai o encanto de Ra-Hoor-Khuit!

“Divisão daqui para casa”; uma frase muito difícil de interpretar. Uma curiosa concatenação deve implicar um significado profundo. “Para casa” deve significar “em direção a casa do” Ditante. Ele diz, então, que há “divisão”, que (como eu interpreto), impede o homem de ser Deus. Este é um significado natural e ortodoxo e vai bem com “existe uma palavra não conhecida”. Esta palavra é Abrahadabra, que não era conhecida, tendo sido oculta pela soletração corrupta “abracadabra”.

“Soletrar está defunto”; isto parece um eco da asserção no Cap. II, v. 5. “Os rituais do velho tempo são negros” (A palavra “defunto” é decididamente curiosa; a implicação é, “não mais capaz de satisfazer sua função”). “Soletrar” aqui então significa “pronunciar encantamentos”. E isto é característico de Ra-Hoor-Khuit, que exige não palavras, mas atos (Compare-se “O Trabalho de Paris”). Assim nós passamos naturalmente ao verso 3. “Tudo não é alguma coisa” é uma abrogação de toda lei prévia, na ascensão de um Monarca. Ele apaga o passado como que com uma esponja.

Esta frase é também uma cifra extremamente bem feita, ou hieróglifo, da grande Chave deste Livro. Tudo (All, AL) não = é alguma coisa (La). AL e LA; quer dizer, as fases do Universo X e Oo são idênticas.

“Cuidado!” como se fosse dito a um soldado, “Atenção”.

“Firmai!” isto é, “Ficai firmes”! Ouvi a Proclamação!

“Levantai o encanto de Ra-Hoor-Khuit!” isto é, “Aqui, Eu, o Novo Deus, pronuncio minha Palavra”.

3. Agora seja primeiramente compreendido que Eu sou um deus de Guerra e de Vingança. Eu lidarei duramente com eles.

Não parece necessário comentar. A Grande Guerra é uma mera ilustração deste texto. As únicas nações que sofreram são aquelas cuja religião era Osiriana, ou, como elas se dizem, cristãs. A exceção foi a Turquia, que foi suficientemente tola para abandonar os princípios do Islã e formar uma aliança profana com os Giaour. Abdul Hamid nunca teria procedido como um tal asno quanto a quadrilha degenerada de “liberdade e progresso”; que chacais conspurquem as piras dos seus pais caninos! ⁸⁶

Deus de Vingança é em grego Aleister. Por algum motivo que eu não pude traçar, este Deus se tornou ALASTOR, o Demônio do Deserto dos rabinos, e mais tarde “O Espírito da Solidão” de Shelley. A atribuição é bem apropriada, a raiz sendo aparentemente A AOMAI, “eu vago”. A ideia de “Ir” é horrível para o cristão, de forma que um vagabundo é “amaldiçoado”. Mas, parece-me que “se estabelecer na vida” é abandonar a atitude heroica; é aquiescer na estagnação do cérebro. Eu não quero ter conforto, ou até mesmo prolongar a vida; eu prefiro me mover constantemente de galáxia a galáxia, de uma encarnação a outra. Esta é a minha Vontade individual íntima. Parece como se este “deus de Guerra e Vingança” é então meramente um que fará com que os homens executem suas próprias Vontades, Indo como fazem os Deuses, em vez de tentar impedir o irresistível curso da Natureza. ⁸⁷

4. Escolhei uma ilha!

5. Fortificai-a!

⁸⁶ Nota de M.: Crowley está aqui se referindo a Primeira Grande Guerra, que seguiu de nove meses a primeira publicação do Livro da Lei. A Segunda Grande Guerra seguiu de nove meses outra publicação do Livro; e a Guerra da Coréia seguiu de nove meses a publicação mais recente.

⁸⁷ P.S. O terror da Síria no Reino de Omã foi o grande soldado e administrador Melekh-Al-Astar. Possivelmente mães judias costumavam amedrontar seus filhos manhosos ameaçando-os com este “demônio do deserto”, e os Rabinos incorporaram o “bicho papão” em sua hierarquia aversa.

6. **Cercai-a de engenharia de guerra!**
7. **Eu vos darei uma máquina de guerra.**
8. **Com ela vós golpeareis os povos; e nenhum ficará de pé diante de vós.**
9. **Espreitai! Retirai-vos! Sobre eles! esta é a Lei da Batalha de Conquista: assim será meu culto em volta de minha casa secreta.**

4-9. Estes versos são uma instrução prática: e como são “segredo militar”, não serão de forma alguma desvelados. Eu direi apenas que os planos estão completos, e que a primeira nação a aceitar a Lei de Thêlema se tornará, por Meu conselho, a única Senhora do Mundo.

“Espreitai! Retirai-vos! Sobre eles!” descreve as três partes de um certo gesto mágico indicativo e uma fórmula que se provou muito poderosa em trabalho prático.

CAPÍTULO DEZENOVE ⁸⁸

O LEOPARDO E O CORÇO

As manchas do leopardo são a luz do sol na clareira; segue tu o corço de escondido a teu prazer.

As malhas do corço são a luz do sol na clareira; escondido do leopardo alimenta-te a teu prazer.

⁸⁸ Nota de M.: Transcrevemos aqui um capítulo de *Liber 333* que é uma espécie de Comentário sobre um dos possíveis significados deste verso.

Assemelha-te a tudo que te cerca; no entanto sê Tu Mesmo — e toma teu prazer entre os viventes.

Isto é aquilo que está escrito — Espreitei! — no *Livro da Lei*.

COMENTÁRIO POR MESTRE THERION A ESTE CAPÍTULO O LIVRO DE MENTIRAS

19 é o último Trunfo, “O Sol”, que é representante de Deus no Macrocosmo, como o Falo é no Microcosmo.

Há certa universalidade e adaptabilidade entre os seus poderes secretos. O Capítulo foi tirado das “Histórias Simples” de Rudyard Kipling.

O Mestre urge seus discípulos a que adotem certa santa furtividade, a que velem o propósito real de suas vidas; desta forma, desfrutando o melhor de ambos os mundos. Isto aconselha um curso de conduta difícil de distinguir da hipocrisia; mas a distinção é óbvia a qualquer pensador esclarecido, se bem que não o é completamente a Frater P.⁸⁹

⁸⁹ Nota de M.: Estamos vivendo numa idade de escravos; os próprios tiranos que controlam esses escravos são os mais escravizados entre eles — escravos de seus próprios egos, de suas próprias paixões animais descontroladas, e dos Irmãos Negros — que são os cães de Choronzon. Proclamar a Lei abertamente é belo, mas perigoso, como o autor destas linhas sabe por experiência. É uma questão de Vontade do indivíduo, que não pode ser discutida; mas não é obrigatória, nem “padrão”.

Note-se que tanto o leopardo quanto o corço acima são apenas exemplos que o Mestre dá de como seus discípulos podem utilizar o mimetismo TANTO PARA ATACAR QUANTO PARA SE PROTEGEREM. Se preferes atacar, ou se preferes te proteger, é contigo. Faze o que tu queres! Não existe lei além de Faze o que tu queres.

“Também os que ficam e esperam estão na luta.”

10. Toma a estela de revelação mesma; coloca-a em meu templo secreto — e aquele templo já está corretamente disposto — & ela será vossa Kiblah para sempre. Ela não desbotará, mas cor milagrosa voltará a ela dia após dia. Fecha-a em vidro trancado para uma prova para o mundo.

A estela da revelação — veja-se a ilustração.

Aquele templo: estava arranjado como um octógono; seu comprimento duplo da largura; entradas em todos os quatro pontos cardeais do templo; espelhos enormes cobrindo seis das oito paredes (não havia espelhos no Oriente e Ocidente ou nas metades oestes dos lados Norte e Sul).

Havia um altar e dois obeliscos no templo; uma lâmpada sobre o altar; e outro mobiliário.

Kiblah — qualquer ponto na direção do qual nos viramos para orar, como Meca é a Kiblah do Maometano.

11. Esta será vossa única prova. Eu proíbo argumento. Conquistai! Aquilo é suficiente. Eu farei fácil para vós a abstrução da casa mal ordenada na Cidade Vitoriosa. Tu a transportarás tu mesmo com veneração, ó profeta, se bem que tu não gostes. Tu terás perigo & tribulação. Ra-Hoor-Khu está contigo. Adorai-me com fogo & sangue; adorai-me com espadas & com lanças. Que a mulher seja cingida com uma espada diante de me; que sangue corra em seu nome. Calcai aos pés os Gentios; sede sobre eles, ó guerreiro, eu vos darei da carne deles para comer.

A Cidade Vitoriosa é, claro, Cairo (Al-Kahira, a vitoriosa).⁹⁰

⁹⁰ Nota de M.: Será tão “claro”? Por que não Nice — NIKH, Vitória?) e a casa mal ordenada é o Museu de Boulak.

Ra-Hoor-Khu; por que está o nome sem a sua terminação? Talvez para indicar a essência da força.

O Ritual de Adoração de Ra-Hoor-Khuit é, poderíamos esperar, ilustrativo da natureza d’Ele. Parece duvidoso se este Ritual pode jamais ser do tipo de celebração simbólica; parece antes como se expedições contra os Gentios, isto é, cristãos e outros trogloditas, devessem ser o rito d’Ele. E devemos entender que a mulher também se tornará uma guerreira em honra d’Ele.

12. Sacrificai gado, pequeno e grande: depois uma criança.

Isto mal entendido na ocasião, é agora demasiado claro. O verso 15, aparentemente uma sequência impossível, se justificou. Lido em conexão com verso 43, cumpriu-se em 1º de Maio de 1906 E.V. A tragédia foi também parte de minha própria iniciação, como foi descrito em “O Templo de Salomão o Rei”. Ainda é tão amarga que eu não desejo escrever sobre ela.⁹¹

13. Mas não agora.

14. Vós vereis aquela hora, ó Besta abençoada, e tu, a Concubina Escarlate do desejo dele!

15. Vós ficareis tristes por isto.

16. Não penseis demasiado avidamente em apossar-vos das promessas; não temais incorrer as maldições. Vós, mesmo vós, não sabeis este significado todo.⁹²

Esta mulher pode ser a Mulher Escarlate, ou a Mulher em Geral (veja-se versos 55, 56, e o Comentário).

⁹¹ Nota de M.: Crowley se refere à morte de sua filhinha e de Rose, descuidada pela mãe que já estava se entregando à dipsomania. A dor da notícia lançou a mente dele à Passagem do Abismo.

Verso 43: A segunda ocasião foi na Abadia de Thêlema em Cefalú, Sicília. O filhinho dele e da segunda Mulher Escarlate definhou dia a dia até morrer, a despeito de todos os cuidados médicos; e o Juramento de Crowley impediu-o de utilizar poderes mágicos para salvar a vida da criança. Veja-se *Livro Quatro*, Parte III, Capítulo XVI, Parte I. E que principiantes não cometam engano sobre “poderes mágicos para salvar a vida da criança”. Crowley possuía tais poderes, e utilizou-os em mais de uma ocasião. O fato que “milagres mágicos” não ocorrem com tanta frequência quanto “milagres religiosos” prova apenas que Magia é uma vocação, não uma indústria.

⁹² Nota de M.: Veja-se versos 62-67. Há quatro interpretações deste Livro, uma para cada uma das Quatro Ordálias.

17. De todo não temais; não temais nem homens nem fados, nem deuses, nem coisa alguma. Dinheiro não temais, nem risada da tolice do povo, nem qualquer outro poder no céu ou sobre a terra ou debaixo da terra. Nu é vosso refúgio como Hadit vossa luz; e Eu sou a potência, força, vigor, de vossos braços.

18. Misericórdia esteja fora: amaldiçoi os que têm piedade! Matai e torturai; não poupeis; sede sobre eles. ⁹³

19. Aquela estela eles chamarão a Abominação de Desolação; contai bem seu nome, & será para vós em 718.

As referências parecem ser às velhas profecias do “profeta Daniel” e do “apóstolo João”. ⁹⁴

20. Por quê? Por causa da queda de Porque, que ele não é lá novamente. ⁹⁵

Existe aqui uma percepção da profunda lei que opõe o pensamento à ação. Nós agimos quando agimos corretamente, baseados na sabedoria instrutiva que herdamos de idades de existência racial. Nossos ancestrais sobreviveram porque podiam adaptar-se ao seu meio ambiente; seus rivais não se reproduziram, e assim “boas” qualidades são transmitidas, enquanto “más” qualidades são estéreis. Assim o pensamento-racial, subconsciente, diz

⁹³ Nota de M.: “os que têm piedade” são os Irmãos Negros — isto é, os “tolos” de I, 11, 31, e II, 7, 17, 18, 21, 27-33. Para estes o Deus ordena bastante claramente o único remédio. “Pois eles não sentem” — II, 21.

⁹⁴ Nota de M.: Crowley matutou três anos antes de encontrar o significado de 718, que, no entanto, é suficientemente simples. É “Estela” (= 52) 666 em grego. Estela 666 era efetivamente o único “nome” que a Estela teve — sua classificação no catálogo do Museu de Boulak. 666 + 52 = 718.

A “Abominação da Desolação” é uma expressão que somente iniciados podem realmente compreender. Os Irmãos Negros odeiam e temem o Falo. “Desolação” — *desolare*, do Sol. Mas existe um significado que, repetimos, só pode ser compreendido por Iniciados.

⁹⁵ Nota de M.: Este verso que assevera o Aeon significa a queda e dissolução de “Porque”, que é “não” “lá” novamente. Segue o Comento de 666.

a um homem que ele deve ter um filho, custe o que custar. Roma foi fundada no rapto das sabinas. Teria um racionalista justificado tal rapto? Foi aquilo “justiça”, ou “misericórdia”, ou “moralidade”, ou “cristianismo”?

Há muito desta ética no Capítulo II deste Livro. A Ética de *Liber Legis* é a ética da própria Evolução. Somos apenas tolos se interferirmos. Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei, biologicamente como de toda outra forma.

Demos um exemplo: Eu sou um anti-vacinalista num senso que todo anti-vacinalista repudiaria. Eu admito que a vacina impede a varíola, por exemplo. Mas eu gostaria que todo mundo que tem propensão à doença tivesse varíola. Os fracos morreriam; os fortes em sua maioria talvez tivessem as faces marcadas; mas em poucas gerações a raça se tornaria imune à doença.

21. Coloca minha imagem no Este; tu comprarás para ti uma imagem que Eu te mostrarei, especial, não dessemelhante àquela que tu conheces. E será subitamente fácil para ti o fazer isto.

Versos 21-30 parecem se referir aos ritos de adoração pública de Ra-Hoor-Khuit.

A palavra “set” é curiosa. Haverá uma referência a Set o Deus?

Com respeito ao Velho Comento, de fato eu encontrei uma imagem do tipo implicado. Mas não parece haver importância especial nisto. Eu me inclino a ver algum significado mais profundo nesta passagem. Houve referência alhures às palavras “não”, “um”, “Tu sabes”. A palavra “easy” (Fácil) é além do mais sugestiva de algum mistério; é usada no mesmo dúbio senso no verso 40.

22. As outras imagens agrupa em minha volta para suportar-me: sejam todas adoradas, pois elas se reunirão para exaltar-me. Eu sou o objeto visível de adoração; os outros são secretos; para a Besta & sua Noiva são eles: e para os vencedores da Ordália x. O que é isto? Tu saberás.

Não haverá templos regulares de Nuit e Hadit, pois Eles são incomensuráveis absolutos. Nossa religião, portanto, para o Povo, é o Culto ao Sol, que é nossa particular estrela no Corpo de Nuit, de quem, no mais restrito senso científico, vem esta terra, uma fagulha dele esfriada, e toda nossa Luz e

Vida. Seu vice regente e representante no reino animal é Seu símbolo cognato, o Falo, representando Amor e Liberdade. Ra-Hoor-Khuit, como todos os verdadeiros Deuses, é, portanto, uma deidade Solar-Fálica. Mas nós O consideramos tal qual Ele é em verdade, eterno; as deidades Solares-Fálicas do velho Æon, tais como Osíris, “Cristo”, Hiran, Adônis, Hércules, etc., eram supostas, através de nossa ignorância do Cosmo, a “morrer” e a “ressuscitar”. Assim, nós celebrávamos ritos de “crucifixão”, e assim por diante, que agora se tornaram sem sentido. Ra-Hoor-Khuit é a Criança Coroada e Conquistadora. Isto é também uma referência à “Criança” “Coroada” e Conquistadora em nós mesmos, nosso próprio Deus pessoal. A não ser que vos torneis como criancinhas, disse “Cristo”, não entrareis no Reino dos Céus. O Reino é Malkuth, a Noiva Virgem, e a Criança é o Ente-Anão, a consciência Fálica, que é a verdadeira vida do Homem, além dos seus “véus” de encarnação. Devemos agradecer a Freud — e especialmente a Jung — por asseverar esta parte da Doutrina Mágica tão simplesmente, como também pelo que eles fizeram da conexão da Vontade desta “criança” com a Verdadeira ou Inconsciente Vontade, e assim clarificando nossa doutrina do “Ente Silente” ou “Santo Anjo Guardião”. Eles ignoram, é claro, tudo que concerne a fenômenos mágicos, e não poderiam explicar sequer tais termos como “Augoeides”; e eles devem ser seriamente responsabilizados por não asseverarem mais abertamente que esta Verdadeira Vontade não deve ser temida ou suprimida; mas dentro de seus limites, fizeram um excelente trabalho.

23. Par perfume misturai farinha & mel e grossa borra de vinho tinto; então óleo de Abramelin e óleo de oliva, e depois amolecei & amaciai com rico sangue fresco.

Farinha: farinha de trigo integral.

Borra: a de vinho de porto deveria ser boa. ⁹⁶

Óleo de Abramelin: tome oito partes de óleo de canela, quatro de óleo de mirra, duas de óleo de galanga, sete de óleo de oliva.

⁹⁶ Nota de M.: Mas a borra de qualquer vinho tinto serve.

24. O melhor sangue é da lua, mensal; então o sangue fresco de uma criança, ou pingando da hóstia do céu: então de inimigos; então do vate ou dos adorantes; por último de alguma besta, não importa qual.

A: Sangue menstrual.

B: Possivelmente “sangue de dragão”.

Estes dois tipos de sangue não devem ser confundidos. O estudante deveria ser capaz de descobrir o senso desta passagem lembrando-se da asserção qabalística que “o sangue é a vida”, consultando *Livro Quatro*, Parte III, e aplicando o conhecimento que repousa no Santuário da Gnose do Nono Grau da O.T.O. . A “criança” é BABALON e A BESTA conjugada, o “Salvador Secreto”, isto é, o Ente simbolizado pelo hieróglifo do ovo e Serpente dos adeptos fenícios. O segundo tipo é também uma forma de BAPHOMET, mas difere da “criança” em que é o Leão-Serpente em sua forma original.

O processo de amolecer e amaciar é, pois, neste caso, aquele de vitalizar a Águia. Não é aconselhável escrever esta explicação em termos demasiado inteligíveis para os profanos, desde que tentativas iniciadas de utilizar os formidáveis arcanos de Magia apresentados nesta passagem poderiam levar apenas ao desastre mais fulminante e mais irremediáveis.

25. Isto queimai: disto fazei bolos & comi para me. Isto tem também um outro uso; seja depositado diante de me, e conservado impregnado com perfumes de vossa prece: encher-se-á de escaravelhos como se fosse, e coisas rastejantes sagradas a me.

Estes escaravelhos, que apareceram com surpreendente rapidez em números incontáveis em Boleskine durante o verão de 1904 E.V. distinguiam-se por um único, longo “chifre”; a espécie era nova para os naturalistas em Londres aos quais espécimes foram mandados para classificação.

26. Estes matai, nomeando vossos inimigos; & eles cairão diante de vós.

Veja-se *Liber 418*, Primeiro Æthyr, parágrafo final.

27. Também estes engendrarão ardor & poder de ardor em vós ao serem comidos.

A palavra “ardor” não deve ser necessariamente tomada no senso familiar a cristãos. Significa robustez, alegria.

28. Também sereis fortes na guerra.

29. Além disso, sejam eles longamente conservados, é melhor; pois incham com minha força. Tudo diante de me.

Não está bem claro se os escaravelhos ou os Bolos são mencionados nesta estranha passagem. A maneira própria para descobrir a verdade disto é experimentar.

Há uma quantidade considerável de evidência em minha posse que lança luz sobre esta parte do capítulo; mas nenhum propósito interessante seria servido se fosse apresentado agora.

Há circunstâncias em que aparente fraqueza anula seus próprios fins, como também os de diplomacia.

30. Meu altar é de latão rendado: queimai sobre ele em prata ou ouro!

Existe agora um altar qual descrito; e os devidos ritos são diariamente executados ali (An XVI).

31. Vem um homem rico do Oeste que derramará seu ouro sobre ti.

Eu não sei se isto deve ser interpretado em um senso prático. O significado óbvio de “do Oeste” num documento egípcio seria “da Casa dos Mortos”.⁹⁷

Alternativamente, pode haver uma referência ao nome da pessoa em questão. Eu estou convencido de que algum acontecimento ocorrerá que se

⁹⁷ Nota de M.: Somente se o documento fosse osiriano; o Livro da Lei é de Hórus.

adaptará à passagem com acuridade impossível de engano (Eu escrevo isto no An XVII).⁹⁸

32. De ouro forja aço!

33. Sê pronto a fugir ou a golpear.

Sugere-se por si mesmo que os versos prévios já se cumpriram em alguma maneira, que minha fraca compreensão do Capítulo não conseguiu até agora identificar.

34. Mas vosso lugar santo será intocado através dos séculos: se bem que com fogo e espada ele seja queimado & despedaçado, no entanto uma casa invisível está de pé ali, e estará de pé até a queda do Grande Equinócio; quando Hrumachis se erguerá e o da dupla baqueta assumirá meu trono e lugar. Outro profeta se erguerá, e trará febre nova dos céus; outra mulher despertará o ardor & adoração da Cobra; outra alma de Deus e besta mistura-se-á no vate globado; outro sacrifício manchará a tumba; outro rei reinará; e benção não seja mais derramada Ao místico Senhor de Cabeça de Falcão!

Esta profecia, tratando de eventos que cobrirão séculos por vir, não concerne ao presente escritor no momento. Porém ele deve expô-la.

A Hierarquia dos Egípcios nos dá esta genealogia: Ísis, Osíris, Hórus.

Agora, o período pagão é o de Isis; um período perpétuo, natural, de magia simples. Em seguida, com Buda, Cristo, e outros, veio o Equinócio de Osíris, em que sofrimento e morte eram os principais assuntos do pensamento do homem, e sua fórmula mágica, a de sacrifício.

Agora, com Maomé talvez como seu precursor, vem o Equinócio de Hórus, a criança que se ergue forte e conquistadora (com seu gêmeo Harpócrates) para vingiar Osíris, e trazer a idade de força e esplendor. Sua fórmula ainda não é completamente compreendida.

⁹⁸ Nota de M.: Efetivamente, o falecido O.H.O. — Karl Germer — Frater SATURNUS, X^o, 8^o = 3^o A.:A.:, veio do Oeste e doou sua fortuna pessoal para publicações de material Thelêmico. Mas veja-se *Liber VII*, Cap. IV, v. 58.

Após esse se erguerá o Equinócio de Maat, a Deusa da Justiça. Note-se a estreita conexão entre Leo e Libra no Tarô, os trunfos VIII e XI sendo contrabalançados em volta de LX. Não existe uma violenta antítese entre Osíris e Hórus; Força preparará, o reino da Justiça. Devemos começar já, como creio, a considerar essa justiça como Ideal cujo caminho devemos preparar, por virtude de nossa Força e Fogo.

Tomando o lugar santo como Boleskine, já foi submetido a uma espécie de destruição. Foi presenteada por mim a O.T.O. e vendida a fim de obter fundos para a publicação de *Equinox* Vol. III. Mas a quantidade da venda foi em sua maior parte roubada pelo então grande Tesoureiro Geral da Ordem, um George McNie Cowie, que foi Obsedado pela mais vulgar forma de ódio pelos Alemães, a despeito de meus avisos com referência ao verso 59 deste capítulo. Ele enlouqueceu e procedeu, com a mais negra traição, este roubo como sendo apenas uma pequena porção de suas infâmias. O incidente foi necessário a minha própria iniciação.⁹⁹

O RITUAL	ÆON DE HÓRUS	ÆON DE OSÍRIS
Outro Profeta trará	A Besta 666;	Dionísio e outros são nomes para (talvez) Apolônio de Tiana; Nas Condições

⁹⁹ Nota de M.: Entretanto uma casa invisível está de pé ali, como sabem todos os Thelemitas dignos deste nome.

Hrumachis é o Sol Nascente; ele, portanto, simboliza um novo curso de eventos. O de dupla baqueta é Thmaist de fórmula dual como Thmais e Thmait, de quem os gregos derivam sua Themis, deusa da justiça. O Estudante pode se referir ao *Equinox*, Vol. I, nº 2 págs. 244-261. Thmaist é o Negemon, que leva um cetro com uma mitra na ponta. Como aquele de Joshua no Grau da Arca Real na Maçonaria. Ele é o terceiro oficiante em Grau Hierárquico do Ritual do Neófito da G.D., seguindo Hórus como Hórus segue Osíris. Ele pode então assumir o “Trono e Lugar” do regente do Templo quando o Equinócio de Hórus chega ao fim.

A seção rimada deste verso é singularmente impressionante e sublime. Nós podemos observar que os detalhes do ritual para trocar oficiantes são os mesmos em cada ocasião. Nós podemos, portanto, deduzir que a descrição se aplica a este “Equinócio dos Deuses” mesmo. Como foram as condições cumpridas? A introdução ao *Livro 4*, parte IV, nos diz. Podemos brevemente recordar o leitor dos eventos principais, arranjando-os na forma de uma rubrica, e colocando-os contra qual os atos mágicos correspondentes do Equinócio prévio ao nosso, qual são simbolizados nas lendas de Osíris, Dionísio, Jesus, Attis, Adônis, e outros.

diversas Magi foram necessários.

febre nova dos céus	Força e Fogo de Hórus; — Céus de Nuit	
— Outra mulher despertará	Veja Comento em <i>AL I</i> , v. 15	“Vênus” da lenda de Adônis. Nós não temos nenhuma pista para o nome dela.
o ardor e adoração da Cobra.	A Pujança e Dignidade de Hadit dentro dos homens; também o culto do Espermatozoide.	O Espírito Santo ou “Satã” permeando (indwelling). A Chave da Magia na Serpente Apófis, o destruidor.
Outra alma de Deus e Besta	A União de AIWASS e a Besta em Aleister Crowley.	Pã como Deus e Bode; Maria, etc., como Mãe do Filho Deus, fertilizada pelo Pombo ou Touro, Cisne, etc.
Misturar-se-á no vate globado	A Identificação de Matéria e Espírito em nossa Doutrina.	A doutrina do Corpo regenerando incorruptível.
Outro sacrifício manchará a tumba	Amor é a Fórmula Mágica: Sexo como a chave da vida. “A Tumba” o Templo do Amor.	Crucificação, etc. Como a Fórmula Mágica. Morte como a chave da Vida. “A Tumba” — o Ataúde ou cova.
Outro rei reinará	Hórus (Ra-Hoor-Khuit) a Criança Coroada	Osíris (Jesus, etc.) o Rei sacrificado (veja Fraser).
e bênção não seja mais derramada Ao místico Senhor de Cabeça de Falcão!	Bênção — Sêmen	Bênção — Sangue.

Poderia ser presunçoso predizer quaisquer detalhes sobre o Æon seguinte a este.

35. A metade da palavra de Heru-ra-ha, chamada Hoor-pa-Kraat e Ra-Hoor-Khut.

Heru-ra-ha combina as ideias de Hórus (veja-se também “O Grande anjo Hru” que Governa o livro de Thoth; Veja-se *Liber LXXVIII*) com as de Ra e Espírito. Pois é a soletração, Atzilútica ou arquetípica de He, o Espírito Santo. E Ha = 6, o número do sol. He é também Nuit, H sendo a letra d’ela.

A linguagem sugere que Heru-ra-ha é o “Verdadeiro Nome” da Unidade que é simbolizada pelos gêmeos Harpócrates e Hórus. Note-se que o Signo dos Gêmeos e o Signo da Criança é Gemini, cuja letra é Zain, uma espada.

A doutrina do caráter dual do Deus é muito importante para se compreendê-lo bem. “O Sinal do Entrante deve ser seguido imediatamente pelo Sinal de Silêncio”; tal é a imperativa injunção ao Neófito. No *Livro 4* a necessidade disto é explicada por completo.

36. Então disse o profeta ao Deus:

Esta passagem que segue parece ser uma apresentação dramática da cena na Estela. A interpretação deve ser que Ankh-af-na-Khonsu registrou para meu benefício os detalhes da fórmula mágica de Ra-Hoor-Khuit. Ligar os séculos desta forma não é extraordinário para o Magista perito; mas em vista do verdadeiro caráter do Tempo, como aparece ao Adepto em Misticismo, o enigma desvanece por completo.

37. Eu te adoro na canção.

**Eu sou o senhor de Tebas, e eu
O vate inspirado de Mentu;
Para min desvela o véu do Céu,
O sacrificado Ankh-af-na-Khonsu
Cujo verbo é lei. Deixa que eu incite
Tua presença aqui, Ó Ra-Hoor-Khuit!**

Ultimal Unidade demonstrada!

**Adoro Teu poder, Teu sopro forte,
Deus terrível suprema flor do nada,
Que fazes com que os deuses e que a morte**

Tremam diante de Ti!

Eu, eu adoro a ti!

Aparece no trono de Ra!

Abre os caminhos do Khu!

Ilumina os caminhos do Ka!

Nas Rotas do Khabs sê tu,

Para mover-se ou parar-me!

Aum! Enche o meu carne!

OBS.: A terceira estrofe sugere a Bênção Rosacruz:

Possa tua mente estar aberta ao Alto!

Possa teu coração ser o Centro da Cruz!

Possa teu corpo ser o Templo da Rosa Cruz!

38. De forma que tua luz está em me; & sua flama rubra é como uma espada em minha mão para empurrar tua ordem. Existe uma porta secreta que eu farei para estabelecer tua rota em todos os quadrantes (estas são as adorações, como tu escrevestes) como é dito:

É minha a luz; faz que eu me vá

Com os seus raios. Sou o autor

De tua conduta porta ao Lar de Ra

E Tum, de Kephra e de Ahathoor;

Eu sou teu Tebano, Ó Mentu,

O profeta Ankh-af-na-Khonsu!

Por Bes-na-Maut bato no peito;

E por Ta-Nech lanço o feitiço.

Brilha, Nuit, ó Céu perfeito!

**Alada cobra, luz e viço,
Abre-me tua casa. Hadit!
Mora comigo, Ra-hoor-Khuit!**

Veja-se a tradução da Estela na Introdução a *Livro 4*, parte IV. Note-se os quatro Quadrantes ou Quatro Estações Solares enumerados nas linhas 3 e 4 da primeira estrofe, e compare-se o ritual dado em *Liber Samekh* (*Livro 4*, parte III, Apêndice).

39. Tudo isto e um livro para dizer como tu chegastes aqui e uma reprodução desta tinta e papel para sempre — pois nisto está a palavra secreta & não apenas no Inglês — e teu comento sobre este livro da Lei será impresso belamente em tinta vermelha e negra sobre belo papel feito a mão; e a cada homem e mulher que tu encontras, fosse apenas para jantar ou beber a eles, esta é a lei a dar. Então talvez eles decidam permanecer nesta felicidade ou não; não tem importância, Faze isto rápido.

Este relato está publicado com este comentário. O presente volume é assim a obediência a este comando.

“a eles” pode significar “em casa deles”, isto é, nós devemos saudar com a Lei, quando reconhecemos qualquer pessoa com um potencial, rei aceitando a sua hospitalidade. Um significado alternativo é em honra deles.¹⁰⁰

40. Mas o trabalho do comento? Aquilo é fácil; e Hadit ardendo em teu coração fará célere e segura tua pena.

Eu estou menos aborrecido comigo mesmo do que quando escrevi o “Velho Comentário” (Publicado em *Equinox* I, 7), mas não de todo contente. Como é que agente escreve o comento? Para quem? Temos mais que as dificuldades do lexicógrafo. Cada novo Postulante apresente novos problemas; os graus e tipos da ignorância a que apresentam não são menos numerosos que eles. Eu estou sempre descobrindo, após passar vários meses alegres na crença de que minha instrução está sendo de auxílio à alguém, que

¹⁰⁰ Nota de M.: O significado é: a lei deve ser dada a todo casal de homem e mulher de quem aceitamos um convite para beber ou comer. Não é necessário que sejam casados.

eu não fiz progresso algum, devido a que objeto da minha solicitude não aprendeu em criança que Júlio César conquistou a Gália, ou outra coisa do mesmo tipo, que eu assumira ser assunto de conhecimento universal.¹⁰¹

41. Estabelece em tua Kaaba um escritório; tudo deve ser bem feito, e com jeito de negócios.

Isto está sendo feito agora.

42. As Ordálias tu fiscalizarás tu mesmo, salvo apenas as cegas. Não recuses ninguém, mas tu conhecerás & destruirás os traidores. Eu sou Ra-Hoor-Khuit; e Eu sou poderoso para proteger meu servo. Sucesso é tua prova; não discuta; não convertas; não fales demais! Aqueles que buscam armar-te uma cilada, derrubar-te, esses ataca sem dó nem trégua; & destruí-os por completo. Célere como uma serpente pisada vira-te e dá o bote! Sê tu mais mortífero ainda que ele! Puxa para baixo suas almas a tormento horrível: ri do medo deles: cospe sobre eles!

Ordálias: refere-se ao Comento sobre o Capítulo I, versos 32 e seg. “Traidores”: veja-se *Liber 418*: 1º Æthyr. Eu cito:

“Poderoso, poderoso, poderoso, poderoso, sim, três vezes e quatro vezes poderoso és tu. Aquele que se ergue contra ti será derrubado, se bem que tu não erga-me sequer teu dedo mindinho contra ele. E ele que fala mal de ti será envergonhado, se bem que teus lábios não pronunciem a mínima sílaba contra ele. E ele que pensa mal de ti será confundido em seu pensamento, se bem que em tua mente não se erguerá sequer o mínimo pensamento dele. E eles serão submetidos a ti, e ti servirão, se bem que tu não queiras. E será para eles uma graça e um sacramento, e vós todos sentareis juntos no banquete superno, e festejareis sobre o mel dos deuses, e vos embriagareis com o orvalho da imortalidade — POIS EU SOU HÓRUS, A CRIANÇA COROADA E CONQUISTADORA, QUE TU NÃO CONHECIAS!

¹⁰¹ Nota de M.: O comento está publicado com o fac-símile do manuscrito; este Comentário não deve ser confundido com o Comento. Leia-se o Comento, que é absoluto e resolve todas as dificuldades de todo e qualquer Postulante em poucas palavras.

43. Que a Mulher Escarlata se precate! Se piedade e compaixão e ternura visitarem seu coração; se ela deixar meu trabalho para brincar com velhas doçuras; então minha vingança será conhecida. Eu me matarei sua criança: Eu alienarei seu coração: Eu a expelirei dos homens: Como uma encolhida e desprezada rameira ela rastejará por ruas molhadas e escuras, e morrerá fria e faminta.

44. Mas que ela se erga em orgulho! Que me siga em meu caminho! Que obre a obra de maldade! Que ela mate seu coração! Que seja gritona e adúltera! Que esteja coberta de joias, e ricas roupas, e que seja sem vergonha diante de todos os homens!

É impossível discutir passagens como estas antes que o tempo tenha fornecido perspectiva.

O relato de certos experimentos mágicos nesta linha será encontrado em "A Urna".

Esta "criança" não é necessariamente para ser identificada com aquele que "descobrirá" a chave disto tudo.

45. Então Eu levantarei aos pináculos de poder: então Eu engendrarei dela uma criança mais pujante que todos os reis da terra. Eu a encherei de alegria: com minha força ela verá & dará o golpe de adoração de Nu: ela conseguirá Hadit.

46. Eu sou o guerreiro Senhor dos Quarentas: Os Oitentas se acovardam diante de me, & são afundados. Eu vos trarei a vitória & a alegria: Eu estarei em vossas armas na batalha & vos deleitareis em matar. Sucesso é vossa prova: coragem é vossa armadura; avante, avante em minha força; & vós não retrocedereis para nenhum!

Quarenta é Mem, Água, o enforcado; e Oitenta é Pe, Marte, a torre Fulminada. Estes trunfos se referem respectivamente a destruição do mundo por Água, e por Fogo. O significado destas frases deve ser estudado nos meus Rituais de Magia, tais como *Livro 4*, parte II e III. Seu significado geral é que

Ele é mestre de ambos os tipos de Força. Eu me inclino a opinar que existe um senso mais simples e mais profundo no texto do que eu descobri até agora.¹⁰²

47. Este Livro será traduzido em todas as línguas: mas sempre com o original pela mão da Besta; pois na forma ao acaso das letras e sua posição umas com as outras: nestas há mistérios que nenhuma Besta adivinhará. Que ele não procure tentar: mas um vem após ele, de onde eu não digo, que descobrirá a Chave disso tudo. Então esta linha traçada é uma chave; então este círculo esquadrado em seu fracasso é uma chave também. E Abrahadabra. Será sua criança e isso estranhamente. Que ele não busque após isto; pois dessa forma apenas pode ele cair disso.

48. Agora este mistério das letras está acabado, e Eu quero prosseguir para o lugar mais santo.

49. Eu estou em uma secreta palavra quádrupla, a blasfêmia contra todos os deuses dos homens.

A evidente interpretação disto é que a palavra é “Do What Thou Wilt” (Faze o que tu queres...), que é uma palavra secreta, por que seu significado para todos os homens é o seu próprio segredo mais íntimo. E é a mais profunda blasfêmia possível contra todos “Os deuses dos homens” por que faz de todo homem seu próprio Deus.

Nós podemos então assumir que este Ra-Ha Solar Fálico é Cada Homem Mesmo; tal como cada célula independente em nossos corpos está para nós, assim está cada um de nós para Heru-ra-ha. A “consciência” de cada homem é uma Estrela no Cosmo do Sol, como o Sol é uma Estrela no Cosmo de Nuit.¹⁰³

¹⁰² Nota de M.: a Segunda Grande Guerra Mundial, que se estalou em 1939 e cobriu metade dos Quarentas é talvez aquilo a que o Deus se refere; a profecia não foi compreendida por Aleister Crowley porque ainda não ocorrera. Se tal for o significado “mais”, então o verso sugere que uma catástrofe mundial ainda mais violenta ocorrerá nos Oitenta.

¹⁰³ Nota de M.: Aprendemos a este comentário o capítulo 2 do *Livro de Mentiras*, e o comentário pertinente pelo MESTRE THERION.

CAPÍTULO DOIS: “O GRITO DO FALCÃO”

HXH H

Hoor tem um secreto nome quádruplo: é Do What Thou Wilt.

Quatorze letras. Quid Voles Lud. Q.V.I.F. $196 = 14^2$.

Quatro Palavras: Nada: Um: Muitos: Tudo.

Tu — Criança!

Teu Nome é Santo.

Chegou teu Reino.

Tua Vontade é feita.

Aqui está o Pão.

Aqui está o Sangue.

Traze-nos através de Tentação!

Livra-nos do Bem e do Mal!

Que minha como Tua seja a coroa do Reino,

Mesmo agora.

ABRAHADABRA

Estas dez palavras são quatro, o nome do Um.

COMENTÁRIO PELO MESTRE THERION A ESTE CAPÍTULO

O “Falcão” mencionado é Hórus.

O capítulo começa com um comentário sobre *Liber Legis* Cap. III, 49.

Essas quatro palavras, *Do What Thou Wilt* (Faze o que tu queres) são também identificadas com os quatro modos possíveis de concebermos o universo: Hórus une estes.

Segue uma versão do “Pai Nosso” apropriada a Hórus. Compare-se isto com a versão do capítulo 44. Há dez seções nesta oração, e, como a oração é atribuída a Hórus, elas são chamadas quatro, como foi explicado acima; mas é apenas o de Hórus que é quádruplo, Ele mesmo é Um.

Isto pode ser comparado com a doutrina cabalística das 10 Sephiroth como uma expressão de Tetragrammaton (1 mais 2 mais 3 mais 4 = 10).

É agora visto que este Falcão não é Solar, mas mercurial, daí o título, o Grito do Falcão, a parte essencial de Mercúrio sendo a Voz dele; e o número do capítulo, B, que é Beth a letra de Mercúrio, o Magus do Tarô, tendo quatro armas. Deve-se ainda ser lembrado que esta carta leva o número 1, novamente ligando todos os símbolos do Falo.

A arma essencial de Mercúrio é o Caduceu.

50. Maldição sobre eles! Maldição sobre eles! Maldição sobre eles.

51. Com minha cabeça de Falcão eu bico os olhos de Jesus enquanto ele se pendura da Cruz.

Devemos ponderar cuidadosamente o particular ataque de Heru-ra-ha contra cada um desses “deuses” ou profetas; pois se bem que eles são, ou representam, os Magi do Passado, a maldição do Grau deles deve consumi-los. (Veja *Liber Magi*.)

Assim, é os olhos de “Jesus” — seu ponto de vista — que deve ser destruído; e este ponto de vista é errôneo por causa do gesto Mágico de Auto-Sacrifício que ele representa.

Não devemos supor por um momento que este verso sustenta que Jesus, foi um personagem histórico. Jesus não é nem nunca foi um homem; mas ele era um deus, tal como um monte de trapos velhos e uma lata de querosene num arbusto pode ser um “deus”. Existe uma ideia fabricada por homens, fabricada de ignorância, medo e estreita moral e espiritualidade, que chamamos de “Jesus”, e que foi enfeitada de tempos a tempos com diversas roupagens de Paganismo e de Judaísmo.

O assunto de “Jesus” é, infelizmente, demasiado extenso para uma nota; é tratado em detalhes em meu *Livro 888*.¹⁰⁴

52. Eu ruflo minhas asas na face de Mohammed & cego-o.

O ponto de vista de Mohammed é errado também, mas ele não necessita uma correção tão forte quanto “Jesus”. É a sua face e, a sua aparência externa, que deve ser coberta com as suas asas. Os dogmas do Islã, retamente interpretados, não estão longe de nosso caminho de Vida, Luz, Amor e Liberdade. Isto se aplica especialmente aos dogmas secretos. O credo externo é mera tolice apropriada à inteligência dos povos entre os quais foi promulgado; mas assim mesmo, Islã é magnífico na prática. Seu código é o de um homem com coragem e honra e respeito próprio; contrasta-se admiravelmente com a encolhida covardia dos cristãos que temem a danação, aceitam a desonesta e emasculante doutrina de sacrifício por substituição, e se creem “nascidos do pecado”, miseráveis pecadores, sem “nenhuma saúde em nós”.

53. Com minhas garras Eu dilacero e puxo fora a carne do Hindu e do Budista, Mongol e din.

“O Hindu”. A religião do Industã, suficientemente compreensiva dos pontos de vista místicos e metafísico para se assegurar a posse de muita verdade, é na prática quase tão supersticiosa e falsa quanto o cristianismo, uma fé de escravos, mentirosos, e canalha. As mesmas observações se aplicam mais ou menos ao Budismo.

¹⁰⁴ Nota de M.: Veja-se *Carta a um Maçom*, Apêndice.

“Mongol”; presumivelmente a referência é ao Confucionismo, cuja perfeição ética e metafísica não impediu que seus aderentes perdessem essas virtudes mais rudes que são próprias ao Animal que luta, e assim, por fim cedendo a uma civilização entrelaçada, na raiz mesma da história do mundo, às tribos bárbaras da Europa.

“Din”; Severidade ou julgamento — pode se referir a Lei Judia antes que da Fé (ad Din) do Islã. Se assumirmos isto, as leis religiões, cuja carne deve ser arrancada, cobrem o globo inteiro fora o Islã e o cristianismo.

Para que atacar-lhes a carne em vez dos olhos, como nos outros casos? Porque a metafísica (ou o ponto de vista) é correta — eu tomo Judaísmo como qabalístico — mas a prática é imperfeita.

54. Bahlasti! Ompehda! Eu cuspo nos vossos credos crapulosos.

55. Que Maria inviolada seja despedaçada sobre rodas; por causa dela que todas as mulheres castas sejam completamente desprezadas entre vós.

O Nome Maria está relacionado com Mars, Mors, etc., do Sânscrito MR, matar, e com Mare, cuja água opõe o Fogo de Hórus.

Liber 418 explica isto sucintamente: 3º Æthyr.

“Além disto, há Maria, uma blasfêmia contra BABALON, pois ela se fechou; e, portanto, é ela a Rainha de todos esses demônios malvados que caminham sobre a terra, esses que tu vistes mesmo como manchinhas pretas que manchavam o céu de Urânia. E todos esses são o excremento de Choronzon”.

“Maria inviolada” tem que ser despedaçada sobre rodas, porque despedaçá-la é o único tratamento que ela merece; e RV, uma Roda, é o nome do princípio feminino (veja-se *Liber D*). Serão as mulheres mesmas que destruirão esse egrégora; desde que foi o próprio falso senso de culpa dos homens, o egoísmo deles, e a covardia deles, que originalmente forçaram a mulher a se blasfemar a si mesma, e assim degradaram a próprios olhos dela, e nos deles.

Porque os homens insistem em “inocência” nas mulheres?

1 — Para lisonjear sua vaidade doentia; uma mulher capaz de compará-los com outros amantes passados ou presente os amedronta.

2 — (a) Para escaparem de doenças venéreas. (b) Para se assegurarem, na medida do possível, que a cria da mulher vai propagar suas “nobres” pessoas.

3 — Para manter poder sobre suas escravas graças a ignorância delas.

4 — Para mantê-las dóceis no lar quanto mais tempo puderem, prolongando a corrupção da sua inocência. Uma mulher sexualmente satisfeita, porém, é o melhor auxiliar que um homem pode pedir; enquanto uma mulher desapontada ou insatisfeita é um eczema psíquico.

5 — Em comunidades primitivas, para se assegurarem contra surpresa ou traição por parte de inimigos.

6 — Para disfarçarem a sua própria vergonha no assunto do sexo; vergonha que é fruto do complexo de Édipo e da má educação religiosa.

Nós de Thêlema dizemos que “Todo homem e toda mulher é uma estrela”. Não nos enganamos ou lisonjeamos as mulheres; não as desprezamos nem as abusamos. Para nós uma mulher é Ela mesma, absoluta, original, independente, livre, auto-justificada, exatamente como um homem é.

Não queremos a mulher como escrava; nós a queremos livre e régia, que o amor dela lute contra a morte em nossos braços à noite, que a sua liberdade cavalgue lado a lado conosco, de dia... na carga da batalha da vida.

“Que a mulher seja cingida com espada diante de Me!” “Nela é todo poder dado.”

Assim diz este nosso *Livro da Lei*. Nós respeitamos a mulher tal qual ela é, com sua própria natureza; Não nos arrogamos o direito de criticá-la. Nós lhe damos boas vindas como nossa aliada, vindo a nosso acampamento para fazer sua vontade, livre e brilhante, revirando sua espada. Bem-vinda sejas mulher! Nós te saudamos. Estrela gritando a estrela! Bem-vinda à fuga e à festa! Bem-vinda à luta e à Orgia! Bem-vinda à vigília e a vitória! Bem-vinda à guerra e suas feridas! Bem-vinda à casa e à cama! Bem-vinda à trombeta e ao triunfo! Bem-vinda à marcha fúnebre e à morte!

Somos nós de Thêlema que realmente amamos e respeitamos a Mulher, que a consideramos sem pecado e sem vergonha tais quais nós somos; e

aqueles que dizem que as desprezamos são aqueles que se encolhem diante do fulgor de nossas lâminas, quando cortamos dos seus membros as imundas cadeias com que eles as ataram.

Nós chamamos a mulher de Puta? Sim, em Verdade e amem, ela é isso: o ar treme e queima quando nós o gritamos, exultantes e árdusos.

Ó vós hipócritas! Não foi este o vosso sorrisinho de esguelha, vosso vil cochicho, que a escarnecia e a ultrajava? Não era “Putá” a verdade “dela”, o título de terror que vós lhes destes em vosso medo dela, covardes consolando covardes com furtivas olhadelas e gestos?

Mas nós não a tememos; nós gritamos Puta, quando os exércitos dela se aproximam de nós. Nós batemos em nossos escudos com nossas espadas. A terra ecoa o clamor!

Há dúvida da Vitória? Vossas hordas de escravos encolhidos (com medo de si mesmos, com medo de seus próprios escravos, hostis, desprezados e desacreditados, vossos passos da avestruz, ir a luta, não fugireis de debanda à vossa primeira investida quando com lanças de ardor em riste nós cavalgamos à carga, como nossas aliadas, as Putas que nós amamos e aclamamos, livres amigas a nosso lado na Batalha da Vida?

O *Livro da Lei* é a Carta de Direitos da Mulher, a Palavra Thêlema abriu a fechadura do cinturão da castidade “Dela”. Vossa Esfinge de pedra cobrou vida: para saber, querer, ousar, e calar-se.

Sim, Eu, A besta, minha puta escarlate montada em mim, nua e coroada, ébria de Sua Taça dourada de Fornicação, gabando-se de ser minha companheira de cama, a levei até à Praça do Mercado, e rugi esta Palavra que toda mulher é uma Estrela. E com esta Palavra está pronunciada a Liberdade da Mulher; as tolas e fracas e coquetes ouvirão minha voz. A raposa na mulher ouviu o Leão no homem; medo, faniquitos, moleza, frivolidade, falsidade, nada disto está mais na moda.

Em vão homens brutos, apoquentadores e gabolas, padres, advogados, ou políticos franzirão as sobranceiras e procurarão um novo truque para atemorizar mulheres; de uma vez por todas a tradição está quebrada: acabou-se a moda do cinturão de castidade, da roupa de saco, do apedrejamento até a morte, de talhos no nariz, de arrastamentos por cavalos nas vias públicas, de chicoteamento, de exposição no pelourinho, de divórcio de eunuco, harém, ameaças de inferno, ostracismo social, e até a criação de encorajamento de

prostituição para manter uma classe de mulheres no abismo debaixo do tacão da polícia, e outra na beira do abismo, à mercê da bota do marido ao primeiro sinal de insubordinação ou mesmo de fracasso em agradar.

A câmara de torturas dos homens cristãos tem ferramentas de grande variedade: em um extremo, o assassinato cru e direto, ou a mais sutil morte a míngua; do outro, agonias morais, desde arrancar-lhes o filho do seio até ameaçá-las com uma rival quando os serviços dela acabaram com a beleza.

A mulher fraca de corpo e esfomeada na mente; a Mulher, moralmente aprisionada pelo seu heroico juramento de salvar a raça, não importa a que custo, aturou estas coisas, aturou de idade a idade. O sacrifício dela não foi espetacular, não foi nenhuma cruz no cocuruto de um outeiro com o mundo boquiaberto, e monstruosos milagres para ecoar o aplauso do céu. Ela sofreu e triunfou no silêncio mais vergonhoso; ela não teve amigo, ou seguidor, ninguém para ajudar ou aprovar. Como gratidão ela blandícias sentimentais, e aprendeu o frio e cruel escárnio que os corações de pseudo-homens são capazes de abrigar.

Ele agonizou, ridículo e obsceno; deu toda a sua beleza e força de mocidade para sofrer doença, fraqueza, ameaça de morte, decidindo viver a vida de uma vaca — para que a humanidade pudesse navegar nos mares do tempo.

Mas agora a Palavra de min, A Besta, é esta: não só estás tu, mulher, jurada a um propósito que não sê teu; tu és tu mesma uma estrela, e em tu mesma um propósito para tu mesma. Não só mãe de homens tu és, ou puta de homens; serva à necessidade deles de vida e Amor, sem partilhar da Luz e Liberdade deles; não, tu és mãe e puta para teu próprio prazer; a palavra que Eu digo aos Homens, Eu digo a ti nem mais nem menos: Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei!

Sim padre, sim advogado, sim censor. Não vos renunciareis em segredo uma vez mais, para buscar em vossa bolsa de truques se há um que não tentastes?

Foi sempre tão fácil até agora! Qual é a Magia DESSA Palavra, a primeira tese do *Livro da Lei*, que “toda mulher é uma estrela?”

Ai de vós! Sou eu a Besta que rugi aquela Palavra tão alto, que acordei a Beleza.

Vossos truques, vossas drogas de torpor, vossas mentiras, vossos passes hipnóticos, eles não serviram mais.¹⁰⁵

Resolvi a ser homens livres, destemidos como Eu, dignos parceiros para mulheres não menos livres e destemidas!

Pois eu, A Besta, chequei um fim para os males de antanho, para os abusos que contestastes, fazendo das mulheres o instrumento de vosso deboche e vosso medo.

A essência de minha palavra é declarar a Mulher como Ela mesma. Si para si mesma; e Eu lhe entrego uma Arma irresistível, a expressão de Si Mesma e da sua Vontade através do sexo; a ela, em precisamente, eis os mesmos termos que o homem.

Assassinato não mais é temível, a arma econômica é sem poder desde que a mão de obra feminina se aprovou de valor; e a arma social está inteiramente nas próprias mãos dela.

As mulheres sempre foram sexualmente livres, como os melhores homens; é apenas necessário remover as penalidades de “ser descoberta”. Que as organizações feministas de trabalho defendam qualquer mulher que é atormentada economicamente por motivos de atividade sexual. Que as organizações sociais feministas honrem em público aquilo que seus membros praticam em privado.

A maior parte da infelicidade doméstica desaparecerá automaticamente, pois sua causa principal é a insatisfação sexual de esposas, ou a ansiedade (ou outra tensão mental) engendrada caso elas tomem o remédio em suas próprias mãos.

O crime de aborto perderá a razão de ser exceto nos casos mais excepcionais.

Chantagem será confinada a ofensas políticas e comerciais, e assim diminuindo sua frequência quanto menos por dois terços, talvez por muito mais.

Escândalos e ciúmes sociais tenderão a desaparecer.

¹⁰⁵ Nota de M.: O leitor deve se lembrar que estas linhas precederam a completa emancipação da mulher na maior parte dos países do mundo; o fato que elas ainda são atuais no Brasil, prova apenas o quanto nosso país sofreu durante séculos, sob o imundo tacho de Roma e seus pederastas!

Doença sexual será fácil de identificar e combater, desde que não será uma desgraça admiti-la.

A prostituição (com seus crimes derivados) tenderá a desaparecer, desde que parará de oferecer lucros exorbitantes a esses que a exploram. A preocupação da mente do público com questões sexuais não mais propagará doenças morais e insanidade, quando o apetite sexual for tratado com a mesma simplicidade que a fome. Franqueza em falar e escrever sobre questões sexuais acabará com a ignorância que prende tanta gente infortunada; precauções apropriadas contra atuais perigos imaginários ou artificiais; e os charlatões que traficam o medo perderão sua fonte de renda.

Tudo isto deve seguir como a luz segue a noite, tão cedo a Mulher, leal para consigo mesma, perceba que ela não mais pode ser falsa com qualquer homem. Ela deve se honrar à sua Vontade; e deve compelir o mundo a honrá-la igualmente.

A mulher moderna não será nunca mais, joguete, escrava, ou vítima, a mulher que se entrega livremente ao próprio gozo, sem pedir recompensa, merecerá o respeito de seus irmãos, e abertamente prezará suas irmãs “castas” ou “venais”, como homens hoje em dia desprezam efeminados e os filhinhos de papai. O amor será separado por completo e irrevogavelmente de concordatas sociais ou financeiras, especialmente o casamento. O amor é um esporte, uma arte, uma religião, como quisedes, não é um empório nem um mercado.

Eu te vejo mulher, estás de pé só, Alta Sacerdotisa do Amor tu és o Altar da Vida. E o homem é a vítima no Altar.

Debaixo de ti, regozijante, ele está deitado; exulta ao morrer, queimando no alento de teus beijos. Sim, estrela se arremessa flamejando para estrela; o esbraseio explode, alaga os céus.

Há um Grito numa língua ignota, ressoa através do Templo do Universo; em sua única Palavra está a Morte e o Êxtase, e teu título de honra, ó tu, a ti mesma Alta Sacerdotisa de Nuit, profetisa, Imperatriz, que é tu Mesma a Deusa cujo nome significa a Puta e Mãe!¹⁰⁶

¹⁰⁶ Nota de M.: Mapie em grego tem a mesma numeração de BABALON, note-se, na parábola dos “evangelhos”, que Maria, a Mãe Virgem, assiste a morte do “filho” com Maria, a Puta de Magdala. Os padrecos disfarçaram esta história o mais possível, mas não se atreveram a alterar demais. É a Puta de Magdala, não a “Mãe Virgem”, quem vê o cristo erguido. Aum Ha!

56. Também por causa da beleza e do amor!

É obvio ao fisiologista que a beleza (isto é, a justeza na proporção) e o amor (isto é, a atração natural entre coisas cuja união satisfaz ambas) necessitam para ter cumprimento, absoluta espontaneidade e liberdade de restrição. Uma árvore cresce deformada se é cercada demasiado de perto por outras árvores ou por paredes; e a pólvora não explodirá se suas partículas são separadas por areia em demasia.

Se havemos de ter beleza e amor, quer ao engendrar crianças ou em obras de arte, ou no que seja, devemos ter perfeita liberdade de ação, sem medo ou vergonha, ou qualquer falsidade. Espontaneidade, o mais importante fator em criação (porque é evidência da intensidade magnética e de propriedade da vontade de criar) depende quase completamente da absoluta liberdade do agente. Gulliver não deve ter laços de linha de “packthread”. Estas condições têm sido tão raras no passado, especialmente no que concerne ao amor, que sua ocorrência marcou algo como uma época. Praticamente todos os homens trabalham com medo de resultado ou ânsia de resultado, e a criança é um anão ou nasce morta.

Está dentro do âmbito da experiência da maior parte das pessoas, que festas e piqueniques, se organizados ao impulso do momento, são sempre um sucesso, enquanto os entretenimentos mais elaborados, preparados com todo cuidado, frequentemente são chochos. Agora, ninguém pode dar regras exatas para a produção de um “Gênio” de encomenda, um gênio neste senso sendo uma pessoa que tem uma ideia, e é fortificada com o poder de inflamar o entusiasmo da massa, com (Wilt) para conhecer, e iniciativa para aproveitar o momento psicológico.

Mas podemos especificar certas condições incompatíveis com a manifestação desta espontaneidade; a primeira delas é evidentemente a ausência de absoluta liberdade de qualquer obstáculo, interno ou externo, à ideia do gênio.

É claro que uma mulher não pode amar naturalmente, livremente, saudavelmente, se ela é obrigada a contaminar a natureza do seu impulso, com pensamentos de sua condição social, econômica ou moral. Quando tais coisas a restringem, o Amor pode conquistar, como, aliás, frequentemente o faz; mas a beleza que ele engendra é usualmente (Stunted ou Wried),

assumindo uma máscara trágica ou cínica. A história do mundo é o principal tema do romance. Eu necessito apenas mencionar Trístão, Paolo, Romeu, Otelo, Paris, Eduardo II de Inglaterra, Abelardo, Tannhauser, de antanho, e mais recentemente, Mês. Asquith, Maud Allan, Charles Stuart Parrel, Sir. Charles Dilke, Lord Henry Somerset, e Oscar Wilde. Sem mencionarmos “Fatty Arbuckle”!

Homens e mulheres têm tido de enfrentar reais ruínas financeiras, tanto quanto a probabilidade de escândalo ou desgosto, ou consentir a amar dentro de limites que absolutamente nada tem a ver com o amor. A chance de espontaneidade é, portanto, muito pequena; se ela ocorrer e for bem aproveitada, os advogados se apressam a se introduzirem debaixo da cama nupcial, enquanto as famílias, de olho grudado no buraco da fechadura ou frestas das portas, introduzem seus ganidos discordantes no Duetto.

Então, quando o amor morre, como deve morrer se qualquer dos parceiros tem mais imaginação que um naco de massa de escultor, as cadeias estão fixas. Ele ou ela devem passar pela sórdida força do divórcio se a chance de livre escolha há de ser recuperada; e mesmo então as cadeias deixam uma úlcera incurável; não adianta brincar de ser respeitável depois que agente se divorcia.¹⁰⁷

Assim vemos que quase os únicos casos amorosos que não causam aborrecimento, e não deixam qualquer cicatriz, são esses entre pessoas que aceitaram a Lei de Thêlema e cortaram definitivamente com os tabus dos deuses-escravos. O Verdadeiro artista, amando a sua arte e nada mais, pode desfrutar uma série de ligações espontâneas sua vida inteira, no entanto, nunca sofre ele mesmo, ou faz com que outros sofram.

De tais ligações a Beleza é sempre a prole; a atitude saudável da mente simples e limpa, livre de todas as complicações alienígenas ao amor, assegura isto.

Tal como o corpo de uma mulher é deformado e adoentado pelo colete exigido pelo Jaganath à Moda, assim também o é a alma dela pela pressão da conversão, que é uma moda tão cheia de caprichos, tão arbitraria e tão insensata quanto aquela da costureira de calças, por mais que chamem de Deus, e por mais que o seu *Fiat* de mostrengo passe por lei Eterna.

¹⁰⁷ Nota de M.: era assim na Inglaterra e nos Estados Unidos na época em que ele escreveu. Quanto ao Brasil, na época em que esta nota é escrita, 1962 E.V. ainda não havia divórcio.

No passado o homem tem forçado a Mulher a gratificar os desejos animais de seu odiado tirano, e a calcar aos pés a flor de seu amor na lama; fazendo o estrupo ainda mais odioso por chamar a sua antipatia de Castidade, e provando-a uma coisa suja pela evidência sangrenta num lençol da existência de um pedacinho de pele.

Ela não teve chance de Amor a não ser que ela antes de mais nada renunciasse ao respeito da sociedade, e encontrasse uma maneira de expelir o lobo da fome do degrau da sua porta.

Em qualquer Abadia de Thêlema, qualquer mulher é bem-vinda; lá ela é livre para fazer sua Vontade, e é honrada por fazê-la. A cria do amor é uma estrela, e é honrada, mesmo como são todas as estrelas; mas tal nós especialmente estimamos; é um troféu de uma batalha que foi ganha!

57. Desprezai também todos os covardes; soldados profissionais que não ousam lutar, mas brincam; todos os tolos desprezai!

Lutar é o direito e dever de todo homem, como é de toda mulher se regozijar em sua força e de honrá-lo e perpetuá-lo por seu amor. Minha primária objeção ao cristianismo é Jesus gentil, doce e bom, o pacifista, o homem que se recusa a ser convocado pelo exército por motivos de moral ou religião, e residente passivo. "Jesus", mesmo na lenda, fechou sua face como uma pedra para ir a Jerusalém, com presciência de seu destino. Mas os cristãos não tem acentuado este heroísmo desde as cruzadas. O Jesus piegas e morno das escolas dominicais protestantes e dos colégios de padres e freiras romanos é o único sobrevivente; e a guerra acabou com ele graças a Ares!

Quando as igrejas cristãs não-conformantes, especialmente nos Estados Unidos da América, perceberam que sua doutrina de Castigo Eterno não mais era defensível, eles acabaram com sua religião. Não havia nada por que lutar. Assim elas degeneraram em mornos centros de atividades sociais, de forma que a teosofia com seus Irmãos Negros, a Sra. Eddy com seus peritos em Arsênico Mental, as "Ordens romanas com suas hipnotistas e jesuítas" (T.K.?) e Bill Sunday com seu fogo do inferno, fizeram carne do vulgo a se arrepiar uma vez mais, e ganharam tanto notoriedade quanto a nota.

(Both credit and Cash)

O *Livro da Lei* não arremessou fulminações teológicas, mas nós temos bastante conflitos nas mãos. Temos que lutar pela Liberdade contra opressores religiosos, sociais e industriais; nos opomos por completo a qualquer compromisso. Toda luta deve ser uma luta até o fim; cada um de nós por si mesmo, para fazer sua própria vontade, e cada um de nós por todos, para estabelecer a Lei da Liberdade.

Que todo homem vá armado, rápido a pressentir opressão generosa e ardente para desembainhar sua espada em qualquer causa de justiça e liberdade, o chamam a liça!

Todos os tolos desprezai! Esses são tolos que os homens adoram; tanto seus Deuses & seus homens são tolos. Desprezai todos os deuses tolos, os homens que pregam, ou dizem que tais deuses devem ser adorados; cada um de vós é o único e verdadeiro Deus!

O Homem de Thêlema é vertebrado, organizado, cheio de propósito (Steady), tem autocontrole, é viril, usa o ar como a comida de seu sangue, assim, também se fossem privados dos tolos dos homens, ele não poderia viver. Necessitamos nossa atmosfera afinal de contas; é apenas quando os tolos se tornam loucos e violentos que necessitamos nosso santo silêncio para nos envolver, e nosso cajado para nos firmar enquanto escalamos a costa da montanha. E é apenas se descemos à escuridão das minas para cavar o tesouro da terra, que necessitamos seu hábito venenoso.

58. Mas os afiados e os altivos, os régios e os elevados; vós sois irmãos.

Os afiados, esses são homens cuja Vontade é como uma espada afiada e reta, temperada (Ground) e polida em aço sem falha; com um punho e um olho atrás da guarda.

Os “altivos” estes são os homens que se sabem estrelas, e não dobram os joelhos a ninguém. Verdadeiro orgulho impede que um homem faça o que quer que seja indigno dele mesmo.

Os régios; estes são homens cuja natureza é soberana, e homens que podem. Eles sabem que nasceram para serem governantes, que seu reino seja a Arte, ou a Ciência, ou qualquer outro.

Os elevados; estes são homens que sendo eles mesmos de coração elevados, não suportam qualquer baixaza.¹⁰⁸

59. Lutai como irmãos.

Lutai! Lutai como homens de bem, sem malícia, porque lutar é o melhor Jogo do mundo, e o amor vem logo após! Não caluniei vosso inimigo, como os jornais queriam que fizesses; matai-o apenas, e então honrai-o. Não fiqueis gritando “não valeu” como um pugilista de quinta categoria. Não vos gabeis! Não vos queixeis! Se ides ao chão, levantai-vos e golpeai-o novamente! Lutas deste tipo criam amigos certos.¹⁰⁹

Existe, talvez um significado mágico nas entrelinhas, uma referência ao Ritual de que encontramos sugestões nas lendas de Caim e Abel, Esaú e Jacó, Set e Osíris, etc. O “Irmão mais Velho” dentro de nós, o Ente Silente, deve matar o irmão mais novo (o ente consciente), e este deve ser erguido novamente, incorruptível.

60. Não existe lei além de Faze o que tu queres.

Existe, claro, leis secundárias, detalhes, casos particulares da Lei. Mas a Lei inteira é Faze o que tu queres, e não existe lei além desta. O assunto é tratado por completo em *Liber Aleph*, ao qual referimos o estudante.

Melhor ainda, que o estudante assuma que esta Lei é a chave Universal de todo problema da Vida, e então a aplique a um caso particular atrás de outro. À medida que ele comece a compreendê-la, ele se espantará com a simplificação que ela fornece das questões mais obscuras. Assim, ele assimilará a Lei, e fará dela a norma do seu ente consciente; isto por si só será suficiente para iniciá-lo, para dissolver seus complexos, para desvendá-lo a si mesmo; e assim chegará ao Conhecimento e Conversação de seu Sagrado Anjo Guardião.

¹⁰⁸ Nota de M.: a palavra “Homens” deve ser tomada sem eu sentido genérico, as mulheres com estas qualificações estão, é claro, incluídas.

¹⁰⁹ Nota de M.: não há “talvez”; cada verso deste Livro pode ser interpretado de quatro formas diversas, de acordo com as quatro Ordálias.

Como a parte prática da ética de nossa Lei, nós temos os Direitos Thelêmicos do Homem formulados em *Liber Oz*.

61. Existe um fim para a palavra do Deus entronado no assento de Ra, fazendo leves as vigas da alma.

Note-se que Heru-ra-ha não é meramente uma forma particular de Ra, mas o Deus entronado no assento de Ra. Isto é seu reino, sobre a terra é temporário, como explicado no verso 34. E ele é aqui concebido como o Hierofante, “aliviando” a estrutura da alma, isto é, trazendo o homem à iniciação.

Essa implica a estrutura ou esqueleto em que a alma está baseada (sustentada), as condições de sua encarnação. O homem é o herdeiro de idades de experiência evolutiva, em certas linhas, de forma que ele está organizado de acordo com fórmulas que determinam o tipo de seu desenvolvimento. Assim é verdadeiro para todos os homens — empiricamente — que uma reta é a menor distância entre dois pontos; alguns selvagens podem não saber disso conscientemente, mas baseiam seus atos neste conhecimento.

Agora, não podemos duvidar que consciência se desenvolveu em algum outro tipo de vida além do homem; só um megalomaniaco cego pela presunção, ou um teólogo católico romano poderiam supor que o nosso infinitésimo grão de pó de um planeta é a única habitação da mente, principalmente desde que nossas mentes são, na melhor das hipóteses, totalmente incompetentes para compreender a Natureza. Não é também provável que as condições físicas de temperatura, atmosfera, densidade e assim por diante de nossa terra, que algumas pessoas ainda considerem essenciais a Vida, sejam encontradas com frequência; somos apenas um entre nove planetas, Nós mesmos, e é absurdo negar que vida existe nos outros, ou no próprio sol, só porque as condições de nosso próprio tipo de vida não existem nos outros planetas.

Tal vida e tal mente pode, portanto, ser completamente diversa de tudo que nós conhecemos como tal; as almas em outras esferas podem diferir das nossas.

O argumento acima é um exemplo de “viga”; estamos circunscritos mentalmente por nossa experiência-racial do meio ambiente em que florescem nossas próprias existências. Um pioneiro selecionando um acampamento deve

buscar madeiras, água, talvez abrigo, talvez caça. Um pioneiro de outro planeta poderia não necessitar nada disso.

As “Vigas” que determinam a forma de nossas almas são, portanto, limitações para o nosso pensamento, tanto quanto apoios. Da mesma forma, trilhos ajudam um trem a correr com segurança, mas confinam a uma direção definida. As leis da Natureza e do pensamento, da Matemática, da lógica e assim por diante, são “Vigas” deste tipo.

Nossas concepções raciais herdadas de um espaço, impediram que o homem, até anos recentes, concebesse uma geometria não-euclidiana, ou a existência de uma quarta dimensão.

O iniciado cedo se torna cômico da inverdade de muitas dessas leis, que limitam-lhe a mente; ele tem que identificar Ente com Não-Ente, perceber a Matéria como contínua e homogênea, e assim para muitas outras verdades, apreendidas diretamente por pura percepção, e conseqüentemente não serem refutadas por métodos silogísticos. As leis da Lógica, assim, são descobertas apenas como superficiais, e seu alcance apenas parcial.

É significativo neste contexto, que pensadores avançados como o Hon e Bertrand Russell, se viram obrigados a referir leis matemáticas à lógica; parece ter-lhes escapado que as da Lógica não são mais que asserção das limitações de sua própria inteligência. Eu cito o *Livro de Mentiras*, capítulo 45:

MÚSICA CHINESA

“Explicai este evento!”

“Deve ter causa natural.”

“Deve ter uma causa “sobrenatural”.

Que ambos estes asnos sejam postos a moer trigo.

Pode ser, poderia, deve ser, deveria, provavelmente,

talvez nós podemos assumir com segurança,

é dificilmente discutível que, quase certamente — pobres

cavalgaduras! que sejam relegados ao pasto!
Prova é possível apenas em matemática, e a matemática é apenas um assunto de convenções arbitrárias.
No entanto a dúvida é uma boa serva,
mas uma má mestra; uma boa amante,
mas uma esposa ralhadeira (nagging).
“Branco é branco” é o chicote do supervisor; “branco é negro” é a palavra de passe do escravo.
O Mestre não liga.
Os chineses não podem deixar de pensar que a oitava tem 5 notas.
Quanto mais necessária uma coisa parece a minha mente,
tanto mais certo é que eu apenas assevero
uma limitação.
Eu dormi com a fé, e descobri um cadáver em meus braços ao acordar;
eu bebi e dancei com Dúvida a noite inteira,
e de manhã descobri que ela era virgem ainda.
O título deste capítulo é tirado no 7º parágrafo.

Nós agora, pela primeira vez, atacamos a questão da dúvida.

“O Soldado e o Corcunda” deveria ser cuidadosamente estudado nesta conexão. A atitude recomendada é ceticismo, mas um ceticismo sob controle. Dúvida inibe a ação, tanto quanto a fé. Todos os melhores papas foram ateístas, mas talvez o maior deles observou em certa ocasião: *Quantum nobis prodest haec fabula Christi*.

O governante assevera os fatos tais quais são; o escravo, portanto, não tem nenhuma escolha senão negá-los apaixonadamente, a fim de expressar seu desconhecimento. Daí, absurdos como “Liberté, Egalité, Fraternité”, “Em Deus confiamos”, e assim por diante. Similarmente, nos vemos afirmando hoje em dia que a mulher é superior ao homem, e que todos os homens nascem iguais.

O Mestre (em linguagem técnica, o Magus) não se concerne a fatos; ele não se importa se uma coisa é verdadeira ou não: usa a verdade e a mentira indiscriminadamente, para servir a seus fins. Escravos o consideram imoral, e pregam contra ele nas esquinas e nas praças públicas.

Nos parágrafos 7 e 8 encontramos uma asserção da máxima importância, um aspecto prático do fato que toda verdade é relativa, e no último parágrafo vemos como ceticismo mantém a mente fresca, enquanto a fé morre do próprio sono que ela induz.

Agora, então, considere-se o homem cuja alma explorou por completo sua estrutura, que está ativamente cômico de suas “vigas” ou axiomas. Ele perceberá que elas o confinam como barras de uma prisão, quando ele quereria ganhar do iniciado.

Neste verso, portanto, o Deus “entronado no assento de Ra” declara que sua palavra alivia (ou remove) a opressão dessas “vigas” da alma.

O estudo deste capítulo é, conseqüentemente, um curso preparatório da alma para quem quer que deseje se tornar um Iniciado.

Veja-se também os seis versos seguintes; a palavra aumenta de valor na medida que o leitor avança no Caminho, da mesma forma que um Rembrandt é uma “pintura bonita” para peão, uma “linda obra de arte” para o homem educado, mas para o amante da Beleza é uma obra-prima sublime, tanto maior quanto mais ele mesmo crescer em grandeza.

62. A Me reverenciai! a me vinde através de tribulação de ordália, que é deleite.

Isto parece indicar os meios a serem usados para libertar a alma de suas “vigas”.

Nós, para quem Ra-Hoor-Khuit é, em um senso, o Ente Silente em um homem. O Nome do Khabs dele, não tão impessoal quanto Hadit, mas a primeira, a menos falsa formulação do Ego. Devemos despertar este ente em nós, não suprimi-lo e subordiná-lo. Nem devemos evadi-lo, mas chegar a ele. Isto é feito através de “tribulação de ordália”. Esta tribulação é aquela experimentada no processo chamado Psicanálise, agora que a ciência oficial adotou — no quanto sua inferior inteligência permite — os métodos magus. Mas a “ordália” é “deleite”, a solução de cada complexo por “tribulação” —

note-se o significado etimológico da palavra! É o espasmo de alegria que é o concomitante fisiológico e psicológico de qualquer alívio de tensão ou congestão.

63. O tolo lê este Livro da Lei, e seu comento; & ele não o compreende.

O Tolo é também o Grande Tolo, Bacchus Diphues, Harpócrates, o Ente-Anão, o Santo Anjo Guardiã, e assim por diante. “Ele não o compreende”, isto é, ele compreende que o Livro é Não, La, 31.

Mas acima é apenas o significado secundário ou hieroglífico. O texto em inglês, simples ainda, discute a técnica da iniciação.

O tolo, no sentido do homem vão, mole, frívolo, ocioso, mutável, não compreenderá quer este Livro, quer meu comentário. Mas este tolo é a criança Harpócrates, “O Bebê no Ovo”, o inocente que ainda não nasceu, em silêncio esperando sua hora de vir à luz. Ele é então o homem profano, e tem quatro ordálias a passar antes de se tornar perfeito. Estas ordálias serão descritas a seguir.

64. Que ele passe pela primeira ordália, & será para ele como prata.

A “Árvore da Vida” na Qabalah representa dez esferas arranjadas em três pilares, o central, o qual contém quatro esferas, e cada um dos outros, com três. Estas esferas são atribuídas a certos números, planetas, metais, e muitos outros grupos de coisas; de fato, todas as coisas podem ser referidas a uma ou a outra delas (veja-se *Liber O*, apêndice, e *Liber 777*). As quatro ordálias agora a serem descritas representam a subida do aspirante da décima e mais baixa destas esferas, que se refere a Terra, desregenerada e confusa, na qual o aspirante nasce. Ele se ergue na primeira ordália à esfera chamada Fundação, número 9, contendo, entre outras ideias, as dos órgãos geradores, Ar, a Lua, e Prata. Sua Verdade secreta é que estabilidade é idêntica a Mudança; disto nós somos lembrados pelo fato que qualquer múltiplo de 9 tem 9 como soma de seus dígitos.

O iniciado perceberá agora que a soma dos movimentos de sua mente é zero, enquanto embaixo das fases desses movimentos, semelhantes às da Lua, com suas divagações Aéreas, a consciência sexual permanece intocada, a verdadeira Fundação do Templo de seu corpo, a Raiz da Árvore da Vida, que

crece da Terra ao Céu. Este Livro para ele é agora Prata. Ele o vê puro, branco, e brilhante, o espelho de seu próprio ser, que esta ordália purgou de seus complexos. Para alcançar estas esferas ele tem que passar por um caminho de escuridão, onde os Quatro Elementos lhe parecem o Universo inteiro. Pois como saberia que eles não são mais que o ultimo dos 22 segmentos da Cobra que está enrolada em volta da Árvore?

Atacado pelos grosseiros fantasmas materiais, irreais e inteligíveis, a sua ordália é uma de terror e trevas. Ele pode passar apenas pelo favor de seu próprio Deus silente, entendido e exaltado dentro dele por virtude do sensato consciente de enfrentar a ordália.

65. Pela segunda, ouro.

A esfera seguinte a que o estudante chega é chamada Realeza, número 6, e referida ao coração, ao Sol, e ao Ouro, aqui ele é chamado de "Adepto". A Verdade secreta neste lugar é que Deus é Homem, simbolizado pelo Hexagrama (em que dois triângulos são entrelaçados).

Na última esfera ele aprendeu que seu Corpo era o Templo da Rosa Cruz, isto é, foi-lhe dado como um lugar em que executar o Trabalho mágico de unir as oposições em sua Natureza. Aqui lhe é ensinado que seu coração é o Centro de Luz. Está escuro, misterioso, oco, obscuro mesmo para ele próprio; mas sua alma deve habitar ali, radiando Luz nas seis esferas que as cercam; estas representam os vários poderes de sua mente. Este Livro agora lhe aparece como Ouro; é o metal perfeito, o símbolo do Sol mesmo. Ali vê Deus em toda parte.

A esta esfera o aspirante chegou pelo Caminho chamado Temperança, arremessado como uma flecha de Arco-íris. Ele contemplou a Luz, mas apenas em divisão. Ele não chegou a esta esfera a não ser através da Temperança, sob cujo nome nós mascaramos a arte de derramar livremente a nossa vida inteira, até o último derrame de nosso sangue, no entanto sem jamais perder uma só gota deste.

66. Pela terceira, pedras de água preciosa.

Agora uma vez mais o adepto aspira e vem à esfera chamada coroa, com número 1, referido ao Deus Ra-Hoor-Khuit ele mesmo no homem, aos movimentos primordiais ou Regirantes, e à primeira Modalidade de Matéria.

(veja-se *Liber O*, apêndice, para estas atribuições).

Sua Verdade secreta é que a Terra é o Céu como o Céu é a Terra, e mostra o aspirante a si mesmo como sendo uma estrela. Tudo que parece realidade não deve sequer ser considerado ilusão, mas apenas uma luz infundindo (infusing) estrela e estrela. Os muitos, cada um deles, são Um; cada um individual a outro, no entanto todos idênticos; isto ele sabe e é, pois agora a Palavra aliviou as vigas de sua alma (A lógica do Ruach — do intelecto normal — é transcendida em Experiência Espiritual. É evidentemente, impossível explicar como isto pode ser).

No número 6 ele viu Deus entrelaçado com o homem, duas trindades tornadas uma; mas aqui ele sabe que nunca houve senão uma.

Assim, agora este Livro é “Pedras de água preciosas”; sua Luz não é a luz emprestada do ouro, mas é derramada através do próprio livro, clara e brilhante, lampejando de suas facetas. Cada frase é um diamante; cada um é diverso, no entanto todos idênticos. Em cada um a Luz única ri!

Agora, a esta esfera ele chega pelo caminho chamado a Grã-Sacerdotisa; Ela é meu Ente Silente, virgem além de todos os véus, tornada livre para ensiná-lo, por virtude desta terceira ordália, onde, passando através do abismo, ele despiu de si mesmo todo trapo de falsidade, seus últimos complexos, mesmo sua fantasia que ele chamava de “eu”. E assim, ele sabe por fim, como a roupa suja da barregã era um mero disfarce; Nú na luz da Lua brilha o Corpo virgem!

67. Pela quarta, últimos fagulhas do fogo íntimo.

Além do Um, como passará? Que é este Um, que é em todo plano o Centro de Tudo? Em verdade as vigas da lógica de nossas almas necessitam alívio, se havemos de ganhar a liberdade de Verdade tal como esta!

Agora, nas “pedras de água preciosa” a Luz pula clara de fato, mas elas não são elas mesmas aquela Luz. Esta esfera do Um é em verdade Ra-Hoor-Khuit; não é nossa Criança Coroada e Conquistadora a fonte da Luz? Não, ele é forma finita de unidade, criança de duas infinidades acasaladas (married); e

nesta última ordália o aspirante tem de ir mesmo além de sua Estrela, encontrando ali o âmago dela, Hadith, e perdendo-o também no corpo de Nuit.

Aqui não há caminho que ele possa trilhar, pois tudo está igualmente em toda parte; nem há qualquer esfera a atingir, pois agora não há mais medida.

Não há palavras que possam tornar conhecido o Caminho ou o Fim, onde o Fim é um com o caminho; isto apenas é dito, que para aquele que passou através da quarta ordália, este Livro é como “Ultimais Fagulhas”. Não mais refletem, ou transmitem, a Luz; elas mesmas são a Luz original, inalisável, do “fogo íntimo” de Hadith! Ele verá o Livro tal qual é, como um chuvaireiro da Semente das Estrelas!

68. No entanto, a todos ele parecerá belo. Seus inimigos que não dizem assim são meros mentirosos.

A todos; isto é, Pã; ou a Al.

A súbita do estilo e do assunto, a petulância do ponto de vista; qual será a intenção dessas coisas?

Parece como se o escriba tivesse protestado violentamente em sua mente contra o capítulo, e estivesse especialmente irritado com o primeiro parágrafo desse verso, o qual, tomado tal qual está, promete um fenômeno impossível na literatura. A segunda pode então ser desdenhoso à parte ao escriba, que estava talvez pensando: “Bem, a mim pelo menos não parece!” E o aparte foi o alvo; pois eu fui um mero mentiroso quando eu pensei isso. Eu estava tão irritado por me ter engajado numa tal aventura, odiava tanto a “mão e a pena”, que eu havia dedicado a transcrever sentimentos tão repugnantes aos meus, um tal jargão de absurdos e vulgaridades como me parecia a mim que era exigido em várias partes deste terceiro capítulo, que eu teria ido a, praticamente, quase qualquer extremo, exceto quebrar minha impensada promessa a minha esposa, de executar a coisa até o fim, para desacreditar o Livro. Eu disfarcei meus diários com adições sem nexos; eu executei minhas ordens de maneira a assegurar o fracasso, eu perdi o Manuscrito mais ou menos de propósito. Eu ameacei publicar o Livro “para me livrar do seu livro”; e quando este verso foi ditado, eu era um dos “meros mentirosos”. Pois sua beleza já constrangia mesmo o homem infecionado pelo mundo, o poeta quase completamente desiludido, o (cliker-clogged) amante, o místico (recusant). E, como sei agora,

o pensamento que todas estas coisas era uma mentira. No entanto o Mentiroso estava se esforçando por mentir a si mesmo! Porque fez isto? Sabia que algum dia este Livro brilharia e o dissolveria; temia e odiava o Livro; e, rangendo os dentes jurou falsamente, e negou a Beleza que o compelia.

Quanto ao meu verdadeiro Ente, silente, esperando sua hora, não é este Livro para ele a encarnação mesma da Beleza? Que é Beleza mais que a expressão perfeita de nossa própria Verdade? E não é este Livro a Palavra de Aiwass, e não é ele meu Santo Anjo Guardião, o mestre de meu Ente Silente, Sua noiva virgem em que Seu amor engendrou o mistério de identidade?

69. Existe sucesso.

Minha memória me diz que a palavra “There” não foi acentuada. Leia-se, pois, “Existe”; é uma asserção simples e aparentemente a parte. Foi falada casualmente, descuidadamente, como se um ponto completamente sem importância tivesse sido esquecido, e fosse mencionado como uma concessão a minha fraqueza.¹¹⁰

70. Eu sou o senhor de Cabeça de Falcão do Silêncio & da Força; minha nêmes cobre o céu azul-noturno.

É importante observar que ele se diz tanto Hórus como Harpócrates; e seu dois-em-um é uma Unidade combinando Tao e Teh, Matéria & Movimento, Ente & Forma. Isto é natural, pois n’Ele deve existir a raiz da Díade.

“Minha nêmes”; Nêmes é a cobertura de cabeça regular de um Deus. É um garoto justo, mas com asas atrás das orelhas, que terminam em lapas que caem na frente dos ombros. É ajustada na nuca num “rabicho cilíndrico”. Eu creio que a forma tem como finalidade sugerir a Real serpente Uræus.

Elas cobrem o céu azul-noturno porque a luz que o Deus irradia quando invocado é desta cor. Pode também significar que ele esconde Nuit.

¹¹⁰ Nota de M.: “There is success” em inglês é o verso original. A tradução literal é Aí é sucesso. Em inglês existe um trocadilho impossível de traduzir. Por exemplo: “There is no god but man”, traduzido como “Não existe Deus senão o homem”, pode se o There for acentuado, significador: “Aí — isto é, nesse plano, ou nesse universo, ou nessa dimensão, ou nesse lugar — não há deus senão o homem.

A cabeça de Falcão simboliza visão aguda, ação rápida, coragem e mobilidade.

71. Salve! vós gêmeos guerreiros envolta dos pilares do mundo! pois vossa hora está próxima.

72. Eu sou o Senhor da Dupla Baqueta de Poder; a baqueta da Força de Coph Nia — mas minha mão esquerda está vazia, porque Eu esmaguei um Universo; & nada resta.

A Dupla Baqueta do Poder é uma curiosa variante da frase comum: “Baqueta de Duplo Poder”; o significado geral é “Eu controlo as forças de Ativo e Passivo”.

“Coph Nia” — O manuscrito original tem — incompleto por não ter sido bem ouvido. O texto acima foi preenchido mais tarde, por sua própria mão, pela primeira Mulher Escarlata.

Os Deuses Egípcios são usualmente representados como levando um Ankh, ou atadura na sandália; na mão esquerda, a baqueta estando na direita. Este Ankh significa o poder de ir, característico de um deus.

Mas aparentemente Ra-Hoor-Khuit tinha um Universo em sua mão esquerda, e o esmagou de forma que nada resta. Eu creio que este “Universo” é o da metafísica monística; e uma mão a “Dupla Baqueta”, na outra “nada”. Isto parece se referir ao “Nenhum e Dois” da antologia esboçada em nota prévia.

73. Empastai as folhas da direita para a esquerda e do topo ao pé: então contemplai!

Isto poderia ter sido feito de diversas formas. Eu escolhi aquela que parecia mais prática. Até agora não percebi nada notável.

74. Existe um esplendor em meu nome oculto e glorioso, como o sol da meia noite é sempre o filho.

Nota de M.: Um dos significados deste verso é que a “meia noite” não é maligna. Não está morto à meia noite; está brilhando. Esta concepção, portanto, significa a aniquilação completa da teoria do “Deus sacrificado”, representado pelo “Jesus” da igreja romana. Isto é claro, já foi categoricamente asseverado em verso 51.

O fato do Sol brilhar a meia noite, tem que ser descoberto através de atribuição de ordália! Veja-se *LXV*; I, 1, 12-19; 11, 31-36; II, 63; III, 30-33; IV, 15, 24-25; V, 6. Também *Liber VII*, VII, 28-40. Heru-ra-ha é, claro, o “Diabo”.

75. O fim das palavras é a Palavra Abrahadabra.

O Livro da Lei está Escrito.

E Escondido.

Aum. Ha.

Aum é, claro, a “Palavra” sânscrita familiar à maioria dos estudantes (veja-se *Livro 4*, parte III). Há uma maneira de soletrar a letra cujo valor é 5 de maneira que sua soma seja 6. Esta união do 5 e do 6 é um símbolo da Grande Obra.